

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA, PODER E**  
**PRÁTICAS SOCIAIS. NÍVEL: MESTRADO**

**JEÚ DAITCH DE CASTILHO**

**A CONCEPÇÃO DO PERONISMO EM SÍLVIO FRONDIZI E MILCÍADES PEÑA**

**Marechal Cândido Rondon**

**2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA, PODER E**  
**PRÁTICAS SOCIAIS. NÍVEL: MESTRADO**

**JEÚ DAITCH DE CASTILHO**

**A CONCEPÇÃO DO PERONISMO EM SÍLVIO FRONDIZI E MILCÍADES PEÑA**

Dissertação apresentada para exame da banca como requisito para à obtenção do título de Mestre em História. Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em História, com área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais, em nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon.

Orientador: Dr. Gilberto Grassi Calil

**Marechal Cândido Rondon**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

Castilho, Jeú Daitch de  
C352c A concepção do peronismo em Silvio Frondisi e Milcíades  
Peña / Jeú Daitch De Castilho. - Marechal Cândido Rondon,  
2014.  
134 p.

Orientador: Dr. Gilberto Grassi Calil

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual  
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Argentina - Política e governo - 1943-1955. 2.  
Peronismo. 3. Trabalhadores - Argentina. I. Calil,  
Gilberto Grassi. II. Título.

CDD 22.ed. 982.062  
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado

Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOL de 13/09/2012.

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos dezessete dias do mês de junho de 2014, às 14 horas, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr. Gilberto Grassi Calil (Orientador) (UNIOESTE), Dr. Mário José Maestri Filho (UPF) e Dr. Antônio de Pádua Bosi (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho "*A Concepção do Peronismo em Silvio Frondizi e Miciades Peña*", apresentado pelo pós-graduando **Jeú Daitch de Castilho** para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, *Campus de Marechal Cândido Rondon*. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Gilberto Grassi Calil, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinado por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 16 de junho de 2014.

Gilberto Grassi Calil  
Orientador

Mário José Maestri Filho  
Membro

Antônio de Pádua Bosi  
Membro

Jeú Daitch de Castilho  
pós-graduando



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
UNIOESTE

**PARECER DESCRITIVO**

Título da Dissertação: *"A Concepção do Peronismo em Silvío Frondizi e Mitciades Peña"*.

Nome do concluinte: **Jeú Daitech de Castilho**

Integrantes da Banca:

Dr. Gilberto Grassi Calil (Orientador) (UNIOESTE);

Dr. Mário José Maestri Filho (UPF);

Dr. Antônio de Pádua Bosi (UNIOESTE)

Parecer:

A dissertação atinge os objetivos propostos, com muito bom domínio da temática e da bibliografia atinente. A temática é relevante e pode ensejar novas pesquisas futuras. Sugere-se a publicação dos resultados na forma de artigos.

Marechal Cândido Rondon, 16 de junho de 2014.

À querida *abuelita* Alicia (1936-2010):  
por ter me ensinado a *amar la vida*.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é fruto individual. Ele é coletivo. Nesse espaço gostaria de agradecer aqueles que de forma única contribuíram para que essa pesquisa se tornasse realidade. De coração agradeço a minha família que prestou apoio indispensável nos momentos em que mais precisei. Principalmente quando as dificuldades abalaram a jornada. Aos meus pais, José e Silvana e aos cinco *manos* que de forma única e especial tem tornado a estrada mais suave. Obrigado Brisa, Davi, Victória, Jetro e Jessé pela compreensão. Não tenho palavras para retribuir a ajuda que recebi de minha noiva. Jé, minha Companheira que abriu mão de tempo, companhia e bons momentos para que terminasse a dissertação. Obrigado amor, por ouvir com paciência minhas angústias, medos, perspectivas e compartilhar momentos maravilhosos de paz e calma. Esse trabalho não seria o mesmo sem o apoio do professor Gilberto Calil, sempre com as dicas importantes nas horas certas. Agradeço de coração o apoio e a confiança no meu trabalho.

Momentos de grande amadurecimento pessoal e intelectual foram às aulas que me deram base teórica para continuar construindo a concepção de mundo que tenho abraçado. Muito obrigado aos professores (as): Carla Luciana, Marcio Both, Paulo Koling, Vagner Moreira, Rinaldo Varussa. Aos professores que participaram da minha banca de qualificação e auxiliaram a pesquisa: Mario Maestri e Antonio Bosi, agradecimentos sinceros. Momentos bons foram construídos no calor das conversas com os vários amigos que conheci em Rondon e que deram dicas importantes para o rumo da pesquisa. Agradeço aos colegas Alexandre Arienti, Kleyne, Marcos, Thomaz Herler, Lucas Patschiki, Juliana Valetini, Ederson, Fagner, Ana Cláudia, Lucinéia, Jaqueline, Guilherme entre outros que propiciaram momentos de saudáveis debates que contribuíram para meu amadurecimento intelectual e pessoal. Sem dúvidas, cada um deixou um pouco de si, algo que carregarei sempre. Agradeço a recepção do Marquinhos, cujo espaço de pesquisa é semelhante ao meu e que orientou os passos iniciais desde o Simpósio Estado e Poder em 2011 lançando luz sobre a pesquisa que pretendia desenvolver. Seria irremediável esquecer a simpatia e a recepção que vieram de nossa companheira Iraci, Secretária do Programa de Pós Graduação em História bem como a prestatividade em relação aos prazos e matrículas. Agradeço a confiança e o apoio.

Meus sinceros agradecimentos ao pessoal que me ajudou com as inúmeras traduções, em especial minha mãe. Sem palavras para expressar o apoio com as fontes que se ampliaram

graças aos esforços de Alan Daitch, Candy Daitch e Tommy Daitch. Muitos livros que me pareciam inacessíveis foram encaminhados por Marcela Daitch e Omar. Obrigado mais uma vez. Em paralelo aproveito para externar meus agradecimentos ao CEDINCI (*Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en Argentina*) por disponibilizar o material necessário para a realização do trabalho.

Aos muitos colegas e amigos, que de uma forma ou outra fizeram parte desse momento de amadurecimento profissional e colaboraram para que eu pudesse finalizar mais essa parte de meus objetivos e planos, meus sinceros agradecimentos. Esse trabalho não é individual, mas coletivo.

## RESUMO

O objetivo dessa dissertação é abordar a interpretação do primeiro ciclo peronista realizado pelos intelectuais argentinos Sívio Frondizi (1907-1974) e Milcíades Peña (1933-1965). Para tanto, é possível pensá-los, nos termos de Antonio Gramsci, como intelectuais orgânicos, vinculados a classe trabalhadora argentina. Como fontes de pesquisa foram utilizados os principais livros nos quais eles interpretam o peronismo (*La realidad argentina; Masas, caudillos y elites*) além de artigos, panfletos e informativos publicados pelos variados grupos de esquerda na década de 1950. A discussão inicialmente apresenta uma análise da trajetória intelectual dos militantes com ênfase para os principais acontecimentos pessoais nos dez anos do peronismo clássico (1945-1955), momento de maturação ideológica sob a ótica marxista. Destaca-se também as transformações históricas que se fizeram sentir nos variados agrupamentos de esquerda da Argentina, processo conhecido como “reconfiguração das esquerdas”. No embate com esses grupos e intelectuais foi que ocorreu a interpretação do peronismo. A intelectualidade argentina desse período é entendida como uma arena em que os variados grupos disputam a construção do peronismo. Frondizi e Peña convergem para uma alternativa revolucionária que caracterizava a aparelhagem do justicialismo como um governo de tipo bonapartista. Dada essas características a pesquisa buscou discutir o pensamento de Frondizi e Peña e a força social das ideias que ambos propuseram.

**Palavras-chave:** Intelectual Orgânico, Sívio Frondizi, Milcíades Peña, Peronismo, Bonapartismo

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to address the interpretation of the first cycle performed by the peronist Argentine intellectuals Silvio Frondizi (1907-1974) and Milcíades Peña (1933-1965). Therefore, it is possible to think them as templates in the Gramscian organic intellectuals linked to the Argentine working class. Data sources consisted of the main books in which they interpret Peronism (*La realidad argentina; Masas, caudillos y elites*) were used. Well as articles, pamphlets and newsletters published by various left-wing groups in the 1950s. The discussion initially presents an analysis intellectual trajectory of militants with emphasis on the major personal events in the ten years of classical peronism (1945-1955), time to maturity under the ideological marxist standpoint. Also noteworthy is the historical changes that were felt in various leftist groups from Argentina, a process known as “reconfiguration of the left”. In the clash with these groups and intellectuals was that the interpretation of peronism occurred. The Argentine intelligentsia of that period is understood as an arena in which different groups compete for the interpretation of peronism. Frondizi and Peña converge to a revolutionary alternative that characterized the system of peronism as a Bonapartist government type. Given these characteristics the survey sought to discuss the thought Frondizi and Peña and social power of ideas that both proposed.

**Keywords:** Intellectual Organic, Silvio Frondizi, Milcíades Peña, Peronism, Bonapartism.

**Title:** The conception of peronism in Sílvio Frondizi and Milcíades Peña

*Hacia el porvenir partieron sombras.  
Rumbo a mañana algo de oscuridad  
fue a sobrevivir, porque el sol de hoy  
no pudo más.  
No estarán completas las auroras.  
Quejas de mí lucirá la claridad,  
porque lo que yo tanto pretendí  
demorará  
Por más que quise bendecirme  
y más purificarme,  
yo era carne,  
yo era yo.  
Lo que con amor hacía una mano  
lo rompía con otra el desamor.  
Yo no creo que haya sido en vano,  
pero pudo ser mucho mejor.  
Hacia el porvenir partieron sombras.  
Cuando no alcance, sólo podré alertar.  
Si alguien me oye allí, no se olvide pues  
de iluminar.*

**Sílvio Rodríguez (Hacia al porvenir)**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APRA – Aliança Popular Revolucionária Americana

CGT – Confederação Geral do Trabalho

ERP – Ejército Revolucionario del Pueblo

FIP – Frente de Izquierda Popular

GCI - Grupo Cuarta Internacional

GOM – Grupo Obrero Marxista

GOR – Grupo Obrero Revolucionário

GOU – Grupo de Oficiais Unidos ou Grupo Obra de Unificação

IAPI – Instituto Argentino de Promoção do Intercâmbio

IC – Internacional Comunista

ICA – Izquierda Comunista Argentina

LOR – Liga Obrera Revolucionária

LOS – Liga Obrera Socialista

MAS – Movimiento al Socialismo

PCA – Partido Comunista Argentino

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCC – Partido Comunista Cubano

PCO – Partido Comunista Obrero

PDC – Partido Democrata Cristão

PDN – Partido Democrata Nacional

PDP – Partido Democrata Progressista

PORS – Partido Obrero da Revolução Socialista

PRT – Partido Revolucionário de los Trabajadores

PS – Partido Socialista

PSI – Partido Socialista Internacional

PSInd – Partido Socialista Independente

PSO – Partido Socialista Operário

PSRN – Partido Socialista da Revolução Nacional

PTS – Partido dos Trabalhadores Socialistas

SRA – Sociedade Rural Argentina

UD – União Democrática

UES – União de Estudantes Secundaristas

UCR – União Cívica Radical

UCR-JR – União Cívica Radical – Junta Renovadora

UOR – Unión Obrera Revolucionaria

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	06
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: AS TRAJETÓRIAS INTELLECTUAIS DE SÍLVIO FRONDIZI (1907-1974) E MILCÍADES PEÑA (1933-1965)</b> .....	20
1.1 SÍLVIO FRONDIZI: DO LIBERALISMO Á MILITÂNCIA SOCIALISTA.....	27
1.1.1 O “primeiro Frondizi” e a visão liberal de mundo.....	27
1.1.1.1 <i>Un calejón sin salida</i> : crise do modelo liberal-democrático.....	29
1.1.2 O “segundo Frondizi” e o marxismo crítico.....	34
1.1.2.1 <i>El pretexto de un conflicto</i> : a Argentina no peronismo clássico (1945-1955).....	34
1.1.2.2 O retorno a Buenos Aires e a militância socialista.....	38
1.1.3 O “terceiro Frondizi” e a defesa dos trabalhadores e militantes.....	46
1.1 MILCÍADES PEÑA: A FORMAÇÃO DE UM MILITANTE TROTSKISTA.....	51
1.2.1 Milcíades Peña entre morenistas: os primeiros anos da trajetória intelectual.....	51
1.2.2 A ruptura com o morenismo: a construção de um pensamento autônomo.....	59
<b>2. UM CAMPO EM DISPUTA: A RECONFIGURAÇÃO DAS ESQUERDAS ARGENTINAS (1943-1960)</b> .....	68
2.1O PARTIDO COMUNISTA ARGENTINO: BREVE HISTÓRICO E SUA INTERPRETAÇÃO DO PERONISMO.....	74
2.2 O MOVIMENTO PERONISTA NA ÓTICA DO PARTIDO SOCIALISTA ARGENTINO (1943-1960).....	84
2.3 A “ESQUERDA NACIONAL” E O PERONISMO .....	89
2.4O “NACIONALISMO POPULAR REVOLUCIONÁRIO”: A ESQUERDA DE PERÓN.....	93
2.5TROTSKY E O TROTSKISMO ARGENTINO NA IRRUPÇÃO DO PERONISMO.....	100
2.5.1 A teoria do desenvolvimento desigual e combinado: a trajetória e as contribuições de Trotsky para uma teoria marxista.....	101
2.5.2 A revolução permanente: um breve panorama histórico do desenvolvimento do conceito.....	108
2.5.3 Partidos e debates trotskistas nos anos peronistas.....	116
<b>3. O PERONISMO POR SÍLVIO FRONDIZI E MILCÍADES PEÑA E A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO</b> .....	132
3.1 SÍLVIO FRONDIZI E A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO: CAPITALISMO NACIONAL, BURGUESIA, PERONISMO E REVOLUÇÃO SOCIALISTA.....	135
3.1.1 A teoria da integração mundial do capitalismo: as ações do imperialismo.....	135
3.1.2 Capitalismo nacional, burguesia nacional e suas variantes: um estudo dos primórdios do bonapartismo.....	146
3.1.3 O peronismo e a falência da revolução democrático-burguesa.....	147

3.1.4 Uma opção ao peronismo: a revolução socialista e seus desdobramentos.....	159
3.2 MILCÍADES PEÑA E A DESCONSTRUÇÃO DOS “MITOS HISTÓRICOS ARGENTINOS” .....	165
3.2.1 Radicalismo e governos radicais na perspectiva de Milcíades Peña.....	167
3.2.2 A “década infame” e a preparação para o surgimento do peronismo: o governo <i>directo</i> dos <i>estancieros</i> e do imperialismo.....	170
3.2.3O governo do “ <i>como si</i> ”: a formação do peronismo como bonapartismo, sua consolidação e crise.....	173
3.2.4 A polêmica com Jorge Abelardo Ramos: a desconstrução da “esquerda peronista” e a valorização do método marxista.....	187
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>193</b>
<b>5. FONTES.....</b>	<b>197</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar historicamente as interpretações do peronismo formuladas por dois militantes marxistas argentinos: Sívlio Frondizi (1907-1974) e Milcíades Peña (1933-1965). A investigação histórica feita tanto por Peña quanto por Frondizi, objeto de nosso estudo, refere-se aos antecedentes e ao primeiro ciclo do governo de Juan Domingo Perón, ou seja, o período que vai de 1946- quando Perón é eleito presidente da República- até 1955, quando um golpe civil-militar o forçou a abandonar o governo. Foi sobre essa temporalidade que eles se debruçaram com pormenorizada atenção. Isso porque, nos anos das publicações de suas principais obras, o peronismo era o fenômeno mais debatido nos círculos políticos e intelectuais do país. A complexa relação estabelecida entre o coronel presidente e a classe trabalhadora abriria novos processos sociais, econômicos, políticos e culturais. Visualizando essa realidade e com uma postura crítica frente ao novo governo, os intelectuais que estudamos propuseram novos caminhos para a classe que defendiam. Organicamente ligados ao movimento dos trabalhadores, fizeram oposição a um regime que mantinha sob extrema vigilância os partidários da oposição. As práticas coercitivas dos grupos peronistas extremistas não ofuscaram a lucidez e a combatitividade de Sívlio Frondizi e Milcíades Peña.

Frondizi foi professor de História na *Universidad Nacional de Tucumán* e advogado. Inicialmente estava comprometido com uma visão liberal-democrática de mundo, até abraçar o socialismo em 1945. Fundou o *Movimiento de Izquierda Revolucionária Práxis* (MIR-Práxis) contribuindo para a formação de uma nova geração de militantes marxistas. Foi morto em 1974, em atentado cometido pela *Alianza Anticomunista Argentina* (Triple A), grupo paramilitar e terrorista que representava a ala de direita do peronismo <sup>1</sup>. Perseguiam e matavam artistas e intelectuais, guerrilheiros, políticos de esquerda, estudantes e sindicalistas.

Já Milcíades Peña foi historiador, militante e teórico trotskista. Autor de várias obras de história econômica e social da Argentina, participou da redação de uma importante revista

---

<sup>1</sup> TARCUS, Horácio. *El Marxismo olvidado en Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1996. Colección La Cultura Argentina.

social, *Fichas de Investigación Económica y social*. Foi membro do grupo de estudos dirigido por Sívlio Frondizi contribuindo com escritos na obra *La realidad argentina*. Suicidou-se ao tomar pílulas em 1965 <sup>2</sup>.

Ambos teóricos e militantes viveram na Argentina em meados do século XX onde presenciaram vários processos políticos e sociais que influenciariam suas obras, destacando-se entre eles: a crise do radicalismo argentino; o “golpe” de 4 de junho de 1943 que permitiu a ascensão do peronismo; a aliança de uma ala da esquerda- especialmente o Partido Comunista Argentino (PCA)- com as forças que eles consideravam retrógradas; o surgimento de uma nova esquerda, entre outros. Assim sendo, como fontes primárias na pesquisa proposta, serão utilizadas as principais obras desses autores, nas quais suas opiniões e interpretações a respeito do governo do coronel Juan Domingo Perón foram expressas: *La realidad argentina. Ensayo de interpretación sociológica- Tomo I e II* (Sívlio Frondizi) e *História del pueblo argentino- Tomo II* (Milcíades Peña). Pensando que as interpretações do peronismo, que resultaram nas obras acima citadas são produtos históricos, é imprescindível uma posição teórica a respeito das fontes que estaremos utilizando. Problematizar o sentido dessas fontes e reconhecer os limites dos autores é quesito de fundamental importância. Afinal, eles estavam realizando uma “história do tempo presente”. Além disso, reconhecer as relações que travaram com o objeto de estudo implica numa discussão da relação do sujeito com o objeto na produção textual.

É possível perceber, no decorrer da trajetória dos militantes Frondizi e Peña que ambos refletiam sobre seu tema de estudo de acordo com as necessidades e com as transformações históricas em curso não apenas no contexto nacional, mas internacional. É sob essa perspectiva que, em alguns momentos, lançaram novos olhares sobre o governo Perón. As atitudes, as mudanças, os comportamentos do grupo no poder que refletiam nas relações sociais em trânsito na Argentina à medida que lançavam luz sobre a natureza do peronismo eram logo incorporadas nos estudos dos intelectuais. Assim, a história que produziram deve ser vista também como produto de autores que inseriram em sua produção, muitas vezes de maneira inconsciente, seus valores, suas ideologias e suas preferências. Na análise do peronismo, Frondizi e Peña não foram imparciais, até porque ser neutro, na perspectiva histórica, é impossível. E o que fazem não é apenas um trabalho de política, mas também uma análise histórica. Além disso, não tinham o mínimo interesse em serem imparciais. Até

---

<sup>2</sup> D’AMICO, Ernesto. “Milcíades Peña: una história trágica”. Disponível em: <http://www.tomasabraham.com.ar/seminarios/2008/damico.pdf> . Acesso em: 15. jun.2013.

porque estavam cientes da força social e política daquilo que escreviam. Na advertência a segunda edição do livro *La realidad Argentina*, Frondizi escreveu sobre o êxito da publicação do primeiro volume da obra, destacando a conspiração do silêncio que os ideólogos do grande capital organizaram em torno dessa publicação que custou um esforço de dez anos. Mas, isso tinha um sentido: “Ello demuestra que el pensamiento revolucionário está penetrando ya con tal fuerza difusora y esclarecedora en el pueblo argentino, que vuelve inoperante la conspiración del silencio del gran capital, de sus políticos e ideólogos (...)”<sup>3</sup>. A obra de Peña fala por si. O fato de ter se tornado “maldito” para a historiografia e a intelectualidade argentina reflete sua tendência crítica. O silêncio que ecoou e ainda impera sobre sua produção transmite a tentativa de *olvidamiento* do arguto historiador e militante. A genialidade de sua produção refletia nas críticas a tudo e todos: liberais, revisionistas, rosistas, católicos, radicais, stalinistas, peronistas, morenistas, estruturalistas, entre outros. Nesse meio tempo ele pode ter morrido sozinho e esquecido, mas o poder esclarecedor de suas palavras e da ideologia que defendeu merece ser estudado.

Como afirmou Hobsbawm em seu livro “Sobre História”: “a história é matéria-prima para as ideologias, como as papoulas para a heroína”<sup>4</sup>. É impossível ao historiador ser imparcial. Ele sempre está engajado com uma dada classe ou movimento e sua produção representa os interesses dessa classe. Os documentos que chegaram até nós e que serão investigados estão repletos de ideologia. Eles aparecem, segundo Le Goff como um produto das relações sociais, e por consequência das relações de poder<sup>5</sup>. Isso levanta alguns questionamentos a respeito dos documentos que vamos analisar. Porque foram escritos? Quando foram escritos? Qual o impacto social para as forças políticas? Qual o legado que nos deixam? Apesar de complexas, tais perguntas regimentaram o desenrolar da pesquisa.

O interesse pelo estudo das esquerdas argentinas e, em especial a trajetória de Sívlio Frondizi e Milcíades Peña nos anos do governo Perón, não surgiu do acaso. Ao tomar contato, ainda na graduação, com a produção dos autores percebi a importância de ambos para o desenvolvimento de uma esquerda alternativa aquela representada pelos partidos com maior número de membros, ou maior expressividade nacional, no caso argentino o Partido Comunista Argentino e o Partido Socialista. Limitado pelo pouco tempo de pesquisa

---

<sup>3</sup> FRONDI, Sívlio. *La Realidad Argentina. Ensayo de interpretación sociológica. Volumen I: El sistema capitalista; volumen II: La revolución socialista*. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957, p.7.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

<sup>5</sup> LE GOFF, J. *Memória/história*. Campinas: Ed.Unicamp, 1990.

desenvolvi o TCC intitulado: *A trajetória intelectual de Sílvio Frondizi: do liberalismo à militância socialista*. Foi uma primeira tentativa de estudar o caminho seguido por Frondizi. A partir desse estudo percebi que em certo momento outro militante, Milcíades Peña, colaborou com Frondizi. Mais tarde o rompimento de ambos refletiu em acusações públicas e pessoais.

Em segundo lugar, percebi na pesquisa desenvolvida que ambos militantes destinaram imenso espaço de suas produções na investigação do peronismo. Mas, não se tratava de um trabalho qualquer. A propriedade e a forma como lidaram com os dados e fatos, somadas à análise empírica e a coerência usada para defenderem a interpretação que consideravam concreta do peronismo chamou minha atenção, já que num contexto onde as esquerdas estavam preocupadas com o caminho a ser seguido frente ao peronismo, Frondizi e Peña criticaram e apresentaram as pedras que a classe trabalhadora deveria remover. Apesar disso, foram esquecidos por muitos anos. Existe atualmente uma tentativa de recuperar a produção de Milcíades Peña, levada a cabo pelo Partido de los Trabajadores Socialistas (PTS) e que culminou numa reedição das principais obras do militante argentino. Tal partido de orientação trotskista apesar de reivindicar o morenismo tem feito um balanço crítico do mesmo. Surgiu em 1988 como uma cisão do Movimiento al Socialismo (MAS) afirmando que tal organização havia se degenerado após a morte do líder Nahuel Moreno ocorrida em janeiro de 1987.

A temática, além de apresentar um período da história argentina que sempre me cativou veio ao encontro da aspiração de estudar o marxismo. Ao perceber o lugar central que o peronismo ocupava na produção dos dois marxistas argentinos tratei de estender a pesquisa e abordar como e porque escreveram o que escreveram. A problemática central gira não apenas na compreensão do que escreveram, mas também na força social do pensamento de ambos. Força que nas décadas de 1950-1960 culminou na formação, por parte de Frondizi do *Movimiento de Izquierda Revolucionário-Práxis* (MIR-Práxis) que aglutinou em torno do professor universitário uma centena de jovens desejosos de tomarem contato com uma produção marxista que fosse além daquela engessada divulgada pela liderança comunista local e pelos ortodoxos grupos que compunham a esquerda nacional.

A lógica da reflexão de ambos só tem sentido quando situada historicamente, ou seja, quando posicionada dentro de um debate de caráter nacional entre forças e grupos que se dividiam como contrários ou a favor de Perón. Por isso pensamos ser fundamental,

inicialmente uma contextualização histórica da trajetória intelectual de ambos os militantes. Pretendemos também entender, ainda que parcialmente, a situação do país nos anos das principais publicações. Como Frondizi publicou sua principal obra em 1955 e Peña entre 1955-1957, achamos por bem fazer rápidas considerações sob o primeiro ciclo peronista. E dessa análise culminou o primeiro capítulo. Objetivamos demonstrar como transcorreu a trajetória intelectual Frondizi e Peña, debaixo do conceito de intelectual orgânico tal como proposto por Antonio Gramsci. O intelectual aqui não é um ser mítico, mas alguém que consegue desenvolver um projeto político capaz de apresentar autonomia para a classe que representa, ou seja, ele efetiva o vínculo orgânico entre o modo de produção e as superestruturas e unificam a classe em torno de um projeto. É aquele capaz de formular uma nova forma de organização social, uma nova civilização, em que sua classe seja soberana. O intelectual é um construtor, um dirigente político, um persuasor permanente. Ele é responsável por criar um clima para a nova hegemonia, apontado as contradições que perpassam o social e desmistificando as relações de dominação.<sup>6</sup>

O impacto das políticas peronistas suscitou intenso debate nos círculos da política nacional. Contextualizar os agentes, partidos, grupos sociais, em especial os que se autodenominavam de esquerda, envolvidos na construção do peronismo e que dialogaram com S. Frondizi e M. Peña se tornou o objetivo do segundo capítulo. Para isso analisamos brevemente o Partido Comunista Argentino, que fez oposição ferrenha ao peronismo, mas que ao agrupar-se com União Democrática e o embaixador estadunidense penou em apresentar no plano político um projeto que realmente tivesse no eixo central a classe trabalhadora. Por isso foi alvo de inúmeras críticas. A caracterização do peronismo como um movimento de cunho fascista serviu muito mais como sustentáculo de propaganda partidária do que como parte de uma análise histórica rigorosa.

O Partido Socialista, quando das eleições de 1946, estava cindido em distintos grupos. Distante de uma política voltada para a classe trabalhadora estava preocupado principalmente em eleger deputados. Tecendo críticas ao novo governo e tendo sofrido com a repressão nos anos finais do primeiro ciclo peronista, o líder do PS Américo Ghioldi, insistia na caracterização do peronismo como um governo nazi-fascista.

---

<sup>6</sup> SCHLESENER, Ana Helena. Hegemonia e cultura: Gramsci. 3ª Ed. Paraná: Editora da UFPR, 2007, p.39.

Outro grupo envolvido com a construção ideológica do peronismo foi a “esquerda nacional”. A tradição da “esquerda nacional” buscou forjar uma identidade própria a partir do ajuste de contas com a esquerda pré-existente, especialmente a que se intitulava comunista. Seu ponto de partida na análise do peronismo distanciava-se muito das leituras realizadas pelos líderes do PCA e PS. A originalidade dessa tradição consistia em apontar o peronismo como um momento necessário, mas ao mesmo tempo superável na história nacional. O peronismo, por meio da conscientização da classe trabalhadora e das “massas” do país, seria um passo importante para a realização da construção e implantação de um “socialismo nacional”. Entre seus principais nomes figura o de Jorge Abelardo Ramos, político, historiador e escritor que polemizou com Milcíades Peña e Sívio Frondizi. Nos anos finais de sua vida foi embaixador argentino no México, durante o governo de Carlos Menen. Em consonância a essa esquerda, mas com um projeto mais “revolucionário” encontrava-se o “nacionalismo popular revolucionário”, representado por John W. Cooke que enquanto deputado foi porta voz de uma linha dentro do peronismo que considerava esse fenômeno como um importante passo numa conjuntura de libertação nacional muito ampla. Ao visitar Cuba influenciou-se pelo foquismo e repensou muitos de seus textos. O movimento considerava o peronismo como um governo de libertação nacional. .

Por fim, compondo o terceiro e último capítulo objetivamos estudar a concepção do peronismo proposta pelos militantes. Isso significa uma tentativa de responder à problematização geral: qual a força social do pensamento de Sívio Frondizi e Milcíades Peña? Aqui aparece de forma clara o embate das ideias que transformava a Argentina da década de 1950 em um verdadeiro turbilhão ideológico. Veremos que apesar de serem unânimes em catalogar o peronismo como um tipo de governo nitidamente bonapartista, existiram diferenças importantíssimas entre os intelectuais. Ao estudarmos o pensamento deles veremos que a revolução socialista, que seria capaz de realizar também as tarefas democráticas, era a única saída para o país. Na interpretação de Frondizi e Peña, a burguesia e seu falido projeto de libertação nacional em nenhuma hipótese poderia ser considerada aliada do proletariado nacional em seu caminho de libertação nacional. Se o peronismo era a falência da tentativa de resolver os problemas, como, onde e em que momento seria possível transformar o país na visão de Frondizi e Peña? É o que pretendemos estudar nos capítulos a vindouros.

O específico e ao mesmo tempo o central na construção do pensamento revolucionário que procuraremos apresentar a seguir, reside no poder concentrado nos trabalhadores. Tendo a

tragédia como uma constituição do pensamento, os autores propuseram uma Argentina revolucionária guiada pelos trabalhadores, dentro de um projeto de uma nova América Latina. Apesar disso, a análise que fizeram de tal classe não é uma representação mítica dela, mas um estudo crítico. Estão apresentadas as vitórias e as derrotas; os deslizos e as conquistas. Independente dessa análise, intelectuais e classe não estão separados. Eles devem ser pensados na mesma teia das relações sociais estabelecidas. Assim, as conquistas e derrotas da classe significam também as conquistas e derrotas dos intelectuais organicamente a ela vinculados. Vejamos como isso estava na ordem do dia, na Argentina da metade do século XX.

**CAPÍTULO – 1. ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: AS TRAJETÓRIAS  
INTELECTUAIS DE SÍLVIO FRONDIZI (1907-1974) E MILCÍADES PEÑA (1933-  
1965)**

O objetivo desse primeiro capítulo é apresentar e problematizar as trajetórias intelectuais de Sívio Frondizi e Milcíades Peña. Pretendemos fazer esse caminho seguindo o conceito de intelectual orgânico proposto pelo teórico italiano Antônio Gramsci. O itinerário de vida política e pessoal dos militantes não pode ser apresentado num curto espaço de linhas, por isso, a discussão que aqui pretendemos fazer ambiciona destacar os principais marcos do percurso de Frondizi e Peña. Assim, nessa análise pretendemos apontar principalmente as rupturas, os desencontros, e as discrepâncias de ambos com a esquerda e com a política em voga na Argentina no século XX, em especial o peronismo.

Para isso, dividimos esse primeiro capítulo em duas partes. Na primeira pretendemos analisar a trajetória de Frondizi (1907-1974), por ser mais velho e estar vinculado a uma geração de intelectuais que discutia política, história, economia, Estado e a natureza da luta de classes na Argentina desde a década de 1940. Entre alguns nomes aparecem o de Rodolfo Puiggrós, Arturo Jauretche, Hernandez Arregui, entre outros. Propomos problematizar esses intelectuais e o pensamento deles no segundo capítulo. Num segundo momento intencionamos investigar a trajetória de Peña (1933-1965) e a relação dele com o trotskismo argentino, marcada por críticas, rupturas e distanciamentos. O que unifica esses dois pensadores, pelo menos no momento mais maduro de produção teórica e militância é a crítica a esquerda organizada em partidos, em especial o Partido Comunista Argentino (PCA) e o Partido Socialista (PS). Apesar de apresentarem em comum essa característica é importante ressaltar o que foi proposto pelo historiador argentino Horácio Tarcus em seu livro *El marxismo olvidado en la Argentina: Sívio Frondizi y Milcíades Peña*<sup>7</sup>. Tarcus defende a tese de que é completamente difícil enquadrar o pensamento de ambos dentro de uma “escola” ou tradição de esquerda no país. Como já foi dito a esquerda agrupada nos principais partidos, aqueles que tinham uma tradição de luta, foi alvo severo das críticas. Eles também não podem ser encaixados na dita “nova esquerda”, que surgiu nos anos 1950-1960<sup>8</sup>, já que estão mais

---

<sup>7</sup> TARCUS, Horácio. *El Marxismo olvidado en la Argentina: Sívio Frondizi y Milcíades Peña*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1996. Colección La Cultura Argentina.

<sup>8</sup> Ver: TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina, 1956-1966*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1993.

preocupados em ajustar-se “más al modelo de intelectual orgánico que al modelo sartreano del ‘intelectual comprometido’ que caracterizó a la nueva izquierda”<sup>9</sup>.

Dessa forma, é completamente difícil vincular o pensamento de ambos a uma corrente política ou a um movimento, já que eles tentaram organizar uma forma de pensar autônoma. Sívio Frondizi, por exemplo, chegou a criar e manter o *Movimiento de Izquierda Revolucionária Práxis* (MIR-Práxis) que representava, no início da década de 1960, uma alternativa para muitos jovens desejosos de militarem numa organização afastada dos “tradicionais” círculos de esquerda. Apesar disso, é fundamental citar que é no diálogo com essa “nova esquerda” e principalmente com os representantes dos principais partidos de esquerda que o pensamento deles se forma e ganha força. É incoerente pensar que a ideia do peronismo como um tipo de governo bonapartista, por exemplo, tenha surgido do nada. Ela aparece nas obras e no discurso como uma alternativa para a interpretação do peronismo como fascista, proposta pelo PCA e também pelo PS.

Esse afastamento dos partidos, no entanto, apresentava inúmeros problemas que refletiam na própria produção material. Intelectuais que não estavam debaixo das “asas do partido” tinham que criar mecanismos financeiros para produzir e propagar suas produções. Nesse contexto, o preço de um intelectual independente era o de ter que formar seu próprio partido ou aparelho de difusão cultural, muitas vezes com recursos próprios. Para Sívio Frondizi, conhecido professor universitário que vinha de uma família bem estruturada financeiramente foi mais fácil; para Milcíades Peña, jovem demais para organizar uma estrutura política de sucesso seria muito mais difícil. Além disso, num contexto stalinista, manter-se independente era extremamente caro. Enfrentar, no campo das ideias e da própria *práxis* o hegemônico PCA e o populismo, que a partir da década de 1940 tornar-se-ia dominante, significava criar inimigos pessoais. Não é de estranhar, portanto, que muitos panfletos, artigos, ou outros escritos produzidos, principalmente por Peña esteja repletos de acusações pessoais, xingamentos, e ataques àquele que ele considerava o “teórico del disparate”, Jorge Abelardo Ramos, cuja trajetória e pensamento discutiremos mais adiante. Tais enfrentamentos, no entanto, não anulam o valor e a preciosidade do pensamento desses fervorosos críticos.

Na contra corrente dessas formações de esquerda se encontravam inúmeros intelectuais, que suportaram as dificuldades e superaram muitas limitações, advindas com o

---

<sup>9</sup> TARCUS, *Op. Cit.* p. 27.

isolamento partidário. Hectór Raurich, Angelica Mendoza, José Boglich eram intelectuais que “soportaron la hostilidad o el aislamiento de esos años oscuros, entregando obsesivamente a sus estudios e investigaciones”<sup>10</sup>.

Se objetivamos pensar Sílvio Frondizi e Milcíades Peña como intelectuais orgânicos, é fundamental desmistificarmos resumidamente algumas ideias a respeito do que seria tal intelectual e da função dele no campo da luta de classes. Tencionamos pensar o intelectual como alguém capaz e idealizador de uma nova forma de mundo, ou seja, alguém habilitado para apresentar e construir uma interpretação histórica que, sob o paradigma das classes trabalhadoras, possa estruturar-se como projeto histórico. A função do intelectual orgânico, nesse sentido corresponde a uma luta constante pela construção de uma hegemonia, nas palavras de Edmundo Dias “de uma nova civilização”<sup>11</sup>. Assim, “(...) todo aquele que exerça funções organizativas, no campo da produção como no campo administrativo-político, é um intelectual”<sup>12</sup>. Mas eles podem ser considerados intelectuais não apenas pelas atividades e pelas complexas análises que fizeram da estrutura social argentina. Tais atividades não teriam sentido se estivessem alheias às relações sociais.

No início do Caderno 12, do segundo volume de seu livro *Cadernos do Cárcere*, Gramsci levanta uma problemática: os intelectuais são independentes ou podem ser representantes de um determinado grupo social? Para responder essa questão, o autor destaca que existem duas formas de intelectuais. A primeira forma seria aquela criada no bojo de um dado grupo social, ou seja, são criados de um modo orgânico e tem o dever de defender a concepção desse grupo social, além de homogeneizá-los despertando a consciência da sua própria função no mundo da produção e da luta de classes. Esse grupo de intelectuais atua em várias áreas:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> *Id. Ibid.* p. 19

<sup>11</sup> DIAS, Edmundo Fernandes (org). *Hegemonia: racionalidade que se faz história*. DIAS. Edmundo Fernandes et alli. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xama, 1996, p. 9-80.

<sup>12</sup> *Id. Ibid.* p. 16

<sup>13</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Os intelectuais, o princípio educativo, o jornalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Vol. 2. 2001, p. 15

A segunda forma é descrita por Gramsci da seguinte maneira:

Todo grupo social “essencial”, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento dessa estrutura, encontrou (...) categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas.<sup>14</sup>

Quais exemplos podemos tomar dessas duas categorias de intelectuais? Como exemplo do primeiro grupo intelectual citado pode-se destacar o intelectual gerado pela classe trabalhadora, ou seja, os intelectuais organicamente criados em um dado momento histórico por uma classe. Já para exemplificar o segundo grupo, por exemplo, Gramsci cita os eclesiásticos que monopolizaram durante muito tempo a ideologia religiosa. Essa categoria de intelectuais é classificada também por ele como intelectuais tradicionais.

Aqui é importante a observação feita por Eurelino Coelho. Ele destaca que mesmo os intelectuais tradicionais possuem vínculos com a luta de classes, mas tal vínculo fica “(...) mascarado pela aparência de autonomia”<sup>15</sup> diferentemente do intelectual orgânico cuja relação com a luta é muito mais transparente: “(...) estes são executores do mesmo tipo de função, mas seu vínculo com a classe é muito mais direto”<sup>16</sup>.

Gramsci aprofunda ainda mais a discussão em torno de quem é intelectual e afirma: “(...) todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens tem na sociedade a função de intelectuais”<sup>17</sup>. Como justificar essa afirmação de Gramsci? Para ele todo homem é intelectual na medida em que possui gostos, possui uma concepção própria de mundo, uma linha consciente de conduta moral e dessa forma promove novas formas de pensar, de criticar, de propor soluções, mas nem todos tem consciência de sua intelectualidade, nem todos estão inseridos num contexto de luta, ou seja, nem todos são representantes de uma dada classe, por isso sua intelectualidade encontra-se estagnada<sup>18</sup>.

Depois dessa definição proposta pelo teórico italiano é possível destacar que tanto o grupo social dominante, como os demais grupos sociais, entre os quais podemos citar os trabalhadores, possuem seus intelectuais orgânicos. Cada intelectual procura dessa forma

<sup>14</sup> *Id. Ibid.* p. 16

<sup>15</sup> COELHO, Eurelino. *Uma Esquerda Para o Capital: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998)*. 549 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005, p. 332

<sup>16</sup> *Id. Ibid.* p. 332

<sup>17</sup> GRAMSCI, *Op. Cit.* p. 18

<sup>18</sup> *Id. Ibid.* p. 53

expressar as necessidades históricas de sua classe. Portanto, podemos pensar que o intelectual orgânico é criado pela classe no seu processo de afirmação e desenvolvimento, enquanto os intelectuais tradicionais formam uma camada possuidora de “relativa autonomia” e continuidade histórica, como é o caso dos eclesiásticos, que sendo tradicionais permanecem até hoje, ou seja, são intelectuais que não sofreram um processo de queda, mesmo com as grandes mudanças econômicas, sociais e políticas. Diante da luta imposta pela hegemonia cultural e política cada classe deve criar seus próprios intelectuais ligados a ela por laços orgânicos e assim combater as possíveis assimilações progressistas dos intelectuais opostos.

Sendo essa função da classe para com o intelectual qual a função do intelectual para com a classe que representa? Além de homogeneizar a classe é dever do intelectual também elevar essa classe à consciência de sua função histórica, ou seja, contribuir teoricamente (através de escritos principalmente) e politicamente para o sucesso da classe por ele representada.

Aqui é importante destacar que os intelectuais das classes subalternas, diferentemente dos representantes das classes dominantes (entenda-se burguesia), são organizados a partir da racionalidade dominante e se fazem contra essa corrente. Nas palavras de Edmundo F. Dias eles devem ser criados objetivando a destruição do projeto hegemônico dominante ao mesmo tempo em que devem ser os organizadores de uma “nova forma de civilização”. Os partidos e sindicatos aparecem como o local de treinamento e preparo desses intelectuais. Corroborando Gramsci, o citado autor afirma:

Da perspectiva das classes trabalhadoras, é preciso romper com o preconceito mitificador do intelectual. Todo aquele que exerça funções organizativas, no campo da produção como no campo administrativo-político, é um intelectual, embora nem todos atuem como intelectuais profissionais.<sup>19</sup>

Depois dessa rápida conceituação percebe-se que é possível relacionar o intelectual desenvolvido por Gramsci com as pessoas de Sívio Frondizi e Milcíades Peña. Eles podem ser considerados o exemplo clássico de intelectuais orgânicos. Passaram a maior parte de suas vidas defendendo os interesses da classe proletária na América Latina. Como intelectuais, eles não apenas representaram os trabalhadores argentinos em seus folhetins e livros, mas também batalharam por eles. Por intermédio de seus escritos procuraram despertar nos trabalhadores a

---

<sup>19</sup> DIAS, *Op. Cit.* p. 22

consciência de classe e através disso levá-los a homogeneidade, visando destruir de uma vez por todas, por meio da revolução socialista, a hegemonia burguesa.

Como se não bastasse seus escritos, Silvio Frondizi também foi fundador de um partido político, o MIR-Práxis que, enquanto intelectual, utilizou para concretizar suas ideias de classe. Milcíades Peña também batalhou pela classe trabalhadora, a qual defendeu em muitos artigos e escritos. Ao juntar-se ao grupo dirigido por Frondizi contribuiu teoricamente para aquilo que eles consideravam ser a “emancipação da classe trabalhadora”.

Vale destacar ainda que Antônio Gramsci acreditava fortemente na teoria vinculada diretamente com a prática. Ele apontou que a instauração do socialismo deve ser calcada de estratégias e práticas revolucionárias. As transformações do capitalismo não culminariam necessariamente na sua derrocada e na implantação do socialismo. Se assim fosse os homens poderiam esperar inertes pelo grande dia da derrocada do sistema do capital. Gramsci afirma categoricamente que os homens são seres ativos e, portanto, possuem as rédeas da história. Eles têm a capacidade de criar seu próprio destino. Levando em consideração essa atividade e a não-passividade dos homens é que o comunista italiano imprimiu coerência ao seu pensamento quando vinculou a determinação de diferentes estratégias para se chegar ao poder com a necessidade da classe operaria ser hegemônica. O capitalismo, afirma Gramsci só será destronado pelos trabalhadores e não pela inevitabilidade histórica. Essa foi a luta dos militantes argentinos.

Dessa forma é certo que foi na disputa com outros intelectuais, das mais variadas categorias e classes que o pensamento de ambos construiu-se e ganhou força. Além disso, eles procuraram defender a classe trabalhadora, independente de surgirem de um espaço econômico e social pequeno-burguês. É impossível pensá-los distantes desse paradigma.

Mas se Frondizi e Peña tem em comum essa crítica as correntes hegemônicas e o afastamento dos partidos que eram numericamente majoritários eles possuíram inúmeras diferenças pessoais e até mesmo teóricas, como veremos mais adiante. Isso, contudo, não obstrui a categorização deles como intelectuais nitidamente revolucionários. Por um lado, Sílvio Frondizi, membro de uma família de classe média, que cedo ingressou na universidade e do outro Peña, um autodidata que mesmo sem concluir os estudos básicos chegou a lecionar cursos em algumas universidades locais.

Então, em um lado temos um advogado e professor, com vivência inclusive no exterior, que gozava de inúmeros privilégios e tinha muito prestígio nos meios acadêmicos. Em outro lado Peña, a quem importa mais “(...) el significado de la acción o de la palabra que la figura de quien la ejerce o la pronuncia”<sup>20</sup> fato que o levou, como bem pontuou Tarcus a escrever debaixo de inúmeros pseudônimos.

Não obstante isso, os caminhos de ambos se encontraram e se desencontraram em muitos momentos, numa situação histórica em que a própria cultura de esquerda na Argentina problematizava o que seria a “oposição” ao sistema e como essa oposição estaria organizada. O que representa os traços fundamentais nesses dois intelectuais, e nos da base para a sustentação de que desempenharam um importante papel no campo teórico-político das esquerdas na Argentina é o fato de que a trajetória de ambos está marcada pela crítica permanente aos estratos da política tradicional e oficial.

## 1.1 SÍLVIO FRONDIZI: DO LIBERALISMO À MILITÂNCIA SOCIALISTA

### 1.1.1 O “primeiro Frondizi” e a visão liberal de mundo

Sílvio Frondizi nasceu em 1907, na província de Corrientes numa família grande, um verdadeiro clã. Era o décimo segundo filho do casal de imigrantes italianos Julio Frondizi e Isabel Frondizi. Num universo familiar marcado por bastante leitura, logo cedo o futuro advogado passou a ter contato com livros que despertaram nele o interesse pela política, história e o próprio direito. Os três irmãos menores (Sílvio, Arturo e Risiere) receberam influência direta das leituras voltairianas do pai e do idealismo do irmão mais velho, Américo. Segundo Tarcus, é nesse ambiente que surgiram três mentalidades “(...) cada una de las cuales daría una configuración propia singularísima, a la común tradición familiar: el intelectual, el político y el filósofo”<sup>21</sup>. Arturo partiu para uma vida política ligada ao radicalismo argentino e tornou-se presidente em 1958, permanecendo no cargo até 1962, enquanto Risiere foi reitor da Universidad de Buenos Aires e um prestigiado filósofo.

Com dezesseis anos Sílvio Frondizi deixou a cidade Paso de los Libres em direção a Buenos Aires. Ingressou junto com o irmão Arturo no Colégio Nacional Mariano Moreno,

---

<sup>20</sup> TARCUS, *Op. Cit.* p. 37

<sup>21</sup> *Id. Ibid.* p. 51

uma instituição fundada em 1898 e que encaminhava os jovens argentinos para um curso de nível superior. Três anos mais tarde ambos prestaram exames para a Facultad de Derecho de la *Universidad de Buenos Aires*. Paralelamente a esse curso, Frondizi estudou no *Instituto Nacional del Profesorado*, ingressando em 1930 como professor da cadeira de História <sup>22</sup>.

A Argentina passava por um momento complicado, conhecido como década infame. O golpe de 1930, também conhecido como “Restauração Conservadora” <sup>23</sup> que destituiu do governo a então União Cívica Radical (UCR) <sup>24</sup>, tinha como objetivo principal estabelecer novamente a oligarquia no comando do país. O projeto radical com “vias democráticas” logo se viu desmoralizado e confirmou-se a incapacidade de transformações profundas. Os anos de ferro experimentados e vividos durante a “Restauração Conservadora” foram demarcados pelo fortalecimento do Estado oligárquico, cujos principais representantes eram os terratenientes, proprietários de grandes extensões de terras e que se organizavam a partir da Sociedade Rural Argentina (SRA). Foi um momento em que a Argentina aprofundou sua vinculação de subordinação no cenário mundial, como uma das principais fornecedoras de matéria-prima, objetivo principal da oligarquia agrário-exportadora.

Entre os anos de 1930-1943, uma minoria privilegiada, especialmente representada pela oligarquia agrária tentou manter a todo o custo o controle do Estado e da sociedade argentina e para tanto não abriu mão de recorrer a fraudes eleitorais, corrupção e violência utilizando-se do Exército e da polícia. Em 6 de setembro de 1930, o general José Félix Uriburu assumiu como presidente provisório e, em 20 de fevereiro de 1932 transferiu o mandato a outro general, Augustín Pedro Justo. Os interesses do governo consistiam na supressão de todo o vestígio de democracia liberal, bem como a liquidação dos “aspectos progressistas” vivenciados durante os anos de governo radical. Nesse ínterim as forças

---

<sup>22</sup> *Id. Ibid.* p.51

<sup>23</sup> ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006, p. 63.

<sup>24</sup> Entre os anos 1916-1930, a UCR, seguindo os padrões estabelecidos pelo liberalismo econômico procurou levar a cabo no país projetos de industrialização utilizando-se principalmente de mão de obra imigrante. Sob a bandeira do combate à oligarquia que há anos exercia sua hegemonia no país e pelo estabelecimento de uma “democracia”, os radicais não souberam como se posicionar frente aos problemas que ameaçavam o país. Os governos radicais, de composição heterogênea frearam também reivindicações sindicais reprimindo ainda mais as classes subalternas com massacres e violências. A burguesia nacional, então em processo embrionário, não tardou a enriquecer - aproveitando-se principalmente nos primeiros anos do governo de Yrigoyen, da situação do cenário mundial -, já que a Grande Guerra estava em andamento e os países europeus, especialmente a Grã-Bretanha que sempre manteve interesses na Argentina, precisavam de produtos primários, especialmente carnes que então prevaleciam, junto com o trigo, como a grande fonte de riqueza da Argentina.

retrógradas e conservadoras tentaram desenvolver um regime corporativo, cujo objetivo seria o de obter e manter monopólio e o controle do Estado <sup>25</sup>.

A ditadura de Uriburu conheceu oposição de muitos jovens estudantes, entre eles figuravam os irmãos Frondizi, presos em julho de 1931, numa das muitas manifestações contra o autoritarismo governamental. Passaram vinte dias nas grades da *Orden Social de la Policia Federal*. Foi nesse mesmo tempo, logo após saírem da prisão, que os caminhos de ambos tomaram trilhas completamente opostas. Arturo filiou-se a União Cívica Radical (UCR) e criou vínculos com a elite radical, representada por nomes como Lisandro de la Torre, Mario Bravo, Alejandro Korn, entre outros. Sívio decidiu partir para outra província, período fundamental na formação da primeira etapa de sua trajetória <sup>26</sup>.

Em 1938, Frondizi deixou Buenos Aires e se dirigiu para o norte, à província de Tucumán. Ali exerceu o cargo de professor de História e paralelamente trabalhava como advogado. Foi na *Universidad de Tucumán* que elaborou o seu primeiro livro: *Introducción al pensamiento de John Locke* publicado em 1943. Dois anos mais tarde aprofundou muitas ideias que havia trabalhado nesse livro e publicou *El Estado Moderno*. Foi na Universidad de Tucumán que o então professor tomou contato com o marxismo, principalmente nos seminários de filosofia que organizou juntamente com o irmão Risieri e que contou com a presença de importantes palestrantes do exterior, como é o caso de Rodolfo Mondolfo. A presença desses professores que já discutiam marxismo deixou uma influência muito grande no pensamento de Frondizi. Seria o primeiro passo para a guinada ideológica em torno de uma postura socialista que tomaria anos mais tarde.

#### 1.1.1.1 *Un callejón sin salida*: crise do modelo liberal-democrático

Publicado em 1945, *El Estado Moderno* apresentava um professor universitário preocupado com uma visão liberal e democrática de mundo. Mas o que entendia por liberalismo? Segundo Horácio Tarcus, “(...) por liberalismo entiende el sistema que reconoce en el individuo una serie de ‘derechos naturales’, inherentes, inalienables, que escapan a la

<sup>25</sup> KAPLAN, Marcos. Cinquenta anos de história argentina (1925-1975): o labirinto da frustração. In: GONZALES CASANOVA, Pablo. *América Latina: história do meio século*. 1ª Edição. Brasília: Editora da Unb, 1986, p. 34.

<sup>26</sup> BRIENZA, Hernan. *Sívio Frondizi, um franco-atirador marxista*. 1ª Edição. Buenos Aires: Capital Industrial, Coleção Fundadores de la izquierda argentina, 2006.

acción de la colectividad: la libertad y la propiedad”<sup>27</sup>. Inspirado por John Locke, autor de *Dois Tratados sobre o governo*, Sívlio Frondizi buscou nos pensadores liberais a inspiração para seu ideário de democracia: o primado do interesse geral sobre o individual. No livro publicado em 1945, passou de uma leitura de Locke para uma aproximação dos pressupostos de Rousseau. Assim, vemos um teórico preocupado principalmente em salvar os valores da burguesia liberal e criar mecanismos para superar a crise desse sistema:

Creemos, frente a esta tendencia general, que la época actual ha alcanzado el suficiente grado de madurez como para que el investigador pueda realizar una labor de serena discriminación de los distintos aspectos de la realidad que estudia. Únicamente así podrá realizar una crítica constructiva que signifique una verdadera contribución a la tarea de salvar de la profunda crisis en que se debate en estos momentos la burguesia liberal, a aquellos valores que se han incorporado definitivamente a la cultura de la humanidad; e esta forma podrá reconocer en su historia la continuidad que la caracteriza.<sup>28</sup>

A essa crise da visão burguesa-liberal, existia uma alternativa: a possibilidade das “massas” assumirem esse legado. Mas aparecia aí um grande problema em relação a essa força social. Elas se encontravam alheias em relação ao legado do mundo burguês e, portanto não estavam em condições de substituí-lo. Em outras palavras: as “massas” não dispunham de um projeto suficientemente capaz de superar a crise do sistema burguês. A burguesia também já não era sujeito revolucionário. A situação era clara: *un callejón sin salida*.

Se na primeira parte de seu livro, Frondizi preocupou-se exclusivamente em apresentar um balanço histórico da formação do Estado moderno, na segunda ele passou a apresentar as características da crise que atingiam em cheio a concepção burguesa de mundo. Mas o que entende por crise? A ideia de crise aparece com dois significados que se complementam. O primeiro deles trata a crise como relativa, definida como uma diminuição ou o desaparecimento de qualquer fator da vida humana que não afete os valores que o destino histórico apresenta como positivos. Já a crise absoluta resume-se ao desaparecimento total dos valores considerados positivos, presente em quatro extratos importantes: economia, sociedade, política e espiritualidade. A burguesia havia jogado no poço todos esses valores e amargava uma crise absoluta. Ao intelectual cabia o papel de salvar essas riquezas da humanidade e propor os caminhos do progresso histórico: “(...)Tenemos una profunda fe en la

---

<sup>27</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 53

<sup>28</sup> FRONDIZI, Sívlio. *El Estado Moderno*. Ensayo de crítica constructiva. 2ª edição. Ed. Depalma. Buenos Aires, 1954, p. 15.

fuerza de las ideas; por ello nos dedicamos a la tarea (...) cumple con su deber quien aporta, con buena voluntad, un esfuerzo, para que el hombre continúe escalando la *montaña*”<sup>29</sup>.

É importante ressaltar que é dessa crítica ao mundo burguês que surge o “segundo Frondizi”, assumidamente socialista e preocupado com uma transformação social encabeçada pelos trabalhadores. A visão trágica de mundo que caracterizou o “primeiro Frondizi” aproximou o pensador de um olhar niilista sobre a economia, a sociedade e a política. Consciente da crise objetiva, Frondizi valorizou o aspecto econômico, destacando que a estrutura econômica da sociedade moderna seria a raiz dos males. Inspirado em Thomas Hobbes e na frase popularizada por ele (*homo homini lupus*- o homem é o lobo do homem), caracterizou as relações sociais como um lapso de anticapitalismo romântico:

La subordinación indicada explica la angustia en la búsqueda de la riqueza que caracteriza a la vida del hombre moderno; éste sabía por experiencia que en ella está el triunfo y el bienestar tanto material como espiritual. También explica el egoísmo que puso en sus relaciones con sus semejantes, a los que trato siempre como enemigos: *homo homini lúpus*.<sup>30</sup>

E recorrendo ao próprio Marx, reconhece nele que o sistema de forças de produção da época moderna não coincidia com as posições individualistas do mundo burguês e liberal. Ao evocar o conceito de luta de classes para abordar a crise social, é possível constatar um teórico timidamente valorizando alguns aspectos do marxismo. Crise social é entendida em *El Estado Moderno* como o estado então atual da luta de classes, cuja origem estava ligada ao sistema de produção e distribuição de riquezas. Empenhando-se em fazer uma leitura histórica da crise, nosso autor destaca a ação da Revolução Francesa como elemento que destruiu definitivamente o sistema econômico da Idade Média. A partir do fim das relações feudais o trabalhador passou a ser dono de seu trabalho e de seu destino. Mas com algumas ressalvas: “(...) Es decir, se encontró en teoría libre, absolutamente libre, de toda sujeción, pero también de toda ayuda y protección”<sup>31</sup>.

A separação do patrão e do trabalhador resumia-se a exploração e tornava o trabalhador “(...) carente de toda protección por parte del Estado, era tratado como carne de cañon”<sup>32</sup>. Sem esse apoio, os trabalhadores passaram a organizar movimentos de lutas pelo controle do aparelho que possibilitava juridicamente os privilégios às classes sociais dominantes, ou seja, o próprio Estado. Assim, as lutas sociais tinham como objetivo o próprio

---

<sup>29</sup> *Id. Ibid.* p.18

<sup>30</sup> *Id. Ibid.* p. 139

<sup>31</sup> *Id. Ibid.* p. 151

<sup>32</sup> *Id. Ibid.* p. 151

bem estar e como meio o domínio do Estado. Criticando esse modelo de política, em que os interesses públicos possuíam caráter de classe, Sívio Frondizi apontou que essa relação seria uma das causas fundamentais da desconfiança que caracterizava as instituições representativas do estado burguês-liberal.

Essa relação colocava em jogo a própria ideia de democracia, vista pelo então professor como uma democracia parcial, que vigorava apenas para a burguesia. A construção de uma democracia coletiva englobaria a formação de uma oposição capaz de enfrentar esse mundo burguês: o proletariado, ou as “massas”. Assim, “(...) el problema contemporáneo gira, tal como se ha visto, al redor del industrialismo, palanca que ha elevado a la clase obrera a un nivel suficiente como para entablar lucha con la clase dominante”<sup>33</sup>. Com esse processo de industrialização em voga, muitos grupos sociais excluídos da vida pública passaram a ganhar espaço, por meio da luta de classes. Além disso, perceberam a força de sua atuação e contribuíram para transformar uma democracia de tipo aristocrático, do início do século XIX, numa “(...) democracia en sentido amplio”<sup>34</sup>.

O avanço das classes populares colocou em perigo a situação das classes dominantes. Nesse contexto o capitalismo entrou em ação defensiva, que pode ser definida em duas etapas: “(...) en la primera, a la que podemos llamar etapa puramente defensiva, producida quando la situación económica y la realidad política no eran apremiantes, el capitalismo continuo defendiendo el sistema político de la burguesia liberal”<sup>35</sup>. Para realizar essa tarefa apregoou as ideias presentes na Revolução Francesa, em especial a de liberdade. Além disso, recorreu ao constitucionalismo. Essa etapa apresentou o capitalismo temeroso, principalmente no que dizia respeito ao desenvolvimento das forças operárias. As medidas de resistência foram várias:

Esta etapa se manifiesta por medidas de resistencia de diversa índole; por ejemplo, el manejo y dominio del complejo mecanismo económico por parte del capitalismo, le permitió continuar con el control político, aun en aquellos casos en que el gobierno había pasado a manos de las fuerzas populares; tal es lo que sucedió con el gobierno de *frente popular* en Francia. El conocimiento, por parte de los dirigentes de la revolución rusa, de tales posibilidades, explica la política que siguieron en su actuación.<sup>36</sup>

Essa situação, caracterizada em linhas gerais pela contenção do avanço das forças populares, por meio de concessões mínimas, controle dos meios de propaganda visando a

---

<sup>33</sup> *Id. Ibid.* p. 159

<sup>34</sup> *Id. Ibid.* p.160

<sup>35</sup> *Id. Ibid.* p.165

<sup>36</sup> *Id. Ibid.* p.160

desorientação dos trabalhadores perdurou na maioria dos países até a Primeira Guerra Mundial. O ponto crucial, que segundo Sívio Frondizi, transferiu a tática do capitalismo para uma ação ofensiva foi a revolução russa, momento em que o temor se transformou em pânico.

Nessa segunda etapa formaram-se os estados totalitários. As classes dominantes, no campo econômico e político, se veem favorecidas por duas situações: a incapacidade das forças populares e o apoio de poderosas forças políticas, entre elas a Igreja e a própria classe média. Ajustando contas com os intelectuais liberais e num momento de extensa crise dessa forma de pensar, o intelectual anticapitalista observa que nem mesmo as massas “fantasma de los intelectuales *liberaloides*” tinham condições de superar as fortes ações que marcaram a segunda etapa do sistema vigente.

Mas, se a década de 1940 trazia a tona na Argentina um pensador crítico em relação aos projetos da burguesia e completamente desesperançoso, nessa mesma década vemos Sívio Frondizi preencher o espaço destinado em seus escritos ao sujeito revolucionário. Foi quando publicamente tomou uma postura socialista e passou a creditar à classe trabalhadora a força revolucionária e transformadora capaz de continuar o progresso histórico. Essa reviravolta intelectual ocorreu num contexto de crise da intelectualidade liberal. Como bem apontou Horácio Tarcus, o período entre guerras assistiu a “(...) la crisis más aguda de la intelectualidad liberal, de sus motivos recurrentes, de sus valores, sus creencias y sus tradiciones”<sup>37</sup>. É recebendo influência direta desse momento histórico que Silvio Frondizi divulgou o fim do modelo racional que considerava o interesse individual como propulsor do bem estar geral. Esse pensamento estava em continuo descrédito, fruto das próprias contradições da civilização liberal. A expressão máxima dessa contraposição foram os conflitos a nível mundial.

O ajuste de contas da intelectualidade de então com essa concepção liberal de mundo encaminhou muitos profissionais teóricos a “(...) ensayar alternativas teóricas que dieran cuenta de las posibles salidas a la crisis del Estado y la sociedad liberales”<sup>38</sup>. Esse transtorno refletia-se na cultura intelectual argentina, que a partir de sua experiência local, rebatia o pensamento liberal, mas ao mesmo tempo tentava encontrar uma saída, que bem poderia ser por via democrática, ou por via socialista, e que em alguns casos acabou na admiração ao nazismo, como é o caso de Ramón Doll, que inicia a década de 1940 como um democrata,

---

<sup>37</sup> TARCUS, *Op.Cit.*, p. 45

<sup>38</sup> *Id. Ibid.*, p. 46

colaborando inclusive com revistas de cunho socialista como *Nosotros* e *Claridad y Sur* e termina admirador de Hitler e Mussolini <sup>39</sup>.

Timidamente, vemos o “primeiro Frondizi” escrever sobre as transformações na Argentina anotando a crise da burguesia local e destacando o peronismo como o grande fator de irrupção da crise global no país. Essa situação apresentou ao menos duas oportunidades aos intelectuais da época: aderir definitivamente ao populismo e sua visão de Estado ou converter-se num nostálgico defensor da sociedade burguesa-liberal combatendo o peronismo e a decadência da cultura burguesa. Como vimos, em *El Estado Moderno*, as dúvidas em relação a que caminho tomar atormentavam o então professor. Foi quando “El pretexto de un conflicto me llevó al medio de la calle a vivir personalmente la crisis” <sup>40</sup>. Em 1946, assumiu publicamente sua nova posição teórica: marxista crítico. O folheto *La crisis de la democracia*, de 1948, confirmou plenamente essa posição. Tendo como base marxistas como Henry Lefebvre, Maurice Dobb e Paul Sweezy passou a fazer leituras críticas da sociedade argentina. Além desses nomes, alguns representantes do marxismo humanista, Frondizi recorreu também a um grupo bastante heterogêneo de pensadores de cunho socialista. Desde o livro *El Estado Moderno* é possível perceber citações de Karl Jaspers, Karl Mannheim, Georg Simmel, entre outros. Mas o intelectual marxista não estava alheio as mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorriam na Argentina na década de 1940. Foi durante o peronismo que ele amadureceu ainda mais seu pensamento e aceitou deveras a evolução de seu “demônio socrático” de Locke a Rousseau e de Rousseau a Marx.

### 1.1.2. O “segundo Frondizi” e o marxismo crítico

#### 1.1.2.1. “*El pretexto de un conflicto*”: a Argentina no peronismo clássico (1945-1955)

A Argentina da década de 1940 estava em polvorosa. O golpe de Estado levado a cabo em 4 de junho de 1943 teve como principais representantes o general Arturo Rawson que antes mesmo de realizar os juramentos de posse foi substituído por outro general: Pedro Pablo Ramirez, antigo Ministro de Guerra. Desde o começo estava claro que o episódio representava a pluralidade de tendências existentes dentro do próprio grupo. A única questão comum entre eles girava em torno de que Patrón Costas não estava em condições de assumir o governo.

<sup>39</sup> *Id. Ibid.* p. 47

<sup>40</sup> FRONDIZI, Sílvio. *La realidad argentina*. La revolución socialista. Tomo II. 1ª Edição. Buenos Aires: Editora Práxis, 1956, p. 9.

Criou-se assim um “vazio no poder”, enquanto as mais variadas forças políticas do país se mobilizavam para tentar consenso junto à sociedade e vencer as eleições que viriam a ser anunciadas.

Enquanto o “vazio no poder” permanecia os militares no governo não tardaram a tomar iniciativas reacionárias. Em nome da ordem e objetivando calar a agitação condenaram a oposição comunista, perseguiram os sindicatos e intervieram na CGT (Confederação Geral do Trabalho). Os tentáculos fascistas atingiram também as universidades, o que segundo Luiz A. Romero deixou muitos professores da oposição desempregados. Em parceria com a Igreja Católica, entidade de cunho extremamente conservador no país, estabeleceu-se a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Segundo Torcuato Di Tella, a cidade de Tucumán, em cuja universidade Sívio Frondizi era professor sofreu intervenção levada a cabo por:

(...) Alberto Baldrich (filho do general), que pretendia realizar ali uma experiência piloto do que não hesitava em chamar de “nova ordem”, expressão posta em voga pelo regime alemão. Dizia “que para que a Argentina não fosse comunista, era necessário que fosse cristã, não só na ordem da fé, mas também na da organização social”.<sup>41</sup>

A sociedade civil e a sociedade política não tardaram em identificar o novo governo como nazi-fascista. A resistência à ditadura militar passou a agrupar, portanto, frações da oligarquia agrário-exportadora destituída, a burguesia industrial que por sinal estava diretamente ligada aos interesses estadunidenses, intelectuais que sofriam com as novas políticas (especialmente professores e universitários), partidos políticos privados de legalidade, como o PCA e por fim os Estados Unidos que viam com desconfiança a neutralidade e simpatia pró-germânicas do novo regime. Esse último, por seu lado, pressionou com força um dos únicos governos no continente que apresentava resistência no apoio à luta contra as forças do Eixo.

O impasse a respeito da posição a ser tomada frente à guerra estava formado dentro do próprio Ministério da Guerra. O Departamento de Estado, desde o início das mobilizações e discussões posicionou-se abertamente a favor dos Estados Unidos. Ramirez, que em 1944, decidiu pôr fim nas suas relações com o Eixo foi deposto por oficiais antiamericanos. Um, dentre os vários coronéis, começou a ganhar espaço e visibilidade: tratava-se de Juan Domingo Perón.

---

<sup>41</sup> DI TELLA, Torcuato S. *História social da Argentina contemporânea*. Brasília: FUNAG, 2010, p. 212.

A confusão gerada por este episódio foi aproveitada pelo grupo inspirado por Perón que destituiu Ramirez e substituiu-o pelo General Edelmiro J. Farrell, então Ministro da Guerra. Nas palavras de Di Tella a “(...) nova equipe era mais pragmática que a anterior e estava disposta a evitar uma política demasiado estrita de neutralismo”<sup>42</sup>. A promoção de Perón foi descrita por Romero:

Isolado interna e também externamente, o governo se viu em um beco sem saída, que, finalmente foi minimizado por um dos oficiais que na época tinha ascendido notavelmente dentro do governo: o coronel Juan Domingo Perón, um dos membros mais influentes do GOU, secretário de Farrell, o ministro da Guerra, e em seguida, ministro, quando Farrell substituiu Ramírez na Presidência, em fevereiro de 1944. Pouco depois, em julho e após se livrar de vários possíveis concorrentes, Perón tornou-se vice-presidente e a verdadeira alma do governo.<sup>43</sup>

E a importância de Perón para o novo governo em gestação confirmou-se quando o então vice-presidente destinou atenção especial ao movimento operário. Por meio da Direção Nacional do Trabalho, logo convertida em Secretaria do Trabalho, o coronel criou vínculos com vários dirigentes sindicais, que seriam importantes figuras políticas durante todo o período em que esteve no governo.

O panorama político nas eleições de 1945-1946 estava claro. De um lado vigorava o projeto peronista cujo discurso enfatizava melhorias sociais a serem conquistadas, a luta contra a oligarquia e contra o imperialismo ianque, aliado à promessa de se manter a ordem social. Do outro lado, a União Democrática incluía os partidos políticos interpretados por muitos como tradicionais, inclusive partidos de esquerda, como o PCA, além de vários grupos oligárquicos. Contavam com o apoio irrestrito dos Estados Unidos, cujo embaixador Spruille Braden, dono da Braden & Cooper, uma das corporações ianques com maiores interesses na América Latina<sup>44</sup>, era o principal porta-voz. Entre as insígnias do grupo opositor a Perón podemos citar: a luta contra o “nazismo peronista”, a exaltação da democracia, da liberdade e da Constituição Nacional. Em um contexto mundial em que o combate a qualquer forma de totalitarismo ganhava enorme adesão, a União Democrática soube se utilizar desse discurso para angariar votos. As velhas disputas entre conservadores *versus* UCR, UCR *versus* PS-PDP (Partido Democrata Progressista), PS *versus* PCA cediam lugar à unidade de todos contra o que alguns partidos chamavam de nazismo.

---

<sup>42</sup> *Id. Ibid.* p. 214

<sup>43</sup> ROMERO, *Op.Cit.* p. 93

<sup>44</sup> COGGIOLA, Oswaldo; BILSKI, Edgardo. *História do movimento operário argentino*. 1ª Ed. São Paulo: Xamã, 1999, p. 100.

A vitória de Perón atestou o surgimento de um governo representativo da burguesia industrial e que perduraria, em seu “período clássico” até 1955. Com a presidência nas mãos, Perón e seu grupo de confiança trataram de controlar ainda mais o Estado. Para tanto, o coronel colocou seus partidários no Congresso Nacional, parlamentos provinciais e órgãos municipais. As eleições de 1946 foram comemoradas intensamente pelo Movimento Peronista, já que ao assumir a presidência Perón encontrava-se com uma ampla base de apoio. Mais de dois terços dos mandatos de deputados e a quase totalidade do Senado estavam nas mãos de correligionários de Perón. Apenas nas províncias de San Juan e Corrientes a oposição saiu vitoriosa. Sem dúvidas, os anos iniciais do governo de Perón foram marcados pelo bom momento econômico. Com o velho continente arrasado, a Argentina dispunha de um saldo positivo no comércio exterior e tinha um valor de 1.425 milhões de dólares em reservas de ouro e divisas<sup>45</sup>. Se a Europa estava em paz, é verdade que também estava faminta. Havia muitas bocas para alimentar e isso deixou os latifundiários argentinos eufóricos. O bom momento foi coroado pela retórica anti-ianque, bem como pela difusão, por parte do governo, da doutrina da “terceira posição”, que em linhas gerais se caracterizava pelo distanciamento tanto do comunismo como do capitalismo e a adesão do justicialismo.

Perón levou a cabo, nos primeiros anos de seu governo uma política de nacionalização intensa. O Banco Central, as linhas telefônicas, de trens e de gás foram nacionalizadas, com uma intensa propaganda de “libertação econômica” do imperialismo estrangeiro. A oligarquia foi combatida veementemente, em discursos inflamados, mas que deixavam claro ao mesmo tempo a dificuldade da constituição de um projeto capaz de verdadeiramente expressar políticas de libertação nacional. O Estado benfeitor contribuiu de forma dinâmica para melhorar o nível de vida, principalmente com o congelamento de aluguéis, o estabelecimento de salários mínimos e máximos de acordo com a função e aptidão, com melhorias na saúde pública, construção de escolas, organização do sistema de aposentadorias, entre outros.

Foi nessa Argentina eufórica que Sívio Frondizi se encontrava quando da sua guinada ideológica. Um momento extremamente difícil para qualquer militante de esquerda. Em Tucumán, no ano de 1943, quando iniciou-se o processo do governo provisório e antecessor do peronismo, um grupo de militares avançou sobre a universidade local com o objetivo de intervir no corpo docente e na política local. No mês de novembro do mesmo ano Frondizi apresentou uma carta renunciando o *Consejo Academico* da universidade, do qual era um dos

---

<sup>45</sup> KAPLAN, *Op.cit.* p.43

principais representantes. No ano de 1946, depois de ser desligado de todos seus cargos docentes se instalou em Buenos Aires, epicentro das principais movimentações políticas.

#### 1.1.2.2. O retorno a Buenos Aires e a militância socialista

Na capital do país Sívio trabalhou juntamente com o irmão Arturo Frondizi como advogado, num escritório no centro da cidade. Conhecido nos principais círculos da intelectualidade bonarense, principalmente pelo sucesso do livro *El Estado Moderno*, lançado pela prestigiada Editora Losada, trabalhou no *Colegio Libre de Estudios Superiores*. Nesse ínterim conheceu inúmeros estudantes que seriam preciosos colaboradores no futuro, como Marcos Kaplan, Ricardo Napuri, José Saúl Wermus, conhecido sob o pseudônimo de Jorge Altamira, Ricardo Sidicaro, Eugenio Werden, entre outros <sup>46</sup>. Essa aproximação com jovens estudantes, especialmente da área do Direito, da História e da Sociologia foi fundamental para a formação do *Movimiento de Izquierda Revolucionario Praxis*, bem como para a elaboração de sua principal obra, *La Realidad Argentina*.

Nos anos que vão da vitória peronista até o início da década de 1950 encontramos um conhecido “marxista independente” criticando veementemente o governo peronista. Mas além da crítica tecida ao peronismo, que iremos analisar mais detalhadamente no terceiro capítulo, as forças de esquerda, leia-se PCA e PS, não escaparam das severas ponderações. Estudando a posição desses partidos frente as eleições de 1945, foi publicado em setembro do mesmo ano, um artigo intitulado *Actualidad de los estudios políticos*. Frondizi escreve: “(...) Nuestro país es un elocuente ejemplo de lo que decimos. La crisis política que le aqueja desde varios años se debe, entre otras cosas, a la desorientación ideológica que domina tanto a los partidos como al pueblo.” <sup>47</sup>

O triunfo do peronismo, como ele mesmo anotou mais adiante foi fruto de “(...) nuestra propia incapacidad” <sup>48</sup>. A primeira tentativa de analisar sob um viés marxista a realidade do país aparece no folheto *La crisis política argentina. Ensayo de interpretación ideológica*, lançado em 1946. Encontramos no texto um professor já comprometido com uma visão marxista crítica da realidade, e se distanciando do “primeiro Frondizi”, marcado pelo

<sup>46</sup> BRIENZA, *Op. Cit.* p. 50-51

<sup>47</sup> FRONDIZI, Sívio. *Actualidad de los estudios políticos*. In: *Doce años de política argentina*. Ediciones Praxis. Buenos Aires, 1958, p.20.

<sup>48</sup> *Id. Ibid.* p. 18

afastamento de qualquer postura objetiva. Nessa primeira leitura encontramos um militante comprometido com o caráter científico de seu trabalho. Procurando colocar a limpo a ordem das forças políticas vigentes, Sílvio Frondizi destaca que o movimento de 4 de junho objetivou salvar as forças reacionárias do país “(...) amenazadas por la incapacidad de los hombres gobernantes”<sup>49</sup>. Apesar do compromisso com um viés marxista ainda existia em Frondizi resquícios do niilismo da primeira fase. Assim, “(...) como la masa no está preparada para la tarea que le impone su nueva condición (...) es fácil presa del confusionismo reinante”<sup>50</sup>. Tal despreparo, entretanto, não tirava o poder que emanava das massas. Ao taxar o peronismo de messianismo, ele escreve que esse fenômeno “(...) puede y debe ser combatido, canalizando por el verdadero camino la potente fuerza espiritual de las masas”<sup>51</sup>.

O desencontro do então professor com a esquerda representada pelo PCA e PS surgiu dessa crítica. Ou seja, da incapacidade de ditas forças apresentarem um programa autônomo de revolução que realmente integrasse a massa dos trabalhadores. Além disso, o ideário de “revolução por etapas”, sancionado pela Internacional Comunista em 1935, que validava aos PCs a aliança com as “burguesias progressistas” para a realização da revolução democrático-burguesa não tinha espaço no pensamento de Frondizi, que desde suas primeiras obras registra exatamente o desgaste dessa burguesia.

É aqui que reside a especificidade e a grande contribuição do militante para o marxismo argentino. Ele faz parte de uma camada de intelectuais preocupados exatamente em apresentar a burguesia nacional como débil e incapaz de levar a cabo transformações sociais e políticas que realmente apresentassem mudanças na estrutura do país. Numa reportagem concedida a Carlos Strasser, para o livro *Las Izquierdas en el proceso político argentino* a crítica aos partidos majoritários aparece sem ressalvas:

El Partido Comunista pudo convertirse en una salida a la crisis del socialismo; pero al abandonar el camino revolucionario para actuar en función de los intereses nacionales de la burocracia stalinista, perdió la oportunidad de ganar dirección política de nuestro proletariado.<sup>52</sup>

Mas não foi apenas com o PCA que Frondizi não se entendeu. Evitando um contato com grupos trotskistas, elaborou uma teoria para entender o processo mundial: *integración mundial del capitalismo*. Em linhas gerais tal tese apresentava o surgimento, no período pós

---

<sup>49</sup> *Id. Ibid.* p. 29

<sup>50</sup> *Id. Ibid.* p. 33

<sup>51</sup> *Id. Ibid.* p. 33

<sup>52</sup> FRONDIZI, Sílvio. In: STRASSER, Carlos. *Las izquierdas en el proceso político argentino*. Palestra: Buenos Aires, 1959, p. 28.

guerra de uma terceira etapa no desenvolvimento do capitalismo. O capital estava se internacionalizando debaixo da soberania estadunidense. As colônias sofreram, nesse processo, uma transformação abrupta, passando a serem semicolonias, com mais independência política, sofrendo ao mesmo tempo uma agudização do avanço do imperialismo no aspecto econômico. É o tempo da industrialização leve e ao mesmo tempo do entrelaçamento do capital internacional com o capital nacional. Como Tarcus bem apontou a respeito dessa leitura, ela apresenta uma ruptura em dose dupla: “(...) por un lado con el pensamiento jurídicista, al reconsiderarla problemática de la ‘soberanía nacional’ (...) por otro con el horizonte teórico y político del comunismo oficial”<sup>53</sup>. Em síntese: as esquerdas corriam o risco de substituírem seu discurso combativo (socialismo X capitalismo) em nome da emancipação nacional (liberdade X totalitarismo). Rodolfo Puiggrós, importante líder comunista refutou tal tese acusando Frondizi de revisionista e discípulo de Kautsky.

Os anos que vão de 1947 até 1955 apresentam um militante afastado da prática docente universitária, apesar de continuar como professor do *Colegio Libre de Estudios Superiores*. Com tempo suficiente, dedicou-se aos estudos, principalmente da realidade argentina e teoria marxista. Serão anos frutíferos, que redundariam na elaboração de sua principal obra, bem como de textos complementares fundamentais e críticos. Além disso, o círculo de amigos e colaboradores tornou-se cada vez mais amplo. Ao ler Rodolfo Mondolfo, Lefebvre, Lênin, Marx, Trotsky e outros teóricos, a tese sobre a realidade mundial e o desenvolvimento das forças do capitalismo foi amadurecendo. A segunda parte do livro *La realidad argentina* é um importante tratado sobre teoria marxista, com citações dos autores acima mencionados. Em síntese, encontramos Frondizi preocupado com a sistematização e a atualização do pensamento marxista e com o desenvolvimento de uma tese concreta sobre a realidade material do país.

Essas produções foram frutos das aulas dadas no *Colégio* e que posteriormente foram aprofundadas em discussões que realizava com colaboradores e admiradores, tanto em seu escritório como nas serras de Córdoba, lugar que passou a frequentar com assiduidade desde 1946, quando uma infecção pulmonar obrigou-o a respirar novos ares. O prestígio teórico de Sílvio Frondizi circulava em âmbito nacional e o sobrenome Frondizi passaria a ser conhecido em toda a Argentina, até porque serão anos de fortalecimento da oposição radical ao governo Perón. O principal representante dessa oposição foi Arturo Frondizi, futuramente presidente.

---

<sup>53</sup> TARCUS, *Op.Cit.*, p.84

No decorrer dos anos 1950 uma centena de jovens organizaram-se debaixo do MIR-Práxis (*Movimiento de Izquierda Revolucionária Práxis*) liderado por Frondizi. Muitos dos colaboradores se tornariam na década de 1960-1970 importantes teóricos de variados segmentos da esquerda nacional. Além disso, contribuiriam de forma decisiva na principal obra: Marcos Kaplan com as investigações relativas a economia; Ricardo Napurí com temas da América Latina; Sergio Romero e Román Frondizi com pesquisas sobre o radicalismo são alguns exemplos.

Em 1954 publicou pela primeira vez sua principal obra, com uma advertência que representava exatamente a trajetória de análise a respeito do Estado e da realidade do país, bem como as transformações no seu próprio campo de pensamento pessoal:

Dedicados desde hace tiempo a redactar un volumen sobre La Crisis del Estado Moderno, hemos creído conveniente suspender nuestra labor para dedicar atención al problema argentino; y hemos hecho tal cosa porque para nosotros, que profesamos la doctrina del materialismo dialéctico, la actividad tiene, además de un contenido científico, un significado integralmente humano, el que puede definirse en relación al comportamiento frente a los acontecimientos. Este comportamiento, que se define como práxis- actividad teórico-práctica- encierra dos aspectos dialeticamente unidos, el individual y el social. En esta forma cumplimos con nosotros mismos y prestamos ayuda a todo aquel que sienta en carne propia la situación del país, y busque darle una solución de acuerdo con la marcha de la situación mundial.<sup>54</sup>

Opondo-se à esquerda nacional popular, que sob influência do populismo começava a formar quadros e angariar intelectuais e combatendo ao mesmo tempo as tendências de esquerda majoritária, em especial a comunista e a socialista, o MIR-Práxis emergia como um grupo alternativo. Foi fundada uma editora própria, intitulada Práxis que publicou inúmeros trabalhos importantes e dois órgãos de esclarecimento político: *Liberación* (que acabou tendo único número publicado em novembro de 1955) e *Revolución* que circulou por cinco anos, entre 1955-1960. No prefácio da obra de Marcos Kaplan, *Economía y política del petróleo argentino (1939-1956)*, publicado em 1957, Frondizi destacou o MIR como uma alternativa:

Nuestra posición nos diferencia de las soluciones dadas por otros movimientos de izquierda. Del *socialismo de la Segunda Internacional*, en cuanto éste niega el salto cualitativo como condición necesaria para la transformación socialista, empatanándose así en el reformismo y en la adaptación servil al sistema capitalista.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> FRONDIZI, Sívio. *La Realidad Argentina*. El sistema capitalista. Tomo I. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957. p. 9.

<sup>55</sup> FRONDIZI, Sívio. In: KAPLAN, Marcos. *Economía y política del petróleo argentino (1939-1956)*. 1ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957. p. 8-9.

Se o Partido Socialista recebia uma severa crítica, o Partido Comunista não escapava: “Nos diferenciamos por outra parte del *movimiento stalinista* en cuanto éste ha llegado a parecerse al reformismo socialista, y además porque há aplastado la personalidad, el espíritu crítico y la actividad creadora de sus militantes (...)”<sup>56</sup>. Além da crítica àquela fração que Frondizi considerava stalinista, o trotskismo da Quarta Internacional também estava esgotado como perspectiva revolucionária, isso porque a “(...) lucha contra el stalinismo la ha (*Cuarta Internacional*) limitado desde su nacimiento, imponiéndole un carácter negativo de mera antítesis simétrica y no de síntesis superadora de aquel”<sup>57</sup>. Esbanjando e afunilando as críticas ao trotskismo argentino e internacional, Sílvio Frondizi dá os primeiros passos para outra mudança estrutural na sua forma de pensar e militar: “(...) ello ha conferido al trotskismo casi todas las limitaciones del stalinismo (sectarismo, burocratización, pequeñez, atraso teórico), lo ha enquistado y divorciado de los grandes movimientos de masas de los últimos años”<sup>58</sup>.

Num contexto onde muitos grupos trotskistas lançavam-se a prática frente às forças peronistas, Frondizi preocupava-se principalmente em preparar teoricamente o grupo que dirigia. Com uma matriz leninista de organização, o movimento passou a se compor por células com um comitê central. Essa situação e metodologia de disposição, como bem observou Tarcus, foi fator fundamental para que recebessem a definição de “grupo teórico”, descomprometido com uma atuação militante prática<sup>59</sup>. Foram batizados de intelectuais de gabinete.

Mas a lógica do grupo e a personalidade política do movimento só pode ser entendida num contexto de oposição a hierarquia stalinista, bem como a burocratização enfrentado pelos mais representativos partidos. A formação doutrinária se encontrava dentro de uma concepção global, em que a militância é vista como “(...) una praxis integral antes que como rutina de activista”<sup>60</sup>. Antes de qualquer mobilização havia a necessidade de elaborar um programa, um projeto que desse conta de abarcar não apenas a realidade concreta e material do país, mas sim as possibilidades de revolução por parte da classe trabalhadora. Foi pensando nisso que Sílvio Frondizi estendeu a crítica para aliança do PCA com a UD. A prática, antes de uma análise pormenorizada da situação nacional lançou a esquerda comunista a uma aliança que nitidamente mostrou-se um fracasso histórico.

---

<sup>56</sup> *Id. Ibid.* p. 9

<sup>57</sup> *Id. Ibid.* p. 9

<sup>58</sup> *Id. Ibid.* p. 9

<sup>59</sup> TARCUS, *Op. Cit.* p. 144

<sup>60</sup> *Id. Ibid.* p. 144

Acreditando no poder da vanguarda, a organização política que o grupo tentou construir enfrentou o desafio de não ser apenas instrumento para a tomada do poder, mas sim a combinação dessa situação com a prefiguração de uma nova sociedade. Qualquer fetichismo em torno dos líderes geniais e infalíveis foi combatido com o poder que emanava das classes populares e a criatividade dos militantes e simpatizantes organizados por um projeto em comum, o da revolução socialista <sup>61</sup>.

Criticando a centralidade partidária, e destacando o que faltava ao movimento operário nacional Frondizi escrevia em 1959:

La única falla que puede indicarse es cierta falta, aún sufrida, de plena y lúcida conciencia de clase y de capacidad organizativa de lucha. Esta falta proviene de varias causas; una de las principales esta dada por la inexistencia de una dirección consciente. Creemos que en Latinoamérica están dadas las condiciones para una revolución socialista, pero nos faltan todavía algunas condiciones subjetivas. Claro está que el análisis de esta situación significa resolver el grave problema- talvez el más grave que enfrenta la revolución socialista en el mundo- sobre las relaciones entre masa, partido y dirección.<sup>62</sup>

Esse grave problema, entretanto, estava sendo alvo de solução por parte do MIR, que mediante a formação de militantes no meio fabril e intelectual, procurava formar quadros de condutores sociais. Evitando o fracasso, a ascensão revolucionária no país, cujas condições já encontravam-se maduras, deveria encontrar uma liderança revolucionária preparada, independente em relação a burguesia, numerosa e capaz.

O primeiro requisito que essa liderança deveria considerar residia exatamente na “(...) creencia en la jerarquia de la masa obrera y en la necesidad de acatar los dictados de la magnífica capacidad creadora de las masas populares” <sup>63</sup>. Em seguida caberia às lideranças nacionais visualizarem quais forças e classes poderiam ser consideradas aliados em potencial. Em 1959, quando concedeu a entrevista a Straesser, Frondizi considerava que a pequena burguesia pauperizada poderia ser concebida como uma coligada em potencial, já que ela sofria diretamente as consequências da concentração do monopólio estrangeiro e da grande burguesia.

Em suma, o MIR expressava-se como um movimento alternativo num contexto de centralização partidária. A autonomia apregoada apresentava-o como uma opção aos muitos jovens desejosos de ingressarem numa organização política que contava com um

---

<sup>61</sup> *Id. Ibid.* p. 145

<sup>62</sup> FRONDIZI, In: STRASSER, *Op. Cit.* p. 30

<sup>63</sup> *Id. Ibid.* p. 31

representante já famoso no cenário político e intelectual nacional. Frondizi reuniu em torno de si, no final da década de 1950 e início dos anos 1960 inúmeras figuras: a de teórico marxista, construída a partir da ruptura com a concepção liberal de mundo em frangalhos nesse contexto, a de político revolucionário, erigida sob a égide do MIR e da militância, bem como da publicação de inúmeros folhetos e obras por meio da editora Práxis, e a de professor com apoio da juventude estudantil bonarense. O encontro com o Che, em 1960 coroou o reconhecimento nacional de Frondizi como um intelectual comprometido com a classe trabalhadora.

Sentadas as bases do novo movimento que surgia nos círculos da esquerda, Horácio Tarcus destaca que o MIR-Práxis emergia como uma opção frente a “(...) una izquierda tradicional comprometida con el antiperonismo ‘gorila’, el golpe militar de 1955 o el apoyo a la intransigencia”<sup>64</sup>. A Revolução Cubana e seus desdobramentos irão influenciar diretamente o rumo dos partidos e dos grupos de esquerda em toda América Latina. Sob a égide desse evento, Sívio Frondizi viajou a Cuba no mês de maio de 1960. Fruto dessa experiência em solo cubano foi o livro *La revolución cubana, su significación histórica*, publicado em 1961. O movimento levado a cabo por Castro e os guerrilheiros foi considerado pelo intelectual argentino como o início da derrota do imperialismo na América Latina. Debatendo abertamente com os líderes e representantes do comunismo tradicional argentino, as críticas se dirigem a dois extremos: o do pacifismo e a ideia de coexistência pacífica entre classe; e o da concepção de revolução por etapas, que colocava as revoluções burguesas como entreposto na luta pela sociedade socialista.

Sobre a Revolução Cubana, escreve Frondizi:

La revolución cubana tiene como significación histórica fundamental, la de haber roto definitivamente ‘con el esquema reformista, y en particular con el estúpido determinismo, casi fatalismo geopolítico’. En ese sentido implica el triunfo de nuestra tesis en la larga lucha doctrinaria llevada a cabo contra los comunistas argentinos y latinoamericanos (...).<sup>65</sup>

Dois anos antes da visita a Cuba, Frondizi já havia retornado a cadeira de Direito Político na *Universidad Nacional de La Plata*. Esse momento é fundamental na trajetória política e intelectual do professor universitário. Ao posicionar-se, estende sua desaprovação ao PCA, bem como ao grupo trotskista liderado por Nahuel Moreno, que analisaremos com

<sup>64</sup> TARCUS, *Op.Cit.* p.149

<sup>65</sup> FRONDIZI, Sívio. *La revolución cubana*. Su significación histórica. 1ª Edição. Montevideo: Ciencias Políticas, 1960, p. 164

mais detalhes no capítulo 2, e ao próprio Jorge Abelardo Ramos. A margem desses grupos e até mesmo da IVª Internacional a crítica aos principais agrupamentos de esquerda no país se faz presente na entrevista concedida a Straesser. Ao destacar as eleições de 1958, vencidas pela fórmula do radicalismo de Arturo Frondizi, escreve o irmão deste:

Por eso creemos, que haya sido acertado el apoyo de ‘la extrema izquierda a la candidatura de Arturo Frondizi’. Por lo que hace al Movimiento de Izquierda Revolucionaria Práxis, fue el primer en alertar sobre el peligro que entrañaba este gobierno para el proletariado y para el país. Si algún partido de izquierda apoyó a esa candidatura, lo hizo en abandono a las posiciones revolucionarias, cosa que bien caro estará costando ahora.<sup>66</sup>

Uma alternativa que Sívlio Frondizi propunha, depois da crítica às instituições partidárias ligadas ao PCA e ao morenismo seria a instalação de uma Internacional Latinoamericana. Ao mesmo tempo, essa Internacional surgiu como um órgão de supressão a qualquer alternativa nacional para se chegar a revolução socialista. O grau de interdependência que as relações econômicas, sociais, políticas e ideológicas haviam alcançado dentro dos marcos do capitalismo, bem como a maturidade da situação econômica mundial suprimiam a necessidade de uma política democrático-nacional. Nesse ponto a crítica se estende a Internacional Stalinista e as frações trotskistas:

Por ello no significa tampoco que la marcha argentina y latinoamericana hacia el socialismo deba comenzar fatalmente por el sometimiento inicial y sin condiciones a los intereses y exigencias de la Internacional Stalinista, ni a las pretensiones del liderazgo de algunas ficciones Trotskistas de *La Internacional*.<sup>67</sup>

A proposta de Frondizi girava em torno da constituição de um poderoso movimento socialista revolucionário, com estruturas e programas próprios e autenticamente marxistas. Tal tarefa deveria ser realizada não apenas nacionalmente, mas também num contexto continental em cooperação com movimentos similares em toda América Latina. Isso seria suficiente para sentar as bases de uma “(...) especie de Internacional Latinoamericana, tarea ya posible y en la qual trabaja activamente el Movimiento de Izquierda Revolucionaria Praxis”<sup>68</sup>. Essa constituição histórica de uma Internacional independente daria possibilidades ao surgimento de uma Internacional revolucionária em escala mundial. Sem esse caminho seria impossível o triunfo da “Revolución Socialista Mundial”.

<sup>66</sup> FRONDIZI. In: STRASSER, *Op. Cit.* p. 33

<sup>67</sup> *Id. Ibid.* p. 34

<sup>68</sup> *Id. Ibid.* p. 35

### 1.1.3. O “terceiro Frondizi” e a defesa dos trabalhadores e militantes

A terceira fase que marcou a trajetória de Sílvio Frondizi iniciou-se com a súbita crise que atingiu o MIR-Práxis, fruto da repressão que abarcou os agrupamentos de esquerda no início dos anos 1960. O movimento, junto com outras inúmeras organizações de esquerda foi posto na ilegalidade, num contexto de afunilamento das pressões do Estado sobre a sociedade civil, marcado principalmente pelo *Plan Conintes*, levado a cabo durante o governo de Arturo Frondizi e que liberava as Forças Armadas para reprimir as greves e toda manifestação dos trabalhadores. Além disso, os intelectuais organicamente vinculados aos movimentos dos trabalhadores, em caso de participação nesses eventos, seriam colocados debaixo das jurisdições dos tribunais militares.

O ano de 1961 foi o momento em que o grupo Práxis sofreu uma guinada ideológica. O órgão principal, *Revolución*, foi substituído por *Movimiento*, e o grupo buscou identificar-se com uma política voltada para um movimento popular, algo muito complicado na Argentina que mantinha muitos quadros do operariado extremamente vinculados ao populismo e ligados umbilicalmente a CGT. Esse ano seria também “(...) el principio del fin del MIR-Praxis, su disgregación en un sinnúmero de grupos que alimentarán a diversas corrientes y formaciones de la nueva izquierda de los años 60”<sup>69</sup>. É impossível afirmar que a nova esquerda argentina, que emergia com força na década de 1960, tenha surgido dessa cisão, mas é fundamental destacar que o agrupamento liderado por Frondizi contribuiu para a formação de uma geração de teóricos marxistas que farão uma leitura crítica da realidade do país e do próprio socialismo e estabelecerão novos marcos de luta para a classe trabalhadora. A dita “*nueva izquierda de los sesenta*” deve muito ao trabalho de formação teórica levado a cabo dentro do MIR-Praxis que formou uma geração de intelectuais já citados anteriormente.

É o momento de uma mudança teórica do próprio Frondizi, visível principalmente num folheto publicado em 1961, intitulado *Bases y puntos para una solución popular*. A revolução socialista, detalhada no livro *La realidad Argentina* e no próprio jornal *Revolución* passou a ser substituída pela dita *solución popular*. Valorizou-se o nacional, a ideia de libertação dentro do país como caminho para a construção de uma Argentina socialista.

Notamos nessa etapa um Frondizi completamente humanista, preocupado principalmente com questões em torno das noções de justiça/injustiça; opressão; poderosos, entre outros. Questões de cunho teórico, enormemente aprofundadas nas suas obras, com

---

<sup>69</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 366

citações enormes de Marx, Lenin, Trotsky e outros são deixadas de lado, bem como o programa de solução socialista para a América Latina que propõe no primeiro tomo de sua principal obra. Encontramos aqui um intelectual preocupado principalmente com uma total integração das classes populares. Os velhos fantasmas do anticapitalismo romântico voltaram a assombrar o militante, principalmente quando procurou destacar as disparidades entre a centralização do poder econômico nas mãos de uma pequena parcela e a negação dos direitos ao povo, bem como o sufocamento que a classe dominante exercia sobre a população, em especial no abafamento do direito considerado inalienável dos povos serem governados por si mesmos.

Ao estudar a história da Argentina no século XIX e a constituição desse espaço como nação, Frondizi esclareceu um pouco seu posicionamento em relação à soberania nacional no livro *Argentina: La autodeterminación de su pueblo*, publicado em 1963 para uma edição coletiva pela Universidade Nacional Autônoma do México e que recebeu uma segunda edição em 1973. A organização social do país, em meados do século XIX apresentava uma burguesia com ares de franca unidade nacional. Tendo esse projeto falhado, dita classe recorreu ao federalismo que colocou “(...) al final a los pueblos de la República de rodillas ante el gobierno central”<sup>70</sup>. Essa burguesia nacional contou com o apoio da oligarquia para o estabelecimento de um projeto econômico e político que centralizaria o poder no litoral do país e integraria o país ao mercado capitalista mundial. Essa situação complicou-se quando a burguesia mundial entrou em crise. Segundo Frondizi:

En estos momentos, la corriente popular pasa a primer plano y lo hace en el terreno de los hechos. Pero puede hacerlo también, apoyando su acción en el fondo de nuestra historia; esta nos ha mostrado, a traves de su estudio, todas sus luchas, sus sacrificios, sus desvelos, sus esperanzas. Mas aún, algo que parecería increíble, la corriente popular puede luchar basada incluso en los principios fundamentales que conforman nuestra Constitución, que como lo hemos dicho y repetido cien veces, es de tipo burgues-liberal. En efecto, es posible encontrar en ella los fundamentos de la democracia, es decir, de aquel sistema en que el pueblo es el soberano y titular constituyente de la Nación.<sup>71</sup>

A solução para o país saía do plano duma transição de poder, anteriormente defendida e passaria ao plano duma luta pela realização dos marcos da Constituição nacional, apresentada como possibilidade de democracia.

---

<sup>70</sup> FRONDIZI, Sívio. *Argentina. La autodeterminación de su pueblo*. Buenos Aires: Ciencias Políticas, 1973, p. 161.

<sup>71</sup> *Id. Ibid.* p. 162

Essa nova guinada que vai caracterizar os primeiros anos do “terceiro Frondizi” ocorreu, como destacou Tarcus, num momento em que o militante acabara de regressar de sua estadia na Europa. A experiência adquirida no velho continente, aliada a viagem a Cuba e o contato com o guevarismo permitiram um período de reflexão sobre a prática política que vinha realizando no país, frente ao MIR. Os acontecimentos que possibilitaram o avançar da Revolução Cubana se caracterizaram principalmente pelo descompasso com o intelectualismo o que gerou em Frondizi profundas dúvidas a respeito da “(...) construcción de un organización revolucionaria a partir de una prédica fundamentalmente intelectual”<sup>72</sup>.

A ruptura que marcou a transição do “segundo” para o “terceiro” Frondizi, aproximadamente em 1961 selou também o destino do próprio movimento. Num contexto em que a maioria dos trabalhadores encontravam-se castrados debaixo da CGT, bem como da Revolução Cubana, um grupo prioritariamente teórico dificilmente teria suporte para permanecer produzindo. O afastamento de muitos colaboradores marcou a crise definitiva do MIR. Napurí partiu para Cuba e depois para o Perú, onde acabou organizando um movimento semelhante ao qual participou na Argentina. Kaplan, depois de quinze anos trabalhando com Frondizi distanciou-se do antigo mentor discretamente<sup>73</sup>.

Nos anos que se seguem Frondizi tentou reagrupar forças e angariar colaboradores para o novo projeto que havia desenhado em 1960-1961. A intenção de criar uma grande movimento nacional-popular e o destaque dado ao povo argentino como elemento chave da transformação social afastou ainda mais o intelectual dos elementos mais centrais da esquerda. Frondizi passou a ser considerado um herege, tanto pelo trotskismo, como pelo comunismo local. Foi nesse sentido que fez a crítica as organizações trotskistas desde o folheto *Bases y puntos*, destacando que: “(...) En cuanto el trotskismo, ha llegado a tener muchas de las limitaciones del partido comunista (sectarismo, burocratismo, pequeñez) y ha estado divorciado de los grandes movimientos de masas”<sup>74</sup>. O afastamento dos agrupamentos políticos da esquerda argentina acabou relegando seu pensamento a um segundo plano, o que, contudo, não se justifica, quando pensamos a intensidade e o comprometimento com a causa operária de boa parte da produção e da *práxis* que marcou sua trajetória.

Os anos que vão de 1965 até 1974, data de sua morte, serão anos de pouca produção teórica. O militante centrou suas atividades em torno do trabalho em prol dos presos políticos

---

<sup>72</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 369

<sup>73</sup> *Id. Ibid.* p. 370

<sup>74</sup> Frondizi, Sílvia. *Bases y puntos de partida para una solución popular*. Editorial Ciencias Políticas, 1961.p.3.

e sindicais. Em pleno período ditatorial, enfrentou a repressão de cabeça erguida, defendendo judicialmente os envolvidos com as manifestações e organizações contrárias ao regime. Sem representar nenhum partido político mas atento aos acontecimentos do país, bem como aos desdobramentos dos grupos de esquerda, usou toda a bagagem intelectual, angariada em décadas de pesquisa para produzir as duas últimas obras: *Teorías Políticas contemporâneas* (1965) e o já citado *Argentina: la autodeterminación de su pueblo* (1973). Não obstante a pouca produtividade o então professor mantinha uma reputação política em nível nacional inestimável. Apesar de ter rompido com muitos de seus colaboradores, o que significou o fim do sonho de construir um organismo revolucionário, Frondizi mantinha extenso contato com o movimento estudantil argentino, em especial o da *Universidad de Buenos Aires*. O início do regime militar trouxe consigo perda dos cargos de docência. Em 1966 foi afastado em definitivo da universidade, função que recuperou em 1973.

Num contexto de crescente crise de hegemonia das classes dominantes argentinas, bem como da reconfiguração dos quadros de esquerda, Frondizi foi procurado por inúmeros membros dos novos agrupamentos políticos para contribuir teoricamente. A formação do PRT (*Partido Revolucionário de los Trabajadores*) em 1965 surgido da ruptura do morenismo com as práticas do entrismo e inicialmente vinculado a IV<sup>a</sup> Internacional, logo dividido em PRT *El Combatiente*, liderado por Mario Santucho e PRT *La Verdad*, liderado por Nahuel Moreno representava as variadas tendências dentro do trotskismo argentino. O PRT liderado por Santucho, em 1970, tomou uma postura mais aguerrida, fruto das repressões levadas a cabo pela ditadura. Por meio do *Ejército Revolucionário del Pueblo* (ERP) lançou-se a luta armada<sup>75</sup>. Durante os anos 1972-1974, Frondizi despreendeu inúmeros esforços em defender os presos políticos do ERP que geralmente entravam em confrontos com os montoneros.

Mas o ano de 1972 marcou a volta à publicação jornalística. Juntamente com figuras “independentes” da esquerda argentina, como Enrique Walker, Alicia Eguren, Rodolfo Ortega, Eduardo Duhalde, entre outros, Sívio Frondizi publicou o *Nuevo Hombre*. Walker, o fundador do jornal, abandonou-o em 1972 e Frondizi assumiu as rédeas do mesmo. As eleições de 1973, que mais uma vez culminaram no retorno de Perón ao poder, foi um dos vários temas abordados por Frondizi no jornal e o peronismo mais uma vez foi fortemente criticado.

---

<sup>75</sup> TARCUS, *Op.Cit.* p. 419

Con la agudización del proceso político, la escalada de violencia y la creciente militarización del Estado, su actividad de abogado de presos políticos y gremiales de la izquierda se hace cada vez más riesgosa y su inmunidad cada vez más relativa. Pero Frondizi, aún presintiendo el trágico desenlace de la contienda, desoye cualquier advertencia y sigue su camino.<sup>76</sup>

O confronto se estreitou ainda mais com a tentativa de defesa, em fevereiro de 1974, de alguns presos envolvidos em uma tentativa de tomar o *17º Regimiento de Infantería Aerotransportado de Catamarca*. O governo refutou fortemente o ataque. Muitos morreram e os que sobreviveram foram defendidos por Julio César Marcolli, Alfredo Curutcher e Sílvio Frondizi. Dias depois uma conferência de imprensa foi convocada e Frondizi apontou, através dos laudos e da perícia médica que os combatentes de Catamarca não foram mortos em luta, mas sim friamente executados. A repercussão das informações foi enorme, já que o órgão responsável pela repressão dos militantes eram as próprias Forças Armadas do país. Na sua declaração Frondizi havia acusado o comissário da Polícia Federal, Alberto Villar de haver presidido a tortura contra os guerrilheiros. O chefe da polícia era, na verdade, um dos cabeças da Triple A (*Alianza AntiComunista Argentina*), grupo que depois da morte de Perón em 1974, desatou uma forte repressão contra os partidos e representantes das organizações comunistas e trotskistas. Frondizi passou a correr risco de vida. Nas palavras de Tarcus a Triple A:

Con plena libertad de acción e impunidad absoluta, anunciaron sus listas negras, secuestraron y asesinaron a mansalva. Entre julio y setiembre de 1974 produjeron 220 atentados (casi tres por día), 60 asesinatos de dirigentes políticos y gremiales (uno cada 19 horas) y 44 víctimas resultaron con heridas graves. Realizaron en el mismo tiempo 20 secuestros, uno cada dos días.<sup>77</sup>

Os amigos do advogado percebendo a gravidade da situação alertam-no para que fugisse do país. O velho revolucionário se negou a deixar seu posto de luta. No dia 30 de agosto seu escritório da Rua Lavalle foi bombardeado. No dia 10 de setembro outro amigo de Frondizi foi assassinado. Novas declarações dadas pelo militante complicaram ainda mais sua situação. O cerco se fechou na sexta feira, dia 27 de setembro de 1974. Um comando da Triple A dirigido por Juan Ramón Morales invadiu o domicilio de Frondizi na Rua Cangallo. Golpeado, o velho revolucionário foi sequestrado, enquanto seu genro Luis Angel Mendiburu, militante da Juventude Peronista foi morto. Duas horas mais tarde a Triple A emitiu uma nota na qual assumia o assassinato de Sílvio Frondizi. O corpo foi encontrado nos arredores de Ezeiza, em Buenos Aires.

---

<sup>76</sup> *Id. Ibid.* p. 427

<sup>77</sup> *Id. Ibid.* p. 427

A contribuição de Frondizi é difícil de ser avaliada. Fato é que ele apreciava novos ares. Se a esquerda não oferecia espaço para um intelectual nitidamente comprometido com a causa operária e com a revolução socialista tampouco o professor universitário necessitava de partidos ou instituições para realizar seu trabalho engajado. Afora as inconstâncias de seu pensamento e das transformações que marcaram a trajetória política de qualquer intelectual, ele soube defender com firmeza os ideais que proporcionavam dúvidas e críticas da esquerda. As intrigas travadas com muitos nomes da esquerda argentina, em especial a liderança comunista e a esquerda nacional popular, em torno do peronismo trazia em seu bojo dúvidas. Dúvidas cravadas no seio da esquerda burocratizada, sectária, disciplinadora. Nessas organizações, pensamentos autônomos como o de Sílvio Frondizi e Milcíades Peña não tinham vez nem oportunidade. Num emaranhado de interpretações do peronismo, principalmente na década de 1950, que conjugava-se com a debilidade do PCA, PS e do morenismo, intelectuais como Frondizi não podem ser simplesmente esquecidos, como defende Tarcus. A construção da memória de Frondizi e Peña deve realizar-se respeitando o que eles tinham em comum: a tragédia e a crítica as instituições políticas. Isso não os empobreceu teoricamente, pelo contrário, fez deles intelectuais comprometidos, dinâmicos, ativos, num contexto de engessamento das práticas políticas. Fez deles intelectuais organicamente vinculados aos trabalhadores.

## 1.2. MILCÍADES PEÑA: A FORMAÇÃO DE UM MILITANTE TROTSKISTA

### 1.2.1 Milcíades Peña entre morenistas: os primeiros anos da trajetória intelectual

A trajetória intelectual de Milcíades Peña foi marcada por inúmeras críticas a esquerda local, sem, contudo abandonar em momento algum à perspectiva trotskista. Elaborou uma concepção historiográfica da política nacional que se orientava principalmente em desmistificar os heróis que a oligarquia, e depois própria burguesia preocupava-se em criar. Como bem apontou o historiador Omar Acha, o singular da produção do militante argentino consistia em tentar produzir “(...) una obra propriamente historiadora y en haber esforzado su imaginación en la huella de una historiografía trotskista”<sup>78</sup>. Nisso foi um dos pioneiros, num

---

<sup>78</sup> ACHA, Omar. Milcíades Peña y el proyecto de una historia trotskista. In: *Historia crítica de la historiografía argentina: las izquierdas en el siglo XX*. 1ª Edição. Prometeo: Buenos Aires, 2009. p. 249.

cenário em que a maioria dos intelectuais trotskistas estavam preocupados com uma análise estritamente política dos processos históricos nacionais.

É possível perceber que antes de 1955, momento em que se publicam as principais obras de Peña, não encontramos uma produção historiográfica reconhecidamente trotskista. Os debates travados entre Liborio Justo e Antonio Gallo (ver capítulo 2) que se estenderam por boa parte da década de 1930 apontam algumas referências a um projeto de interpretação histórica, mas não chegam a se apresentar como tal. Outro que tentou uma análise histórica foi Jorge Abelardo Ramos, mas em 1949, quando publicou *América Latina: um país*, já pertencia à frente peronista e, portanto, é impossível catalogá-la como trotskista. Peña, por meio de um aguçado estudo da obra de León Trotsky, em especial dos tomos de *História da Revolução Russa*, interagiu com os conceitos de revolução permanente e desenvolvimento desigual e combinado para destruir a história política tradicional. Literalmente abafou os heróis da oligarquia, tirou-os do pedestal da história e mostrou a outra face do belo quadro histórico que as classes dominantes pintavam. Mas a crítica do jovem de apenas 22 anos (quando publicou seus primeiros livros ele tinha essa idade) não era fria. Pelo contrário, suas habilidades de escritor refletem toda a acidez, criatividade e contundência de um militante que não encontrava problemas em tachar um de seus opositores e debatedores como “impostor incapaz de hacer siquiera una cita ajustada a la verdad. Teorico del disparate permanente. Apologista de la burguesia criolla. Apologista del atraso argentino (...) sembrador de confusiones”<sup>79</sup> entre outros.

Analisar os escritos e a militância desse engenhoso intelectual significa entrar em contato com um historiador de primeira categoria. Como apontou Mario Maestri, conhecer Mílcíades Peña

“(…) revela escritor de invulgar sensibilidade e talento. Os inevitáveis limites de sua interpretação, em parte devidos ao breve tempo de sua produção e ao desenvolvimento de uma historiografia e das ciências sociais de então, sobretudo latino-americanas e argentinas, não diminuem a enorme importância dessa literatura. Ainda mais, por que, uma das características de sua reflexão é que desnudava, em forma consciente ou inconsciente, as suas grandes contradições analíticas, não raro *sugerindo* possíveis soluções para as mesmas.”<sup>80</sup>

<sup>79</sup> PEÑA, Mílcíades. *História del pueblo argentino*. Vol.II. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 306.

<sup>80</sup> MAESTRI, Mário. *Mílcíades Peña e o capitalismo pastoril argentino*. Disponível em: <[http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620\\_milciadespenia.htm](http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620_milciadespenia.htm)> Acesso em 18 jan.2013.

Se o objetivo do arguto escritor era desmistificar qualquer agente político ou intelectual, nosso objetivo não é tornar a figura de Peña um mito. Resgatar a produção desse importante intelectual trotskista significa trazer a luz escritores que os partidos e instituições da esquerda não quiseram reivindicar. Se a liderança morenista, como veremos adiante, o desprezou, nossa intenção não é sacralizá-lo, mas valorizá-lo e reivindicar seu pensamento, alojando-o dentro dos círculos da esquerda revolucionária, que aqui não significa partido ou grupo político.

É importante deixar claro que Peña é reconhecidamente um teórico trotskista. Por mais que muitos intentem colocá-lo, como bem citou Fernando de Leonardis, a *fórceps* dentro de uma perspectiva nacional-popular, sua trajetória e seu pensamento são inconcebíveis fora do trotskismo argentino<sup>81</sup>. A prática historiográfica de Peña, exposta em *Historia del pueblo argentino*, demonstra com clareza essa realidade. Diferente de Frondizi, cujo pensamento foi marcado e circunscrito por mudanças estruturais, aqui encontramos um historiador cuja *práxis* jamais se distanciou do marxismo revolucionário. A proposta de vida que foi acatada por Peña consistia num fim militante e transformador: entender o passado e transformar o presente.

A concepção historiográfica que Peña propôs, e a meticulosa leitura que realizou da história argentina foram propostas no calor do ativismo político no morenismo. Apesar disso, o rompimento, levado a cabo entre os anos de 1956-1957 com o Nahuel Moreno representou a formação de um pensamento autônomo e pouco alocado em raízes partidárias. Apesar disso, o crédito com Moreno é enorme, principalmente porque é com este que Peña estudou, nos primeiros anos de sua adolescência e juventude. Anos mais tarde, muitas ideias que Peña apresentava no órgão de esclarecimento do partido, foram incorporadas pelo próprio Moreno, sem qualquer referência a seu real autor.

Milcíades Peña nasceu no ano de 1933, na cidade de La Plata, província de Buenos Aires. Aos cuidados dos tios, já que a mãe apresentava transtornos psíquicos, o garoto Peña recebeu extremos cuidados, sendo orientado desde cedo a leitura, já que o tio era bibliotecário<sup>82</sup>. A par de inúmeros clássicos, logo tomou contato com dois autores que foram fundamentais para as análises que elaborou anos depois: Juan Bautista Alberdi e Domingo Faustino Sarmiento.

---

<sup>81</sup> LEONARDIS, Fernando de. *Milcíades Peña, los mitos de la historia argentina, los intelectuales y la militancia revolucionaria*. Disponível em: <http://marxismoendiagonales.wordpress.com/2012/11/01/milciades-pena-los-mitos-de-la-historia-argentina-los-intelectuales-y-la-militancia-revolucionaria/> Acesso em: 18 jun. 2013.

<sup>82</sup> TARCUS, *Op. Cit.* p. 108

As dificuldades pessoais acentuaram-se quando completou onze anos de idade, momento em que descobriu sua identidade e percebeu que aqueles que zelosamente procuram educá-lo não são seus pais. Chocado pela notícia, Peña teve inúmeras dificuldades de concluir os estudos e uma saúde debilitada, já que sofria de asma e falso crup<sup>83</sup>. O conhecimento da verdadeira família foi um abalo muito grande com implicações psicológicas por toda sua vida. Sua filha, Clara Peña, anos mais tarde comentou o momento em que o pai descobriu sua verdadeira identidade:

Cuando se presento en una entrevista de trabajo conoció a su hermano. Al llegar a la agencia de publicidad le preguntan su nombre y al comprobar que era el mismo de un hombre que trabajaba allí los presentaron. Su hermano era un creativo publicitario. Finalmente supo que tenía una madre internada a raíz de un brote esquizofrénico y pudo conocer a su hermana mas chica de edad. A su padre llegó a conocerlo en el entierro por lo que nunca hablaron.<sup>84</sup>

A tragédia apresentava-se para ele para nunca mais abandoná-lo. Os impactos que marcariam sua vida pessoal seriam refletidos na sua própria produção teórica. Com dificuldades para fazer amizades e o pouco reconhecimento que sua obra teve, principalmente nos círculos universitários, Peña foi relegado ao esquecimento. Talvez, uma das situações que mais tenha afetado sua trajetória, ao lado da descoberta de sua verdadeira identidade, tenha sido o fato de que seus próprios companheiros de militância do partido o abandonaram. Tudo isso cooperou para o quase total isolamento pessoal de Peña. Recuperar o legado de Peña significa valorizar sua leitura histórica. A clareza e a capacidade de escrever com simplicidade, mas ao mesmo tempo com segurança propunha não uma história mecanizada e estática, mas viva: em transformação. Uma história que não agradava a burguesia nacional, porque esta aparecia não como uma força revolucionária, mas sim como um apêndice indispensável aos interesses do capitalismo internacional e da oligarquia local. Uma história esquecida, desprezada, mas que possuía a capacidade de fazer qualquer intelectual com uma visão bem estabelecida e concreta dos processos políticos e sociais em câmbio na Argentina rever suas posições. Uma história que abalava estruturas por meio de críticas veementes. É, portanto, uma história que deve ser valorizada, repensada, resgatada. Ela cobrou de Peña os amigos, já que seu pensamento atingiu em cheio muitos conhecidos que colaboravam com Moreno.

---

<sup>83</sup> *Id. Ibid.*, p. 109

<sup>84</sup> FREYRE, Francisco. Milcíades Peña, um historiador olvidado. In. PEÑA, Milcíades. *Introducción al pensamiento de Marx*. Notas de un curso de 1958. 1ª Edição. Rosario: CEUR, 2007, p. 113.

Desde o começo, o projeto levado a cabo por Peña entrelaçou-se com sua vida pessoal. Impossibilitado de frequentar a escola normal e básica, desenvolveu o autodidatismo. Nesse mesmo tempo iniciou, sem orientação nenhuma, leituras de clássicos socialistas e participava do grupo *Juventud Socialista de La Plata*. Ao tomar contato com José Speroni, um dos tantos jovens que haviam abandonado as fileiras do PCA para militar em grupos trotskistas, Peña foi apresentado a Nahuel Moreno, líder do Grupo Obrero Marxista (GOM), do qual Speroni fazia parte. Nesse contexto, formou suas primeiras ideias, no silêncio das bibliotecas nacionais. Aos dezessete anos já sabia ler inglês, francês e alemão <sup>85</sup>.

Com quinze anos Peña participava ativamente da política nacional, num momento de extensa cooptação da classe trabalhadora por parte da CGT e das demais forças peronistas ele escolheu partir para a oposição. Abandonando qualquer opção de estudo tradicional e retificando sua militância na corrente trotskista passou a estudar, junto com Moreno, a história argentina, num contexto em que o GOM havia declarado, num extenso debate com setores da esquerda nacional, o caráter capitalista do sistema argentino. Essa caracterização influenciou diretamente os ditames da obra de Peña. Todas as publicações, sejam artigos, panfletos e até mesmo livros que escreveu nesses primeiros anos de militância foi demarcado por essa caracterização do sistema nacional em oposição a opção feudal.

A influência de Peña dentro dos círculos morenistas crescia a cada dia. Com 17 anos participou como delegado do congresso do GOM que transformou o grupo no Partido Obrero Revolucionário (POR). Aprofundando sua participação no novo partido elaborou cursos sobre O Capital de Marx, assessorado por nomes que mais tarde se tornariam referência para leituras de esquerda no país, como é o caso de Luis Vitale.

Sob o pseudônimo de Hermes Radio passou a organizar e escrever diversos artigos, entre os quais figuram, por exemplo, *La Argentina y el imperialismo* datado de 1951. Nesse mesmo período, recebeu de Moreno a liderança do principal órgão do partido, *Frente Proletário*. Com um futuro promissor nas fileiras do morenismo, tratou de ganhar a confiança da liderança, tentativa que logo se frustrou. A lua de mel com Nahuel Moreno durou pouco tempo. Em 1953, alçou a direção do jornal e recebeu do partido a notícia que deveria “proletarizar-se”. O medo de que o “pequeno-burguês” Peña contribuisse para a má fama do

---

<sup>85</sup> *Id. Ibid.* p. 111

movimento que julgava-se ligado em sua totalidade aos trabalhadores levou Moreno a exigir o encaminhamento de Peña como “(...) a la ‘célula têxtil’ del partido”<sup>86</sup>.

As exigências da liderança do POR refletia toda uma mudança estrutural que o grupo liderado por Moreno enfrentava. Já não se abrigavam apenas minguados membros, mas uma centena de militantes que, advindos das mais variadas correntes e das mais variadas camadas sociais, pressionaram o partido a propor a formação de um modelo de intelectual e militante com uma vida extremamente disciplinada e desprovida de qualquer traço pequeno-burguês.

Num contexto de centralização política, em que as ordens advindas do comitê do partido deveriam ser cumpridas a risca, a proposta teórica elaborada por Peña não encontraria espaço. Isso porque sua visão de política e da própria história, marcada pela tragédia, ia de encontro com a metodologia de luta que Moreno desejava instaurar no país.

Em 1954, depois de passar um tempo afastado do morenismo, Peña foi convidado a comandar o novo órgão de esclarecimento político organizado pelo POR: *La Verdad*. A prática do entrismo, levada a cabo por Moreno na segunda metade da década de 1950 e a reformulação das práticas do partido caracterizadas pelo abandono das propostas revolucionárias que haviam configurado os anos iniciais colocaria o POR debaixo das ordens do general Perón. Era o fim da linha da relação entre Peña e Moreno. Sobre esse momento escreve Tarcus:

El espacio para el intelectual revolucionario se había agotado todavía más en una corriente que ni siquiera mantendría formalmente la clásica estructura partidaria y cuyo semanario, ajeno a los grandes debates sobre la estructura de clases, la naturaleza del peronismo o las relaciones entre el imperialismo y las semicolonias, se centraba en la información sindical y adquiría un tono eminentemente agitado. Esto propiciará que los dos años transcuridos entre setiembre de 1955 y setiembre de 1957 sean para Peña una etapa de repliegue político y de concentración en la investigación económica y histórica.<sup>87</sup>

Nesses anos, apesar de manter fidelidade à corrente morenista, já não militava organicamente nela. Passou a trabalhar também na Biblioteca Nacional, situado na *calle México*. Ali aprofundou muito suas leituras. Tratou de estudar os clássicos e revisionistas da historiografia argentina, entre os quais aparecem Mitre, López, Ibarguren, Irazusta. Além disso, seguiu as leituras de investigadores locais, como Bagú e Dorfman, autores que aparecerão constantemente nos seus escritos. Escritores estrangeiros, como Parish, Ferns e

---

<sup>86</sup> TARCUS, *Op Cit.*, p. 112

<sup>87</sup> *Id. Ibid.*, p. 118

outros possibilitaram a Peña o contato com uma teorização diferenciada da que costumeiramente os escritores nacionais lançavam mão. Nesse cenário de leituras tomou contato com a produção de *Escritos Postumos*, do tucumano Juan Bautista Alberdi, que é, sem dúvidas, a chave de leitura para entender a produção do audacioso militante.

À formação do projeto histórico nacional elaborado por Peña aliou-se o intercâmbio travado com outra importante figura da esquerda nacional, Luis Vitale e os contatos iniciais com Sívio Frondizi e sua vasta biblioteca. Tal projeto consistia, como apontou Tarcus, em dois livros dedicados a compreender a Argentina: o primeiro seria uma análise estrutural da formação social argentina, cuja caracterização seria perpassada pela formação do capitalismo relacionado em âmbito internacional ao imperialismo e de um Estado ligado e subordinado estritamente a esse sistema; o segundo consistiria num relato histórico em que o atraso histórico nacional seria explicado por meio da luta de classes <sup>88</sup>.

A tentativa de elaborar uma proposta de historiografia trotskista caminhou ao lado da ruptura que travou com Moreno. Apesar de reconhecer a dívida enorme contraída com a organização liderada por ele, que considerava fundamental para sua inserção no cenário da *práxis* da esquerda trotskista, já não havia lugar para aceitar a disciplina partidária que o partido vinha propondo. É importante lembrar que quando Peña elaborou essa proposta tinha apenas 22 anos e sem qualquer diploma de estudos superiores se voltou ao silêncio e a nostalgia das bibliotecas centrais de Buenos Aires onde buscou inspiração em Alberdi e Sarmiento. A ausência de um apoio institucional somava-se a todo esse contexto de limites que foram enfrentados pelo jovem escritor. Nesse tempo buscou apoio intelectual e se aproximou de militantes e escritores das gerações anteriores, numa tentativa de depender o menos possível de Moreno. O encontro com Sívio Frondizi ocorreu nesse momento, apesar da pouca durabilidade da relação por eles estabelecida, a consulta aos textos e fichamentos do professor universitário contribuiu para o desenrolar das ideias de Peña que foram transcritas inclusive no principal livro de Frondizi.

O rápido contato travado com o MIR-Práxis esfumaceou-se quando da publicação do segundo tomo do livro *La realidad Argentina*. As severas críticas que Frondizi fez ao morenismo forçaram o líder do POR a escolher um de seus colaboradores para escrever uma resposta aguda e contundente. Paradoxalmente o escolhido para responder foi Hermes Rádio, um dos pseudônimos de Peña. Como contestação, foi editado em 1956 o folheto *Profesores y*

---

<sup>88</sup> *Id. Ibid.*, p 119

*Revolucionarios. Un trotskista ortodoxo responde al profesor Sívlio Frondizi.* O teor da crítica girava exatamente em torno do tendão de Aquiles de Frondizi. O fato de exercer, no campo cultural um papel de intelectual, contudo, distanciado de uma prática militante. Segundo Tarcus, nesse panfleto Peña colocou de lado suas próprias convulsões com o morenismo e assumiu a defesa total do programa do partido, situação que tempos depois se inverteu novamente, com o afastamento do grupo. Contraditoriamente defendeu a centralidade de qualquer célula revolucionária e classificou o MIR como *movimentista*. Sívlio Frondizi foi colocado nas filas da *intelligentzia* nacional, ao mesmo tempo que foi catalogado como isolado do movimento real de massas. Peña insiste na crítica destacando que se o líder do MIR havia sido capaz de criticar o trotskismo, distanciando-o de uma possibilidade de organização transformadora, deveria ter também apontado uma saída.

Tarcus, ao questionar-se dos motivos que levaram o enfretamento direto dos dois intelectuais, destaca que existiam entre ambos diferenças abismais: no campo pessoal e no cultural. Para o historiador, “Frondizi era heredero de la cultura burguesa tradicional. Peña el advenedizo”<sup>89</sup>. Além das diferenças apontadas acima, que tornaria um diálogo entre Peña e Frondizi impossível, existia o fator Moreno. Temendo perder seu valioso colaborador e polemista, o líder trotskista lançou novas propostas que deixaram o militante vagando em um campo sinuoso: de um lado o partido, expressão máxima da política morenista e do outro a teoria, cuja figura é representada por Frondizi. Ao final Peña acabaria sozinho, característica que o definiria ainda mais como marcado pela tragédia. É impossível julgar as escolhas de Peña. O que o militante desejava era uma *práxis* política independente, em que pudesse desenvolver seu projeto de escrever uma história nacional crítica e construtiva. Assim:

“(…) si Peña – a causa de sus conflictos irresueltos con la organización morenista – deseaba rehabilitarse ante sus camaradas como un militante orgánico y disciplinado tenía que tomar distancia de la figura del intelectual y con más razón de una obra donde se lo mencionaba peligrosamente como ‘colaborador’. Frondizi aparecía a sus ojos como la figura ideal del ‘intelectual’ puro que no había hecho siquiera como él el intento de integración partidaria. Representaba la ocasión más propicia para proyectar y desplazar en otro, en Frondizi, el conflicto entre intelectual revolucionario y el partido que él aún vivía y que lo atravesaba.”<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> *Id. Ibid.*, p. 159

<sup>90</sup> *Id. Ibid.*, p. 159

### 1.2.2 A ruptura com o morenismo: a construção de um pensamento autônomo

Foi no contexto da construção de uma prática política desligada, ou pelo menos afastada do morenismo e dos agrupamentos de esquerda ligados PCA ou PS que Peña lecionou um curso sobre os princípios básicos do marxismo, em 1958. Nesse texto é possível visualizar a recusa completa das ideias simplicadoras do stalinismo, ao mesmo tempo em que nutria aproximações com autores como Henri Lefebvre, Antonio Gramsci, Antonio Labriola, Ernst Bloch, Georg Luckás, León Trotsky, entre outros. As citações desses autores aparecem em quase todas as reuniões realizadas. Peña transita com muita liberdade de Lefebvre a Trotsky, realizando diálogos constantes entre esses autores. Sem dúvidas, essa abertura possibilitou uma produção mais rica e fecunda.

Se a tarefa da principal obra de Peña era ruir com os mitos que a burguesia havia criado para construir seu projeto de história nacional, nesse curso *Introducción al pensamiento de Marx*<sup>91</sup> nosso autor preocupou-se em romper os mitos que a esquerda havia criado, seja em torno da noção de intelectual, seja em torno do marxismo. Resgatando fontes como as do próprio Marx, o militante destacou o caráter múltiplo do marxismo, que não se resumia a uma “vitrola tragamonedas”, onde se apertaria um botão e viria uma resposta dada, pronta, acabada. Todas as reuniões se construíram destacando os limites dessa visão considerada deturpada do marxismo. Suas aulas se construíram sob a égide da crítica á visão das correntes deterministas, estruturalistas e positivistas. Críticas a Louis Althusser, bem como ao filósofo italiano Galvano Della Volpe abundam nas suas comunicações em sala.

Para Peña, “(...) el marxismo es pensamiento vivo y viviente, que está en permanente confrontación con la realidad y consigo mismo, afirmándose y negándose a si mismo a cada instante, para poder afirmarse nuevamente en un nivel superior”<sup>92</sup>. A dialética, caracterizaria portanto, o marxismo, diferenciando-o do modo de pensar do marxismo vulgar, e do marxismo dos burocratas que segundo Peña queriam transformar o pensamento marxista num dicionário, em que estariam classificado o que seria verdadeiro e o que seria falso.

Dada essa definição de marxismo, o próximo passo seria estabelecer uma problemática que permearia todo o curso. Peña formula e ao final retoma essa questão, abordando-a em

<sup>91</sup> PEÑA, Milcíades. *Introducción al pensamiento de Marx*. Notas de un curso de 1958. 1ª Edição. Rosario: CEUR, 2007.

<sup>92</sup> *Id. Ibid.* p. 25

alguns pontos de suas aulas. A questão central, como o autor bem coloca, apresenta extremas dificuldades de ser respondida de forma categórica e concreta: *que es y qué quiere el marxismo?* Todo o trabalho de Peña, no curso se erigiu sob essa questão.

Para responder tal questão, ou pelo menos propor respostas, dever-se-ia partir da concepção marxista do homem. O marxismo, de maneira geral, “(...) cree que siempre habrá problemas, luchas y conflictos. (...) cree que puede crear una vida más llena de confort y belleza, de solidaridad y libertad, és decir, una vida más propriamente humana”<sup>93</sup>. Para isso seria fundamental que o homem se desalienasse. Aqui encontramos uma proposta interessante colocada em voga por Milcíades:

El concepto de alienación y de lucha por la desalienación, son la esencia, el corazón del pensamiento marxista. Alienación quiere decir que el hombre está dominado por cosas que él creó. Alienación quiere decir que el hombre ha proyectado partes de sí mismo, las ha transformado en cosas, y que esas cosas dominan el hombre.<sup>94</sup>

Se por alienação Peña entende a dominação dos produtos sobre seus produtores, desalienação passa a ser entendida como a ruptura desse processo por meio da substituição dos lugares. De dominado a dominador. Somente quando o homem conseguir dominar aquilo que criou e que o oprime, poderá se reencontrar consigo mesmo, se tornar humano.

Um fator chave dentro dessa ideia de alienação e que aparece nessa produção é a alienação do trabalho. Para Peña o homem não trabalha mais porque trabalhar é a essência humana. O homem alienado trabalha para viver. Assim, parafraseando Marx e os *Manuscritos econômico filosóficos*, Peña destaca que “(...) el trabajo ya no es la condición y el supuesto superior de la vida, sino que és simplemente un medio, un instrumento, no para realizar la vida sino para satisfacer las necesidades biológicas más importantes”<sup>95</sup>.

Mas o sentido de colocar a alienação num patamar central dentro da produção marxista justifica-se quando Peña escreve que o marxismo é a luta constante contra a alienação, ou seja, contra toda forma de opressão, tanto materiais como místicas. A conclusão disso é que os “(...) aparatos burocráticos están absolutamente condenados, y no hay

---

<sup>93</sup> *Id. Ibid.* p. 29

<sup>94</sup> *Id. Ibid.* p. 31

<sup>95</sup> *Id. Ibid.* p. 34

convivencia posible entre ellos y el marxismo”<sup>96</sup>. Aqui o juízo aos segmentos do marxismo ortodoxo e economicista já estava traçado. Peña escreve:

Y luego, los aparatos burocráticos que se erigieron sobre la clase obrera y que adoptaran *el marxismo como un instrumento para la justificación de su política* (itálico realizado pelo autor) ayudaron con todo su poderío material a mantener las nociones vulgares del marxismo y a ocultar su esencia, esto es, la lucha contra la alienación, la lucha para desalienar el hombre. Claro, los aparatos burocráticos tienen que ocultar esto porque equivale a su propia liquidación. Si el marxismo fuera solo luchas por mejoras económicas, o por la reorganización de la economía los aparatos burocráticos no correrían ningún peligro, y hasta podrían presentarse como fieles ejecutores del marxismo.<sup>97</sup>

Nesse aspecto Peña passa a falar sobre a concepção marxista de liberdade, inspirado principalmente no paradigma de Henry Lefebvre e do próprio Marx que já havia destacado a ideia de liberdade como essência do homem. Melhorar o nível de vida das pessoas, proposta clara dos socialistas argentinos que se empenhavam em colocar deputados no Congresso que defendessem os interesses dos trabalhadores, seria apenas o primeiro passo para uma completa libertação humana. Apenas o primeiro passo, nada mais além disso. Se o marxismo reivindicava em sua originalidade a autonomia criadora do homem, “(...) tanto la burocracia de los partidos de la II Internacional como la burocracia soviética practicaban esta reducción del marxismo a un materialismo de trocha angosta”<sup>98</sup>.

No segundo encontro com a turma, Peña voltou a destacar a alienação como central nos textos de Marx, não apenas como uma teoria presente nos textos da juventude, mas como uma ideia que transpassa todo seu pensamento. Assim, o Capital não seria mais que uma tentativa de desmascarar a alienação tal como ela aparece escondida em leis econômicas da sociedade capitalista. Por consequência, somente na teoria da alienação seria possível encontrar a chave da insistência do marxismo em considerar o proletariado como força de e pela emancipação da humanidade. Ao falar de emancipação o autor parte para uma análise da relação do marxismo com a filosofia. Com citações de Hegel e do próprio Marx, a ideia de práxis é posta a claro. Nessa discussão, prática política apresenta-se como uma prática consciente. Ela, para o marxismo significa conhecimento profundo da realidade e ação plenamente consciente de transformação, baseada no conhecimento. Captar a realidade viva, na sua totalidade, com seus movimentos e contradições, com sua dialética própria, e ser

---

<sup>96</sup> *Id. Ibid.* p. 36

<sup>97</sup> *Id. Ibid.* p. 34

<sup>98</sup> *Id. Ibid.* p. 40

agente histórico no processo de transformação dessa realidade apresenta-se, em Peña como dialética.

Em *Introducción al pensamiento de Marx* já notamos como Peña insiste em combater o marxismo vulgar. A construção do conhecimento nessa forma deturpada de marxismo perpassa pela lógica apressada das coisas, em especial da realidade. Assim, romper com a lógica formal e dominar a identidade real das coisas, dentro da sua totalidade, bem como captar as complexidades que qualquer real apresenta é sinônimo de problematizações inteligentes. Qualquer ordenamento engessado em doutrinações políticas como luz para interpretação de Marx apresentava limites estruturais. A transformação do marxismo em doutrina pelo stalinismo foi totalmente criticada por Peña:

Pero las burocracias son conservadoras y antidialéticas por definición. Su prosperidad depende de la administración de lo que existe, no de su modificación. Por eso su “filosofía” es la escolástica y el dogmatismo que codifican y repiten lo ya pensado, y no admiten innovación ni problema nuevo alguno. Se explica así que la “filosofía” inspirada en Stálin y compañía haya tratado a la dialéctica de Hegel como a un perro muerto.<sup>99</sup>

Nesse ponto Peña aceitou e valorizou a influência de Trotsky em suas obras. Como dissemos anteriormente é impossível pensar a trajetória e os escritos do militante distantes do trotskismo. Para o autor apenas duas obras entrariam no rol de trabalhos que realmente apresentavam uma dialética da realidade, onde essa última foi captada em toda sua evolução, nas suas contradições, nas suas diversas fases quantitativas e qualitativas. Essas obras seriam o próprio *Capital de Marx* e *História da Revolução Russa*, de Trotsky.

Nas outras quatro reuniões que se seguiram Peña insistiu na centralização da categoria de alienação e na importância dela no pensamento de Marx. Ao abordar a temática da consciência e da teoria do reflexo, procurou destacar que a relação sujeito-objeto é marcada, no marxismo pela interação. Assim, “(...) mejor que de reflejo, hay que hablar de interacción, de relación, de proyección del objeto en el sujeto, y de proyección del sujeto en el objeto”<sup>100</sup>. O sujeito reflète na sua consciência o objeto, ao mesmo tempo em que o objeto acaba sendo um reflexo ao sujeito que foi capaz de criá-lo. Portanto, o homem não apenas “se limita a tomar fotografias da realidade”, o homem constrói a realidade. Partindo desse princípio, o marxismo luta para modificar a consciência das classes oprimidas, destacando o papel revolucionário que tais classes possuem.

---

<sup>99</sup> *Id. Ibid.* p. 59-60

<sup>100</sup> *Id. Ibid.* p. 66

Contrário a todo teleologismo, o militante trotskista destacou que o socialismo “(...) no vendrá por si solo, como viene la lluvia de las nubes”<sup>101</sup>. A construção desse novo sistema deve ser posto a mesa por homens conscientes de sua ação no mundo. O fatalismo mecanicista, que Peña considerava típico do stalinismo foi extremamente combatido. Se assim fosse, o papel revolucionário do homem ficaria reduzido a nada, e a história passaria a ser movida por interesses externos ao homem e não como fruto de sua vontade. O marxismo, segundo o autor, coloca ênfases na vontade real e atuante do homem. Os ditos fatalistas querem substituir essa vontade consciente por uma fé simples e completamente desamparada da razão num suposto fim inevitável da história. O marxismo seria exatamente o oposto dessa crença na divina providência. Ele é a antítese disso:

O fatalismo mecanicista supone que el socialismo es inevitable, independientemente de que el hombre lo quiera o no, otorga sin duda una gran tranquilidad de espíritu, robustece la fe de los creyentes; es casi una religión. Pero no tiene nada que ver con el marxismo.<sup>102</sup>

Para finalizar essa análise de *Introducción* destacamos que contra esse fatalismo mecanicista Peña realiza uma interpretação do pensamento de Marx autônoma. Contra o marxismo de “hojas secas” e em busca de um autêntico marxismo, dentro de uma lógica de limitações que qualquer intelectual da América Latina encontraria na década de 1950, Peña finaliza destacando a relação entre estrutura e superestrutura, questão cara ao marxismo:

Es fundamental insistir y subrayar que el pensamiento marxista- por ser concreto, el pensamiento más concreto plenamente- capta y pone en evidencia no solo la existencia de una “estructura” que condiciona de modo general la “superestructura”; el marxismo capta también, al mismo tiempo, la existencia de una superestructura relativamente autónoma, que evoluciona conforme a sus propias leyes y cuyas relaciones con la “estructura” constituyen un complejo entrecruzamiento de tendencias contradictorias que es preciso analizar en cada caso y que no pueden ser explicadas con ningún esquema simplista. Comprender esto tiene una importancia infinita. Si no se comprende esto, el marxismo queda reducido a hojas secas.<sup>103</sup>

Entre os anos de 1957-1959, Peña de desvinculou definitivamente do grupo morenista. Além dos conflitos com a organização, devido a sua condição de intelectual e das disputas pessoais com Moreno, os anos 1950 acumularam inúmeras diferenças políticas entre Peña e o partido. O ponto decisivo da ruptura total com o morenismo foi, segundo Tarcus, os eventos que apontavam para a revolução em território cubano. Enquanto o jovem militante saudava a primeira revolução socialista no continente e se mostrava esperançoso de um contato das

---

<sup>101</sup> *Id. Ibid.* p. 69

<sup>102</sup> *Id. Ibid.* p. 72

<sup>103</sup> *Id. Ibid.* p. 103

lideranças trotskistas argentinas com Che e seus camaradas, Moreno não tardou em relacionar os eventos como fruto das pressões da burguesia nacional. Fidel Castro foi considerado um Kerenski cubano <sup>104</sup>.

Outro fator importante para o distanciamento de muito militantes do morenismo foi a prática do entrismo. A decisão por tentar conquistar as “massas trabalhadoras” desde dentro do peronismo causou rupturas dentro do movimento. Pepe Speroni, um dos mais antigos membros do partido rompeu com Moreno e passou a publicar debaixo da revista *Liberación Nacional y Social*, que vigorou entre 1960-1961. Entre os anos 1963-1964 passou a ser conhecida apenas como *Revista de Liberación*. Peña, amigo pessoal desde tempos de Speroni, não tardou a fazer parte do novo projeto. A revista, nos primeiros números buscou tratar temas sindicais, bem como da política nacional e internacional, dirigindo-se a amplos setores da esquerda nacional.

Ao dirigir-se a esses setores a revista acabou aglutinando inclusive muitos membros do MIR-Práxis, que em 1961 enfrentava já agudas crises e dava sinais de rompimento. Foi a partir desse momento que temas voltados para a organização de um movimento revolucionário passam a se tornar o centro das discussões. A revista publicou artigos como “Evolución del socialismo argentino”, “La izquierda y el movimiento estudiantil”, entre outros. Foi no grupo *Liberación* que Peña sentiu-se valorizado. Tarcus aponta que o grupo “(...) lejos de pedir su ‘proletarización’, valoraba la colaboración de Peña como intelectual” <sup>105</sup>. Sob a influência de diversos ex-companheiros praxistas, Peña, debaixo do pseudônimo de José Golan, escreveu em 1960 um artigo intitulado *Yanquis o ingleses* em que abordava a situação política do país depois da “Revolução Libertadora”. Para além de figuras políticas como personagens decisivos, o autor buscou na estrutura da luta de classes explicações para o novo momento histórico que o país enfrentava. Nesse novo contexto, e baixo o avanço dos Estados Unidos e a queda acentuada da influência do imperialismo britânico no pós guerra, a classe dominante nacional tratou de recuperar o controle do Estado para subordinar o país ao novo centro do capitalismo financeiro mundial.

Nos números que se seguem, Peña continuou escrevendo sob o pseudônimo de José Golán. No segundo número tratou da Revolução Cubana, dando ênfase que nesse evento, diferente do peronismo o povo participava diretamente das decisões e o poder. No terceiro

---

<sup>104</sup> TARCUS, *Op. Cit.* p. 354

<sup>105</sup> *Id. Ibid.* p. 356

número, intitulado *A propósito de un artículo apologético sobre el mito del 17 de octubre* Peña rebate a um próprio membro do grupo, que havia publicado um artigo de apologia nacional-popular. Enrique Morandeira, também conhecido como Mora, tentou valorizar os quinze anos das jornadas do 17 de outubro e foi duramente criticado. No artigo *A propósito*, o intelectual se utilizou de muitas ideias que havia desenvolvido nos seus livros e que veremos com mais detalhes no terceiro capítulo. O número quatro da revista apresentava um Peña já distante do nacional-populismo. No novo artigo o militante criticou severamente o livro publicado por Jorge Abelardo Ramos *História política del ejército argentino*. Peña tratou a nova publicação como “un manual para las fuerzas armadas”<sup>106</sup>.

A segunda fase da revista, iniciada em 1963, contou com a pouca participação de Peña, já que este estava preocupado com o projeto de fundação de uma revista própria: *Fichas*. Como analisado por Tarcus, o trabalho mais importante neste momento foi *16 tesis sobre Cuba*, considerada uma refutação sistemática às teses sobre a mesma questão que foram escritas por Nahuel Moreno no livro *La revolución latino-americana* (tal livro, publicado em 1962 foi escrito sob o pseudônimo de Hugo Bressano). Percebendo as dificuldades de manter em pé sua posição inicial, a nova publicação é um acerto de contas consigo mesmo. Agora, em *La revolución* o movimento levado a cabo em Cuba parece confirmar o ideário trotskista de revolução permanente. Assim, Cuba e também a própria China de Mao, haviam cumprido a função de mostrar que a revolução pode partir de outras forças, que não seja o movimento obreiro industrial. Assim, Moreno “(...) preconizaba la integración de los grupos trotskistas en los movimientos de masas, tanto en la Argentina (peronismo) como en Cuba (castrismo)”<sup>107</sup>.

Peña, por meio das 16 teses destaca que o movimento levado em Cuba é revolucionário porque foi capaz de liquidar a propriedade privada capitalista dos meios de produção; eliminar o Estado burguês e planificar a economia. Cuba é assim o primeiro “Estado Obrero del Occidente”. No mesmo artigo e destacando a problemática da “atualização” ou não do marxismo frente a esse novo evento escreve:

La circunstancia de que en un país como Cuba la revolución haya triunfado y se haya levantado un Estado Obrero sin participación preponderante de la clase obrera, sin participación de un partido obrero; al contrario, bajo la dirección de un movimiento político pequeñoburgues y sustentado en la movilización de masas pequeñoburguesas y proletarias del campo, no constituye nada que ponga en duda o en crisis el método marxista de interpretación de la realidad. Excepto, por supuesto, por los dogmáticos que

---

<sup>106</sup> *Id. Ibid.* p. 360

<sup>107</sup> *Id. Ibid.* p. 362

confunden el marxismo como una religión cuyo Dios se denomina proletariado y su hijo redentor el partido obrero que están en todas partes como el Espíritu Santo, y son responsables y únicos actores posibles de todas las obras piadosas en oposición a esse Lúcher llamado pequeña burguesía o proletariado rural que siempre y en todas las partes es encarnación del mal.<sup>108</sup>

Contra o “obreirismo cego” Peña valorizou o Programa de Transição proposto por Trotsky e destacou que em certas condições históricas excepcionais os partidos até mesmo os considerados pequenos burgueses podem chegar mas longe do que eles imaginavam numa luta de libertação da burguesia. Se Moreno, por um lado, intentava usar a revolução cubana para justificar o entrismo, Peña concluía que as lições de Cuba mostravam exatamente o contrário, ou seja, contradiziam tal prática já que a libertação da classe trabalhadora somente seria realidade por meio do rompimento ideológico com a burguesia. Os laços mais fortes dessa relação seriam o próprio peronismo e a burocracia sindical. Seria impossível qualquer revolução por meio do entrismo. O morenismo, segundo Peña, estava trilhando o caminho errado. A crítica centrou-se principalmente no pragmatismo do partido, na leitura dogmática do marxismo e por fim no fetichismo da classe trabalhadora.

Sobre o silêncio velado por parte da esquerda, Peña conseguiu por em prática o projeto que possuía de publicação de uma revista. Trata-se de *Fichas de Investigación económica y social*, cujo primeiro número apareceu em abril de 1964 e que acabou perdurando mesmo após a precoce morte de seu diretor (dedicaremos especial atenção para os conteúdos de *Fichas* no terceiro capítulo, quando pretendemos analisar o pensamento de Peña). No primeiro número dedicado especialmente a tratar da evolução industrial e das classes dominantes argentinas, Peña escreveu sob o pseudônimo de Gustavo Poli dois artigos: *Es la argentina la Tierra Prometida de la movilidad social en la industria?* e *Rasgos biográficos de la famosa burguesía industrial argentina*. Sob o pseudônimo de Victor Testa escreveu *Crecimiento (1935-1946) y estancamiento (1947-1963) de la producción industrial argentina*. No primeiro artigo, fruto de um trabalho coletivo, Peña realçou aspectos que já havia apresentado em outros espaços, principalmente em seu livro *Masas, caudillos y elites*. Analisando os documentos das sociedades anônimas industriais no período de 1945-1960, o autor concluiu que não houve mobilidade ascendente dentro da fração das classes dominantes industriais. Nos demais artigos ele se esforçou em trazer a luz debates em torno das classes dominantes argentinas, destacando as disparidades entre industriários e a latifundiários.

---

<sup>108</sup> PEÑA *ap.* TARCUS, p. 363

Nos números que se seguem, inúmeros artigos são publicados por Peña debaixo de vários pseudônimos. Tarcus destaca que, em 1965, com oito números já publicados em sequência bimestral, o projeto Fichas aparece consolidado no cenário das esquerdas. Em 1964, Peña teve mais um filho, além de Clara Peña, que recebeu o mesmo nome do pai Milcíades Peña Filho. Nesse mesmo tempo a empresa de marketing que Peña havia tentado instalar em Buenos Aires parecia ser promissora. Tudo parecia estabilizado. O número 8 de Fichas anunciava para a próxima edição um artigo de Peña intitulado *Preguntas y respuestas sobre el peronismo*. No início da revista número 9 uma nota trágica:

El 29 de diciembre de 1965 quedaban abandonados sobre el escritorio de Milcíades Peña los bocetos de “Preguntas y Respuestas sobre el peronismo”. Su autor, a los 32 años de edad, había muerto repentinamente dejando trunco su trabajo. Con su desaparición FICHAS pierde mucho más que el artículo prometido para este número, pierde su principal inspirador y consejero. Pero el estudioso que sentía palpar en él los problemas del país y de nuestro tiempo, el intelectual que dedico su vida al análisis y desmenuzamiento de la estructura y de las relaciones del poder de nuestro país, como paso previo hacia su transformación revolucionaria conciente há dejado una valiosa herencia. Los miembros de la Junta de Editores de Fichas están trabajando ya sobre el abundante material (estudios, artículos, esbozos) dejado por Peña con el fin de poder entregarlo a sus lectores. Ese es el mejor homenaje que pueden hacer a la memoria de Milcíades Peña, revolucionario, maestro, amigo.<sup>109</sup>

O testamento político de Milcíades Peña e a força social de seu pensamento e da própria concepção histórico-nacional que desenvolveu nos seus vinte anos de estudo só tem sentido quando alocados dentro dos quadros da esquerda nacional. As transformações que afetava diretamente os organismos políticos na Argentina da metade do século XX causaram impactos precisos e fundamentais no pensamento e na militância não apenas de Peña, mas também em Frondizi. Por isso, o próximo passo é o de discutir o funcionamento dos principais agentes políticos que participaram da vida dos militantes e contribuíram, das mais variadas formas (inclusive em campo “inimigo”) para o desenvolvimento do projeto que ambos intelectuais tencionavam desenvolver.

---

<sup>109</sup> FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 9, abril-maio de 1966, p. 3.

**CAPÍTULO – II. UM CAMPO EM DISPUTA: A RECONFIGURAÇÃO DAS  
ESQUERDAS ARGENTINAS (1943-1960)**

As transformações ocorridas na sociedade argentina durante os anos do governo Perón e o surgimento do populismo na América Latina influenciaram a configuração das esquerdas, dando a elas uma nova face. Os anos de 1930, marcados pela crise e transfiguração social foram suplantados pelo novo perfil social que emergia na década de 1940 e transpassaria até mesmo a década de 1950. Essas transformações, levadas a cabo pela irrupção do processo de substituição de importações; pelo intervencionismo estatal na economia bem como pela politização da classe trabalhadora no cenário político afetariam as relações estabelecidas entre o Estado e a sociedade. Um novo processo de acumulação capitalista estava em gestação, implantado nos países latino-americanos por governos que inspirados no keynesianismo tratavam de defender os interesses de uma elite dominante conjugada com os representantes do imperialismo.

Dessa forma, os eventos de 1943-1946, na Argentina, mais especificamente o golpe civil-militar que estabeleceu uma forma então pensada e considerada novíssima e específica de governo, assim como todo o primeiro ciclo peronista, aparecem aos olhos da maioria dos atores políticos da época, como bem apontou o historiador Horácio Tarcus, “como una irrupción súbita, como un corte apocalíptico”<sup>110</sup> que redimensionava o aspecto social argentino apresentando um “antes” e um “depois”. Os envolvidos com o novo projeto, em especial a burguesia industrial apreciavam a figura providencial de Perón, enquanto a oposição assistia o que considerava ser o prevalecimento da barbárie das “massas pobres” sobre a civilização.

Nosso objetivo nesse segundo momento é discutir e problematizar a trajetória das esquerdas com as quais Sívio Frondizi e Milcíades Peña polemizaram em especial os grupos trotskistas. É fundamental para atingirmos esse objetivo analisarmos como a esquerda esteve organizada durante o peronismo e nos anos prévios ao fenômeno que confirmou a ascensão da burguesia nacional como poderosa força política.

---

<sup>109</sup> Horácio Tarcus. *El Marxismo olvidado en Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1996. Colección La Cultura Argentina, p. 73.

É importante também considerar *apriori*, quando se discute o pensamento de Marx o que Eric Hobsbawm propõe em seu livro *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. A gama de reflexões e doutrinas (aceitas muitas vezes como verdades inquestionáveis e como regra de fé de muitos partidos) que surgiram em nome de Marx não reflete *per se* o marxismo. Elas contribuíram, por mais distantes que estejam das ideias do pensador alemão, na medida em que se inserem na história do marxismo. Por mais que muitas “doutrinas” derivassem exatamente das ideias de Marx, abundantes perspectivas encontravam-se dissonantes em relação ao fiel sentido e ao teor de seus textos. Assim, Hobsbawm orienta que:

O que se pode dizer, entretanto, é que qualquer conjunto de ideias, inclusive as de Marx, transforma-se necessariamente ao se tornar uma importante força política que mobilize massas, seja isso feito por meio de partidos e movimentos, de governos ou de outra forma.<sup>111</sup>

Dessa forma, ao estudar os impactos e as transmutações do pensamento marxiano na América Latina e na Argentina é significativo pensar que os intelectuais, partidos e grupos que se denominavam marxistas, contribuíram para a formação de tradições dentro do próprio marxismo. É sob essa ótica que nos propomos problematizar as inúmeras correntes de pensamento, que sob a égide de Marx se constituíram na Argentina, entre elas a dos primeiros marxistas argentinos. Com isso evitaremos julgamentos de valores desnecessários, o que não nos isenta de uma posição, porque afinal o trabalho do historiador não é neutro.

O efeito da nova face social que configurava os quadros políticos nacionais refletia na trajetória dos partidos de esquerda. Novas discussões e o posicionamento desses partidos terminariam por selar seus destinos por um bom período de tempo, como foi o caso do Partido Comunista Argentino e do Partido Socialista. O período revolucionário dos anos de 1920 cuja expressão teórica máxima talvez seja a produção de José Carlos Mariátegui (1894-1930) acompanhado no campo prático pela insurreição salvadorenha de 1932 foi substituído já desde os anos 1930 pela versão soviética do marxismo. A hegemonia das propostas stalinistas, em especial a da revolução por etapas se afirmou no seio das associações de esquerda, como o PCA, que passou a definir a etapa nacional-democrática como prioritária para a América Latina. Esse segundo momento da história do marxismo latino-americano perdurou pelo menos até o ano de 1959. A Revolução Cubana trouxe à tona um novo momento revolucionário que recuperou o pensamento de muitos intelectuais das décadas de 1920 e 1930. Ernesto Che Guevara tornou-se símbolo de um novo tipo de marxismo,

---

<sup>111</sup> HOBBSAWM, Eric. J. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 313.

caracterizado principalmente pela natureza socialista da revolução e a implantação da luta armada, tanto no campo como na cidade.

A Revolução Russa, dentro do primeiro período exerceu uma enorme influência sobre o movimento dos trabalhadores e entre a *intelligentisia* da América Latina. Muitos intelectuais, como por exemplo, o chileno Luis Emilio Recabarren, se voltaram para o bolchevismo, inspirados pelos acontecimentos de outubro e sob base nitidamente leninista passaram a organizar levantes e movimentos operários que se tornaram poderosas forças políticas.

Um dos nomes mais contundentes do socialismo latino americano dos primeiros trinta anos do século XX foi o de Júlio Antônio Mella (1903-1929). Mella encarnou o jovem brilhante e revolucionário cuja paixão pela justiça social estava aliada ao espírito anticapitalista romântico que além de permear sua trajetória aparecia com frequência em seus escritos <sup>112</sup>. Impressionou-se, assim como a maioria dos intelectuais do período com os acontecimentos da Rússia de 1917 e influenciado pela teoria bolchevique auxiliou a formação do influente Partido Comunista Cubano (PCC) em 1925. O aguerrido marxista cubano ainda participou da fundação de diversas organizações, como a Liga Anticlerical de Cuba (1922) e a seção cubana da Liga Antiimperialista das Américas (1925). Perseguido pelo governo cubano acabou se exilando no México e militando no PC local, com o qual rompeu depois de ser acusado de trotskista. Sua tentativa malograda de organizar um desembarque armado em Cuba falhou e ele foi assassinado por agentes do presidente Machado quando ainda era jovem: acabara de completar 26 anos.

No pensamento de Mella a burguesia nacional era cúmplice do imperialismo e, portanto, a única forma de destruir o domínio estrangeiro no continente era a formação de uma frente única antiimperialista que poderia contar com uma heterogeneidade de componentes: desde trabalhadores de várias tendências, passando por camponeses e aglutinando estudantes e intelectuais independentes. Além de apoiar o movimento emancipatório levado a cabo por Sandino na Nicarágua (Sandino estava à frente de um exército de guerrilheiros camponeses que lutavam contra a invasão do imperialismo de Washington no país) o intelectual cubano censurou fortemente o nacionalismo proposto pelo grupo APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana) de Haya de La Torre, que defendia

---

<sup>112</sup> A trajetória de Mella em muito se assemelhou com a de Sílvio Frondizi, como já analisamos, principalmente pela primeira fase de Frondizi apresentar um escritor comprometido com uma postura anticapitalista romântica, esboçada no livro *El Estado Moderno*.

uma aliança com as burguesias nativas. Mella acreditava fortemente que a luta pela destruição do expansionismo imperial era internacional e a burguesia apresentava-se nesse embate como agente direta do imperialismo e ao mesmo tempo como a grande traidora de qualquer movimento nacional. Uma aliança com tal classe significaria retrocesso no processo revolucionário.

Nesse mesmo contexto, mais especificamente no ano de 1928, outro relevante marxista, José Carlos Mariátegui (1894-1930), rompeu com o APRA e sua política interclassista, depois de ter participado por um bom tempo das atividades organizadas pelo movimento. Após uma estadia na Europa onde tomou contato com o marxismo e comunismo, Mariátegui retornou ao Peru, seu país de origem e integrou-se ao movimento de trabalhadores, colaborando para o estabelecimento dos sindicatos dos trabalhadores rurais e agrícolas. Os anos entre 1919 e 1923, período em que permaneceu na Europa, especialmente na Itália, foram cruciais, pois permitiu que o pensador latino-americano aprofundasse suas leituras em torno do marxismo, ao mesmo tempo em que presenciava fenômenos políticos e sociais importantes como a ascensão do fascismo e as experiências da classe trabalhadora visíveis nas inúmeras comissões de fábricas e o acirramento da luta de classes. Como apontou Gilberto Calil, a experiência dos três anos de vivência na Europa não deve ser pensada como um “interregno” entre a fase juvenil “romântica” e a fase marxista madura. Não se estabelece um corte, mas sim o desenvolvimento de reflexões para além das aparências e parcialidades, principalmente na análise que realizou do fascismo. Assim:

(...) foi um período de aprendizagem e amadurecimento, que se expressa dinamicamente nos inúmeros artigos por ele enviados do exílio. Tal aprendizagem não se dá de forma imediata ou automática, e sim processual, o que ressalta a importância de avaliar em termos genéticos o desenvolvimento de sua reflexão.<sup>113</sup>

Em torno da revista *Amauta*, fundada em 1926, o escritor e jornalista reuniu boa parte da vanguarda política marxista do Peru e da América Latina. Nessa revista publicou inúmeros artigos e textos literários de Lênin, Marx, Rosa Luxemburgo, Trotsky, entre outros. A importância desse vigoroso pensador, no plano teórico e prático, efetivou-se quando da publicação de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* que segundo Michael Löwy foi “a primeira tentativa de análise marxista de uma formação social latino-americana

---

<sup>113</sup> CALIL, Gilberto. *Revolução socialista e sujeito revolucionário em José Carlos Mariátegui*. História & Luta de Classes. Ano 7, nº 12, p.43-59, setembro de 2011, p. 45.

concreta”<sup>114</sup>. O livro alcançou tanto sucesso que acabou sendo a obra peruana mais traduzida e reeditada de todos os tempos. Investigou, em tal publicação, várias questões inovadoras para o momento como: o “nuevo planteamiento” do índio; o problema da terra frente a colonização européia; as influências externas e a herança colonial; a situação do ensino superior no país; a questão católica entre outros.

Ademais, o intelectual peruano se esforçou em pensar e praticar um marxismo combatitivo, oposto ao marxismo “ortodoxo” da IIIª Internacional Comunista (IC). Em seus escritos, especialmente no livro *Defesa do marxismo* atacou a versão materialista vulgar e economicista de marxismo que o evolucionismo stalinista, com a versão rígida e definida de etapas históricas, por meio do Comitern estava começando a disseminar na América Latina, especialmente no fim dos anos 1920. Segundo Löwy, o pensamento de Mariátegui se caracterizou principalmente por uma “fusão entre os aspectos mais avançados da cultura europeia e as tradições milenares da comunidade indígena”<sup>115</sup>. Nesse contexto histórico o comunista peruano, entendia que a burguesia estava alheia à luta que transcorria no país. A incapacidade histórica da burguesia peruana não deixava outra saída: somente as classes trabalhadoras seriam capazes de combater e destruir o jugo do capital estrangeiro que pesava e oprimia o país. Ao protagonizar o papel dos trabalhadores rurais como elementos centrais no processo revolucionário e debater a questão indígena sob outros olhares e perspectivas, além da caracterização da burguesia nativa como incapaz de participar dos quadros revolucionários o intelectual peruano afrontou teses tradicionais da IC e por isso sua produção foi relegada ao esquecimento por boa parte dos PCs latino-americanos.

É interessante observar como o pensamento de Mariátegui, nesse sentido, aproximava-se diretamente com o de Mella. Ou seja, tanto para o teórico cubano, quanto para o peruano o marxismo foi utilizado como um verdadeiro instrumento crítico para a compreensão e transformação da realidade concreta do continente. Nessa realidade, a burguesia encontrava-se impotente frente ao imperialismo e o papel do proletariado estava claro enquanto a única classe capacitada a realizar a revolução socialista. Além de Mella e Mariátegui, inúmeros outros contribuíram para a consolidação e expansão do marxismo latino-americano em meados de 1920, entre eles Carlos Baliño (1848-1926), um dos primeiros cubanos identificados com o marxismo; Juan Bautista Justo (1865-1928), socialista argentino que

---

<sup>114</sup> LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 18.

<sup>115</sup> *Id. Ibid.* p.18

traduziu O Capital e advogou um marxismo evolucionista-positivista; o já citado Luis Emilio Recaberren (1876-1924) considerado por alguns como o “pai” do movimento trabalhista no Chile.

## 2.1 O Partido Comunista Argentino: breve histórico e sua interpretação do peronismo

No final da década de 1920 surgiu um novo tipo de líder entre as fileiras marxistas, ligado principalmente ao comunismo. Tais dirigentes estavam conjugados ao ponto de vista político divulgado pelo Comitern de Stálin. Um dos primeiros foi o italiano Vittorio Codovilla<sup>116</sup> (1894-1970), fundador do Partido Socialista Internacional (1918) que logo se transformou em Partido Comunista Argentino, seção da IIIª Internacional, sendo por muitos anos secretário geral do PCA. Em 1924, sua influência na organização levou-o a participar da reunião do Comitê Executivo Ampliado da Internacional Comunista, como representante do partido. Integrado ao aparelho do Comitern, associou-se em 1926 no movimento pela criação de uma resolução por parte do Comitê Central do PCA que considerava o trotskismo um perigo e que ao mesmo tempo solidarizava-se com a liderança do Partido Comunista Russo. Entendia ser a revolução por etapas o fundamento inabalável da estratégia comunista para a América Latina, independente das variações táticas para a direita ou esquerda. Com a agudização da burocratização durante os anos de Stálin, o comunismo argentino se rendeu cada vez mais ao inevitável: subordinação completa as ordens vindas do Kremlin:

Em 1936, o processo de stalinização dos partidos comunistas, que se desenvolvera de maneira desigual e contraditória desde o final da década de 1920, estava cristalizado e completo. Com o stalinismo queremos designar a criação, em cada partido, de um aparelho dirigente- hierárquico, burocrático e autoritário-intimamente ligado, do ponto de vista orgânico, político e ideológico, à liderança soviética e que seguia fielmente todas as mudanças de sua orientação internacional. O resultado desse processo foi a adoção da doutrina da revolução por etapas e do bloco de quatro classes (o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional) como fundamento da sua prática política, cujo objetivo era a concretização da etapa nacional-democrática (ou antiimperialista ou antifeudal). Essa foi uma

---

<sup>116</sup> Victorio Codovilla nasceu na Itália em 1894. Ao conhecer o dirigente socialista Egisto Cagnoni ingressou na juventude socialista italiana. Filiou-se em 1911 ao PS italiano. Em dezembro de 1912 foi enviado pela direção do partido para Buenos Aires, depois de ser perseguido por questões política na Itália. Contribuiu para a formação do Centro de Estudos Sociais Karl Marx. Juntamente com Jose Penelón fundou o PSI, logo transformado em PCA, sessão da III Internacional. A partir daí exerceu firme militância até sua morte, em 1970. TARCUS, Horácio. *Diccionario biográfico de la izquierda argentina: de los anarquistas a la “nueva izquierda”* (1870-1976). Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 136-139.

doutrina elaborada por Stálin e aplicada na China, e, mais tarde, generalizada para todos os países coloniais ou semicoloniais (inclusive, é claro, a América Latina). Seu ponto de partida metodológico é uma interpretação economicista do marxismo, já encontrada em Plekhanov e nos mencheviques: em um país semifeudal e economicamente atrasado, as condições não estão “amadurecidas” para uma revolução socialista.<sup>117</sup>

O partido de Codovilla e Rodolfo Ghioldi<sup>118</sup> durante o chamado “terceiro período da IC”, entre os anos 1928 e 1935, viveu de ataques centrados ao PS e a UCR. Sob a consigna de “luta de classe contra classe” a aproximação do grupo político das classes trabalhadoras se fez mais visível e segundo Tarcus contribuiu para o rompimento dos quadros pequeno-burgueses que compunham a organização desde suas origens. Nesse mesmo contexto o partido passou a gozar prestígio entre os sindicatos. O investimento em instituições culturais, como o *Colégio Libre de Estudios Superiores* e organizações de solidariedade internacional (*Comité Antifascista Argentino, Mujeres contra la Guerra*) levaram o partido a obter uma “presencia social que no condecia con su real dimensión partidaria”<sup>119</sup>.

Para entender a sujeição da maioria dos líderes comunistas latino-americanos ao stalinismo é importante pensar que tais organizações tinham uma sincera convicção de ser a URSS a pátria do socialismo. A defesa aos ideais da pátria era função primordial. Além disso, consideravam a revolução nacional-democrática como a única porta para a construção do socialismo. As Frentes Populares<sup>120</sup> que pipocaram na maioria dos países latino-americanos

---

<sup>117</sup> LÖWY. *Op.cit.* p.18

<sup>118</sup> Rodolfo Ghioldi (1897-1985). Professor e jornalista foi um dos mais conhecidos dirigentes do comunismo argentino. Se aproximou do socialismo com apenas treze anos. Com dezoito anos se filiou ao PS e participou, junto com Codovilla do proceso de ruptura e formação do PCA. Foi eleito secretario do partido e o primeiro delegado argentino a viajar para Moscou para assistir a um congresso da Internacional Comunista. Conheceu nesse interim pessoalmente a Lenin e Trotsky o que acabou lhe dando prestígio para exercer liderança hegemônica no partido. Em Montevideú contribuiu para a formação do PCU. Em 1922 ao visitar o Brasil interferiu nas negociações que visavam integrar o partido a Internacional Comunista. TARCUS, Horácio. *Diccionario biográfico de la izquierda argentina: de los anarquistas a la “nueva izquierda”* (1870-1976). Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 251-256.

<sup>119</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 75

<sup>120</sup> Com a ausência de partidos socialdemocratas na América Latina, as alianças para a formação de frentes populares foram feitas diretamente com as forças burguesas, nitidamente liberais e nacionalistas. Qualquer órgão ou classe contrária ao fascismo poderia ter livre entrada no movimento. Segundo Löwy: “No Peru, o PC, rejeitado pela APRA, uniu-se a Frente Democrática, que apoiava a candidatura de Manoel Prado, um representante da oligarquia liberal tradicional. Na Colômbia, o PC apoiou o Partido Liberal, um apoio que assumiria um caráter progressivamente incondicional. Em 1938 o PC colombiano chegou mesmo a romper com a esquerda do Partido Liberal para apoiar Eduardo Santos, o chefe da direita liberal. De maneira similar, o PC mexicano rompeu com o general Mújica, líder da esquerda do Partido da Revolução Mexicana (o partido governante), em 1939 para apoiar a ala moderada, representada por Ávila Camacho. Em Cuba, o PC, não conseguindo encontrar aliados socialdemocratas, liberais ou democratas, finalmente apoiou Fulgêncio Batista em janeiro de 1939.” O Chile talvez tenha sido o único país a construir uma Frente Popular similar a que estava em andamento em vários países europeus. O Partido Radical, surgindo de uma fusão do PC e PS levou, em 1938, Aguirre Acerda ao poder. A Frente Popular chilena perdurou até 1947 quando foi subdividida. LÖWY, *Op.cit.* p. 28-29.

em meados do século XX foram idealizadas no VIIº Congresso do Comitern em 1935. Tal aliança, representava a junção de partidos comunistas, socialistas e democrático-burgueses que, sob ordens stalinistas, deveria combater o fascismo *criollo*. Semelhante reorientação teórica emitida pela IC possibilitou ao PCA ampliar suas alianças e expandir seu trabalho sobre as classes populares, bem como a outros setores sociais e revalorizar, ao mesmo tempo a “questão nacional”, o passado argentino. A ideia da formação de tais Frentes na Argentina da década de 1950 surgiu quando da fragmentação da CGT. A CGT de nº 2 composta por quadros socialistas e comunistas tentou de todas as formas viáveis seguir os exemplos francês e chileno, países onde tais organizações foram bem sucedidas.

A isso acrescentamos a questão, que segundo Eric Hobsbawm dividiu a esquerda na América Latina: a natureza do principal inimigo interno para os revolucionários. Num contexto onde a maioria dos partidos identificava o inimigo internacional como o “imperialismo”, representado em uníssono pelos Estados Unidos- salvo raras exceções como a do PC argentino-, a dúvida girava em torno dos caminhos empregados para se chegar a revolução socialista. Contra quais classes e frações de classes deveriam partir os ataques? À burguesia nacional em desenvolvimento ou contra os proprietários de vastas extensões de terras? O historiador inglês afirma que tanto os grupos burgueses locais, interessados na industrialização por substituição de importações, como a maioria dos partidos comunistas apoiavam a tese “(...) segundo a qual a principal tarefa dos latino-americanos era destruir os interesses agrários e o ‘latifúndio’”<sup>121</sup>, que muitas vezes identificavam apenas como a fase feudal latino-americana. Tais debates e ideias já eram levadas em consideração por marxistas dos anos 1920 e se arrastou por boa parte do século XX.

As trajetórias de Codovilla e do PCA, nesse ambiente, sofreram drásticos impactos, assim como toda a esquerda argentina quando da ascensão do peronismo. A dificuldade em classificar e as inúmeras discussões e rupturas em torno do entendimento do novo fenômeno bem como as pressões que os comunistas recebiam forçaram a liderança do partido a combater o “fascismo” peronista. Para tanto, os representantes do partido não tardaram em aderirem a União Democrática como estratégia de combate. A coalizão reuniu uma série de grupos sociais, com interesses distintos, mas unidos pelo ódio a Perón e a tudo que julgavam

---

<sup>121</sup> HOBSBAWM, *Op.cit.* p. 321

relacionado a ele. Como apontou Löwy, “O PC argentino retificará mais tarde sua análise do peronismo, mas o ‘erro’ de 1945-1946 será de grande gravidade para o futuro do partido”<sup>122</sup>.

O populismo peronista na verdade foi alvo de uma gama de interpretações e no campo de batalha ideológica pela construção e estabelecimento de um “dogma” a respeito do movimento, o “partido hegemônico” do país estava incapacitado. Distante de suas origens – desenvolvimento real de políticas socialistas voltadas para o proletariado - e extremamente burocratizado o PCA simplificou o processo de crises e transformações que apontavam um novo tempo nos aspectos políticos, sociais e econômicos argentino. Apesar disso, Codovilla num texto de 1946 reconhecia as fraquezas da União Democrática:

Cuales son las debilidades esenciales de la Unión Democrática? La primera consiste en que se trata de una unidad INCOMPLETA, por cuanto no participan todavía en ella los sectores PROGRESISTAS del conservadorismo y algunos partidos provinciales, dispuestos a luchar en comun por los mismos objetivos. Estas lagunas en el frente de la unidad democrática dejan un margen libre para las maniobras de los elementos más reaccionários de la oligarquía y del nazi-peronismo interesados en impedir que el grueso del caudal electoral del conservadorismo se sume a la Unión Democrática, para asegurar el triunfo de la formula radical. (destaques de Codovilla).<sup>123</sup>

Interessado unicamente em combater o coronel Perón, Codovilla acusou de “traição a democracia” qualquer voto não credenciado a UD. Isso significava, no momento, que não bastava apenas não votar em Perón, como apregoaram muitos organismos de esquerda. O voto deveria ser dado a UD, organização “defensora da democracia”. Qualquer que votasse em branco estaria atraído a democracia. A tática da IIIª Internacional Comunista de combater o fascismo por meio de uma Frente Antifascista e ao mesmo tempo defender os valores democráticos foi adaptada a Argentina por meio da Frente Antifascista Argentina, da qual o PCA reconhecia-se como principal representante, por intermédio de sua participação na UD.

No plano das atuações políticas, a maioria dos comunistas latinoamericanos se deslizaram de uma tática mais centrada no operariado, da Frente Operária á Frente Anti-imperialista, que ainda mantinha um caráter de combatividade e agrupava fortes contingentes de trabalhadores. A formação da Frente Antifascista que se erigiu por boa parte dos países do Sul orgulhava-se de combater o fascismo *criollo*. Tratava-se de prioridades e demandas, e no momento o conflito ao nazi-peronismo estava em primeiro lugar na lista de deveres dos

<sup>120</sup> LÖWY, *Op.cit.* p. 172

<sup>123</sup> CODOVILLA, Vittorio. *Batir al nazi-peronismo para abrir una era de libertad y progreso*. Ed. Anteo, Buenos Aires, 1946, p. 18.

comunistas argentinos. A nova tática mundial consistia numa aliança com os Estados Unidos e “potências democráticas” no combate ao modelo de governo alemão. A URSS emitiu ordens para que os partidos de todo mundo realizassem tais coalizões em nome dos direitos democráticos, do progresso e da paz.

É importante destacar que o folheto de 1946 expressava a opinião da liderança do partido, mas não representava todos os comunistas. Existiam frações políticas dentro do comunismo que tentavam impor-se contra a ditadura da liderança, mas eram abafadas. Prova disso é o caso de um importante militante, o intelectual Rodolfo Puiggrós<sup>124</sup> que rompeu com o comunismo para fundar um movimento de aliança com o peronismo. Dessa forma, entender a evolução da esquerda argentina implica, sem sombra de dúvidas, repassar cuidadosamente a posição adotada por diferentes setores e partidos frente ao fenômeno político nacional que foi o eixo de mudanças sociais e econômicas e que representou novas configurações e novos arranjos em todas as classes políticas que disputavam o poder.

Com o lema: “ningun mandato para los peronistas”<sup>125</sup> a liderança comunista argentina reconhecía ao mesmo tempo em que as inúmeras resistências na formação de chapas comuns nas eleições para governador, senador e deputado dentro do bloco da oposição e a heterogeneidade de forças políticas que a compunham apontavam para as fragilidades e ineficiências que um futuro governo com a fórmula “democrática” enfrentaria. O discurso comunista que se construía considerava o peronismo um presente de grego. Com nenhum mandato aos peronistas a nação argentina iria evitar a “introducción de un caballo de Tróia fascista en el Parlamento”<sup>126</sup>. E insistia, conclamando todos os grupos e membros comunistas do país a marcharem unidos não somente nas eleições presidenciais, mas também nas eleições para senadores, governadores e deputados. Na leitura que faziam acerca das mudanças cataclísmicas que atingiam o país, acusavam as ligações entre o peronismo e o imperialismo inglês. As críticas de Perón ao imperialismo ianque, não passavam de pura demagogia: uma

---

<sup>124</sup> Nasceu em Buenos Aires em 1906 e morreu em Cuba em 1980. Visitou Moscou no ano de 1926 e dois anos depois se filiou ao Partido Comunista. Participou então como conferencista da AIAPE (Associação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores). Foi também o fundador dos jornais *Brújula* e *El Norte* e da revista *Argumentos*. Ao ser expulso do Partido Comunista, em 1947, devido a sua postura de apoio crítico ao peronismo fundou o Movimento Obrero Comunista vinculado ao peronismo e perseguido depois da Revolução Libertadora. Enquanto organizador desse movimento liderou mais uma publicação de jornal, nesse caso o *Classe Obrera*. Sua produção compreende numerosos livros e artigos sobre a história da Argentina. Com o retorno de Perón, Puiggrós foi nomeado reitor da Universidad de Buenos Aires. Durante a ditadura viajou ao México onde ficou quase até o fim de sua vida. (Disponível em: < <http://www.rodolfopuiggrós.com.ar/biografia.php>>. Acesso em: 30 ago.2011)

<sup>125</sup> CODOVILLA, *Op. cit.* p. 15

<sup>126</sup> *Id. Ibid.* p. 15

chantagem para melhor vender a oferta, na medida em que estava entrelaçado e envolvido a fundo com o capital inglês que na época, segundo os comunistas, era representado na Argentina por uma elite que dominava e monopoliza o poder por meio de trustes e poderosos investimentos na economia. Assim:

Cada vez que se plantea, o se ha planteado, la necesidad de medidas o sanciones económicas internacionales para obligar a la dictadura militar-fascista a abandonar el poder y a permitir que el pueblo argentino pueda expresar libremente su voluntad a través de las urnas y darse el gobierno que quiere, surgen en seguida los sectores reaccionarios de la política inglesa alegando que no pueden apoyar tales medidas o sanciones porque eso perjudicaría los intereses de Gran Bretaña y de su comercio importador y exportador con la Argentina. Por otra parte, cada vez que los sectores democráticos de los Estados Unidos manifiestan su repudio a la dictadura nazi-peronista, posición que se refleja a través de los discursos de algunos diplomáticos norteamericanos, surgen inmediatamente las voces de “sosegate” de los círculos de la gran industria y de las finanzas americanas, que temen que una actitud energética de parte de los Estados Unidos pueda favorecer a los grandes trusts y monopolios ingleses que operan en nuestro país .<sup>127</sup>

Essa situação política de duelos entre os grandes interesses de potências mundiais deixaram o peronismo no meio do fogo cruzado e sem nenhuma proposta que beneficiasse verdadeiramente o trabalhador argentino. É importante perceber a leitura que o PCA fazia do imperialismo de Washington, principalmente quando acredita existir “setores democráticos” dentro do governo estadunidense. Tal interpretação custaria caro demais às fileiras comunistas num período de longo prazo. Os trotskistas, por exemplo, como veremos adiante, não tardaram em emitir notas apontando o caráter retrógrado e perigoso do partido considerado de esquerda mais numeroso do país.

O 17 de Outubro significou muito para o movimento peronista, já que a composição dos grupos que estiveram presentes na Praça de Maio eram na sua maioria de trabalhadores. O apoio que tais trabalhadores davam ao coronel indicava a intensa industrialização que atingia o país, bem como uma maior politização levada a cabo pelos sindicatos. Para os comunistas, no entanto, as greves de outubro foram realizadas pela demagogia social e impostas pela violência. Na leitura de Codovilla:

Todo eso – la DEMAGOGIA SOCIAL tanto como la VIOLENCIA – son partes de su plan tendiente al objetivo central de adueñarse COMPLETAMENTE del poder POR LOS MEDIOS QUE SEAN PRECISOS. Los nazi-peronistas tienen un PLAN DE ACCIÓN y una DIRECCIÓN UNICA encargada de acerlo cumplir. Lo aplican

---

<sup>127</sup> *Id. Ibid.* p. 14

ESCALONADAMENTE, pero con una audacia sin limites, bajo el amparo de la Policia. La huelga del 18 de octubre, lograda, en parte, por tal demagogia social e impuesta por la violencia, asi lo demuestra. Es un hecho que esa huelga fué ejecutada de acuerdo a un plan preestablecido, y dirigida por un mando unico, con el apoyo de la Policia. Asi es como los peronistas pudieron cortar la energia electrica, levantar vias de ferrocarriles, paralizar los transposrtes, impidiendo la concurrencia al trabajo. No hay que llamarse a engaño: el nazi-peronismo sabe accionar AUDAZ Y ENERGICAMENTE. Esa “huelga” y los desmanes perpetrados con ese motivo por las bandas armadas peronistas deben ser consideradas como el PRIMER ENSAYO serio de los Naziperonistas para desencadenar la GUERRA CIVIL. (destaques de Codovilla)<sup>128</sup>

O folheto escrito por Codovilla no calor das eleições de 1945-1946 simplificava em extremos as mudanças que ocorriam no país e as características do novo governo. A confusão entre o populismo nacionalista de uma nação dependente e o fascismo de uma metrópole imperialista foi de grande gravidade para o partido, que mais tarde retificou sua análise do peronismo.

A burocratização dessa vertente da esquerda argentina, classificada por alguns historiadores como “esquerda tradicional”, ou “esquerda conservadora” teve como consequência um maior controle do partido pela liderança. Assim, os dirigentes do PC argentino, na década de 1950, Codovilla e Ghioldi, se identificavam como aqueles que “viajan a Moscú”<sup>129</sup>, ou seja, que mantém uma política mais próxima com as decisões e a própria IC, que na época constituía-se a principal usina de poder. Os demais membros do partido “(...) servian como ‘chivos expiatorios’ al regreso de lós ‘viajeros’ que, munidos de la línea ‘correcta’, necesitaban buscar los culpables a las desviaciones”<sup>130</sup>. Rodolfo Puiggrós, militante do comunismo argentino até 1946 afirmou no livro *Las izquierdas y el problema nacional*, de 1957 que “(...) dirigian el partido los hombres que viajaban a Moscú, que asistían a lós congresos de la Internacional Comunista, que transmitian sus informes”<sup>131</sup>.

A leitura que o outro líder comunista, Rodolfo Ghioldi, fez acerca do peronismo em 1959, assemelha-se muito com a de Codovilla. Numa entrevista concedida a Carlos Stresser<sup>132</sup>, em 1959, o líder comunista corroborou as ideias que juntamente com Codovilla defendeu anos antes. Inserido no intenso debate que se arrastava por toda a década de 1950 e iria acompanhar os partidos e movimentos de esquerda por longos anos o dirigente político

<sup>128</sup> *Id. Ibid.* p. 20

<sup>129</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 76

<sup>130</sup> *Id. Ibid.* p. 76

<sup>131</sup> PUIGGRÓS. *Apud.* TARCUS. p. 76

<sup>132</sup> Carlos Stresser trabalhava na formação do livro *Las izquierdas en el proceso político argentino*, um dos mais interessantes quadros sobre a situação da esquerda em um momento chave da história do país.

tratou de desmistificar as correntes populistas que viam no 4 de junho, no 17 de outubro e em outras datas, eventos chaves e característicos de uma revolução social. Para o militante: “(...) sin desplazamiento de clases en el poder y sin substitución de un sistema social por otro más avanzado, no hay revolución”<sup>133</sup>. Rearranjos políticos entre os grupos dominantes, para Ghioldi, nada tinham de revolucionário. Ao explicar o que entendia por “desplazamiento de classes”, ele indica:

(...) entendiéndose por desplazamiento de clases no el simple hecho de que los elementos de una combinación dada -por ejemplo, burgueses y latifundistas- entren en proporciones diferentes en una nueva combinación; ello será políticamente importante, exigirá nuevas determinaciones tácticas, provocará nuevas soluciones posibles, pero no es revolución.<sup>134</sup>

O governo peronista, segundo ele, confirmou o antigo sistema social: fundado na grande propriedade latifundiária e na estreita relação com o imperialismo inglês.

Así, puede llegar al Poder una nueva conglomeración social que deja intacta la vieja estructura, o puede proponerse el restablecimiento de una forma social antes desalojada: no habrá revolución, y en la última hipótesis, será sencillamente contrarrevolución, aún cuando este grupo de fuerzas contara con vastísimo apoyo popular. Por lo tanto, cuando se afirma que porque un paro de 1945 produjo un silencio general hubo una revolución, se incurre en error evidente: aún con el silencio de ese día prosiguió, entonces y después, y hasta ahora, el sistema social fundado en la gran propiedad latifundista, que el señor Perón no quiso tocar, y continuó el señorío de los monopolios imperialistas. Está claro que no puede hablarse de revolución si la oligarquía conserva la totalidad de sus privilegios. Comprendo que puede quererse exaltar una nueva actitud de las masas populares, y el hecho es importante, pero ello no es por sí una revolución. Manejando licencias de este orden otras personas, desde un polo diferente, hablarán de la "revolución libertadora"; cualquiera sea el juicio que el hecho provoque, es innegable que el mismo no fue revolución ni mucho menos.<sup>135</sup>

Assim: “(...) derrocar a un gobierno constituído para fortalecer la vieja estructura social no es ni puede ser revolución desde ningún ángulo”<sup>136</sup>. Se o peronismo não possuía nada de revolucionário tinha então caráter conservador e fascista. Ao ser questionado sobre o processo de industrialização que esteve na pauta do projeto peronista e possibilitou o aquecimento do mercado interno, Ghioldi tratou logo de esclarecer o oportunismo de Perón frente aos acontecimentos que no cenário mundial deixavam a Argentina numa condição favorável:

<sup>133</sup> GHIOLDI. *ap.* Rodolfo Ghioldi, Silvio Frondizi y Rodolfo Puiggrós: La línea sinuosa. Miradas sobre el peronismo entre la caída y el retorno, Dossier: Cien años de lucha socialista. **Razón y Revolución**. N.º. 3, invierno de 1997, p.1-15.

<sup>134</sup> *Id. Ibid.* p. 2

<sup>135</sup> *Id. Ibid.* p. 2

<sup>136</sup> *Id. Ibid.* p. 2

Otros arguirán que el poder de Perón implicó una revolución por su coincidencia con la industrialización; pero ocurre, por un lado, que la simple aspiración a la industrialización no es todavía la revolución y por el otro, que esa aspiración y su verificación efectiva, dentro de ciertos límites, se ha producido en numerosos países de Asia, Africa y América, sin que nadie dijera, por ejemplo, que los colombianos hicieron una revolución más cuantiosa que la argentina simplemente porque ellos registraron un ritmo de desarrollo industrial más vigoroso. Que en las condiciones de la Segunda Guerra Mundial hubo desenvolvimiento industrial en todos los países subdesarrollados es un hecho fuera de discusión, y que al amparo de ello se creó la posibilidad de pasar a etapas más elevadas, es igualmente cierto, pero para hacer esa posibilidad una realidad era indispensable crear un estado óptimo del mercado interior (o sea, reforma agrária profunda), y eliminar a los monopolios imperialistas, cosas ambas que negó aquel régimen.<sup>137</sup>

A irrupção dos trabalhadores durante meados da década de 1940 e 1950, processo que desorientou uma esquerda que dificilmente se identificava com tais atores sociais, foi duramente criticada por Ghioldi. Segundo ele, as “massas” não perceberam o perigo do peronismo e sofreram diretamente os impactos da demagogia de Perón. Transferindo a culpa diretamente aos trabalhadores o líder comunista argentino afirmou que faltou “independencia política e ideologica”<sup>138</sup> ao operariado argentino. Evocando o papel de um partido que encontrava-se burocratizado e politicamente comprometido com forças que não se identificavam com as classes trabalhadoras, Ghioldi terminou por desmerecer o papel das “massas” destacando que elas continuavam sendo o “(...) eslabón básico de la vida nacional: el problema consiste en desprenderlas de tutelajes ajenos a la clase obrera”<sup>139</sup>.

Essa perspectiva adotada pelos principais representantes do partido em 1945, manteve-se durante pelo menos dez anos. Durante o IVº Congresso do Partido Comunista Brasileiro, em 1954, o partido vizinho enviou uma carta aos “camaradas do presidium”<sup>140</sup>. O início da carta apresentava o então líder Codovilla:

Permiti-me transmitir uma fervorosa saudação de combate do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina, que interpreta o sentimento de todo o Partido, da classe operária e do povo de meu país. E permiti-me, camaradas, que transmita uma fervorosa saudação e um forte abraço do camarada Vitorio Codovilla ao grande dirigente comunista do Brasil, companheiro Luiz Carlos Prestes, líder da classe operária e do povo brasileiro.<sup>141</sup>

<sup>137</sup> *Id. Ibid.* p. 3

<sup>138</sup> *Id. Ibid.* p. 4

<sup>139</sup> *Id. Ibid.* p. 4

<sup>140</sup> “Presidium”: nome dado à presidência do Conselho Supremo dos Sovietes.

<sup>141</sup> Revista Mensal de Cultura Política, nº 64, dezembro 1954 a fevereiro de 1955. Disponível em: <[http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev\\_prob/64/argentina.htm](http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/argentina.htm)>. Acesso em: 30. Abr.2013.

Deixando de lado as considerações entre lideranças, o documento enviado continha logo em seguida uma breve contextualização do cenário mundial. Em tal conjuntura, o PCA entendia que o imperialismo americano, dia após dia perdia espaço nos continentes europeu e asiático. Isso se devia aos “(...) grandes êxitos da política de paz e coexistência da U.R.S.S, da China Popular e das Democracias Populares”<sup>142</sup>. A consequência dessa perda de espaço ianque nos dois continentes levava o imperialismo a concentrar seus ataques aos povos latino-americanos, com o objetivo de “(...) assegurar, em sua retaguarda, bases militares, matérias-primas e carne de canhão grátis para sua política de agressão e de guerra”<sup>143</sup>. Nesse contexto, a situação dos partidos comunistas em todo o continente encontrava-se ameaçada. Em especial na Argentina, cuja situação estava, na ótica dos líderes, por demais difícil e complicada. E o culpado disso era Perón:

Perón valeu-se de uma demagogia obreirista, antiimperialista e antioligárquica. Uma conjuntura econômica favorável lhe permitiu fazer algumas concessões às massas e ganhar a maioria da classe operária. Os operários viam Perón como sua verdadeira salvação e chegaram até ao fanatismo por Evita e Perón. Nesta situação nos coube atuar. Somente com um trabalho tenaz e paciente era possível fazermos escutar pelas massas. O Partido dizia que não havia florescimento, que se não se resolvessem os problemas de fundo o país marcharia para uma crise catastrófica. O Partido dizia que Perón não era um governo de justiça social, mas de demagogia social; que não se deviam ter ilusões no governo, mas confiança nas próprias forças das massas. O Partido dizia que o governo de Perón não era um governo operário, mas um governo que serve aos interesses da oligarquia e do imperialismo; que o governo de Perón marchava para estabelecer um governo corporativo-fascista.<sup>144</sup>

Na carta enviada e reproduzida pela Revista Mensal de Cultura Política, o Partido declarava que somente através de um longo trabalho de esclarecimento político e ideológico pôde o Partido trabalhar e ganhar forças. Essa força estaria presente nas importantes greves organizadas. Entre tais greves, estão citadas: a dos gráficos, dos ferroviários e dos marítimos, que como vimos no capítulo 1, foram lideradas na sua maioria pelos membros da CGT nº2, na sua maioria filiados ao PCA e PS.

O discurso peronista resumia-se à política de guerra do imperialismo, ou seja, a demagogia em oposição às velhas estruturas oligárquicas e dos grandes monopólios, mas ao mesmo tempo a aliança com muitos representantes desses setores. O descontentamento das massas, especialmente as peronizadas estavam, em fins de 1954 evidentes pelo fato do

---

<sup>142</sup>*Id.Ibid.*

<sup>143</sup>*Id.Ibid.*

<sup>144</sup>*Id.Ibid.*

Movimento Peronista “(...) cada vez mais descarregar a crise nas costas do povo”<sup>145</sup>. Tais fatos causavam um grande descontentamento popular. Assim, os grandes setores das “massas peronistas” estavam compreendendo que Perón não era quem supunham. As coisas continuavam cada vez piores o que estaria despertando a classe trabalhadora para tomar partido na luta em andamento. Tal luta, encaminhava-se por meio da Frente Democrática Nacional, junção de segmentos heterogêneos, cujo imediatismo em derrubar o peronismo representava a principal bandeira: “(...) o ódio contra o imperialismo se desenvolve. Os comitês de luta estão em marcha no caminho da Frente Democrática Nacional, da frente única nacional antioligárquica e anti-imperialista”<sup>146</sup>.

Saudando o IVº Congresso do PCB, para o qual enviou alguns representantes, o PCA termina seu diálogo sonhador recorrendo aos clássicos exemplos de “democracia, progresso e paz”: “(...) na Argentina, como em outros países, transformaremos o curso reacionário e fascista no curso democrático, progressista e de paz, aberto no mundo pela grande União Soviética, a China e as Democracias Populares”<sup>147</sup>.

## 2.2 O movimento peronista na ótica do Partido Socialista Argentino (1943-1960)

Um processo semelhante ao que atingiu o comunismo argentino em meados do século XX fez-se sentir também no mais antigo partido de raízes marxista argentino: o Partido Socialista. O Partido Socialista Argentino foi fundado em 1895, inspirado pela IIª Internacional Socialista, e teve na figura de Juan B. Justo (1865-1928) seu principal representante. Em seu trajeto enquanto militante de setores das classes trabalhadoras, o PS argentino familiarizou-se com grandes teóricos, como o caso do já citado Mella. Apesar de intensas disputas com o PCA acabaram unidos, quando ocorreu a formação da União Democrática.

Em 1898 durante seu IIº Congresso, o PS tomou um rumo “reformista” e sob a liderança de Justo passou a valorizar a luta parlamentar e a educação política como meios de ação

---

<sup>145</sup> *Id.Ibid.*

<sup>146</sup> *Id.Ibid.*

<sup>147</sup> *Id.Ibid.*

transformadora e revolucionária. Essa leitura do partido foi hegemônica não apenas no final do século XIX, mas permaneceu também no ideário do grupo nas primeiras décadas do século XX. A primeira cisão interna do partido em 1918 culminou na formação do Partido Socialista Internacional, o PSI, logo transformado em PCA com a adoção das propostas da IIIª Internacional.

Entre as principais características do Partido Socialista é importante destacar seu caráter urbano e a ligação direta com a “aristocracia” dos setores trabalhadores. Sem perder sua importância nos meios sindicais, o PS sobressaiu-se cada vez mais como um partido interessado em manter uma cadeira, fosse de deputado ou senador, no parlamento. As tentativas de conquistar o eleitorado, em especial o da capital forçaram a organização a tornar mais maleável seu discurso. Essa façanha representava o distanciamento do socialismo argentino em relação ao grosso dos trabalhadores. Mesmo participando de greves e mobilizações a liderança do partido preocupava-se em excesso com a conquista de representantes no parlamento. Assim, foi sem sustos que a bancada socialista, em 1932 alcançou a representação máxima no Congresso: 43 deputados e 2 senadores <sup>148</sup>. A partir de então, o partido centrou sua retórica em torno de denúncias de corrupção administrativa e na proposta de uma legislação moderna e social. O “velho e glorioso” partido, que no fim do século XIX e nas duas primeiras décadas ostentava discursos de possuir uma “ideologia avançada” e que se vangloriava, frente aos conservadores, radicais e democratas progressistas pelo fato ser o único “partido das ideias” <sup>149</sup> e ao mesmo tempo aglutinador dos melhores intelectuais da época, parecia nos anos 1930 “(...) haber agotado de capital teórico-político y no revelaba capacidad alguna de renovarlo”<sup>150</sup>.

O PS entrou em processo de fragmentação a partir de 1927 com a formação do Partido Socialista Independente (PSInd). Tal cisão “à direita” resultou das ideias conservadoras de muitos intelectuais alojados dentro do partido “tradicional”. Entre os que integram o novo grupo destacam-se Antonio di Tomaso, Héctor Gonzalez, Augusto Bunge e Federico Pinedo. Através do *Libertad*, órgão midiático que veiculava as principais informações desse novo movimento, buscaram apoio junto aos setores populares da sociedade. Os conhecidos *libertinos* (nome derivado do jornal) apesar de terem uma existência quase efêmera colheram importantes resultados eleitorais. Antes do golpe de 1930, por exemplo, os socialistas

---

<sup>148</sup> TARCUS, *Op.cit.* p. 74

<sup>149</sup> *Id. Ibid.* p. 74

<sup>150</sup> *Id. Ibid.* p. 74

independentes haviam ganho as eleições para governador na Capital Federal. Nos anos do governo de Yrigoyen o PSInd apoiou o movimento militar e se colocou a disposição para mobilizar setores civis como “escora” do novo governo.

A fragmentação do PS continuou com a formação do PSO, Partido Socialista Operário, que inicialmente tinha um caráter “à esquerda”. Foi um grupo que se opôs a formação da UD e a política de “frente democrática” levada a cabo pelos líderes socialistas “tradicionais”. O novo partido buscou uma aproximação com o operariado e rechaçou as políticas de alianças com classes retrógradas em especial a burguesia nacional. Entre os principais dirigentes desse novo grupo destacam-se Benito Marianetti da Federação Socialista de Mendoza, o deputado Joaquín Coca e o advogado Gregorio Alfaro. Apesar de participar das discussões e dos círculos de debates internos do socialismo argentino, tal grupo foi derrotado no Congresso do Partido Socialista, realizado em Santa Fé. No entanto, constituído como grupo autônomo em 1938, recebeu nas eleições do mesmo ano tantos votos como o PS, especialmente em Buenos Aires. O ano de 1941 marcou uma forte migração de muitos líderes e militantes do PSO para o PCA, guiados principalmente por Marianetti que mantinha estreito contato com os líderes comunistas. Entretanto, alguns dirigentes como Coca decidiram rumar para o Movimento Peronista. O deputado foi um dos fundadores do Partido Trabalhista, principal força política de apoio ao coronel.

No início dos anos 1940 o tradicional partido encontrava-se completamente dividido entre frações que apregoavam serem as fiéis e únicas representantes das origens socialistas.

Apesar disso, segundo Gonzalo Adrian Rojas os socialistas sustentavam a solidariedade internacional como princípio norteador e central. Visualizavam no fascismo não apenas um fenômeno tipicamente europeu, mas internacional e como tal um perigo nacional. A encarnação do fascismo na Argentina era o peronismo:

O peronismo é visualizado pelos socialistas como a encarnação vernácula do fascismo, entendendo que em coerência com a situação internacional, a luta que se livrava na Argentina era entre os dois campos, o das forças democráticas contra as do totalitarismo.<sup>151</sup>

A maioria dos socialistas visualizava a Argentina das décadas de 1940-1950 como uma arena de batalhas. As duas forças que travavam o embate eram, de um lado forças democráticas e de outro, forças do autoritarismo. A luta contra o fascismo, que ganhou

---

<sup>151</sup> ROJAS, A. Gonzalo. *Os socialistas na Argentina (1880-1980): um século de ação política*. 476 f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 369-370.

sentido e força nacional, por meio dos discursos inflamados do embaixador Braden foi acatada urgentemente por representantes socialistas como bandeira de guerra.

A formação da frente de combate ao fascismo efetivou-se durante o 34º Congresso do partido em 1942. A ligação do PS com a União Democrática confirmou-se com a convocação por parte da organização de todas as forças cívicas “não doentes” do país. Apoiados pelos comunistas, democratas progressistas e radicais a UD como vimos foi um fracasso. Entre as lideranças socialistas da época estava Américo Ghioldi <sup>152</sup>. O 17 de Outubro e as demais mobilizações levadas a cabo pelo Movimento Peronista foram caracterizadas por Américo como puro “candombe” <sup>153</sup>. Partindo do autoritarismo de Perón, Ghioldi destacou o peronismo como uma forma de totalitarismo. Algumas atitudes antidemocráticas e antirrepublicanas levadas a cabo por Perón como é o caso da dissolução da Corte Suprema de Justiça, a intervenção nas universidades e sindicatos, as restrições à imprensa agudizavam a classificação do peronismo como um tipo de governo nazi-fascista. O fechamento da Revista *Vanguaria*, em 1947 coroou os “atos fascistas”.

A derrota da UD intensificou os deslocamentos que já vinham acontecendo há um bom tempo dentro do partido, já que nenhum deputado socialista conseguiu se eleger, algo que não acontecia no seio da organização desde 1912. A segurança dos líderes socialistas frente a um sucesso na capital do país gerou desconforto entre muitos militantes. Ao buscar os culpados para tamanho fracasso, o socialista Rómulo Berbolgio da *Revista Socialista* colocou os motivos da derrota por fora das ações do PS. Segundo ele as “massas” que compareceram ao 17 de outubro, momento chave da vitória do Movimento Peronista, faziam parte de camadas trabalhadoras que procuravam satisfação imediata de suas necessidades através de festas e diversões, diferente do verdadeiro operariado, cuja consciência de classe lhes permitia lutar por melhoras reais de suas condições sociais e políticas <sup>154</sup>. A revista citada descrevia o peronismo, em 1947, da seguinte forma:

O único método sério, responsável e afetivo para assegurar a marcha para o socialismo é ir eliminando os obstáculos que se opõem a seu avanço. Qual é seu obstáculo atual? Qual é seu obstáculo maior? É o fascismo crioulo, clérigo-militar-capitalista. Se antes o perigo era Hitler e Mussolini, vamos

<sup>152</sup> Américo Ghioldi (1899-1985). Irmão de Rodolfo Ghioldi, Américo foi um dos líderes do Partido Socialista Argentino. Durante o governo peronista passou 110 dias presos. Buscou exílio em Montevideú. Durante o período de desperonização do Estado, Américo foi a favor do fuzilamento da liderança peronista, o que causou enorme polêmica nos círculos de esquerdas do país.

<sup>153</sup> A grosso modo “candombe” tem um significado nos modismos argentinos: baile buliçoso, estrepitoso, desordenado.

<sup>154</sup> *Id. Ibid.* p. 371

voltar para os enganos de Munich ou ao pacto Hitler-Stálin? Frente ao fascismo em potência, com a idiossincrasia aldeã, mas sempre perigoso, não cabe discorrer sobre textos e fórmulas que, digamo-lo de passagem, também nos lecionam o momento. Frente ao fascismo só cabe a luta implacável pela liberdade completa e pelo socialismo.<sup>155</sup>

Definido o “mal” como totalitário em todos seus aspectos, tanto nas origens como nos planos e interesses, Ghioldi entendia e discutia com seus contemporâneos o justicialismo como uma bandeira que acobertava o nazi-fascismo. Conforme aponta Rojas, houve poucos dirigentes que não concordaram com a posição oficial do partido e a posição a respeito do peronismo foi aceita “sem fissuras pelo conjunto do PS”<sup>156</sup>. Apesar disso, o partido identificou alguns “traidores peronistas”, entre eles Alfredo López, redator de *La Vanguardia*, órgão de oposição ferrenha ao governo Perón até 1946; Carlos Bravo, que publicava no *Unidad Socialista* e Oriente Cavalieri que durante as eleições defendeu a abstenção eleitoral total por parte dos socialistas. Acusados de se reunirem com Perón e tramarem sua eleição foram expulsos do partido.

A história do partido, nos anos do governo peronista foi marcada por extensa perseguição. O apoio ofertado por Américo Ghioldi às greve ferroviárias, que agitaram a capital e o interior do país rendeu-lhe ordens de capturas lançadas por Perón. Por falar em greves, a posição do partido frente a CGT era contundente: entendiam-na como um organismo patronal a serviço do governo. Os trabalhadores filiados a tal entidade estavam mais longe do poder do que durante o governo Yrigoyen. Usando a greve como motivo para encarceramento geral, Perón ordenou a prisão de outro importante líder, Jacinto Oddone. Os sindicalistas socialistas foram expulsos das fileiras sindicais já domesticadas pelo peronismo. Esse fenômeno de participação na vida política por meio de greves representava para o PS a ausência de deputados ou senadores socialistas nas instâncias superiores do poder.

Foi nesse contexto de intensa pressão sob o movimento socialista que o Estado peronista determinou por meio da Direção Geral da Polícia Municipal da cidade de Buenos Aires o fechamento do *Vanguardia*. As denúncias do jornal acerca de novos atentados a constitucionalidade foram boicotados pela direção peronista. As pressões seguiram-se até o ano de 1951, quando Perón venceu novamente nas urnas. Para tais eleições o partido lançou as candidaturas de Alfredo Palácios e Américo Ghioldi. A fórmula, segundo Rojas, não conseguiu 1% dos votos<sup>157</sup>. Exilado em Montevidéu, no ano de 1951, após a vitória eleitoral

<sup>155</sup> Revista Socialista. Ap. ROJAS, p. 372.

<sup>156</sup> ROJAS, *Op.cit.* p. 373.

<sup>157</sup> Vale destacar que os candidatos ainda viviam clandestinamente no país.

do Movimento Peronista, Ghioldi confirmou o caráter totalitário do peronismo. Abandonando qualquer análise dos fundamentos econômicos e sociais que permitiram a Perón manter o controle do Estado, o líder socialista partiu para uma análise idealista da realidade argentina:

Do primeiro momento do movimento peronista compreendi que se iniciava no país um ciclo totalitário imposto de cima e em boa parte de fora, características ambas distintas dos aspectos conhecidos nos estremecimentos totalitários que se conheciam na Europa. Pensei então que era necessário conhecer a experiência do mal para reduzi-la e neutralizá-la na experiência dos homens. Após descobri as fases do complexo processo e condenei sistematicamente a empresa com o ânimo de que mal fora compreendido, pois só conhecendo-o deixaria de ser uma carga para a consciência argentina.<sup>158</sup>

Nos anos subsequentes ao governo peronista o socialismo conjecturou-se por intensas fragmentações. Assim, é difícil pensar em apenas um “socialismo”. Essa palavra, durante os anos Perón, assim como a própria ideia de “peronismo” abrangia inúmeros grupos políticos. Se pensarmos ser correto falar em “peronismos” é correto também pensarmos em “socialismos”. Prova disso, são as correntes que surgem durante o período 1940-1970. É possível encontrar dentro dos círculos socialista grupos pró-Perón; grupos da oposição ao governo; grupos que pregavam neutralidade, dentre outros.

Se o comportamento do PCA e do PS era de oposição ao governo, surgia na Argentina um novo movimento que ganhou força entre os anos 1945 e 1955. Tratava-se da “esquerda nacional” duramente criticada por Sívio Frondizi e Milcíades Peña. Muitos dos embates entre Penã e os líderes dessa esquerda chegaram aos níveis pessoais e acusações públicas sobre as vidas particulares dos autores. Apesar disso, é importante discutir o papel e o pensamento dessa “esquerda nacional”, num cenário onde discutir, interpretar e estabelecer um missão para as “massas” do país era tarefa central dos partidos de esquerda.

### 2.3 A “esquerda nacional” e o peronismo

A tradição da “esquerda nacional” buscou forjar uma identidade própria a partir do ajuste de contas com a esquerda pré-existente, especialmente a que se intitulava comunista. Seu ponto de partida na análise do peronismo distanciava-se muito das leituras realizadas pelos líderes do PCA e PS. A originalidade dessa tradição consistia em apontar o peronismo como um momento necessário, mas ao mesmo tempo superável na história nacional. O

---

<sup>158</sup> GHIOLDI. *Ap.* ROJAS, p. 377

peronismo, por meio da conscientização da classe trabalhadora e das “massas” do país, seria um passo importante para a realização da construção e implantação de um “socialismo nacional”. Entre seus principais nomes figura o de Jorge Abelardo Ramos, líder de “enorme audacia política e intelectual y pluma ligera”<sup>159</sup>. Seus colaboradores na produção de revistas, artigos, periódicos e livros foram Jorge Enca Spilimbergo e Norberto Galasso.

A defesa de um “socialismo nacional” forçou os teóricos dessa tradição de pensamento a buscar explicações e as raízes do movimento nas vertentes estadistas da elite oligárquica nacional do século XIX. Figura célebre dessa época e constantemente invocada pelo movimento foi o general Roca apresentado como ilustre personagem político defensor da libertação nacional frente ao imperialismo estrangeiro. Além de Roca, buscavam em José Ingenieros<sup>160</sup> sustentação teórica. Este último, vigoroso nacionalista argentino de inícios do século XX, destacava que a nacionalidade argentina estava se constituindo como produto *sui generis*, ou seja, diferentes causas das que determinaram a formação das sociedades orientais e européias. A natureza, os elementos étnicos refundidos na “nova raça”, as origens da cultura argentina e a evolução dos ideais diretivos, díspares em muitos aspectos dos modelos conhecidos. Em seu livro *Las direcciones filosóficas de la cultura argentina*, escreveu Ingenieros:

No implica ello que la Argentina carezca de tradición o cultura; significa que la existente es pequeña. Y si esto puede ser motivo para no envanecernos del pasado, como acostumbra sin esperanza de porvenir, bien podría serlo de regocijo si advirtiéramos que nuestra exigua tradición es de óptimo presagio para un mañana inminente. Nos faltan el ancla de las malas rutinas y el vicio teológico medieval, que pesan tanto como honran a las naciones que están por cerrar su ciclo en la historia humana; tenemos, nosotros, el pie ligero para encaminarnos hacia eras nuevas y ocupar un puesto de avanzada en la cultura humana, que los siglos renuevan sin descanso.<sup>161</sup>

<sup>159</sup> TARCUS, *Op. cit.* p. 23

<sup>160</sup> José Ingenieros nasceu em Palermo, Itália, em 1877. Filho de um revolucionário siciliano vinculado com a Primeira Internacional, que lhe infundiu as ideias do socialismo. Com elas, fez suas primeiras armas na política universitária. Aos 18 anos foi delegado pelo Centro Socialista Universitário, posteriormente integrado ao Partido Socialista Obrero Internacional (logo Partido Socialista Argentino). Mas, não foi precisamente por sua atividade política -localizado no campo do pensamento latino americanista- que se destacou Ingenieros. Os aportes de este sociólogo, médico e psiquiatra à cultura e à ciência nacional foi seu mais valioso legado. Em 1897 se graduou em farmácia e em 1900, formou-se em medicina. Seus cursos com José María Ramos Mejía acabou por inclina-lo ao estudo da psiquiatria e a criminologia, nas sendas do ideário positivista. Num país composto por uma grande massa de imigrantes, como era a Argentina de começos do século XX, uma das maiores preocupações dos pensadores era o problema da nacionalidade. Em parte a esse problema se dedicou José Ingenieros, cuja obra mais destacada no tema foi *La evolución de las ideas argentinas*. Sua prematura morte, em 31 de outubro de 1925, não evitou que se convertesse em um dos máximos referentes do pensamento nacional. Disponível em: < <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/i/ingenieros.php>. > Acesso em 30. abr. 2013.

<sup>161</sup> INGENIEROS, José. *Las direcciones filosóficas de la cultura argentina*. Buenos Aires: Elaleph, 2000, p. 3.

Por meio de seu nacionalismo cultural, expresso em uma particular, mas interessante, apropriação da filosofia positivista, Ingenieros foi considerado um dos fundadores da história das ideias na Argentina e como destacado, seu pensamento influenciou diversas matrizes que, durante a metade do século XX defendiam o nacionalismo popular.

A versão extrema dos nacionalistas populares, que se identificavam como peronistas chegou a formular uma narrativa de confronto entre “duas Argentinas”. Segundo Federico Neiburg:

Ramos falava de duas Espanhas – a oposição entre Carlos V e Felipe II dentro da família real – que teriam sido “transmigradas” para a América depois da invasão da península Ibérica por Napoleão. Uma era a Espanha do progressismo dos Bourbon, a outra a Espanha da reação feudal.<sup>162</sup>

A Argentina encarnava, portanto, um eterno conflito entre: barbárie e civilização; Revolução e Contrarrevolução. Nessa eterna disputa, o peronismo era parada obrigatória, ou passo importante, na constituição do socialismo no país.

Mesmo em 1955, quando se iniciou a desperonização do Estado, Ramos ainda escrevia positivamente a respeito de Perón, e manteve tal posição por quase toda vida. Em 1973, por exemplo, por meio do jornal *Izquierda Popular*, órgão do FIP (*Frente de Izquierda Popular*) Ramos combatia a oligarquia nacional acusando-a de mancomunar-se com o imperialismo e defendia um governo nacional e socialista. Segundo o FIP:

Los políticos oligárquicos y burgueses consideran a la historia, a la vida social, como una mera amplificación de las relaciones privadas. Poseen, pues, una visión invertida de los hechos. Buscan en el cielo las razones que se encuentran en la tierra, consideran que el pueblo, los trabajadores que hicieron el 17 de octubre y el cordobazo, los hombres y mujeres que constituyen el movimiento nacional son un paquete que se puede traer y llevar, o dejar “en herencia”. Y consideran a Perón el propietario privado de esa “fortuna”.<sup>163</sup>

Tal posição política era sustentada por Ramos em 1955, quando Frondizi e Peña se encontravam em um momento maduro, dentro dos círculos das esquerdas, de pensamento e produção. Segundo Ramos, Perón havia sido convertido de um simples coronel em um “gran jefe popular”<sup>164</sup>. A coroação desse chefe ocorreu quando as massas saíram às ruas no 17 de outubro de 1945. O peronismo, segundo Ramos, comprazia-se com seu destino histórico: o de libertação das massas oprimidas do país. Perón e seu sucesso eram frutos das “(...)

<sup>162</sup> NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 1997, p. 91.

<sup>163</sup> *Jornal Izquierda Popular*. Nº33. Buenos Aires, Argentina. Primeira quinzena de maio de 1973, p. 1.

<sup>164</sup> *Id. Ibid.* p. 1

aspiraciones de las grandes masas, que a su vez lo convirtieron en depositario, durante un gran periodo histórico, de su propia soberanía”<sup>165</sup>.

A narrativa teleológica que Ramos realizou do passado explicava em um mesmo momento, as origens e as causas da queda do peronismo e a possibilidade do Movimento Peronista sair vitorioso ao final. Tal ideário apareceu no pensamento de outro contemporâneo de Sívlio Frondizi. Trata-se de Arturo Jauretche<sup>166</sup>. Entre suas principais teses defendia ser a Argentina um país dividido. Existiam duas Argentinas: uma criada pela *intelligentsia* liberal que consagrava a história oficial ensinada nas escolas e a outra cuja verdadeira história permanecia oculta e por fora das instituições dominantes, ou seja, preservada pela “memória popular”<sup>167</sup>. Em seu polêmico livro *Los profetas del odio*, publicado em 1957 na cidade de Montevidéu, onde Jauretche buscou exílio depois da queda de Perón em 1955, o autor destaca que o principal problema de tal *intelligentsia* pousava no distanciamento em relação a realidade da população argentina. A prova disso residia-se nas prioridades que tal liderança propunha: em primeiro lugar a cultura (livros) e só depois o pão e as *alpargatas*<sup>168</sup>. O fato de os “profetas do ódio” não entenderem o peronismo demonstrava total ignorância em relação a “ordem natural” das coisas, ou seja: “primeiro o pão, o teto, as roupas, depois, o alfabeto e a educação”<sup>169</sup>. A censura de Jauretche a “liderança oligárquica” do país refletia claramente o anti-intelectualismo que desde o começo impregnou as manifestações de apoio a Perón, especialmente no 17 de outubro. Futuramente esse anti-intelectualismo se transmutou na própria ideologia dos intelectuais peronistas.

---

<sup>165</sup> *Id. Ibid.* p. 1-2

<sup>166</sup> Arturo Jauretche foi um intelectual *criollo*, um dos mais destacados panegiristas da cultura nacional argentina, que renegou o europeísmo das elites e classes médias e se voltou a causa dos seus conterrâneos, dos “*hombres de a pie, del pueblo trabajador*”. Nasceu na localidade bonaerense de Lincoln, em 13 de novembro de 1901. O mais velho entre dez irmãos, filhos de um empregado e uma professora, Jauretche agradeceu sempre as aventuras que viveu com crianças “*del pueblo*”, feito que –segundo disse- lhe permitiu conhecer o outro mundo, “*la vida de los boyeritos*”. Convertido em um yrigoyenista, frente o golpe de estado de 1930, participou do levantamento de 1933 em Paso de los Libres –ao qual dedicou um largo poema- e dois anos mais tarde foi um dos criadores da Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina, mais conhecida por suas siglas: FORJA, que conclamava a todos pela transformação da “Argentina colonial” em uma “Argentina livre”. Saudou a chegada do peronismo e pronto aceitou o cargo de presidente do Banco da Província de Buenos Aires, até 1951, quando se distanciou por divergências com Perón. Frente golpe de 1955, se dedicou a escrever em defesa do que conquistou durante dez anos de governo popular com o informe semanário *El 45* e o periódico *El líder*. Logo exilou-se em Montevidéu e diante do frustrado acercamento ao frondizismo, dedicou tempo a reflexão e publicou livros como: *El medio pelo en la sociedad argentina* y *Manual de zonceras argentinas*. Faleceu em 25 de maio de 1974. Disponível em: < <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/j/jauretche.php>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

<sup>167</sup> NEIBURG, *Op.cit.* p. 49

<sup>168</sup> As *alpargatas* eram calçados tradicionais dos trabalhadores. A relação entre livros e *alpargatas* surgiu em 1945 quando o deputado Américo Ghioldi criticou severamente o coronel Perón por promover os calçados ao invés de livros. As manifestações pró-peronistas eram marcadas por grito de *Alpargatas sí! Libros no!*

<sup>169</sup> JAURETCHE. *ap.* NEIBURG, p. 52

#### 2.4 O “nacionalismo popular revolucionário”: a esquerda de Perón

A formação dessa tradição de pensamento acompanhou o processo de desperonização do Estado. Desde 1955 até fins da década de 1960 organizam-se ecléticos grupos armados que realizam diversos movimentos guerrilheiros no sentido de estabelecer novamente o peronismo. O mais emblemático dessa corrente, no campo político, foi sem dúvidas John William Cooke. O “peronismo de resistência” teve como representantes teóricos o “segundo” Puiggrós e Juan Hernández Arregui. O grupo peronista renunciou a muitos discursos caros à esquerda do país, principalmente ao colocar o socialismo num horizonte distante e apontar as debilidades do internacionalismo proletário.

John William Cooke nasceu no seio de uma família radical e de origem irlandesa. Segundo Hernán Brienza a família Cooke era simpatizante e também fervorosa admiradora do Império Britânico<sup>170</sup>. A ligação de Cooke com os movimentos de cunho nacionalista recebeu influência de seu pai, que na década de 1930 era um importante líder yrigoyenista. Na década de 1940, *El Bebe*, como era conhecido, reconhecia-se enquanto um democrata nacional e no famoso 17 de outubro esteve na Praça de Maio sendo impactado pela nova configuração social que emergia. A ligação do revolucionário peronista com o Movimento foi intensa e corroborada quando foi eleito deputado, com apenas 26 anos. Se Cooke esteve no nascer do sol, esteve também no pôr do sol. Foi um dos que resistiu no 16 de junho de 1955 com pistola em mãos defendendo “o presidente revolucionário”.

Nos primeiros anos do exílio de Perón, ele e Cooke trocaram inúmeras correspondências. Numa das cartas o deputado radical-renovador (UCR-Junta Renovadora) definiu o peronismo da seguinte maneira:

En 1945, el peronismo fue el movimiento que surgió y triunfo contra todos los partidos, que hizo saltar el esquema de los partidos repartiéndose el poder político. No es que la izquierda hiciera crisis; es que una parte de la superestructura política del imperialismo saltó junto con los demás pedazos de esa superestructura. El movimiento popular que atacó a la oligarquía y al imperialismo pasó a ser la izquierda, por cuanto representaba las fuerzas del progreso nacional y de independencia del extranjero. Fue una situación revolucionaria, donde los esquemas teóricos no servían. Faltaba una

---

<sup>170</sup> BRIENZA, Hernán. *Jonh W. Cooke: El peronismo revolucionário*. 1ªEdição. Buenos Aires: Capital Industrial, 2007. Coleção Fundadores de la izquierda argentina.

izquierda nacional y ese papel paso a ocuparlo el peronismo aunque sin definirse como tal.<sup>171</sup>

Segundo Cooke, o triunfo do peronismo se deu no embate direto com a oligarquia e o imperialismo. Era esse o inimigo a combater e foi esse o inimigo derrotado. O primeiro passo a ser dado pelo Movimento Peronista foi exitoso, ou seja, o progresso nacional e a libertação do jugo estrangeiro. Ao definir o peronismo como a única opção de esquerda nacional Cooke limitou sua visão, mas ao mesmo tempo criticou tanto as vertentes comunista quanto a socialista e as demais correntes do país, principalmente quando ratificou que os esquemas teóricos, tão disputados dentro dos círculos desses partidos não serviam para nada quando uma situação revolucionária estava em curso.

O peronismo apareceu, assim, como uma continuidade histórica do movimento nacional popular que transcendia épocas, mas que teve marcos importantes. Não é de estranhar que os intelectuais ligados ao nacionalismo revolucionário tenham recuperado as interpretações historiográficas do revisionismo histórico, estabelecendo em muitos casos um relato histórico, cujos mitos eram Rosas e Yrigoyen. Em seus discursos enquanto deputado, *El Bebe*, tratou de defender o sentido de “esquerda”. Ser da esquerda não significava apenas ter uma filiação ideológica com partidos, grupos ou movimentos que traziam em sua alcunha e tradição tal termo. “Ser izquierda” não se encontrava nas palavras, senão nas constantes lutas em prol das condições sociais da classe trabalhadora. Em um discurso na Câmara, defendia Cooke:

(...) Nosotros creíamos que debíamos buscar nuestro rumbo en el pueblo mismo y en la entraña de la masa sufriente. Hay otros que han preferido navegar en oscuros riachos de su súa política y, lo que es peor, por pelear el reparto de los víveres, se han olvidado de la ruta que les marcaban las estrellas y permitieron que el timón fuese empuñado por manos extrañas. Nosotros no somos izquierdistas a ultranza porque el izquierdismo lleva también a algunos excesos en el poder. Somos izquierdistas en un sentido claro, lógico y que es el común de aca, por encima de todas las teorías políticas: el de un mayor avance en el sentido de las reconquistas de la igualdad social.<sup>172</sup>

Pouco a pouco Cooke transformou-se em uma das principais vozes do peronismo revolucionário. Ao longo de seu mandato ele interveio em inúmeros debates. Posicionou-se em defesa das leis antimonopolistas e em favor da reforma dos bancos e das nacionalizações levadas a cabo por Perón. Defendeu com unhas e dentes a instituição do ensino religioso nas escolas públicas e apoiou com sólidos argumentos a implantação do Primeiro Plano

<sup>171</sup> COOKE. *ap.*BRIENZA, p. 33

<sup>172</sup> COOKE. *ap.*BRIENZA, p. 34

Quinquenal. Nesse último ponto travou intenso e polêmico debate com o deputado radical e futuro presidente da nação, Arturo Frondizi. Sua posição econômica antiliberal levou a acusar Frondizi de marxista, o que desqualificou tanto o marxismo como a figura de Frondizi, que estava distante de qualquer pressuposto do gênero.

O deputado ainda apoiou e defendeu intensamente a Reforma Constitucional de 1949. Foi um dos grandes protagonistas da nacionalização dos meios de transportes, então em mãos inglesas. Quando em 1951, o jornal *La Prensa* representava o âmago da oposição a Perón e passou a publicar inúmeros artigos críticos ao presidente, Cooke veementemente defendeu a expropriação do jornal. Segundo ele, *La Prensa* sempre esteve contra o povo e detinha com esse uma enorme dívida, fruto de seus grandes pecados. Apesar de acreditar numa imprensa livre, o intelectual argentino não acreditava nos direitos “(...) de estas empresas mercantiles y capitalistas para procurar que los resortes del Estado se pongan a servicio de sus intereses”<sup>173</sup>.

Nos anos de 1950, *El Bebe* aproximou-se da primeira dama, Eva Perón, ao mesmo tempo em que travou batalhas com diversos representantes do peronismo. A crise política e econômica que se iniciou em 1949 e que alternou o controle e as leis voltadas ao poder e atuações públicas e a morte de Evita afastaram muitos intelectuais do peronismo. A esquerda popular, representada por Jauretche e Ramos afastou-se quase definitivamente do governo, apesar de escreverem em defesa do peronismo.

No ano de 1954 a situação política argentina apontava para a saída de Perón do poder. A tensão entre o governo e os partidários da oposição crescia a olhos vistos. Nesse cenário Cooke decidiu continuar sua militância como jornalista. Junto com César Marcos, companheiro de muitos anos e um dos que apresentou o então vice-presidente Perón à família Cooke, fundou a revista *De Frente*. O primeiro número saiu em março de 1954.

Por meio desse órgão Cooke denunciou a burocratização do movimento dos trabalhadores e ao mesmo tempo atacou o “imperialismo norteamericano en América Latina” e os contratos travados com a empresa californiana *Standard Oil*. Justificou tal comportamento e posição ao afirmar que seu interesse residia na soberania do país. A autonomia nacional e a defesa do país eram os lemas do movimento “nacional popular revolucionário”.

---

<sup>173</sup> COOKE. *ap.*BRIENZA, p. 35

No emaranhado enredo das polêmicas em torno do peronismo, Cooke atacou os condutores do PCA e do PS, em especial as figuras de Codovilla e Américo Ghioldi, principalmente pela influência de ambos ao forçarem os militantes de tais partidos para que se envolvessem com a União Democrática. Nas cartas que trocou com Perón, logo após a fuga do presidente, Cooke destacou que muitos partidos comunistas da América Latina já observavam o peronismo com outros olhares. Em Cuba, país onde se refugiou, Cooke escreveu em 3 de março de 1962: “(...) hay partidos comunistas de Latinoamérica que tienen sobre el Peronismo una nueva valoración, que suplanta a la que antes tenían, provenientes de los informes del P.C. argentino”<sup>174</sup>. A posição de 1964 foi retificada no principal livro que Cooke escreveu:

El Partido Comunista, que se autotitulaba “vanguardia del proletariado”, se desempeñó como vanguardia de la oligarquía. De lo que se han valido los antiliberales reaccionarios para desacreditar al marxismo, que parecería conducir sistemáticamente a las mismas posiciones que el liberalismo. Lo cual es falso. Primero, porque el marxismo no es una doctrina que de respuesta automáticamente a cada situación, es un método para conocer la realidad social y guiar las actividades tendientes a cambiarla. Según cómo se lo utilice se llegará o no a interpretaciones y a líneas de acción concretas. Y segundo, porque lo que ha caracterizado siempre al PC Argentino es, precisamente, el no aplicar la teoría que invocan.<sup>175</sup>

Segundo Cooke, o PCA utilizava o marxismo para justificar uma gama de “irrealidades”. Entre essas, Cooke acreditou piamente que os comunistas “(...) tienen una concepción del país que proviene, en parte, de asimilarlo a modelos históricos que no se adecuan a nuestro país y, en parte, de la mitología mitrista”<sup>176</sup>. Tais políticas e percepções do PCA ocorriam segundo o nacionalista argentino, dentro de um contexto de adaptação constante às políticas da URSS. Assim, ao ironizar a definição do peronismo pelo PCA, o ex-deputado escreveu:

Era un nazifascismo tan raro que había levantado la intervención de las universidades, dado legalidad al Partido Comunista después de 15 años de proscripción, permitía la libertad de prensa más desenfrenada, y celebró las elecciones más limpias de toda nuestra historia<sup>177</sup>.

Apesar de escrever essa obra em 1964, muitas das opiniões transcritas em *Apuntes para la militancia*, bem como atitudes adotadas por Cooke - principalmente o distanciamento em relação às opiniões de partidos que tinham um peso político muito grande, como é o caso

<sup>174</sup> COOKE. ap. RECALDE, Aritz. *El pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón*. Buenos Aires: Nuevos Tiempos. 2009, p. 138.

<sup>175</sup> COOKE, John Willian. *Apuntes para la militancia*. Buenos Aires: Cuadernos de la memoria. 1964, p. 25.

<sup>176</sup> *Id. Ibid.* p. 25

<sup>177</sup> *Id. Ibid.* p. 25

do PCA - , refletiam seu descontentamento com partidos e organizações que destacavam Perón como um antirrevolucionário e o peronismo como uma ferramenta de controle dos trabalhadores *via* Estado. Os escritos de 1964 que refletem um Cooke revolucionário e tais ideias acompanharam-no desde pelo menos 1955. Numa carta que trocou com Perón em 1961, Cooke manteve a ideia defendida durante os anos em que esteve no parlamento enquanto deputado. Segundo ele, a prática da classe trabalhadora argentina e as vitórias alcançadas contradiziam as constantes opiniões sobre a manipulação da classe trabalhadora em mãos do capital, posição essa adotada pela maioria dos intelectuais da esquerda argentina, entre eles Sívio Frondizi. Assim, Cooke estabeleceu um divisor de águas entre os *profetas de la revolución* e o projeto concreto dos trabalhadores. Dentro de seu *modus operandi* escreveu o intelectual:

Ir a ofrecernos para salvar al país del comunismo es una hipocresía, tonta además de malvada. Porque nosotros sabemos que el comunismo no amenaza al orden constituido. (...) Pero en esto son resignados y pacientes: creen en el determinismo histórico y no desean ayudar al futuro, porque las “condiciones objetivas” no están dadas, según lo demuestran con largo arsenal de citas trucas de los profetas del marxismo. (...) Los peronistas, en cambio, somos el peligro real y palpable, con una masa trabajadora bien esforzada y luchadora, y sin ninguna teoría de revolución democrático-burguesa que les obstruya el cerebro. En cada uno alienta la esperanza de tomar el poder, traer su nombre, y quitarles la plata a los que la tienen. Este sencillo programa, con música de la “marchita peronista” y no de la “Internacional”, amenaza a las clases poseedoras y a sus instrumentos de poder.<sup>178</sup>

A queda de Perón marcou o refluxo das práticas do movimento. Cooke foi obrigado a viver na clandestinidade, mas acabou preso. Depois de mais de um ano nas penitenciárias de Casero, Ushuaia e Rio Gallegos o ex-deputado fugiu com mais cinco companheiros e se refugiou no Chile. Algumas tentativas de voltar ao país foram frustradas. Passou por Cuba e organizou diversos movimentos em apoio ao retorno de Perón. Morreu em 1968, sem ter presenciado o segundo momento de seu líder no governo.

Em linhas gerais, Brienza estabelece três fases para o ideário de John Willian Cooke. O primeiro Cooke é o familiar. No seio da família ele mantém sua admiração pelo liberalismo inglês e ao mesmo tempo se aproximou dos radicais. A segunda é a fase peronista que se estendeu por pelo menos quinze anos (1945-1960); a terceira fase é o momento revolucionário, quando em 1960 o militante argentino tem contato com a revolução cubana e

---

<sup>178</sup> COOKE. *Op.Cit.* p.138-139.

os principais líderes do movimento; o último Cooke aparece nos anos finais, quando ele repensa suas práticas e a relação delas com o peronismo <sup>179</sup>. É importante destacar que o pensamento do líder “nacional revolucionário” não é homogêneo. Ele está condicionado aos eventos e transformações que no cenário político apresentavam novos caminhos a serem escolhidos. Assim, em 1945 Cooke estava convencido de que as bandeiras do radicalismo yrigoyenistas que vinha defendendo até então estavam caducas diante das propostas justicialistas de Perón. A segunda fase é a que mais nos interessa, por apresentar um intelectual maduro, cuja voz, apesar de muito combatida nos círculos de esquerda tinha um peso imensurável. Sem dúvidas, os discursos construídos e a força social do pensamento dos militantes Sívio Frondizi e Milcíades Peña apenas tem sentido quando inseridos nos debates que permeavam não apenas os partidos comunistas, socialistas ou trotskistas, mas também movimentos pró-governo, como é o caso do “nacionalismo popular revolucionário”. É nessa arena de disputas, principalmente entre os anos 1945-1960 que o sentido dado ao peronismo por Frondizi e Peña se constrói. É na articulação e no calor dos debates e das (re) leituras envolvendo as inúmeras interpretações do novo fenômeno que o peronismo se erigiu. Não apenas nos aspectos políticos, sociais, culturais ou econômicos. Se a palavra peronismo remete diretamente a uma ampla gama de sentidos (doutrina política, tipo de governo, forma de discurso, liderança bonapartista, experiência nacional popular, populismo, autoritarismo, entre outros) as causas de tais definições surgem e se consolidam nesse período. Em suas especificidades Willian Cooke contribuiu para a construção do conceito.

Mesmo sendo Cooke um dos mais destacados peronistas de esquerda, o movimento não recebeu influência apenas dele. Outro teórico que pertencia ao chamado “campo nacional” e que durante sua trajetória aproximou-se muito do “nacionalismo popular revolucionário” foi Juan Jose Hernández Arregui. Mesmo tendo participado da oposição a Perón (até 1947 permaneceu no Partido Radical), Arregui desligou-se de tal partido e passou a ser representado como um “peronista de esquerda”.

---

<sup>179</sup> Influenciado pelo contato que manteve com Che Guevara e admirador da Revolução Cubana Cooke passou a adotar a mesma postura e visão da esquerda comunista argentina. Apesar disso, insistia que o peronismo tinha sentido revolucionário, mas não estava organizado para as tarefas revolucionárias. Em termos gerais acreditava que o peronismo não poderia fazer nenhum tipo de revolução, já que era um “gigante adormecido”, mas que sem o peronismo a revolução não poderia triunfar, já que este tinha impregnado as massas. Assim escreve no livro *La lucha por la liberación nacional*: “Pero, de la misma manera que declaro que no puede haber liberación sin el Peronismo, reconozco que tampoco podrá hacerla exclusivamente el Peronismo. La tarea requiere una movilización popular muy vasta, una gran política de masas orientada por un programa que sea, al mismo tiempo, inflexible en el mantenimiento de ciertos principios fundamentales y suficientemente amplio como para superar los particularismos ideológicos de sectores que coinciden en el propósito común”. COOKE, J. William. *La lucha por la liberación nacional*. S/editora. 1959, p. 2.

Nascido na cidade de Pergamino, na província de Buenos Aires em 1912, Arregui se mudou cinco anos mais tarde em definitivo para a capital federal. Com dezoito anos ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires e vinculou-se aos grupos que militavam na UCR. Por motivos familiares transferiu-se para Córdoba, onde se instalou na casa de um tio, importante membro do Partido Radical. As influências que e as orientações dadas acabaram por colocar Arregui numa posição de destaque, principalmente quando foi nomeado secretário da Universidade Popular Victor Mercante, criada pelo governo para a formação de professores.

O ano de 1938 marcou a volta do intelectual argentino para a capital da província, onde retomou seus estudos na Universidade Nacional de Córdoba, dedicando-se aos estudos filosóficos. Por meio da Universidade e dos círculos de debates Hernández Arregui tomou contato com alguns intelectuais e grupos marxistas, entre eles o professor Rodolfo Mondolfo<sup>180</sup>, importante marxista europeu que durante a Segunda Guerra foi perseguido pela fascismo e acabou buscando refúgio no país latino.

Após 1945 a ascensão do peronismo caracterizou o surgimento de graves crises internas ao Partido Radical. Nesse momento, Arregui renunciou o partido e aproximou-se do peronismo. Em 1947 mudou-se para a cidade de La Plata, onde o governo de Mercadante estava procurando alguns ex-quadros radicais para fazer parte de sua equipe. Com essa condição, H. Arregui conseguiu o posto de diretor de censos e estatísticas. Logo em seguida, o intelectual voltou à universidade, desta vez como professor adjunto da cadeira de História, da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade Nacional de La Plata<sup>181</sup>.

Desde sua aproximação do peronismo jamais deixou de participar “organicamente” do movimento, tanto enquanto docente, quanto membro nos postos estratégicos da burocracia. Quando a Revolução Libertadora eclodiu e Perón fugiu do país, Arregui atacou veementemente seus inimigos e procurou outro elemento histórico para aliar-se ao coronel

---

<sup>180</sup> Nasceu em Senigallia, 1877 e morreu em Buenos Aires, 1976. Filósofo italiano. Professor nas Universidades de Turim e Bolonha em 1938. Exilou-se na Argentina até o final da Segunda Guerra Mundial, onde foi professor em várias universidades locais. Ao voltar à Itália continuou ser professor em Bolonha. Especialista em filosofia grega e no marxismo foi autor, entre outras obras de, *A Filosofia dos gregos*, *Materialismo Histórico* e *Bolchevismo e ditadura*. Além de Arregui, Mondolfo contribuiu para o amadurecimento do pensamento de Sívio Frondizi. As palestras proferidas nos seminários de filosofia e política organizadas na *Universidad de Tucumán* pelos irmãos Arturo e Sívio Frondizi possibilitaram um contato mais estreito com as produções marxistas. Apesar de participarem do mesmo círculo de palestras, Arregui e Frondizi tomaram caminhos diferentes. Enquanto um apoiou o peronismo, Frondizi criticou duramente o Movimento. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/mondolfo.htm> Acesso em 07 set. 2011

<sup>181</sup> NEIBURG, *Op. cit.* p. 59

que não o “povo”, mas uma elite intelectual presente nas universidades aliada aos estudantes<sup>182</sup>. Repensando os personagens revolucionários, o peronismo foi entendido como a mais avançada realização histórica do nacional-popular, num processo contínuo de autoconsciência histórica. A produção intelectual de Arregui, em especial *La formación de la conciencia nacional*(1960); *Que es ser nacional?* (1963) deve ser pensada dentro de um contexto de recuperação do “sentido original” do peronismo, ou seja, uma defesa do “peronismo de bases”, ou “peronismo revolucionário da resistência” oposto ao peronismo centralizado e burocratizado do alto escalão político.

Ao “passar revista” sobre os círculos que se consideravam de esquerda, Milcíades Peña considerou o movimento de “resistência peronista” como uma das inúmeras “falsedades históricas pseudo marxista, pseudo nacionales”<sup>183</sup>.

## 2.5. Trotsky e o trotskismo argentino na irrupção do peronismo

Dedicaremos um espaço especial ao desenvolvimento do trotskismo na Argentina, porque foi com essa fração da esquerda que Milcíades Peña e Sívio Frondizi travaram boa parte de seu diálogo. Especificamente falando, foi nesses círculos, especialmente sob a direção do Grupo Obrero Marxista (GOM) de Nahuel Moreno, que Peña iniciou sua ligação com o movimento trotskista, união que foi marcada por constantes rompimentos até a data de sua morte. Além disso, as interpretações desenvolvidas por Sívio Frondizi se construíram nos constantes embates com organizações trotskistas, como o Grupo IV<sup>a</sup> Internacional, dirigido por J. Posadas, o Grupo Octubre, liderado por Jorge Abelardo Ramos entre outros. Apesar de não se reconhecer enquanto trotskista, Sívio Frondizi esboçou um interessante balanço sobre Trotsky, sobretudo no segundo tomo do livro *La realidad Argentina-la revolución socialista*. Nessa parte esmiuçou a teoria da revolução democrático burguesa tanto em Marx e Engels, quanto em Lenin e Trotsky, sendo que aos dois últimos dedicou um espaço de mais de trinta páginas.

Antes de realizar a discussão em torno dos partidos é de fundamental importância realizar um breve panorama das principais ideias do pensador russo. As inúmeras apropriações dos textos de Trotsky realizadas pelos grupos argentinos só podem ser pensadas

---

<sup>182</sup> *Id. Ibid.* p. 60

<sup>183</sup> PEÑA, *Op. cit.*

a partir do momento em que se definem alguns conceitos caros a Trotsky. Conforme defendemos no início, consideramos o fato que alguns grupos ao se apropriarem dos textos de Marx fizeram de acordo com seus interesses, o que significa que tais leituras abordam, em alguns momentos, aspectos parciais, desconsiderando a totalidade de Marx. Alguns intelectuais fizeram o mesmo com as ideias do revolucionário russo. Apesar disso tais grupos se inserem dentro de uma tradição de pensamento que se reconhecia como trotskista. Estudá-la é fundamental e veremos de que forma colocaram em xeque as pautas da política peronista. A temática remete, portanto, a uma discussão prévia dos principais elementos presentes na teoria trotskista, seja as discussões que travou em torno da revolução permanente, seja a teoria que elaborou a respeito do desenvolvimento desigual e combinado. A relevância de esclarecer ao mínimo esses dois aspectos justifica-se pelo fato de terem sido exaustivamente debatidos entre os círculos trotskistas argentinos. Discutir esses importantes quesitos da teoria trotskista não significa criar conceitos prontos e acabados, mas propor reflexões centrais que permitam uma melhor compreensão do grau e do valor dos debates sobre Trotsky e sua teoria nos anos prévios ao peronismo e durante esse período. Abordaremos questões-chave para os países latino-americanos como os nacionalismos burgueses e as tarefas da revolução nesses países, em especial a questão da libertação nacional, tão cara a Trotsky. Naturalmente, não pretendemos esgotar a temática, já que a mesma é o centro de inúmeros debates ao longo de todo o século XX. O objetivo central desse ponto é a problematização e as adaptações das ideias de Trotsky por grupos da esquerda argentina.

### 2.5.1 A teoria do desenvolvimento desigual e combinado: a trajetória e as contribuições de Trotsky para uma teoria marxista

Inicialmente é relevante destacar que dado o espaço destinado a discussão desse ponto é impossível chegar a uma totalidade da trajetória de Leon Trotsky (1879-1940) ou de seu pensamento. Apesar de darmos destaque para a teoria do desenvolvimento desigual e combinado e a da revolução permanente, é desnecessário fazer uma análise pormenorizada da sua militância. Existem inúmeros trabalhos biográficos sobre Trotsky que dão conta de apresentar uma plenitude ampla, como é o caso da coletânea do polonês Issac Deutscher<sup>184</sup>.

---

<sup>184</sup> Ver: DEUTSCHER, Issac. *Trotski. O profeta armado (1879-1921)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. \_\_\_\_\_, *Trotski. O profeta desarmado (1921-1929)*. 3ª Edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. \_\_\_\_\_, *Trotski. O profeta banido (1929-1940)*. 3ª Edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Seu pensamento inspirou-se fortemente em suas experiências político-sociais na Rússia e sua revolução, mas também na experiência posterior a sua expulsão da Rússia, em 1929. Foi o exílio no México, de 1937 até sua morte, que lhe permitiu aprofundar suas convicções sobre a América Latina.

Levando isso em consideração é imprescindível discutir alguns aspectos políticos em andamento na Rússia que influenciariam as produções de Trotsky a começar pela ascensão da fração stalinista sobre o PCUS e em seguida sobre a IIIª Internacional Comunista que em meados de 1920 deu origem a teoria do “socialismo em um só país”. A burocracia do partido sob a liderança de Stálin e Bukharin defendia a construção do socialismo em uma só nação. Tal ideário recebeu fortes críticas de Trotsky que juntamente com importantes líderes da Revolução Russa, entre eles Zinoviev e Kamenev formaram a Oposição Unificada. Segundo Pierre Broué:

A luta da Oposição Unificada contra o aparelho stalinista, no interior do PCUS, é um dos episódios decisivos disto que muitos autores chamam ainda de “a luta pela sucessão de Lênin” e que é, de fato, o episódio principal da luta entre o aparelho – ou seja, a burocracia no sentido político e social – e o partido com seus operários avançados e sua tradição revolucionária.<sup>185</sup>

O programa defendido pela Oposição Unificada foi exposto em dois momentos: na Declaração dos Treze (1926) e em seguida na Plataforma da Oposição (1927). O primeiro documento reafirmava a burocratização como o motor da crise que além de política afetava também o nível de vida e os salários. Os membros defendiam uma “política proletária”<sup>186</sup> cujo objetivo era mobilizar a classe operária, limpar o aparelho do governo de falsificações e calúnias e restabelecer a vida do partido. A luta pela hegemonia dentro do partido custou caro e como é sabido muitos líderes foram perseguidos e, como Trotsky, recorreram ao exílio. No caso de Trotsky, a perseguição intensa custou-lhe a vida.

Afora as inúmeras perseguições levadas a cabo pela aparelhagem stalinista, Nicolás Krassó<sup>187</sup> apontou em seu polêmico debate com Ernest Mandel que o anátema lançado contra Trotsky por Stálin converteu seu nome em sinônimo de traição para milhares de militantes em todo o mundo. Krassó escreveu em 1967 na *New Left Review*, ou seja, quase trinta anos depois da morte de Trotsky e uma década depois da morte de Stálin, mas o fato de Trotsky ser

---

<sup>185</sup> BROUÉ, Pierre. A Oposição Unificada (1926-1927). In. LOUREIRO, Isabel Maria, *et al.* COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, p 85.

<sup>186</sup> *Id.* *Ibid.*, p. 87

<sup>187</sup> KRASSÓ, Nicholas; MANDEL, Ernest; JOHNSTONE, Monty. *El marxismo de Trotsky*. Córdoba: Pasado y Presente, 1970.

um tabu em muitos círculos de esquerda foi uma realidade comum na América Latina das décadas de 1950-1970.

Uma das questões centrais no pensamento do teórico russo gira em torno da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, que juntamente com a teoria da revolução permanente são as duas grandes contribuições de Trotsky ao pensamento marxista. Por meio delas, seu autor tentou esclarecer as características e as possibilidades de realização da revolução mundial. Michael Löwy aponta que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado é interessante em vários aspectos. Não apenas pelo fato de contribuir para uma reflexão histórico-crítica a respeito do imperialismo e de sua ação, mas também como “(...) uma das tentativas mais significativas de romper com o evolucionismo, a ideologia do progresso linear e o euro-centrismo”<sup>188</sup>. Foi sem dúvida uma das maiores contribuições de Trotsky ao marxismo. O sentido de tal teoria, grosso modo foi estabelecer problematizações e levantar explicações para as contradições econômicas e sociais dos países do “capitalismo periférico” ou dominados pelo imperialismo.

As primeiras formulações assomam no livro *Balanços e perspectivas* (1906). Apesar de o termo “desenvolvimento desigual e combinado” não aparecer, os temas centrais da teoria encontram-se esboçados. Em tal obra realizou uma aguçada análise das revoluções operárias do século XX, bem como do capitalismo russo e sua relação com o capitalismo europeu. Trotsky destaca que cercada por potências estrangeiras a Rússia- primitivista economicamente falando- foi empurrada em direção ao capitalismo. As condições sob as quais a pressão externa foi exercida levaram o Estado russo a desempenhar o papel de protagonista na construção do capitalismo naquele país. Dessa forma, o mercado mundial condicionou o desenvolvimento do capitalismo na Rússia através da mediação do Estado czarista. O capitalismo russo “aparece como filho do Estado”.

Antes de prosseguir é importante ressaltar que as origens do pensamento de Trotsky remetem ao período em que esteve preso nas masmorras czaristas. Acusado de participar dos movimentos revolucionários de 1905, o militante russo elaborou os primeiros esboços de seu livro *Balanços e perspectivas*. Nesses primeiros escritos o autor já rejeitava a etapa revolucionária “democrática” na história russa e apontava as premissas socialistas como única via de acesso a uma verdadeira revolução social. Ao criticar a burguesia russa defendia que apenas a “ditadura do proletariado” poderia realizar todas as tarefas revolucionárias, inclusive

---

<sup>188</sup> LÖWY, Michael. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado*. Outubro, nº 1, p. 73-80, 1998. p.1.

as democráticas. Com o acirramento da luta de classes o proletariado russo estava fortalecido e em processo de rápido crescimento:

O proletariado cresce e reforça-se com o crescimento do capitalismo. Neste sentido, o desenvolvimento do capitalismo é também o desenvolvimento do proletariado no sentido da sua ditadura. Mas o dia e a hora em que o poder passará para as mãos da classe operária dependem diretamente, não do nível atingido pelas forças produtivas, mas das relações na luta de classes, da situação internacional e de um certo número de fatores subjetivos: tradições, iniciativa, combatividade dos operários.<sup>189</sup>

De maneira sucinta, Trotsky aponta que medidas democráticas, dada as condições específicas do desenvolvimento russo – país considerado *atrasado* – só conseguiram sucesso se levadas a cabo pelo proletariado. A revolução agrária, por exemplo, que nos países considerados por ele avançados foram levadas a cabo pela burguesia nacional só conseguiriam ser efetivadas na Rússia com o domínio do Estado pelo proletariado<sup>190</sup>.

A partir da obra *1905*, publicada em 1909, sua teoria emergiu e se consolidou. Ao observar as características econômicas e sociais da Rússia ele destaca as contradições internas no país. Assim, alguns “estágios da civilização” podiam ser percebidos dentro do território russo, desde a mais completa selvageria, onde pessoas se alimentavam de peixe cru e rezavam a um pedaço de madeira, até as novas configurações da vida social capitalista, em que o operário seguia atento os debates políticos e se mobilizava. Como apontou Löwy, estes diferentes estágios “(...) não estão simplesmente um ao lado do outro, numa espécie de coexistência congelada, mas se articulam, se combinam, se “almagamam”<sup>191</sup>.

A singularidade da condição russa só pode ser compreendida no pensamento de Trotsky quando se considera o avanço do capital financeiro europeu- Trotsky ainda não usa o termo imperialismo- que em solo do leste europeu “saltou etapas” consideradas “normais e orgânicas” e não pôde repetir o desenvolvimento apresentado em países como França e Inglaterra. O pequeno ofício e a manufatura, por exemplo, foram saltadas e em contrapartida a

<sup>189</sup> TROTSKY, Leon. *Balances e perspectivas*. Versão digitalizada. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/balanco/prefacio.htm>>. Acesso em: 30 mai.2013.

<sup>190</sup> Ao perceber o Estado como uma máquina na mão das classes dominantes, Trotsky elenca o seu papel como “meio” extremamente poderoso de organizar, desorganizar e reorganizar as relações sociais. “A revolução é uma prova de força aberta entre as forças sociais em luta pelo poder. O Estado não é um fim em si, é unicamente uma máquina nas mãos das forças sociais dominantes. Como qualquer máquina, tem os seus mecanismos: um mecanismo motor, um mecanismo de transmissão e um mecanismo de execução. A força motriz do Estado é o interesse da classe; o mecanismo motor é a agitação, a imprensa, a propaganda pela Igreja e pela Escola, os partidos, os comícios na rua, as petições e as revoltas; o mecanismo de transmissão é a organização legislativa dos interesses de casta, de dinastia, de estado ou de classe, que se apresentam como a vontade de Deus (absolutismo) ou a vontade da nação (parlamentarismo); finalmente, o mecanismo executivo é a administração com a sua política, os tribunais com as suas prisões, e o exército”. *Id. Ibid*

<sup>191</sup> LÖWY, *Op. cit.* p. 75

manifestação mais evidente foi a grande indústria <sup>192</sup>. A chegada do capitalismo permitiu uma nova configuração histórica, em que velhas formas de dominação conjugava-se com novas condições políticas e econômicas criando assim uma situação novíssima de exploração e hegemonia. Em outras palavras, o capital europeu sustentou o desenvolvimento embrionário da indústria russa e as cidades modernas acompanharam esse processo. Esse *tipo* de desenvolvimento do capitalismo periférico tomou forma, em certos aspectos, muito mais avançadas do que nos países ocidentais. O império dos czares aponta Trotsky, adentra ao capitalismo financeiro pelas portas da frente, com pomposidade e circunstâncias e não pela porta dos fundos na escuridão e silêncio. Apesar desse avanço desenfreado do capitalismo financeiro europeu, as velhas formas exploratórias, especialmente no campo continuavam vigentes e ditavam o ritmo de vida da população.

Nestas condições, esclarecidas as combinações de traços pré-capitalistas e capitalistas modernos, qual a solução que Trotsky propõe? A única saída estava numa revolução que combinasse “tarefas democráticas” e medidas socialistas num processo de *revolução permanente*. Isso não significa etapismo, mas processo contínuo. As “tarefas democráticas” e aqui é possível entender ações como a derrubada do czarismo, partilha de terras e democratização do Estado deveriam fazer-se acompanhar de medidas socialistas, ou seja, a expropriação do grande capital <sup>193</sup>.

A teoria do desenvolvimento desigual e combinado ganhou corpo num contexto em que o predomínio das ideias da IIIª Internacional era expressivo. A aceitação por parte de seus teóricos representantes de que os países *atrasados* não apresentavam forças produtivas suficientes para a instalação do socialismo foi enorme. A revolução democrático-burguesa surgiu como uma opção para o desenvolvimento de tais forças ao mesmo tempo em que permite pensar numa revolução socialista a longuíssimo prazo. Assim, os dirigentes da IC estimulavam a aliança dos PCs da América Latina, em especial, com as burguesias pátrias. A orientação visava também o confronto direto contra o imperialismo e a estrutura latifundiária/feudal de tais países.

Esse ideário etapista foi completamente rejeitado por Trotsky. Em seu livro *História da Revolução Russa* (1930), Trotsky retomou muitos princípios que discutiu na sua juventude e formulou em definitivo a teoria do desenvolvimento desigual e combinado <sup>194</sup>. Resumindo a hipótese que fundou a teoria do intelectual russo nessa fase mais madura é possível escrevê-la

---

<sup>192</sup> *Id. Ibid.* p. 75

<sup>193</sup> LÖWY, *Op. cit.* p. 76

<sup>194</sup> *Id. Ibid.* p. 4

nos seguintes termos: a história se tornou uma totalidade concreta e contraditória com a ascensão do capitalismo a um sistema mundial e como consequência o desenvolvimento social e econômico dos países envolvidos nesse processo ganha uma nova dinâmica caracterizada pelo conjunto irregular, contraditório, combinado e complexo das relações de produção com as forças de produção. É o que Trotsky escreve:

O capitalismo (...) preparou e, num certo sentido, realizou a universalidade e a permanência do desenvolvimento da humanidade. Por isto está excluída a possibilidade de uma repetição das formas de desenvolvimento de diversas nações. Forçado a se colocar a reboque dos países avançados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão (...). Os selvagens renunciam ao arco e flecha, para logo tomarem os fuzis, sem percorrer a distância que separava, no passado, estas diferentes armas (...) o desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz, necessariamente, a uma combinação original das diversidades. A órbita descrita toma, em seu conjunto, um caráter irregular, complexo, combinado<sup>195</sup>.

Assim, povos menos desenvolvidos são obrigados a adotar certos aspectos avançados, deixando de lado as etapas intermediárias. Ao fazer essa defesa, Trotsky escapa por largas vias de uma perspectiva economicista e evolucionista que entendia a história como uma sucessão de etapas rígidas, inflexíveis e pré-determinadas. Essa ruptura metodológica com o economicismo, que segundo Löwy estava profundamente “enraizado no marxismo ‘ortodoxo’ da época”<sup>196</sup>, tanto o da IIª quanto o da IIIª Internacional tornou-se evidente quando Trotsky desenvolveu a ideia de que uma das consequências desse desenvolvimento desigual seria a possibilidade de os que chegavam “atrasados” ao processo histórico desenvolvimentista poderem se transformar na “vanguarda da transformação seguinte”<sup>197</sup>. Como exemplos Trotsky cita a França, que por meio de sua revolução, presenciou o surgimento de uma revolução não religiosa, feita sob os auspícios de princípios democráticos mas que estava desvinculada da reforma protestante. Esse salto dado *por cima* da reforma na França foi comparado ao salto dado pela Rússia *por cima* da revolução democrático-burguesa. Löwy percebe esse ponto como eixo da ruptura de Trotsky com o eurocentrismo: os países periféricos poderiam ser a vanguarda do movimento histórico pela construção do socialismo<sup>198</sup>.

---

<sup>195</sup> TROTSKY, León. *A história da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 162.

<sup>196</sup> LÖWY. *Op.cit.* p. 78.

<sup>197</sup> *Id. Ibid.* p. 78

<sup>198</sup> *Id. Ibid.* p. 78.

Num folheto de 4 de abril de 1931 intitulado *Problemas del desarrollo de la URSS. Proyecto de tesis de la Oposición de Izquierda Internacional sobre la cuestión rusa*, Trotsky aponta as contradições que qualquer período de transição econômica apresenta:

Es absolutamente falsa la doctrina oficial del optimismo fatalista que hoy predomina, según la cual el avance continuo y acelerado de la industrialización y la colectivización está garantizado de antemano y conduce automáticamente a la construcción del socialismo en un solo país. La economía socialista avanzada será armónica, internamente proporcionada, y en consecuencia estará libre de crisis; por el contrario, la economía transicional del capitalismo al socialismo es una encrucijada de contradicciones, entre las que predominan las más profundas y agudas. La Unión Soviética no llegó al socialismo, como predica la fracción stalinista dominante, sino sólo a la primera etapa del camino que lleva al socialismo. Como culminación de las dificultades económicas, de las crisis sucesivas, de la extrema tensión de todo el sistema soviético y de sus convulsiones políticas, hay una cantidad de contradicciones de origen histórico diverso que se relacionan de distintas maneras. Señalemos las más importantes: a) la herencia de las contradicciones capitalistas y precapitalistas de la antigua Rusia zarista-burguesa, fundamentalmente la contradicción entre la ciudad y el campo; b) la contradicción entre el atraso económico-cultural general de Rusia y las tareas de transformación socialista que este atraso dialécticamente plantea; c) la contradicción entre el estado obrero y su entorno capitalista, particularmente entre el monopolio del comercio exterior y el mercado mundial. Estas contradicciones no son de carácter episódico; por el contrario, el peso de las más importantes aumentará en el futuro <sup>199</sup>.

O exemplo dessa amalgama entre formas arcaicas e modernas seria a própria Rússia czarista. Voltando ao livro *Balances e perspectivas* Trotsky compara a situação russa com a de outros países ocidentais:

Se compararmos o desenvolvimento social da Rússia com o dos outros países da Europa - agrupando estes últimos num mesmo capítulo, do ponto de vista do que há de comum na sua história, e que o distingue da história da Rússia -, poderemos dizer que a principal característica do desenvolvimento social da Rússia são a lentidão e o seu caráter primitivo. <sup>200</sup>

Em 1930, ao escrever a *História da Revolução Russa* ele reitera essa ideia destacando que a Rússia czarista era um país predominantemente agrário no mesmo nível que eram os países europeus no século XVII.

<sup>199</sup> TROTSKY, Leon. Problemas del desarrollo de la URSS. Proyecto de tesis de la Oposición de Izquierda Internacional sobre la cuestión rusa. In: *Escritos latinoamericanos*. 2ª edição. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2001, s.p

<sup>200</sup> TROTSKY, Leon. *Balances e perspectivas*. Versão digitalizada. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/balanco/prefacio.htm>>. Acesso em: 30 mai.2013.

Essa mesma teoria do desenvolvimento desigual e combinado foi utilizado por inúmeros marxistas latino-americanos, como é o caso de Luis Vitale<sup>201</sup> (1966) e o próprio Milcíades Peña. Mediatizados pelas ideias de Trotsky tais autores tentaram analisar a natureza social dos países do Sul com base na articulação entre elementos escravistas ou semifeudais com o capitalismo, sempre destacando a predominância desse último. Enquanto representantes da historiografia comunista local em meados do século XX asseguravam o caráter extremamente feudal do nosso continente, pesquisadores marxistas, como é o caso de Sérgio Bagú (1911-2002) e Caio Prado Júnior (1907-1990) vão enfatizar o caráter capitalista da dominação. Sem dúvidas, por meio de sua teoria do desenvolvimento desigual e combinado, Trotsky levantou questões que provocam até hoje implicações constantes, entre elas: a revolução latino-americana deve ser antifeudal ou anticapitalista?

### 2.5.2 A revolução permanente: um breve panorama histórico do desenvolvimento do conceito

A teoria da revolução permanente<sup>202</sup> está diretamente ligada à do desenvolvimento desigual e combinado. É impossível pensar uma sem a outra. Como já destacamos anteriormente, Trotsky acreditava que o proletariado de um país economicamente *atrasado* pode tomar o poder antes mesmo que em um país com o capitalismo desenvolvido. Essa atitude revolucionária seria uma superação do estágio burguês, cujas tarefas seriam realizadas no transcorrer da ditadura do proletariado. Com o apoio camponês, o proletariado poderia passar em branco pelas medidas democráticas, ou seja, o período *transitório* entre o sistema capitalista e o sistema socialista. Ao publicar em 1928 o livro *A Revolução Permanente*, Trotsky cristalizou muitas ideias esboçadas em momentos anteriores (*1905, Balanços e Perspectivas, Nossa Revolução*) e rebateu inúmeras acusações e críticas advindas

<sup>201</sup> Luis Vitale (1927-2010) foi um historiador argentino naturalizado chileno que participou ativamente das polêmicas em torno da natureza das formações socioeconômicas latino-americanas. Defendia que a América latina não era simplesmente uma reedição dos processos históricos levados a cabo na Europa. Apesar de existir exploração de mão de obra pelos proprietários fundiários, traço característico de regime semi-feudal, isso não isentava o sistema de produção colonial com traços nitidamente capitalistas. Percebe-se que Vitale apropria-se da teoria do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky. O texto *América Latina: Feudal ou capitalista*, publicado em 1966 retrata bem suas ideias e as polêmicas com demais intelectuais da esquerda. Ver: LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

<sup>202</sup> A origem da categoria revolução permanente deve-se ao militante Alexander Parvus e depois foi aprimorada por Trotsky. Em 1905, Parvus prefaciou um panfleto de Trotsky e registrou o núcleo da teoria da Revolução Permanente: "El gobierno provisional socialdemocrático no puede completar la revolución socialista em Rusia, pero el proceso mismo de liquidación de la autocracia y el establecimiento de la república democrática proporcionará una base favorable para la actuación política". CARR, E.H. *La Revolución Bolchevique (1917-1923)*. v.1. Madrid: Alianza Editorial, 1979, p.77.

principalmente dos “epígonos”: representantes do stalinismo. A obra encaixa-se, portanto, dentro das polêmicas travadas com a Terceira Internacional e seus representantes de peso, entre os quais citamos: Stálin, Molotov, Kamenev, Ricov etc. Entretanto, é contra Radek<sup>203</sup> que são centradas as principais críticas históricas, principalmente ao analisar a revolução russa e a chinesa de 1927.

Uma das principais preocupações do fundador da IV<sup>a</sup> Internacional foi tentar desmistificar as acusações de richas que havia travado com Lênin, principalmente no período em que esteve fora das fileiras bolcheviques, e sobre as quais a oposição stalinista insistia em polemizar em tons de leninismo X trotskismo. Tais discussões giravam em torno da revolução permanente e da validade dela para o andamento da revolução de 1917. Existe, portanto, uma enorme preocupação de Trotsky em demonstrar como seu pensamento esteve muito próximo ao de Lênin em questões centrais, como a situação dos camponeses russos no contexto do acirramento da luta de classes no país; a formação da vanguarda revolucionária; o caráter da revolução; a natureza do regime nacional, entre outros. Isso não quer dizer que não houve polêmicas entre os dois líderes revolucionários, mas que em muitos casos, como o da revolução permanente, por exemplo, Lênin deu razão a Trotsky em muitos momentos.

A teoria da revolução permanente não pode ser desvinculada da teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Ela, no pensamento do líder da Oposição aparece não como algo pronto e acabado, mas sim como uma teoria dinâmica que sofreu, com o publicar das obras, fruto do próprio contexto histórico e das relações sociais a que estava submetido seu autor, inúmeras transformações. Apesar disso, a ideia de revolução permanente deriva dos princípios de Marx e Engels, desenvolvidos no calor dos movimentos que ocorriam na Alemanha de 1848. O exame da situação russa em 1905 e em 1917 apoiou-se profundamente nas análises que os fundadores do socialismo científico realizaram. No contexto do stalinismo, a teoria da revolução permanente confrontou diretamente a proposta de “socialismo um só país”, apregoada pela liderança da III<sup>a</sup> IC.

Ao realizar a crítica à declaração de Stálin e seus compaheiros sobre a possibilidade de implantação do socialismo numa só nação, Trotsky destaca que é uma “(...) utopia reacionária querer criar no quadro nacional um sistema harmonioso e suficiente, composto de todos os

---

<sup>203</sup> Karl Radek (1885-1942). De origem polonesa participou de movimentos de origem social-democrata na Alemanha, Gália e no seu próprio país. Destacou-se como líder da Oposição de Esquerda, entre os anos 1923-1928. Abandonou essa posição em 1929, passando a contribuir com o jornal de Stálin: *Pravda*. Em 1937 voltou a ser preso e condenado a dez anos de trabalhos forçados. Acabou morto anos depois por ordem de Stálin.

ramos econômicos”<sup>204</sup>. Isso seria impossível, já que o capitalismo havia se desenvolvido no cenário internacional. O capitalismo nacional não poderia ser compreendido distante da economia mundial, mas sim como parte dela. A estrutura nacional encontrava-se entrelaçada com as leis econômicas que regiam o sistema internacional. A relação travada entre o capitalismo nacional e a economia mundial aparece em Trotsky como uma dinâmica: “(...) no curso de seu desenvolvimento e, por conseguinte, no curso da luta contra suas próprias condições internas, cada capitalismo nacional se volta cada vez mais para as reservas do mercado exterior”<sup>205</sup>. Acrescido a isso, cada estado-nação apresentava particularidades históricas, geográficas e culturais específicas, inviabilizando assim a possibilidade de haver uma regra ou condição específica para a realização da revolução.

Tendo isso em consideração, Trotsky justifica os eventos da Revolução de Outubro, destacando:

Daí, contudo, não se deve concluir mesquinamente como certos filisteus que falam da irregularidade histórica da Revolução de Outubro. A tomada do poder pelo proletariado internacional não pode ser um ato único e simultâneo. Toda resultante política- e a revolução é uma- tem sua dialética própria, que invade, numa irrupção violenta, o curso econômico mundial, sem abolir, porém as leis mais profundas desta. A Revolução de Outubro é legítima como primeira etapa da revolução mundial que se estende necessariamente, através de dezenas de anos.<sup>206</sup>

Em linhas gerais, alguns aspectos a respeito da teoria precisam ser realçados com cuidado. É fundamental perceber as espacialidades a que Trotsky se refere em seus trabalhos. Assim, o cumprimento das tarefas democráticas, nos países burgueses considerado atrasados redundava na ditadura do proletariado que colocava as tarefas socialistas na ordem do dia.

Esclarecida essa questão da impossibilidade de implantação do socialismo numa nação, uma segunda questão central na teoria da revolução permanente gira em torno das forças que deveriam organizá-la. Nesse contexto Trotsky percebeu que a greve geral organizada pelo movimento dos trabalhadores poderia ser utilizada como arma da luta operária. Por meio desse primeiro processo revolucionário, Trotsky frisou os fortes e eternos vínculos criados entre a burguesia e os regimes autoritários. A luta deveria perpassar a burguesia, ou seja, ser feita *contra ela* e não *por ela*, como defendia boa parte da liderança. As tarefas democráticas seriam realizadas pela própria revolução socialista, por meio da instalação da ditadura do proletariado. A Rússia caminhava assim para uma revolução

---

<sup>204</sup> TROTSKY, Leon. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 39-40

<sup>205</sup> *Id. Ibid.* p. 47

<sup>206</sup> *Id. Ibid.* p. 49

burguesa, provocada pela dialética do desenvolvimento do capitalismo russo, obrigado a conviver com forças e condições legadas pela época medieval.

A grande polêmica girava em torno do campesinato, cuja constituição massiva em território russo levaram os teóricos marxistas a problematizarem a atuação deles. Para os representantes do stalinismo, Trotsky havia deixado de lado essa importante classe, dando atenção apenas ao proletariado e colocando-o como vanguarda do movimento revolucionário. Contudo, ao redigir suas 14 teses sobre a revolução permanente ele destacou que para os países coloniais e semicoloniais a teoria da revolução permanente significa que a solução das tarefas democráticas só pode ser concebível por meio da ditadura do proletariado que assume, num primeiro momento a direção não apenas da nação, mas de suas massas camponesas. Dessa forma, a tese terceira evidencia o papel central que o campesinato tem no pensamento de Trotsky como a principal força de apoio do proletariado:

Tanto a questão agrária quanto a questão nacional conferem ao campesinato, como enorme maioria da população dos países atrasados, um papel primordial na revolução democrática. Sem a aliança entre o proletariado e o campesinato, as tarefas da revolução democrática não podem ser resolvidas, nem mesmo ser colocadas a sério. Essa aliança das duas classes, porém, só se realizará numa luta implacável contra a influência da burguesia nacional-liberal.<sup>207</sup>

Se os camponeses seriam a principal força de apoio do proletariado, nessa fase do pensamento do militante organizado em vanguarda (partido comunista) a concepção da IC stalinizada de impor aos países do Oriente (especialmente a China) a ditadura do proletariado e dos camponeses só poderia ser considerada reacionária e tendenciosa. Essa concepção dos camponeses como força social suficientemente pronta para organizar levantes e tomar o poder, para Trotsky é intolerável, já que tal classe mostrou-se, no transcorrer dos acontecimentos revolucionários, extremamente maleável, tendendo ora para os trabalhadores, ora para a burguesia. Agora, é equivocado afirmar que o campesinato não aparece como força social no pensamento do militante russo. Em *A Revolução permanente* tal força seria indispensável para o andamento da revolução socialista nos países coloniais ou semicoloniais.

Nesse fogo cruzado, a social democracia não encontraria espaço para governar. Ou agradaria o proletariado, ansioso pela diminuição da carga horária diária, ou agradaria a burguesia. Essa primeira posição Trotsky defendia em 1906, quando escreveu *Balanço e perspectivas*:

---

<sup>207</sup> *Id. Ibid.* p. 206

O programa democrático burguês da revolução será então ultrapassado, ao mesmo tempo que as suas limitações nacionais e a dominação política temporária da classe operária se desenvolverão numa ditadura socialista prolongada. Mas se a Europa se conserva, a contra-revolução burguesa não tolerará o governo das classes exploradas na Rússia, e lançará o país para trás - bastante para além de uma república democrática operária e camponesa. Assim, uma vez tomado o poder, o proletariado não poderá permanecer nos limites da democracia burguesa: terá que adotar a tática da revolução permanente, quer dizer, ultrapassar as barreiras entre programa mínimo e programa máximo da social-democracia, realizar reformas sociais sempre mais radicais, e procurar um apoio direto e imediato na revolução na Europa Ocidental.<sup>208</sup>

Ao mesmo tempo em que problematizava o caráter da revolução permanente, Trotsky acentuava o sentido internacional e universal que ela adotou, na medida em que uma vitória do proletariado no Ocidente protegeria a Rússia de investidas contrarrevolucionárias e restauradoras da burguesia nacional. Dessa forma, revolução democrática e socialista se estabelecem enquanto uma unidade que congregaria a liquidação do sistema russo, caracterizado pela absolutismo e os laços servis, com a revolução socialista. De forma resumida, a “primeira fase” do desenvolvimento da ideia de revolução permanente, apresenta a ditadura do proletariado como a única saída na concretização de todas as tarefas, sejam democráticas ou socialistas.

A elaboração dessa primeira definição surgiu de inúmeros debates travados com as lideranças da esquerda russa, em especial o líder menchevique Plekhanov e o próprio Lênin. Os mencheviques defendiam firmemente o caráter burguês da revolução com um primeiro passo para a libertação total do absolutismo russo. Já os bolcheviques desconsideravam toda e qualquer aliança com a burguesia liberal. Apontavam a questão agrária como o principal problema da inviabilidade da revolução burguesa. À aliança da burguesia com o proletariado, Lênin propunha a aliança entre o campesinato e a classe trabalhadora que sob a égide do partido bolchevique instalariam uma ditadura não socialista, mas democrática.

Encaminhado os primeiros passos em busca de uma totalidade para sua teoria, Trotsky em 1917 acrescentou um elemento que deixou passar em branco nas suas primeiras produções e que lhe custou muitas críticas. Trata-se do partido político e de seu papel enquanto organizador do movimento. Essa ausência foi muito bem observada por Nicholas Krassó, no seu debate com Ernest Mandel. Segundo Krassó, ao falar da luta política em andamento na

---

<sup>208</sup> TROTSKY, Leon. *Balancos e perspectivas*. Versão digitalizada. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/balanco/prefacio.htm>>. Acesso em: 30 mai.2013

Rússia, Trotsky “(...) no se refiere nunca al papel de las organizaciones revolucionarias: solo habla de fuerzas sociales”<sup>209</sup>. O silêncio a respeito do papel do partido na ação revolucionária não foi acidental. Ao destacar que os intelectuais que participavam do movimento eram na sua maioria advindos de meios burgueses e estavam divorciados do proletariado e do verdadeiro sentido da luta, Trotsky se viu obrigado a rejeitar também o papel do partido, que era então organizado e liderado por tais intelectuais. A ideia do partido como uma estrutura comum, capaz de articular os anseios das classes trabalhadoras *via* intelectuais não tinha sentido no pensamento trotskiano. Nesse sentido que Krassó define o Trotsky anterior a 1917 como um franco-atirador, que esteve por fora das fileiras organizadas pelo principal partido do momento, o bolchevique. Essa incompreensão do papel do partido na luta justificava a abstenção de Trotsky no momento de formação do Partido Bolchevique em 1907, atitude que no plano das relações entre os membros da organização iria lhe custar caro futuramente.

Nesse momento o partido político passa a ocupar um lugar central. Nesse mesmo contexto, Leon Trotsky adere ao Partido Bolchevique. Sua repentina conversão em orador supremo da revolução permitiu-lhe assumir um lugar de destaque. A partir desse momento passou a ter vida ativa dentro da dinâmica da organização, participando das principais atividades e discussões da época.

A luta travada dentro do partido durante os anos 1920 foi a fase central de toda a vida de Trotsky. Nesse contexto, Trotsky aparece como o dirigente revolucionário com mais destaque depois de Lênin, fato que após a morte deste suscitou temores por parte de Josef Stálin, outro dirigente do movimento. A intensificação das disputas internas pairava não apenas no campo da luta política-tática dentro do partido, mas também girava em torno da própria disputa ideológica, no sentido das estratégias e caminhos para a revolução em curso. Como é sabido, Stálin defendia a teoria do “socialismo em um só país”. Em contrapartida Trotsky, por meio da teoria da revolução permanente propunha a universalização da revolução<sup>210</sup>. Num discurso de 19 de dezembro de 1924, Stálin assim se manifestou sobre o trotskismo:

O trotskismo é a teoria da revolução "permanente" (ininterrupta). E que é a revolução permanente, tal como a entende Trotski? É a revolução que não

<sup>209</sup> KRASSÓ. In: KRASSÓ, Nicholas; MANDEL, Ernest; JOHNSTONE, Monty. *El marxismo de Trotsky*. Córdoba: Pasado y Presente, 1970, p. 14.

<sup>210</sup> Stalin descartou efetivamente a possibilidade de revoluções internacionais e fez da construção do socialismo na Rússia a tarefa exclusiva e necessária do partido bolchevique. Por outro lado, Trotsky declarou que a Revolução de Outubro estava condenada, a menos que as revoluções internacionais viessem em sua ajuda.

leva em conta os camponeses pobres como força revolucionária. A revolução "permanente" de Trotski significa, como disse Lênin, "passar por cima" do movimento camponês, "brincar com a tomada do Poder". Por que é perigosa essa revolução? Porque a tentativa para levá-la a cabo desembocaria num fracasso inevitável, pois afastaria do proletariado russo o seu aliado, isto é, os camponeses pobres. Justamente isso explica a luta que o leninismo sustenta contra o trotskismo desde 1905. Como considera Trotski o leninismo, do ponto de vista dessa luta? Considera-o como uma teoria que contém em si "traços anti-revolucionários". Em que se baseia tão raivoso juízo do leninismo? No fato de que o leninismo defendia e soube defender oportunamente a idéia da ditadura do proletariado e dos camponeses. Mas Trotski não se limita a esse juízo raivoso. Vai além, afirmando que todo o edifício do leninismo está hoje construído sobre a mentira e a falsificação e leva em si o germe envenenado da sua própria decomposição.<sup>211</sup>

A forma como Stálin utiliza-se de termos como "leninismo" e "trotskismo" em oposição um ao outro serviu como instrumento para mostrar uma presumível incompatibilidade do postulado trotskiano em relação ao arcabouço leninista. Quem sairia com a vantagem seria o próprio Stálin, que se autoproclamava herdeiro de Lênin por essência. O "leninismo" começou a ser erigido como doutrina oficial do Estado soviético e o trotskismo foi condenado.

Ao passo em que tais disputas internas e a "stalinização" da Internacional Comunista pressionavam Trotsky ao exílio, um acontecimento histórico foi decisivo na fase madura do desenvolvimento de sua teoria: a revolução chinesa de 1927. Sem dúvidas, a análise histórica dos eventos que transformariam a história da China foram realizadas no embate direto com os líderes da IIIª Internacional, mais precisamente Stálin e Bukharin. A burguesia chinesa, em 1924, organizada debaixo do Kuomintang preparou o cenário para a realização daquilo que consideravam uma revolução libertadora nacional. Acompanhando de perto as movimentações em espaço chinês, os líderes da IC colocaram o Partido Comunista Chinês debaixo das ordens e do aparelho disciplinador da organização burguesa: "(...) telegramas especiais de Stálin recomendaram que os comunistas chineses contivessem o movimento agrário. Proibiu-se que os operários e camponeses revolucionários criassem sovietes"<sup>212</sup>. A situação complicou-se ainda mais quando as vésperas do golpe de estado liderado por Chinag-Kai-shek um movimento a esquerda liderado por Wang-Ti-Wei desfigurou o Kuomintang. Quais as ordens de Stálin em relação a esse novo contexto? "(...) em lugar de preparar a guerra aberta contra esse Kerensky chinês ordenou-se que o Partido Comunista Chinês depois

<sup>211</sup> Disponível em: < [http:// www.marxists.org/portugues/stalin/1924/troskismo/cap01.htm](http://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/troskismo/cap01.htm) >. Acesso em: 15 mai. 2013.

<sup>212</sup> TROTSKY, *Revolução permanente*, Op. Cit. p. 71

de abril de 1927, entrasse no Kuomintang de esquerda”<sup>213</sup>. Em suma, o movimento operário e camponês, segundo Trotsky, foi abortado depois da aliança de boa parte da vanguarda com forças reacionárias.

A estratégia stalinista resultou em completo caos quando ao perceber que a situação evidenciava um golpe da burguesia, ordenou meia volta a esquerda: revolta armada dos operários e camponeses:

Foi assim que o jovem Partido Comunista Chinês – já meio esmagado e estropiado, tendo sido, havia pouco, apenas a quinta roda do carro de Chiang-Kai-Shek e de Wang-Thi-Wei, e, por conseguinte, sem experiência política – recebeu a ordem inesperada de conduzir os operários e os camponeses, até então retidos pela Internacional Comunista sob a bandeira do Kuomintang, a ofensiva contra esse Kuomintang que tivera todo tempo necessário para concentrar em suas mãos o poder do exército. No espaço de 24 horas, um soviet fictício foi improvisado em Cantão. Essa insurreição armada foi preparada, de antemão, de maneira a coincidir com a abertura do XV Congresso do Partido Comunista da União Soviética e foi não só a prova do heroísmo da vanguarda dos operários chineses, mas também o testemunho dos erros criminosos dos dirigentes da Internacional Comunista.<sup>214</sup>

Mais adiante, ao polemizar com Radek, criticou a postura deste ao tratar os acontecimentos no oriente como um movimento de caráter operário-camponês, e debaixo desses auspícios considerar revolucionário o governo de Chiang-Kai-Shek. Trotsky reintera o fato de ser esse um regime burguês que explorou a luta revolucionária e depois afogou-a em sangue, com o massacre das focas opositoras. Os eventos ocorridos na China confirmavam a teoria da revolução permanente, resumida por Trotsky em 14 teses algumas já citadas. Em linhas gerais a revolução permanente, cristalizada no livro de 1927 pode ser caracterizada por alguns pontos.

Em primeiro lugar deve-se considerar o fato de que ela se instaura por meio da ditadura do proletariado. Apenas essa classe, no contexto de luta direta com a burguesia, trazendo atrás de si os camponeses pode organizar a revolução, que congregará, inicialmente a realização das tarefas democráticas. A organização do proletariado deve acontecer debaixo de uma vanguarda: o partido. No decorrer de seu desenvolvimento a revolução democrática se transforma diretamente em revolução socialista, num situação constante, *permanente*. A conquista do poder não pode ser encarada como o fim da revolução, mas sim como a

---

<sup>213</sup> *Id. Ibid.* p. 72

<sup>214</sup> *Id. Ibid.* p. 73

inauguração da mesma. A construção do socialismo deve ser encarado como uma realidade internacional. É impossível a realização da revolução nos quadros nacionais. Ela começa no terreno da nação, angaria apoio internacional e torna-se, em seguida, mundial. Com esses passos traçados o desenvolvimento da revolução mundial eliminaria uma questão cara a muitos marxistas, especialmente latino-americanos: a dos países “maduros” ou “não-maduros” para a revolução. Essa questão movimentou muitos debates entre intelectuais marxistas em todo mundo. Segundo Trotsky, a criação do mercado mundial, acrescida da divisão internacional do trabalho e das forças produtivas mundiais colocou o conjunto da economia mundial preparada para a revolução socialista.

A teoria da revolução permanente, que não pode ser desvinculada da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, se resume como uma permanente transformação das relações sociais, que só obtém sentido quando inseridas num contexto mundial. Essas duas teorias, umbilicalmente ligadas, influenciaram a formação e a configuração de vários partidos latino-americanos que se reconheciam enquanto trotskistas. O Grupo Obrero Marxista, liderado por Nahuel Moreno e que contou com a colaboração de Milcíades Peña fez uso dessas teorias para explicar as transformações e a natureza dos regimes em voga na Argentina. Além do grupo de Moreno, o grupo *Outubro* liderado por Jorge Abeardo Ramos também apropriou-se das teorias de Trotsky na interpretação do fenômeno que trouxe a Argentina para o centro das discussões políticas na metade do século XX: o peronismo. Além desses, o grupo Quarta Internacional, sob a liderança de J. Posadas, participou ativamente dos movimentos e dos debates que criavam e recriavam o peronismo sob uma ótica trotskista. Esclarecidos esses pontos, vamos a análise do trotskismo e suas transformações na Argentina.

### 2.5.3 Partidos e debates trotskistas nos anos peronistas

O movimento trotskista argentino desabrochou no cenário das esquerdas a partir da década de 1930. Apesar de contar inicialmente com poucos e mínguos grupos, os militantes esforçaram-se sobremaneira em organizar meios de difusão para as variadas produções e elaborações teóricas. A maioria dos membros dos grupos trotskistas eram ex-militantes do PCA e PS, descontentes com o rumo que tais partidos vinham tomando sob os auspícios da IIIª Internacional Comunista e influenciados pelo prestígio de Trotsky e de suas ideias. Num contexto de “stalinização” constante do Estado Soviético e dos partidos a ele ligado, ser

trotskista incorria em riscos sérios, principalmente pelas inúmeras calúnias e perseguições levadas a cabo pela ditadura de Stálin aos “inimigos da revolução”.

Nesse cenário conturbado pequenos núcleos trotskistas começaram a surgir, ligados a lideranças como a de Héctor Raurich (1903-1963), que como aponta Horácio Tarcus, “(...) fue el inspirador teórico de toda esa generación”<sup>215</sup>. O advogado argentino dedicou-se ao estudo de obras filosóficas, entre eles Karl Marx. Ainda jovem participou de diversas mobilizações de reforma universitária. Junto com demais companheiros organizou um movimento conhecido como *Grupo Insurrexit* que ao entrar no PCA em 1923 criticou toda a estrutura da organização<sup>216</sup>.

A maioria dos líderes trotskistas do período participaram desses movimentos de reforma universitária e a partir daí começaram a desenvolver uma militância ligada aos partidos considerados como “soberanos” da esquerda argentina, Três anos mais tarde foram expulsos do partido e fundaram o PCO, Partido Comunista Obrero. Raurich contou com a contribuição de Antonio Gallo (1913-?). A viagem que realizaram á Espanha resultou na criação de vínculos com a Esquerda Comunista Espanhola de cunho trotskista. Ao voltarem ao país fundaram um dos primeiros grupos trotskistas locais: a ICA (Izquierda Comunista Argentina), logo depois convertida em LOS (Liga Obrera Socialista). A partir dessas organizações passam a publicar inúmeros folhetos que abordaram a realidade argentina. A revista *Actualidad* que circulou entre os anos de 1932 e 1935 foi uma tentativa frustrada de apresentar um debate em torno do trotskismo e da realidade do país, mas, devido as pressões que o PCA exercia sobre a liderança do movimento acabou sendo extinta. A partir daí Raurich se tornou um dos principais animadores da esquerda trotskista que se gestava na capital

---

<sup>215</sup> TARCUS, *Op. cit.* p. 86

<sup>216</sup> Raurich foi um dos protagonistas da aguda luta de frações no interior do PC argentino entre, por um lado, a maioria do Comitê (Codovilla, Ghioldi e José Penelón) e do outro a ala de “esquerda” (Angélica Mendoza, Mateo Fossa, Miguel Contreras, entre outros). O VIº Congresso reunido em Buenos Aires no ano de 1924 foi conclamado para solucionar essa disputa. Em 1925, Raurich contribuiu para o grupo dos “esquerdistas”, principalmente no que se referia a questão agrária. A discussão e o informe organizado por Raurich nunca chegou ao debate, porque em maio de 1925 com a chegada da “Carta Aberta do CE da IC ao PC argentino” a expulsão de todos os líderes do grupo da “oposição” foi autorizada. O VIIº Congresso foi agitado e tumultuado e culminou na expulsão de todos os demais “esquerdistas”. Ao fundar o PCO, os “chispistas”, como ficaram conhecidos por editarem *El Chispa* apresentaram uma alternativa para os jovens intelectuais argentinos interessados numa militância que não aquela realidade engessada no PCA. Disponível em: < <http://archivos.cedinci.org/index.php/fondo-hector-raurich;isad> >. Acesso em: 07 jun.2013.

Buenos Aires, influenciando inclusive um das vozes mais ativas do movimento nas décadas de 1950-1970, Nahuel Moreno <sup>217</sup>.

Ligado à círculos externos aos da classe trabalhadora, o trotskismo das primeiras décadas recebeu a contribuição de Libório Justo (1902-2003), filho do presidente Augustin Justo. Estudante de medicina, logo cedo o jovem apartou-se da família para estabelecer laços com movimentos de reforma universitária. Aderiu ao trotskismo no início da década de 1930 e foi inspirador do GOR (Grupo Obrero Revolucionário) que em pouco tempo passou a ser conhecido como LOR (Liga Obrera Revolucionária). Com dinheiro suficiente para abrir uma editora, investiu suas energias na publicação dos textos de Trotsky, do trotskismo internacional e textos particulares. Nesse mesmo período organizou um periódico conhecido como *La Internacional* e publicou inúmeros folhetos <sup>218</sup>.

Justo travou um intenso debate com Gallo sobre as teses de Trotsky, em especial a revolução permanente <sup>219</sup>. Esse debate é de fundamental importância para termos uma compreensão melhor não apenas dos níveis de discussão elencados pelo movimento trotskista, mas também para problematizarmos de que forma esses dois intelectuais contribuíram para a afirmação de uma tradição trotskista na Argentina. Tanto Justo quanto Gallo demonstravam pleno domínio das ideias de Trotsky, ao mesmo tempo em que seguiam de perto a transformação e o estabelecimento mais “maduro” das teorias-chaves que Trotsky elaborou, em especial a teoria do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente. Apesar de divergências, o tronco comum da discussão nos permite compreender que esses dois *olvidados* pensadores argentinos refletiram sobre seu tempo de maneira inteligente e madura.

---

<sup>217</sup> Além dessas lideranças, Angélica Mendoza (1889-1960) militou juntamente com Raurich nos primeiros anos de vida do PCA, mas acabou se separando da organização em 1925. A militância e sua liderança junto a movimentos sindicais acabaram por custar-lhe um tempo de prisão. Fruto desse período foi a obra *Cárcel de las mujeres*, publicado em 1933.

<sup>218</sup> Entre livros e folhetos publicados entre 1930 e 1960 por Libório Justo citamos: livros- *La tierra maldita* (1932); *Río Abajo* (1955); *Prontuario* (1956); *Estrategia Revolucionária* (1957); *Leon Trotsky y Wall Street* (1959). Em 1968 publicou *Nuestra patria vasalla* em cinco tomos. Essa obra reuniu muitos textos que Liborio havia publicado em forma de folheto ou como capítulo de outros livros; folhetos- *Como salir del pantano* (1939); *Por el socialismo revolucionário y por la Cuarta Internacional* (1939); *La agonía mortal del capitalismo y las tareas de la Cuarta Internacional* (1941).

<sup>219</sup> Inspirado no XVIII Brumário de Luis Bonaparte, Gallo escreveu *Sobre o movimiento de Septiembre. Ensayo de interpretación marxista*, um folheto que circulou nos meios trotskistas em 1933 e deixou o então jovem de 19 anos conhecido. Ao buscar o significado para os golpes de Estado mais além dos simples “feito político” tentou explicar a conjuntura numa situação estrutural. Sob essa perspectiva estudou o governo Uriburu. Além desse folheto, Gallo publicou *Adonde va la Argentina? Frente Popular o lucha por el socialismo?* (1935).

Para Gallo, a ausência de um passado feudal e emergência do capitalismo tornava a Argentina uma especialidade no continente. O capitalismo não surgiu *desde adentro* produto de algum tipo de industrialização, mas entrou pelas portas do fundo *desde afuera*. Ao submeter o capitalismo nacional aos avanços das condições e configurações de um mercado mundial global, Gallo recuperou muitas discussões caras a Trotsky. Em linhas gerais, entendia que a Argentina era um exemplo claro de contrastes próprios de um desenvolvimento desigual e combinado: país atrasado em relação ao desenvolvimento das forças produtivas, mas ao mesmo tempo moderno, fruto da pressão do capitalismo mundial na sua forma imperialista. Além de ser tipicamente agrário, a Argentina era um país que apresentava um crescente desenvolvimento industrial e um dinamismo urbano que corroboravam a ideia do desenvolvimento desigual. Nesse sentido a formação de uma burguesia nacional entrelaçada por laços econômicos com o capital *foráneo* e que predominava sob Estado, contando com o apoio do Exército e de seus agentes políticos deixava de lado qualquer opção de revolução democrática burguesa e apontava a revolução socialista como única saída transformadora no horizonte da classe trabalhadora. A luta contra o imperialismo tinha em primeiro plano um conflito contra a burguesia nacional:

Esta revolución solo puede acerla el proletariado, conquistando o neutralizando, para sus propios fines, a las clases medias urbanas y rurales, no en alianza con la burguesia, sino contra ésta. A esto es lo que los marxistas llamamos revolución socialista y a esa solución de la contradicción entre la etapa burguesa y de la revolución socialista le damos el carácter de continuidad que formulamos, más concretamente y claramente como revolución permanente, con acuerdo a la definición de Marx.<sup>220</sup>

Justo, por meio do LOR, refutou as ideias de Gallo e do LOS. Sob o pseudônimo de Quebracho escreveu entre 1927 e 1941 alguns folhetos políticos<sup>221</sup> em que condenava a posição de Gallo. Apresentava a Argentina como um país semi-colonial dominado pelo imperialismo inglês através da burguesia comercial e da oligarquia do gado. Tais classes são apresentadas nos seus folhetos como parasitárias, incapazes até mesmo de manter certa acumulação capitalista nacional. Justo caracterizou essa burguesia como “antinacional” e “entreguista:

---

<sup>220</sup> GALLO, Antonio. *Adonde va la Argentina? Frente popular o lucha por el socialismo?* Rosário, Ediciones JC Mariátegui, 1935, p. 50-51.

<sup>221</sup> Entre eles: *Como salir del pantano?* (1939); *Por el socialismo revolucionário y por la Cuarta Internacional* (1939); *La agonía mortal del capitalismo y las tareas de la Cuarta Internacional* (1941); *Que quiere la Cuarta Internacional* (1941).

La Argentina es un país semicolonial sometido al imperialismo. Esta situación se deriva, en primer término, de su condición de país agropecuario que la coloca frente a los grandes países industriales, en una situación de dependencia análoga a que se encuentra el campo respecto a la ciudad. La Argentina ha sido, durante largos años, una especie de apéndice económico de Europa y, particularmente, de Inglaterra, que absorbe buena parte de su producción.<sup>222</sup>

O sujeito revolucionário que retiraria a Argentina dessa crescente desnacionalização e libertaria o país da ação dominante do imperialismo seria o proletariado frente ao povo argentino:

Es necesario que el pueblo argentino y, en primer término, el proletariado, comprenda en todo su significado la tremenda gravedad de la hora en que vivimos, la gigantesca importancia de los cambios bruscos y continuos que están trayendo los acontecimientos y que sólo una acción energética y decidida del proletariado al frente de los intereses de todo el país, que sólo la clase obrera a través de un Frente Único Proletario, impulsado por un partido marxista revolucionario y controlando los destinos de la república, puede detener la entrada de la Argentina en la matanza y lograr *la liberación nacional a través de la expropiación sin indemnización y nacionalización de los Bancos, empresas y propiedades imperialistas y de los latifundios, del desconocimiento de la deuda externa y del monopolio del comercio exterior.*<sup>223</sup> (Itálico no original)

O povo argentino tinha diante de si apenas um caminho: ou lutar pela libertação nacional ou “ir a morir a servicio del imperialismo”. A vanguarda do povo argentino seria o proletariado revolucionário, o único sujeito capaz de dar direção ao movimento revolucionário. A posição de Justo se insere num contexto de repúdio ao anti-imperialismo dos nacionalistas burgueses, como também do anti-imperialismo comunista ou aprista que em todos os momentos buscou uma aliança com a burguesia nacional-liberal num combate as forças fascistas. Ao questionar a posição de Gallo, que defendia a ideia de que a luta contra o imperialismo seria a luta contra a burguesia nacional em primeiro plano, Justo defende a classificação da Argentina como um país semicolonial. Apesar de reconhecer a burguesia como oposta a qualquer ideário de progresso ou revolução, a luta contra o imperialismo não perpassava *inicialmente* o campo burguês:

Quienes formularon esta consigna olvidaron la necesidad, establecida por Lenin, de recalcar la diferencia entre la burguesia de los países opresores y la de los países oprimidos. Este es el error *principal de nuestros compañeros; olvidar que la Argentina se cuenta entre los países semi-coloniales* y querer aplicar mecánicamente a éstos las consignas y directivas que los maestros del socialismo han dado para los países imperialistas. Es cierto que nuestra

<sup>222</sup> O texto publicado no folheto *Que quiere la Cuarta Internacional* (1941) foi reproduzido integralmente no livro *Estrategia Revolucionaria. Lucha por la unidad y por la liberación de América Latina* de 1957, p.72.

<sup>223</sup> JUSTO, Libório. *Estrategia Revolucionaria: lucha por la unidad y por la liberación nacional y social de la America Latina*. Buenos Aires, Editora Gure, 1957, p. 76.

posición debe ser de lucha acerba contra la burguesía argentina porque, como dice Trotsky respecto a los países coloniales y semi-coloniales, no se debe esperar que sea más progresista o revolucionaria que la de los países imperialistas. Pero de ahí a luchar contra ella en primer término como la mejor forma de luchar contra el imperialismo, es no tener una noción definida del significado de la liberación nacional que lleva en sí un sentido esencialmente antiimperialista.<sup>224</sup>

Esse debate em torno da *liberación nacional o socialismo*, em pauta desde 1939 na Argentina trouxe consequências para o movimento trotskista no país e como apontou Tarcus “partió águas” nas filas do movimento. A leitura feita por Gallo da burguesia nacional<sup>225</sup> e das tarefas do proletariado foram realizadas em 1930, num claro embate frente aos posicionamentos nacionalistas do movimento aprista e dos socialistas anti-imperialistas. Justo na sua análise desconsidera isso e pensa o trotskismo a partir da chave da “liberación nacional”, ou seja, o país não passava de uma “patria vasalla”, uma nação oprimida que ansiava por ser emancipada do imperialismo. Gallo é um pouco mais específico quando pensa a Argentina como uma semicolônia avançada, relativamente atrasada e dependente do imperialismo que ainda contava com uma burguesia nacional que desfrutava dos controles do Estado.

Para Gallo, a luta contra o imperialismo seria, antes de mais nada a luta contra a burguesia nacional, enquanto que para Justo a luta se ocorria num confronto entre nações oprimidas *versus* opressoras. O amigo de Raurich tinha em mente uma concepção classista e anticapitalista do imperialismo e da natureza dos regimes nacionais. O imperialismo seria, assim, um dos momentos do desenvolvimento do sistema do capital no qual a burguesia nativa tinha um papel fundamental. As ideias de Gallo se espelhavam na teoria do peruano José Carlos Mariátegui, especialmente na sua definição da burguesia e de seu papel no cenário latino-americano, questão que esboçamos brevemente no início desse capítulo. Apesar de cair logo no esquecimento, vinte anos mais tarde, Milcíades Peña se debruçou sobre as teorias de Gallo quando escreveu a primeira parte de seu livro *Masas, caudillos y elites*.

<sup>224</sup> *Id. Ibid.* p.63.

<sup>225</sup> Escreve Gallo: “*La burguesía argentina, a diferencia de la de los demás estados indoamericanos, se basa en una economía en cierto grado propia, tiene una gran experiencia, cuenta con un Estado bien organizado y un aparato de represión formidable. Ya ha hecho su revolución y está dispuesta a gozar de sus beneficios. No tiene el menor propósito de lanzarse a ninguna revolución "anti-imperialista". Ya no hay más burguesías revolucionarias, como lo demuestran los ejemplos de China y de España. José Carlos Mariátegui, el gran marxista americano, hizo notar acertadamente esta diferencia existente entre la Argentina y los demás Estados americanos. El radicalismo y la oligarquía son cómplices por igual, del capitalismo financiero internacional que domina económicamente a la Argentina.*” Gallo, *ap.* JUSTO, p. 80.

Os anos 1930 apresentaram um trotskismo, á grosso modo, preocupado com “la naturaleza y el estatus del capitalismo argentino”<sup>226</sup> e sob a influência direta do marxista peruano Mariátegui tais intelectuais definiam a Argentina como um país de caráter predominantemente capitalista. Criticavam as interpretações que determinavam o país e também o continente com espaços marcados por laços feudais. Esse problema era chave na medida em que uma resposta poderia acarretar mudanças significativas nos rumos da revolução que eles se dispunham a organizar. Seria democrática ou socialista? De que forma o partido poderia mediar o conflito entre classes? Percebe-se que a mesma discussão produzia-se num cenário internacional e agitou as figuras mais importantes do movimento, como é o caso de Trotsky e Lênin. Além dessas questões as polêmicas travadas com o PCA e o PS foram fatores que permitiram ao trotskismo angariar muitos membros de tais partidos. Nos anos 1940 ocorreu uma transformação no discurso e nas investigações dos trotskistas. Passou-se a dar importância aos aspectos sociais, econômicos e históricos. Isso não significa que a problemática que animou o trotskismo dos anos 1930 tenha desaparecido, afinal, a ideia de *liberación nacional o socialismo* acompanhou essas organizações por várias décadas, mas sim que expressou-se por parte dos teóricos trotskistas uma preocupação maior com aspectos empíricos antes deixados de lado.

O movimento trotskista argentino acompanhou o ritmo da IVª Internacional Comunista. O surgimento dessa IC está relacionado às pressões exercidas pelo grupo da Oposição, do qual Trotsky era um dos mentores. Em agosto de 1933 uma conferência reuniu três partidos socialistas revolucionários europeus e a Oposição proclamou a luta pela Quarta Internacional. A fundação desta ocorreu depois de uma série de discussões, sendo que o programa acabado da nova Internacional só foi aprovado em 1938<sup>227</sup>. Por meio do *Programa de Transição* Trotsky fez um balanço da situação mundial e destacou:

A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado (...). As crises conjunturais, nas condições da crise social de todo o sistema capitalista, sobrecarregam as massas de privações e sofrimentos cada vez maiores. O crescimento do desemprego aprofunda, por sua vez, a crise financeira do Estado e mina os sistemas monetários estremecidos. Os governos, tanto democráticos quanto fascistas, vão de uma bancarrota a outra.<sup>228</sup>

<sup>226</sup> TARCUS. *Op.cit.* p. 89

<sup>227</sup> COGGIOLA. *O Trotskismo na América Latina*. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos.

<sup>228</sup> TROTSKY, León. *Programa de transição*. Versão digitalizada. p.1

Se a situação mundial apresentava um proletariado desesperado a vanguarda desse proletariado tinha uma missão a cumprir. Nessa sua fase de pensamento Trotsky considera o papel do partido como fundamental:

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam "maduras" para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. (...). Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.<sup>229</sup>

Nesse contexto caberia à nova IC “(...) ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista”<sup>230</sup>. Tais reivindicações transitórias, questão puramente tática acabariam conduzindo a conquista do poder pelo proletariado<sup>231</sup>. Nos países que Trotsky considera “atrasados” a luta operária resume-se na combinação entre lutas pelas tarefas como a independência nacional e da democracia burguesa em consonância com a luta contra o imperialismo. Como nos países atrasados a burguesia havia chegado tarde ao cenário histórico, tal classe seria incapaz de solucionar o verdadeiro problema da constituição da nação. Somente a ditadura do proletariado poderia dar fim ao jugo do imperialismo estrangeiro. Assim, a revolução sob a liderança do proletariado não se deteria em uma “etapa democrática”, mas atacaria em primeiro plano a propriedade privada e defenderia a construção imediata do socialismo.

A discussão sobre a maturidade ou não para a revolução, bem como o caráter e a natureza dos governos argentinos já haviam sido levantadas por muitos teóricos trotskistas, como é o caso de Libório Justo e Antonio Gallo. Nesse contexto, os principais agrupamentos políticos trotskistas surgem, em meados da década de 1940. A partir daí a disputa em torno do legado de Trotsky se acirra. A direção da Quarta IC que tentou unificar as organizações debaixo do PORS<sup>232</sup> (Partido Obrero da Revolução Socialista) se viu frustrada quando tal partido rompeu em um sem número de pequenos grupos. O fator fundamental para a dissolução do PORS foi, sem dúvidas, os intensos debates em torno da questão da “libertação

---

<sup>229</sup> *Id. Ibid.* p. 1

<sup>230</sup> *Id. Ibid.* p. 3

<sup>231</sup> É o que Trotsky aponta quando afirma: “A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derrubá-lo. Seu objetivo político é a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. Entretanto, o cumprimento desta tarefa estratégica é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões de tática, mesmo as pequenas e parciais”. *Id. ibid.* p. 3

<sup>232</sup> Homero Cristalli (mais conhecido pelo pseudônimo de J. Posadas); Esteban Rey e Jorge Abelardo Ramos foram os dirigentes do PORS.

nacional”<sup>233</sup>. O debate Justo/Gallo foi um exemplo disso. O ciclo nacionalista que a Argentina enfrentou a partir de 1943 intensificou ainda mais o debate, ao mesmo tempo em que exigiu uma resposta mais imediata para a situação.

Os militantes mais jovens que se identificavam com o programa desenvolvido por Raurich/Gallo reagruparam-se a partir de 1943 sob a liderança de Miguel Posse e fundaram a UOR (Union Obrera Revolucionaria) editando o periódico *El militante*. No outro extremo, como apontou Horácio Tarcus, se organizaram os “herdeiros” de Justo que de forma quase indireta manifestaram “apoio crítico” ao peronismo. O grupo liderado por Aurelio Narvaja e Enrique Rivera editou *Frente Obrero*, periódico que circulou entre os partidos de esquerda a partir do ano de 1945. Jorge Abelardo Ramos e Niceto Andrés, na mesma perspectiva editou a revista *Octubre* que durou apenas dois anos (1945-1947). Outro líder do PORS, J. Posadas fundou o movimento GCI (Grupo Cuarta Internacional) editando desde 1947 o jornal *Voz Proletaria*. Acompanhando o surgimento desses grupos, em 1944 surge o GOM (Grupo Obrero Marxista), do qual Mílcides Peña fez parte durante um bom tempo de sua vida. Por meio de *Frente Proletario*, Nahuel Moreno (pseudônimo para Hugo Miguel Bressano) intentou “(...) articular una actualidad política intermédia entre ambas las líneas”<sup>234</sup>.

Apesar de ser um grupo bastante instável<sup>235</sup> em relação a interpretação do peronismo, fruto também das pressões exercidas dentro do movimento das esquerdas e que exigiam um posicionamento dos agrupamentos de esquerda, o movimento organizou uma interpretação bastante contundente a respeito do governo Perón. Em 1948, já sob a consigna de Partido Obrero Revolucionário, foi organizado pelo Comitê central um documento intitulado *Tesis Latino-americana* que abordava desde a natureza dos regimes latino-americanos, passando pela formação histórica das classes sociais, até chegar no regime do governo em andamento e o papel das massas revolucionárias frente ao novo panorama.

Em intenso debate com o grupo de Ramos e Posadas, que defendiam uma aproximação com o peronismo, considerando-o uma revolução burguesa e, portanto, progressista, o GOM situava-se numa posição mais crítica em relação às políticas arquitetadas

---

<sup>233</sup> O estadunidense Sherry Mangan, delegado executivo da IVª IC interveio na polêmica e se posicionou a favor dos grupos que postulavam unicamente a revolução socialista como perspectiva para os trabalhadores, o que piorou ainda mais a situação. COGGIOLA. *Op. cit.* p. 38.

<sup>234</sup> TARCUS, *Op. cit.* p. 103

<sup>235</sup> As sucessivas denominações do grupo liderado por Moreno confirmam essa ideia: Grupo Obrero Marxista (1944-1949); Partido Obrero Revolucionário (1949-1953); Federación Bonarense del Partido Socialista de la Revolución Nacional (1953-1956); Movimiento de Agrupaciones Obreras (1956); Palabra Obrera (1957-1964); Partido Revolucionário de los Trabajadores (1964-1972); Partido Socialista de los Trabajadores (1972-1982) e Movimiento al Socialismo (desde 1982 até sua morte em 1987). Após a morte de Moreno o Movimiento al Socialismo fragmentou-se em várias correntes. *Id. Ibid.* p. 103-104

pelo grupo no poder. Uma compreensão melhor do peronismo implicava um reconhecimento no campo da “totalidade”, ou seja, do contexto latino-americano, por isso, ao tratarem de definir o caráter da América Latina, escrevem:

Los países latinoamericanos son atrasados y semicoloniales. 1º) Todos los países latinoamericanos producen y venden en el mercado mundial unos pocos productos que son materias primas o productos agropecuarios (...) 2º) La producción de máquinas en los cuatro países latinoamericanos más importantes carece de importancia (...) 3º) El mercado interno de los países latino-americanos se asienta principalmente sobre la clase agraria, que es la mayoritaria o la determinante (...) 4º) El ingreso de capital extranjero sobre Latino-America ha sido constante de 1913 a 1929, el capital de los Es.Us e Inglaterra invertido en Latino-America aumentó entre esas fechas de 6.225 a 11.476 millones de dólares.<sup>236</sup>

A causa dessa limitação, especialmente a agrária, era a propriedade privada capitalista que forçava a produção de matérias primas, produtos agropecuários e de consumo. Tal flagelo acarretava diretamente o desenvolvimento das forças produtivas. Os terratenientes, possuidores da renda agrária extraída, foram considerados inimigos do “(...) progreso técnico de la agricultura que no los beneficia a nada”<sup>237</sup>. Se no campo a situação era desastrosa para o camponês, a indústria não estava muito atrás no trato com o proletariado. Aqui a leitura do desenvolvimento desigual e combinado aparece na ótica do POR:

El desarrollo de la producción industrial latino-americana su lentitud, su limitación, es la prueba más evidente de la incapacidad del régimen capitalista de elevar en forma importante el nivel de producción de los países atrasados de acuerdo a las necesidades de la vida moderna.<sup>238</sup>

Sem uma indústria de peso o mercado interno necessitava deveras do mercado mundial. A Crise de 1929 contribuiu para que pequenas empresas surgissem, o que aqueceu o mercado interno. Lendo atentamente o que Trotsky havia produzindo, o POR considerava que foi o capital financeiro estrangeiro que possibilitou a ampliação dessas pequenas empresas. A Argentina, num contexto mundial estava numa posição chave aos interesses do imperialismo, fato comprovado em 1929, quando: “(...) casi la mitad de las inversiones extranjeras, en Latino-America estaban en la Argentina”<sup>239</sup>. Tal capital confirmava a penetração imperialista no país.

---

<sup>236</sup> *Tesis latino-americana*. Estudiada por el Partido Obrero Revolucionario. Ediciones sociales. 21 páginas. 1948. p.2-3.

<sup>237</sup> *Id. Ibid.* p. 3

<sup>238</sup> *Id. ibid.* p. 4

<sup>239</sup> *Id. Ibid.* p. 5

O predomínio dos “yankees” no período pós-guerra se deu num momento em que o projeto do imperialismo era o de utilizar a América Latina como “productora de matérias primas y productos de consumo”<sup>240</sup>. Como se posicionava o governo e as demais classes frente ao avanço desenfreado desse expansionismo estrangeiro? Apesar de o governo ser “servil” na relação com o capital estrangeiro, o POR considerava que alguns setores das classes exploradoras, em especial frações dos *terratenientes y industriales* tinham inconvenientes com esse imperialismo: “(...) la Argentina ha tenido sérios roces con el imperialismo Yankee no desde que subió el nuevo Gobierno Peronista, sino desde hace décadas”<sup>241</sup>. Esses inconvenientes faziam o país tender hora para o capital europeu, hora para o capital estadunidense, algo que poderia beneficiar o movimento dos trabalhadores.

E por falar em movimento do proletariado e das “massas”, o POR, nesse mesmo documento, polemizou com o movimento Octubrista (liderado por Ramos) o Geceista (liderado por Posadas) e o próprio PCA acerca do contexto histórico latino-americano, das opções do movimento dos trabalhadores e dos projetos em pauta. Ao destacar que o período pós-guerra havia provocado “un violento ascenso revolucionário”<sup>242</sup> nos países latinos, produto das crises mundiais do capitalismo, da situação crítica a “(...) que se vieron abocados estos países y sus clases trabajadoras”<sup>243</sup> e também a falta de um triunfo do proletariado europeu que teria provocado uma crise revolucionária nos principais países latino-americanos, o POR criticava as versões de Ramos e Posadas que creditavam a essa crise um caráter mundial. Dessa forma, afirma o Partido Obrero Revolucionário: “(...) esse critério mecânico debe ser violentamente rechazado porque nos puede llevar a derrotas pavorosas. La caracterización general de la época no anula las contradicciones y análisis preciso de los períodos y países”<sup>244</sup>.

Para o POR o período pós-guerra trouxe consigo um *reacomodamiento* na Argentina, fruto do crescimento industrial e das políticas assistencialistas de Perón. O proletariado nesse contexto deveria aproveitar esse momento chave para buscar melhorias econômicas que superassem o impacto da inflação. Tal processo seria fundamental para o proletariado adquirir experiência. É nesse ponto que o próprio partido reconhece seu papel *externo* em relação as “massas”: “(...) las condiciones son inmejorables para nuestro trabajo de penetración dentro

---

<sup>240</sup> *Id. Ibid.* p. 7

<sup>241</sup> *Id. Ibid.* p. 8

<sup>242</sup> *Id. Ibid.* p. 8

<sup>243</sup> *Id. Ibid.* p. 8-9

<sup>244</sup> *Id. Ibid.* p. 9

del proletariado, siempre que seamos consecuentes y no desanimemos”<sup>245</sup>. O proletariado urbano era considerado a única classe capaz de lutar até o fim contra o imperialismo, a burguesia nacional e os latifundiários. Além de conhecer de perto a exploração combinada do imperialismo e da burguesia, tal classe conhecia, devido ao processo de industrialização à técnica e a disciplina, fatores fundamentais para o processo revolucionário. Apesar do lugar central do proletariado, onde estaria o partido? Em críticas realizadas a IIª e IIIª Internacional, escreve o POR:

El reciente surgimiento del proletariado, las fallas y degeneraciones de la II y III Internacional, la debilidad de la primera, el caracter semi-artesanal de muchos obreros, la lucha de la pequeña burguesia y burguesia por libertades democráticas, todo esto ha tenido como consecuencia la no existencia hasta el presente momento en Latino-América de partidos obreros revolucionarios. El movimiento obrero en America Latina adquirió a principios del siglo una forma anarquista y sindicalista. Es decir, una forma individual y economica.<sup>246</sup>

A orientação que o POR direcionava aos seus quadros baseava-se claramente em Trotsky. Para o partido, o militante russo, havia assinalado com clarividência ao mínimo duas tarefas aos povos latino-americanos: a revolução agrária e a libertação nacional do imperialismo. Para o sucesso em tais tarefas seria fundamental que o movimento organizado nas cidades estivesse em consonância com o campo, ou seja, os camponeses deveriam fazer parte das pautas revolucionárias. Em relação a burguesia e pequena burguesia, o papel dos grupos trotskistas era a denuncia a burguesia nacional como agente do imperialismo, “por su política reformista y de acuerdo, anti-popular y capitalista, y las ilusiones reaccionárias de la pequeña burguesia”<sup>247</sup>. O partido tinha obrigação de participar em primeira fila dos movimentos populares anti-imperialistas ou democráticos, mas ao mesmo tempo separar as bandeiras e esclarecer os objetivos específicos. Deixando de lado qualquer alternativa por viés burguês, apenas a ditadura do proletariado, no cumprimento da revolução agrária e com o apoio do campesinato, na luta constante com o imperialismo, poderia ampliar o desenvolvimento das forças produtivas e desenvolver as tarefas socialistas. O objetivo final? A formação dos Estados Unidos Socialistas Soviéticos da América Latina.

Num informe político sobre o movimento trotskista argentino, datado de 20 de agosto de 1950 o POR reforçou muitas de suas posições, ao mesmo tempo em que criticou alguns

---

<sup>245</sup> *Id. Ibid* p. 9

<sup>246</sup> *Id. Ibid* p. 16

<sup>247</sup> *Id. Ibid* p. 17

grupos que se autodenominavam trotskistas, em especial quando o assunto era revolução permanente e as transformações políticas:

Una de las leys principales de la teoría de la revolución permanente es justamente la unidad concreta de medidas demo-burguesas y socialistas a cumplir por la dictadura proletaria y la revolución socialista. Este es el error de Quebracho y la LOR (...) pues al criticar las tendencias ultraizquierdistas y sectarias de estos últimos que negaban la lucha por la liberación nacional, caían en el grave error de separar etapas y de fijarse límites infranqueables al movimiento obrero.<sup>248</sup>

A LOR, por meio de Libório Justo que escrevia sob o pseudônimo de Quebracho, acreditava piamente que as tarefas socialistas só poderiam ser levadas a cabo num país onde as bases fossem burguesas, ou seja, a libertação nacional não seria uma tarefa política, mas puramente econômica. Mais precisamente a libertação da opressão econômica do imperialismo. A Argentina não figurava nessa lista.

Dito isso, o que pensava o POR a respeito do peronismo? A resposta a essa pergunta é fundamental, pois como veremos adiante ela influenciou a concepção do próprio Míciades Peña. No mesmo documento editado em 1950, o POR defendia a ideia de que o grande fortalecimento da burguesia nacional durante os anos de guerra e a carência de um partido político que refletisse os seus interesses, teve como consequência que o Exército acabou por representar, no plano político, a essa classe. Assim,

“(...) El imperialismo es casi desalojado totalmente por la burguesía industrial, que para defenderse de los ataques de este resuelve adoptar dos medidas: llamar en su auxilio la clase obrera, e invertir dinero en otros países atrasados sudamericanos”.<sup>249</sup>

Qual a relação que o POR fez do imperialismo com o governo Perón? Ao tratarem do governo populista, escrevem: “(...) el gobierno de Perón es un régimen bonapartista clásico: apoyado en la clase obrera, Perón hace la política de todos los sectores de los explotadores y en especial la de su sector mas fuerte: el imperialismo inglés.”<sup>250</sup>

O golpe de 4 de junho e a relação de Perón com o movimento dos trabalhadores também foi estudada pelo partido de Moreno. Segundo eles o golpe encontrou o movimento em plena retirada e por consequência, Perón termina de acabar com ele:

<sup>248</sup> *Informe político sobre el movimiento trotskista argentino*. 26 páginas. 1950.

<sup>249</sup> *Id. Ibid.* p. 14

<sup>250</sup> *Id. Ibid.* p. 20

Aplastada e conquistada la vieja burocracia, empleando indistintamente la represión y la adulación, el gobierno se dio a la tarea de conquistar el grueso del proletariado. Varias circunstancias lo favorecieron: la llegada de fuertes contingentes del interior del país, sin tradición ni clara conciencia de su rol ni el de sus explotadores; el desprestigio de los viejos partidos políticos: stalinistas y socialistas, desprestigio ganado a fuerza de traiciones; la inexistencia de un partido revolucionario u las formidables ganancias que le proporcionaba la venta de los productos agropecuarios a una Europa destrozada por la Guerra. Estos factores habilmente explotados y combinados por Perón, desde su Secretaria de Trabajo y Previsión permitieron organizar al movimiento obrero desde arriba, con los métodos de la burguesía y para satisfacer los intereses de esta.<sup>251</sup>

A organização e controle exercidos por Perón no movimento obrero cumpria um duplo fim: de um lado utilizar essa força política, o proletariado, para o exercício do bonapartismo: independência frente à presença de diversos setores da burguesia nacional, apesar da dependência representativa direta a tal classe; e por outro lado criar as condições de submissão, para um futuro de todo o movimento debaixo da tutela burguesa. O proletariado foi usado para fazer entrar pelas veredas os setores reacionários que passaram a dominar e adestrar o movimento dos trabalhadores por meio da CGT. Os trabalhadores revoltosos foram abruptamente reprimidos pelo aparelho de repressão considerado legal. O governo inundou a “(...) conciencia del proletariado de falsas ilusiones que le hacen perder su norte de clase, con el objetivo de mantenerlo sometido cuando la crisis se desate”<sup>252</sup>. E por falar em CGT, o partido trata de posicionar essa força sindical contra o proletariado. Seria possível reformar tal Confederação? “No! Los burocratas no sienten ni responden a la presión obrera- reciben y transmiten ordenes desde arriba (...) nada de contemplaciones! A proceder duramente!”<sup>253</sup>.

O “proceder duramente” proposto não passaria de um destroçar dos burocratas da CGT e da força material que a compunha. Como a classe trabalhadora faria isso?

Es evidente que el apoyo de Perón al proletariado ha disminuido visiblemente – la causa se ve claramente – terminado los superbeneficios de la guerra, que le permitian hacer una demagogia entre el proletariado, Perón se ve obligado a quitarse la careta ya a mostrarse tal cual es: vocero de los explotadores. En este caracter es que encabeza la ofensiva contra el nivel de vida de la clase trabajadora, aumentando la explotación y reduciendo el salario real. El proletariado sin tener cabal conciencia de esta situación, reacciona contra la cabeza visible de su empeoramiento: la burocracia

---

<sup>251</sup> *Id. Ibid.* p. 20

<sup>252</sup> *Id. Ibid.* p. 21

<sup>253</sup> *Id. Ibid.* p. 21

cegetista que cumple las instrucciones emanadas de Trabajo y Previsión. No mas huelgas; aumento de la producción; congelación de salários, etc.<sup>254</sup>

A saída apresentada pelo POR remetia a formação urgente de frentes sindicais de oposição contra a burocracia. A reunião de tais frentes numa única, a Central Obrera Independente seria o objetivo final.

Que deveria fazer o partido? Duas tarefas primordiais estavam na ordem do dia: “ Las dos tareas fundamentales que encara el POR son: Revolución Agraria y Libertación Nacional del imperialismo, ambas bajo la hegemonia del proletariado (...)”<sup>255</sup>.

No mesmo documento, o POR critica o Grupo Cuarta Internacional, liderado por J. Posadas. O Grupo defendia que o amadurecimento e crescimento de uma nova “oligarquia” (particularmente ligada a indústria), especialmente a partir de 1943 ocasionava, no plano nacional, uma profunda contradição: a orientação do Estado não se correlacionava com o processo de transformação econômica em andamento no país, ou seja, o governo Castillo não dava mais conta de segurar as pressões da “oligarquia” industrial. Assim: “(...) el golpe del 4 de junio que coloco al Estado al servicio de las nuevas fuerzas economicas, dio resolución a la concentración apuntada y apuro la crisis y litígio con el imperialismo”<sup>256</sup>.

O peronismo, nas palavras do Grupo Cuarta se resumia como “(...) expresion concentrada de la burguesia industrial, en el campo obrero, no dependiente o ligado al imperialismo anglo-yanquee”<sup>257</sup>. Essa burguesia tinha necessidade de dominar o Estado para desde essa posição fazer uma política de acordo com seus interesses. Como faltava um partido político forte e coerente para que, por via eleitoral, vencesse o pleito, o Exército substituiu o partido e fez-se representante dos interesses dessa classe. Ao que recebe a crítica do POR:

El ejercito no es una institución que se pone y se saca, del escenario politico como un comodin. El ejercito no es una abstraccion, refleja la sociedad en la cual vive con todas sus contradicciones. Un movimiento efectuado por militares de alta graduacion puede ser un movimiento antiimperialista, siendo semicolonial el país? Es ridículo suponer que el ejercito como tal y a una vez elevado al poder, en un país atrasado, puede transformalo a partir de sus altos cuerpos oficiales en la avanzada de la lucha

<sup>254</sup> *Id. Ibid.* p. 21

<sup>255</sup> *Id. Ibid.* p. 20

<sup>256</sup> Boletim do Grupo Cuarta Internacional. nº 2. In: *Informe político sobre el movimiento trotskista argentino*. 26 páginas, 1950, p. 14.

<sup>257</sup> *Id. Ibid.* p. 14.

contra el imperialismo, en el partido político de la burguesía nacionalista sin representar o reflejar en sus filas el peso del imperialismo.<sup>258</sup>

Dessa forma o peronismo se configura, para o Partido Obrero Revolucionário, não

(...) como un movimiento provocado por el ejército, sino un movimiento popular antiimperialista, que en su primer fase es encabezado por la burguesía nacional para hacer su especulación con el imperialismo, al grupo IV parece indicar esto en algunas oportunidades, entonces la independencia y la lucha contra el imperialismo y su desalojo no corresponde a la industrialización, sino a un movimiento popular<sup>259</sup>.

No Boletim número 2, o Grupo Cuarta Internacional defende:

Estamos perfectamente de acuerdo con los que afirman que una burguesía nacional impotente históricamente, para liberar-se de la coyuntura imperialista (...) el hecho de su impotencia histórica - que el proceso ulterior de los acontecimientos ira a descubrir - no autoriza a afirmar de ninguna manera que una burguesía no intente y promueva esa liberación, porque ello sería negar la existencia de los movimientos nacionalistas en las colonias y semicolonias.<sup>260</sup>

Ao designar a burguesía nacional como uma força capaz de promover e intentar a “liberación nacional” forçou o POR a acusá-los de revisionistas: “(...) nosotros acusamos de revisionistas la posición del grupo IV, que la burguesía nacional cumplió la primera fase de la revolución democrática burguesa y nos libero ya del imperialismo”<sup>261</sup>.

Nesse ínterim, dois intelectuais encaminham-se para o turbilhão. Um, como uma longa bagagem de estudos e com uma cátedra estabelecida na Universidade de Buenos Aires. Outro, um jovem audaz, crítico e pouco sensível para opiniões alheias. Vejamos o que Sívio Frondizi e Milcíades Peña tem a nos dizer sobre os anos peronistas, a situação mundial e a luta de classes na Argentina.

<sup>258</sup> *Informe político sobre el movimiento trotskista argentino*. 26 páginas, 1950, p. 15.

<sup>259</sup> *Id. Ibid.* p. 15

<sup>260</sup> Boletim do Grupo Cuarta Internacional. nº 2. In: *Informe político sobre el movimiento trotskista argentino*, 26 páginas. 1950, p. 15.

<sup>261</sup> *Informe político sobre el movimiento trotskista argentino*. 26 páginas, 1950, p. 15

**CAPÍTULO – 3. O PERONISMO POR SÍLVIO FRONDIZI E MILCÍADES PEÑA E A  
CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO**

A elaboração do pensamento marxista de Sílvio Frondizi e Milcíades Peña acompanhou o desenrolar da trajetória intelectual de ambos. O amadurecimento das ideias que desenvolveram debaixo da concepção materialista dialética se cristalizou, sem dúvidas, em meados da década de 1950. Num contexto de desperonização do Estado, por meio da “Revolução libertadora”, e da abertura total dos mercados nacionais para o liberalismo e o capitalismo internacional, eles contribuíram no plano teórico para uma melhor compreensão do cenário nacional, apontando também os caminhos que o proletariado deveria tomar para sua libertação final. Grosso modo podemos pensar que a pluralidade e o antidogmatismo, aliado ao combate à burocracia partidária e a crítica ao populismo peronista caracterizam essa fase da *práxis* de ambos.

Nesse período, Sílvio Frondizi lançou seu livro *La realidad Argentina* (1955) que dividido em dois tomos esmiuçava não apenas a peculiaridade do capitalismo nacional como também abordava alguns temas caros ao pensamento marxista internacional, como a validade ou não da revolução democrático-burguesa, o caráter da luta de classes na Europa e nas Américas, as premissas da revolução socialista, o processo de tomada do poder, as tarefas do proletariado, entre outras. É nesse momento histórico e pessoal que encontramos um intelectual militando e fortalecendo sua fé no proletariado como único agente transformador da sociedade.

Acompanhado às transformações no raciocínio de Frondizi foi nos anos 1955-1957 que Milcíades Peña se debruçou sobre o projeto de escrever uma história nacional desvinculada dos mitos cuidadosamente estabelecidos pela burguesia e, sob viés trotskista, propor alternativas de solução para os problemas do país. Fruto desse programa foi seu livro dividido em seis tomos que anos mais tarde se catalogou debaixo de um único volume dividido em dois tomos: *História del pueblo Argentino*. As críticas aos métodos tradicionais, principalmente do Partido Comunista e às vertentes do peronismo nacional aparecem constantemente, de forma inteligente, ácida, criativa, que tornam Peña um pensador de

incrível talento e personalidade. Sem “papas na língua” e enfrentando organizações partidárias de influência e prestígio nos meios políticos tradicionais, o militante trotskista deu vida e força a sua ideologia com a publicação desse livro. Se pensarmos o campo da esquerda como uma arena de disputas em que se enfrentavam socialistas, anarquistas, comunistas, populistas, trotskistas e nacionalistas, Peña tinha suas verdades muito bem estabelecidas, já que foram construídas no calor do exame dos textos de Marx, Engels, Trotsky, Lênin, Luxemburgo, entre outros.

Dessa forma, pretendemos dar especial atenção às ideias que aparecem nesses dois livros. Isso não significa que não atentemos as produções alternativas e similares que apareceram no mesmo período, ou em momentos posteriores, mas que reforçam e contribuem e nos permitem uma melhor análise do pensamento revolucionário que desenvolveram. Encontramos assim entrevistas, artigos, publicações avulsas, panfletos que em paralelo aos livros aparecem como fontes alternativas indispensáveis. Em 1959, por exemplo, Frondizi concedeu uma importante entrevista ao jornalista Carlos Straesser que foi agrupada debaixo do já citado livro *Las izquierdas en el proceso político argentino*. Peña, por seu lado, escreveu em inúmeros momentos debaixo da revista *Fichas* artigos que havia introduzido nos livros posteriormente reunidos no *Historia*.

É impossível tentar abarcar todo pensamento dos intelectuais. Na verdade não objetivamos isso. O que pretendemos destacar nessa última parte da pesquisa são os pontos-chaves que, dentro de uma totalidade de suas produções contribui para problematizarmos a força social de suas ideias. Assim, daremos especial atenção ao peronismo, já que em muitos casos ele foi o ponto de partida, para a análise da realidade nacional. Além disso, era esse o fenômeno que estavam enfrentando e os impactos dele para o movimento dos trabalhadores causaram um turbilhão de polêmicas entre as esquerdas.

A concepção de peronismo que ambos desenvolveram não pode ser separada dessa verdade, a saber: eles estão analisando um cenário do qual faziam parte como agentes históricos. Isso implicava limites, já que era impossível prever os próximos passos da luta de classes de cujo reflexo o peronismo fazia parte. Além disso, escreveram num contexto em que as próprias ciências sociais estavam em desenvolvimento e, portanto, apresentavam inúmeras deficiências. Tal contexto, entretanto não os impediu de realizarem um trabalho sério, comprometido, engajado e transformador. É extremamente difícil medir o impacto de suas ideias, talvez impossível. Mas é possível estudá-las, dar voz e vida a elas. É possível aprender

com elas, quiçá utilizá-las como força transformadora. É debaixo desses paradigmas que pretendemos esmiuçar questões chaves procurando destacar não apenas o que pensavam, mas porque pensavam.

Assim, num primeiro momento pretendemos analisar um conteúdo fundamental em Sívio Frondizi: a teoria da integração mundial do capitalismo. Debaixo dessa tese está presente um aguçado estudo do capitalismo internacional e de suas variantes. Considerando o imperialismo como uma força devastadora e destacando o impacto dele para o contexto nacional, Frondizi considerou a burguesia argentina uma potencial aliada e a principal dependente do capitalismo estrangeiro. Seguido do estudo da burguesia nacional, pretendemos destacar o impacto do processo da chamada “pseudoindustrialização” e o surgimento e desenvolvimento do peronismo em seu período clássico. Veremos assim que o bonapartismo peronista não caiu do céu como um raio inesperado. Desde a década de 1930 a situação política e o equilíbrio das forças sociais em luta apontavam para o fortalecimento do Executivo debaixo de seu Bonaparte. Por fim, no que concerne a Frondizi, estudaremos a única alternativa para uma verdadeira solução dos problemas da nação: a tomada do poder pelo proletariado.

Num segundo momento estudaremos a composição do pensamento de Peña. Destacaremos em especial as relações capitalistas no processo de formação da Nação, ou seja, no início do século XIX. Em seguida, pretendemos analisar o surgimento do radicalismo e as debilidades da burguesia nacional, cuja peripécia histórica máxima, em Peña não é senão o próprio peronismo. Por fim, não poderemos isentá-lo das polémicas travadas com Jorge Abelardo Ramos a respeito dos caminhos e métodos para a revolução.

### 3.1 SÍLVIO FRONDIZI E A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAMENTO: CAPITALISMO NACIONAL, BURGUESIA, PERONISMO E REVOLUÇÃO SOCIALISTA

#### 3.1.1 A teoria da integração mundial do capitalismo: as ações do imperialismo

A teoria da integração mundial do capitalismo custou a Frondizi o título de revisionista, alcunha atribuída pelo Partido Comunista Argentino, como citaremos adiante. Apesar disso, seu raciocínio a respeito do capitalismo internacional, de suas características e

de seu plano de ação apresentam pontos importantíssimos e que abordam de maneira crítica os processos de industrialização nacional e da formação do capitalismo nos países por ele considerados semicoloniais, dentro dos quais a Argentina fazia parte.

O ponto de partida na análise da sociedade moderna, segundo Sívlio Frondizi seria a economia mundial. Mudanças nessa estrutura afetariam diretamente as economias em geral e as dos países semicoloniais. Debatendo diretamente com o líder comunista Rodolfo Ghioldi, que lançou o artigo *La supuesta semejanza con la teoria del superimperialismo de Kautsky*<sup>262</sup> como uma crítica aos pressupostos sobre a integração mundial do capitalismo, o professor universitário destaca que o processo evolutivo do sistema capitalista confrontou-se, em sua trajetória, com três etapas distintas. A primeira delas girava em torno da competição nacional, momento primário de desenvolvimento das forças capitalistas. A livre concorrência dos mercados ditava o andamento do sistema. A principal contradição atuava principalmente no caráter social de sua produção e individual de sua apropriação<sup>263</sup>. Assim, ao mesmo tempo em que o capitalismo se via diante da necessidade histórica de desenvolver suas forças produtivas, tal desenvolvimento se via limitado ao fazê-lo depender, em última instância, da capacidade aquisitiva do proletariado, e não de suas necessidades reais. Lutando contra seus limites, a primeira etapa se caracterizou, portanto, pela acentuação das nacionalidades.

A segunda etapa inspirou-se fortemente em Lênin: iniciou-se a formação dos sistemas imperialistas nacionais. A livre concorrência que movimentava os mercados nacionais foi substituída pelos primeiros monopólios. As primeiras potências passaram a exportar produtos para os países menos desenvolvidos, já que ocorria um amplo desenvolvimento das técnicas e dos meios de produção cujo produto final o mercado interno não dava conta de adquirir. O contato com as nações externas seria uma forma de escoar a produção. As consequências diretas desse novo momento do capitalismo foram as guerras por mercados e matérias primas que atingiram o mundo a partir da Revolução Industrial. As contradições dinâmicas do sistema, contudo, voltavam a escancarar a necessidade de uma nova mutação do capitalismo. Entre os contrastes aparecem: “(...) 1) acentuación de la lucha de clases dentro de los respectivos países capitalistas; 2) lucha de las potencias capitalistas entre si; 3) lucha entre las potencias capitalistas y las naciones de tipo semicolonial y colonial”<sup>264</sup>.

Necessitando transmutar-se novamente, o capitalismo partiu para sua terceira etapa: sua própria integração mundial, com o realinhamento das potências européias. Inspirado em

<sup>262</sup> Publicado no informativo *La Hora*, março de 1947.

<sup>263</sup> FRONDIZI, Sívlio. *La Realidad Argentina*. El sistema capitalista. Tomo I. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957, p. 18.

<sup>264</sup> *Id. Ibid.* p. 20-21

Lênin, de cuja teoria Frondizi se vê um continuador <sup>265</sup>, ele destacou que as novas condições do capitalismo apresentavam antes de tudo o enorme desenvolvimento das forças produtivas mundiais e interdependência econômica. Somado a isso se encontrava a colossal intensidade alcançada pelas contradições internas dos países capitalistas, em especial nos Estados Unidos.

Nesse ponto, Frondizi escreveu que a fraca ruptura do equilíbrio entre os principais países capitalistas gerou o desenvolvimento desigual das potências que integram o sistema. Essa disparidade permitiu em certos momentos históricos e debaixo de muitas especificidades a predominância de uma potência em escala internacional. O avanço capitalista na terceira fase ocorreu debaixo da suserania dos Estados Unidos. Dessa forma:

Así como la dinámica interna del sistema tendió en un momento dado a integrar la producción en el orden nacional, podríamos decir a socializarla através de la división del trabajo, hoy tiende por gravitación natural a realizar dicha integración en el plano internacional.<sup>266</sup>

Aprofundando suas análises, Frondizi não reduz a relação das semicolônias como meros países incapazes de se libertarem. Entretanto, afirma que muitos projetos desenvolvidos pelos governos nacionais ocorreram debaixo de pressões e ordens dos Estados Unidos. Os interesses do país diretor, como ele classifica, limitava o desenvolvimento da Argentina. Assim, a industrialização dos países coloniais ou semicoloniais se produzia de acordo com os planos estabelecidos e cujos produtos finais não resultariam em concorrência com os das potências aliadas aos EUA. Fruto disso seria o pouco investimento realizado especialmente pelos países latino-americanos na indústria pesada.

Essa nova condição histórica corolário da ação intensificadora da potencia integradora, exigia a modificação imediata das relações do sistema colonial. O país dominante, ou a metrópole partiu para um bonapartismo intensivo: cede aparentemente em um aspecto – o político – para ganhar em outro – o econômico. A política anterior a esse bonapartismo, cuja expressão máxima se efetivou durante o poderio da Inglaterra, se baseava principalmente na sua limitada capacidade econômica e na falta de desenvolvimento dos movimentos nacionais das colônias. O momento histórico que Frondizi vivia, entretanto, apresentava outra realidade: de um lado os Estados Unidos adquiriram capacidade financeira suficientemente alta o que lhe permitia investir em técnicas para continuar sua exploração, mas, por outro lado o “(...)

---

<sup>265</sup> “Nos apresuramos a aclarar que nuestra teoría implica la continuación de la teoría de Lênin (...) Lênin acepto como posible esta integración, aunque creyó que antes que se produjera, el capitalismo estallaría”. *Id. Ibid.* p. 21. Frondizi está se referindo principalmente ao prólogo realizado por Lênin para o trabalho de Nicolás Bukharin, *A economía mundial e o imperialismo*.

<sup>266</sup> *Id. Ibid.* p. 23

grado de madurez alcanzado por los países sojuzgados no permite continuar con dicha política y obliga a someterla a revisión para colocarla sobre nuevas bases”<sup>267</sup>.

Uma questão lógica desprende-se desse pensamento: com a integração mundial do capitalismo as contradições entre o capital imperialista e o capital nacional se acentuavam, chegando a níveis altíssimos. Assim, as diferenças nacionais se vêem abrandadas e, em contrapartida, a situação política se universaliza. Frondizi, nesse momento de seu pensamento, acreditava fortemente que a solução para a Argentina deveria caminhar *pari passu* com uma solução em nível mundial. Notadamente encontramos esse caminho em Trotsky, principalmente no livro *Revolução Permanente*. Qual a tarefa das esquerdas nesse contexto? “(...) integrar una frente mundial y lanzarse a la batalla definitiva”<sup>268</sup>. A revolução democrático-burguesa ficava invalidada diante do movimento mundial das “massas trabalhadoras”.

A consolidação dos EUA como potência integradora do capitalismo internacional contribuiu para o avanço do imperialismo no globo. Com o pós-guerra e a diminuição do poderio bélico dos países europeus, a nova nação integradora expandiu seus tentáculos com o interesse de controlar e vigiar as atividades em outros espaços. Assim, “(...) hacia cualquier parte del mundo donde haya una situación peligrosa para los intereses del capitalismo, se proyectan dólares, tanques, militares, marinos y aviadores norteamericanos”<sup>269</sup>. No momento em que a Europa enfrentava os desastres que a Segunda Guerra impôs e necessitava de volumosos empréstimos, os Estados Unidos acabam saindo do mesmo conflito como um país credor utilizando meios de ação como: o Banco Internacional de Reconstrução, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio. Frondizi destaca os interesses dos yanques na guerra: eliminar obstáculos à expansão das mercadorias e capitais estadunidenses. A expressão culminante da nova regionalização do capitalismo mundial estabeleceu-se com o Plano Marshall. O caminho para a expansão do grande capital estava aberto e a América Latina foi o subcontinente que mais sentiu o avanço dessa força.

Parafrazeando o político mexicano Porfirio Díaz, Frondizi apontou que a América Latina: “(...) tiene la desgracia de estar muy lejos de Dios y muy cerca de Estados Unidos”<sup>270</sup>. O espaço geográfico e a proximidade com a potência integradora tornava inevitavelmente o

---

<sup>267</sup> *Id. Ibid.* p. 23

<sup>268</sup> *Id. Ibid.* p. 24

<sup>269</sup> *Id. Ibid.* p. 56

<sup>270</sup> *Id. Ibid.* p. 80

subcontinente latinoamericano um espaço privilegiado que dentro do campo de ação estadunidense facilitava o aumento da taxa de exploração. Frondizi salientou que desde a Segunda Guerra as inversões deram um salto notável e culminaram na decaída do capital inglês. O avanço desse novo país, como veremos adiante alterou completamente a estrutura política e econômica da Argentina. O peronismo, inicialmente, criou inúmeros conflitos com os representantes dos EUA e o próprio Perón discursava dizendo-se amigo dos ingleses, com quem a pátria negociava há muitos anos. A pressão exercida pelo controle hegemônico da Argentina levou o presidente Arturo Frondizi ao poder em 1958, cujo governo realizou-se sob a plena tutela dos políticos de Washington. Foi, portanto, uma ação que se valeu da exploração econômica, mas que em certos momentos intensificou-se e atingiu primordialmente o campo político.

A penetração do capitalismo estadunidense na América Latina evidenciava o caráter colonial da mesma. Tal ingresso ocorria na esfera da agricultura, cujas inversões massivas se concentravam principalmente no México, América Central e Colômbia e na própria indústria, mas não no investimento em indústria pesada: desde o início da exploração a indústria latino-americana foi obrigada a produzir: “(...) artículos alimentícios, químicos, textiles, eléctricos, de caucho y en actividades vinculada a los automotores”<sup>271</sup>. Novamente, ao ligar a ação do grande capital com as forças burguesas nacionais, Frondizi é taxativo em esclarecer: as burguesias nativas são incapazes por si mesmas de livrar-se da ação imperialista. Isso porque, tal classe vivia como parasita da ação do imperialismo e mantinha com este último laços de exploração que enchiam seus próprios bolsos.

É importante contextualizar o pensamento de Sívio Fondizi. Ele escreveu num momento histórico em que a maioria dos intelectuais representantes do PCA via a Argentina sob a ótica do feudalismo. Assim, a ausência de condições objetivas para a realização da revolução forçaria a constituição de uma grande frente para a destruição dos laços feudais. Essa frente contaria com todas as classes sociais possíveis: desde o campesinato até a burguesia nacional. O primeiro passo, já que as condições não estavam maduras, seria a realização da revolução democrático burguesa, que colocaria na ordem do dia questões importantes como a reforma agrária e o próprio desenvolvimento industrial autônomo. Victorio Codovilla, epígono do Partido Comunista Argentino foi um dos que defendeu avidamente tal tese, inspirado, sem dúvidas, na IIIª Internacional, de onde realmente vinham

---

<sup>271</sup> *Id. Ibid.* p. 76

as ordens. Frondizi, contrariando essa posição, via a revolução democrático burguesa como uma opção morta, já que as tarefas que se encontravam na ordem do dia poderiam ser cumpridas dentro da própria revolução socialista e a Argentina encontrava-se imersa numa dinâmica capitalista tão intensa que se existissem laços feudais em alguma parte do país, quebrá-los não seria uma tarefa primordial <sup>272</sup>.

A ação do imperialismo fortalecia o monopólio do grande capital no plano econômico e transferia toda a riqueza do continente para os bolsos dos banqueiros e da própria burguesia yanque. No plano político, Frondizi frisou que a formação dos regimes ocorria dentro da própria tentativa de hegemonia:

En el político, Estados Unidos propugna regímenes absolutamente adictos a sus intereses monopolistas y a sus objetivos de hegemonia internacional. Hostiliza todo gobierno o movimiento que manifiesten, aunque solo sea en medida mínima, veleidades de desarrollo nacional o continental autónomo. Tiende a mantener dividido al continente por temor a la formación de bloques regionales no controlados que podrían enfrentar la dominación de los monopolios norteamericanos.<sup>273</sup>

Exemplos desses tipos de governo aparecem nas ditaduras direitistas, com o de Martínez que governou El Salvador de 1931 até 1944, o próprio Vargas que segundo Frondizi foi ungido com “oleos democraticos” pelo presidente Roosevelt, entre outros.

No segundo tomo do *La Realidad*, espaço que Frondizi reservou especialmente para elucidar questões importantes a respeito da tomada do poder e da revolução socialista, a questão da teoria da integração volta a aparecer, dessa vez num combate mais direto com Ghioldi, que desde o *La Hora* havia repudiado tal teoria, acusando-a de revisionista e ao seu autor de discípulo de Kautsky. O militante voltou a propor a resolução de um problema

---

<sup>272</sup> Essa análise histórica que ressalta a revolução socialista como opção única para a América Latina foi pensada pela primeira vez por José Carlos Mariátegui (1894-1930). Mariátegui foi o primeiro autor a fazer uma análise da América Latina sob viés marxista, em oposição direta a Internacional stalinizada e mecanicista dos anos 1920. Dado o fato de que a classe operária peruana era extremamente reduzida, os camponeses e indígenas desempenham um papel fundamental como sujeito revolucionário no pensamento do autor. Assim, a revolução burguesa, dentro de suas premissas tradicionais, é inviável, já que tal classe não é autônoma e está vinculada ao imperialismo e latifúndio. O trabalho histórico realizado por Mariátegui considera também, mesmo que a contragosto de muitas leituras, as estruturas econômicas e sociais, dando ênfase ao papel da revolução socialista como alternativa as propostas da burguesia. Como apontou Calil: “Entre 1923 e 1930, sua produção – dialeticamente vinculada à práxis política – concentra-se em torno problemática da Revolução Latino-Americana. Mariátegui argumenta que não existem condições objetivas para a concretização de uma revolução burguesa na América Latina, tendo em vista a ausência de autonomia da burguesia do subcontinente e sua vinculação estrutural ao imperialismo e ao latifúndio, do que conclui que a única revolução possível de ser concretizada na América Latina seria a socialista, a qual assumiria inclusive as tarefas historicamente atribuídas à burguesia.” CALIL, Gilberto. **O marxismo de Mariátegui e a revolução latino-americana: democracia, socialismo e sujeito revolucionário.** Disponível em <<http://www.uel.br/grupos-pesquisa/gepal/segundosimposio/gilbertocalil.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2014.

<sup>273</sup> FRONDIZI, Sívio. *La Realidad Argentina*. El sistema capitalista. Tomo I. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957, p. 88.

central o para o andamento do projeto que as esquerdas vinham desenvolvendo: a correlação entre imperialismo e burguesia nacional dentro do cenário de expansão da hegemonia estadunidense. Nesse ponto, Frondizi não se posiciona dentro de uma corrente trotskista, apesar de usar Trotsky. Por isso, ao colocar a teoria da integração numa arena de disputa, criticou tanto os grupos stalinistas, como os “pseudotrotskistas”, o que não significava uma crítica ao trotskismo, mas sim a leitura que muitos partidos realizavam dele:

Dos corriente luchan entre si. Por un lado el stalinismo, que si bien acepta la teoria de la integración, sostiene, de acuerdo a su definida política de no llevar adelante el proceso revolucionario mundial, que es necesario desintegrar el frente capitalista, tratando de abrir una brecha entre Estados Unidos, Inglaterra, Francia, etc. Esta postura es seguida en su línea general con toda lógica, por todos los partidos pequeños burgueses del mundo, y por supuesto del país. También la siguen algunos grupos trotskistas, o mejor dicho pseudo trotskistas.<sup>274</sup>

Se a postura de “abrir brechas”, que na verdade representava uma política extremamente burguesa e reformista limitava as tarefas dos partidos “stalinistas” ou “pseudo trotskistas”, a proposta de Frondizi inspirava-se diretamente nos ditames de Trotsky: “(...) luchar contra el imperialismo yanque, luchando contra el sistema capitalista y pasando a la revolución socialista”<sup>275</sup>. Tal passo histórico dado pelo proletariado só seria possível e aceitável dado “(...) el estado crítico, de putrefacción, en que se encuentra el sistema y la toma de conciencia de las masas mudiales”<sup>276</sup>. As condições para as mudanças estruturais não seria fruto imediato das condições, mas também um trabalho pedagógico por parte dos intelectuais organicamente vinculados aos movimentos revolucionários.

Ao tratar de dar sustentação a sua teoria, a integração mundial do capitalismo aparece não como um fenômeno abstrato, mas sim como algo concreto, com conteúdos perfeitamente determinados. Em sua estruturação do sistema capitalista mundial, o imperialismo assomava como uma etapa, assim como a concentração tremenda e nunca vista de capital representava uma fase dentro desse imperialismo. Por fim, o resultado escancarava-se dentro das agudas e nunca vistas contradições do capital. Retomando o debate com os representantes da esquerda argentina, Frondizi voltou a criticar o stalinismo, que dentro desse contexto de expansão e cristalização do imperialismo, tendia a tomar medidas completamente descompromissadas com a revolução mundial: “(...) Al rehuir el camino revolucionario e la lucha contra el

---

<sup>274</sup> FRONDIZI, Sívio. *La realidad argentina*. La revolución socialista. Tomo II. 1ª Edição. Buenos Aires: Editora Práxis, 1957, p. 82.

<sup>275</sup> *Id. Ibid.* p. 82

<sup>276</sup> *Id. Ibid.* p. 82

imperialismo, debe necesariamente apoyarse en la burguesia nacional, idealizandola”<sup>277</sup>. Ao criticar a postura de Ghioldi, que anulava qualquer possibilidade de realização da revolução socialista em um país com características feudais, o militante deixou claro que por mais que um país não esteja maduro para o socialismo a economia mundial estaria, e como essa é a que determina ou não o cenário da revolução, qualquer país poderia realizá-la. O ponto de partida da liderança do PCA seria o da caracterização da Argentina como um país atrasado, equivalente à Rússia czarista. Alguns detalhes, entretanto, tornavam essa concepção, aos olhos de Frondizi, completamente reacionária, assim como o apregoamento da necessidade da revolução democrático-burguesa.

Estendendo a crítica ao grande epígono do peronismo, Jorge Abelardo Ramos, que por sinal também recebeu duras investidas de Milcíades Peña, o autor de *La realidad* não poupou esforços em situar grupo *Octubre* (que tratamos no segundo capítulo), liderado por Ramos como uma organização que “(...) se ha transformado en un conjunto de vulgares aventureros y servientes de la burguesia”<sup>278</sup>. Semelhantes ao stalinismo, o grupo acreditava fielmente que a burguesia poderia ser considerada uma fiel aliada para a formação de um bloco de luta contra o imperialismo.

Assim, para entender a análise feita da burguesia nacional e do próprio peronismo é necessário sempre ter em mente o contexto mundial que aparece no pensamento de Frondizi. Existia uma integração mundial do capitalismo que perpassava uma etapa de extensão de tentáculos debaixo da dinâmica do imperialismo, de quem a burguesia argentina era uma pretensa aliada. Nesse contexto, as condições para a realização da revolução deveriam ser medidas não pelo fato de a Argentina ser um país colonial ou semicolonial (fato que dentro da organização mundial do capitalismo era realidade, já que a Argentina foi retratada, no pensamento de Frondizi como uma colônia ligada diretamente a metrópole inglesa e no pós-guerra ao próprio EUA), mas sim pelo grau de desenvolvimento atingido pelo sistema mundial, bem como a crescente putrefação que esse sistema enfrentava e a extensa conscientização dos trabalhadores.

Tendo isso em mente é possível problematizar a burguesia nacional. Qual sua origem e características? É possível classificar frações da burguesia nacional como aliados para o proletariado? Qual o projeto de nação que tal classe vinha desenvolvendo? Como se

---

<sup>277</sup> *Id. Ibid.* p. 83

<sup>278</sup> *Id. Ibid.* p. 84

comportava no plano econômico? O desenrolar dessas questões no pensamento de Sívio Frondizi deve ser estudado, insistimos, debaixo da égide da teoria da integração mundial do capitalismo.

### 3.1.2 Capitalismo nacional, burguesia nacional e suas variantes: um estudo dos primórdios do bonapartismo

A leitura histórica do capitalismo argentino ocorreu dentro dos marcos do *Movimiento de Izquierda Revolucionário-Práxis*, e contou com a preciosa colaboração de um importante membro da organização que em seguida se tonaria um vigoroso pensador marxista e cientista político: Marcos Kaplan, autor de *Economia y Política del petróleo argentino*. A tentativa de apresentar o grau de dependência do sistema nacional, frente o imperialismo era uma grande ambição, que sob certa medida foi realizada com êxito. Se pensarmos *La realidad Argentina* como um programa revolucionário para o país, sob a liderança dos trabalhadores, uma análise das condições sociais e econômicas, ou seja, do campo de ação para que o proletariado realizasse a revolução socialista, faz todo sentido. Abandonando parcialmente a visão anticapitalista romântica, que marcou a fase inicial de suas reflexões, Sívio Frondizi criticou toda e qualquer postura niilista e reacionária que dentro do plano nacional acreditava ser impossível uma superação total do sistema. Apesar disso, é possível perceber nele certos ares humanistas, talvez resquícios dessa primeira fase. Assim, “(...) el hecho de que no se pueda luchar dentro de un sistema caduco no implica que no se pueda luchar desde ningun punto de vista. Creemos en la jerarquia de lucha del ser humano y de su capacidad de progreso”<sup>279</sup>.

Dada essa possibilidade de transformação, a Argentina apresentava-se não como um campo em que se debruçava um historiador derrotista, mas como uma arena de luta entre classes, em que as tarefas de transformações estariam na ordem do dia. Sem temer seus adversários políticos, Frondizi construiu uma história do capitalismo nacional a partir da década de 1940, entretanto, em certos momentos se viu obrigado a retroceder, principalmente quando tratou do radicalismo nacional e do impacto dele no plano político. Inicialmente, portanto, o país apresentava-se como semicolonial, ou país provedor. Qual o significado disso? O capital imperialista e seus investimentos, por meio do controle que exercia havia

---

<sup>279</sup> FRONDISI, *La Realidad Argentina*, TOMO I, p. 111.

tornado a economia argentina subordinada. Nas primeiras décadas do século XX, sob domínio da Coroa britânica, a tarefa principal, no contexto de divisão internacional do trabalho seria a de produzir matérias primas, fundamentalmente àquelas ligadas à agropecuária. O custo deveria ser baixo.

O imperialismo britânico diferenciava-se em muitos aspectos do estadunidense. Nas suas relações econômicas com a Argentina a função inicial do capital inglês consistia em “intercambiar mercancias”: matéria-prima por mercadorias. As ações de investimento se centraram em algumas áreas, como a agropecuária, mineração e outras. Devido ao fato de a Argentina ser uma grande exportadora de produtos de consumo não houve investimento em indústria pesada. As relações entre colônia-metrópole se mantiveram por meio de volumosos empréstimos, bem como pelo controle de muitos setores, especialmente o ferroviário. Em contrapartida, a exploração yanque, além de controlar os ramos principais da economia, passou a realizar investimentos diretos em atividades como petróleo, eletricidade, minas e na própria indústria nacional.

Apropriando-se do conceito de desenvolvimento desigual e combinado formulado por Trotsky e debatendo com os “nacionalistas-populares”, que afirmavam ter a burguesia nacional pouca expressividade para realizar investimentos pesados em indústrias e que tal tarefa deveria ser colocada sob custódia dos Estados Unidos, Frondizi sublinhou que a penetração do capital imperialista tinha como fundamento necessário o atraso de qualquer país e estaria no seu âmago manter esse atraso, mesmo que ele coexistisse com formas altamente tecnificadas. Esse atraso contava com o apoio irrestrito da burguesia nacional, que não possuía condições para realizar a revolução democrática burguesa, principalmente por ser aliada direta do imperialismo e pelo profundo rancor que tinha da classe trabalhadora. Em 1959, quando concedeu entrevista a Strasser, afirmou sobre a burguesia nacional: “(...) se de ella tenemos que depender no sólo no avanzaremos un paso, sino que retrocederemos en el desarrollo alcanzado y cairemos en las peores formas de atraso y dictaduras”<sup>280</sup>.

Colocada a burguesia em seu devido lugar, como uma classe e força a ser combatida e destronada, o militante deu especial atenção ao processo da revolução democrática burguesa, destacado as possibilidades e inviabilidades de tal proposta. A burguesia não poderia ser considerada revolucionária, no momento atual, em nenhuma hipótese. Assim, “(...) presentar el problema como si del yugo colonial surge el carácter revolucionário de la burguesia nacional

---

<sup>280</sup> FRONDI, *ap.* Strasser. p. 9.

es reproducir todos los errores mencheviques”<sup>281</sup>, já que consideravam a burguesia como revolucionária devido o contexto de opressão absolutista e feudal. Assim, na visão dos “mencheviques argentinos” tal como a burguesia russa deveria realizar tarefas progressistas na luta contra o feudalismo, a burguesia argentina, dada as condições objetivas da exploração imperialista tinha uma tarefa revolucionária em mãos. Criticando veementemente o PCA que, debaixo da União Democrática juntou-se a forças extremamente conservadoras, Frondizi evidenciou que o partido havia caído em todas suas inconseqüências. Assim escreveu: “(...) Su política que podía calificar como la de un pseudo partido revolucionario en busca de un amo, describe zig zags interminables que lo llevan de la Unidad democrática al peronismo, de éste de nuevo a la oposición, para seguir en un interminable retorno”<sup>282</sup>.

A Argentina foi pensada, portanto, como uma semicolônia dependente do capitalismo estrangeiro, que monopolizou os investimentos no país. Os imigrantes estrangeiros acabaram sofrendo diretamente, principalmente no campo, as mazelas da exploração. A grande Buenos Aires, que experimentou ares industriários em meados da década de 1940, assim como todo o litoral, não passavam de apêndices dos Estados Unidos. A natureza do sistema econômico argentino, quando da eleição de Perón para presidente apresentava um país extremamente dependente do estrangeiro. Uma economia deformada e baseada principalmente na produção e exportação de um pequeno número de matéria prima agropecuária saindo do país, em muitos casos, ainda em estado bruto.

A alteração da relação das forças sociais acontecia em uma demanda um pouco maior a partir do processo de pseudoindustrialização. A crítica ao projeto de industrialização entrou em choque direto com os defensores da revolução nacional cujos augúrios apresentavam uma vanguarda burguesa capaz de realizar a libertação completa do imperialismo. Entre seus principais representantes citamos mais uma vez Jorge Abelardo Ramos, que desde *Octubre* tratou de elogiar o coronel Perón e seus Planos Quinquenais.

Para Frondizi, entretanto, o desenvolvimento industrial do país apresentava inúmeros problemas que colocavam em cheque os investimentos estatais ao mesmo tempo em que declarava falida qualquer possibilidade de desenvolvimento industrial vinculado ao capital estrangeiro. Além dessa característica, o ramo industriário argentino só poderia ser problematizado a luz das crises econômicas e bélicas do imperialismo. Assim, ele afirma:

---

<sup>281</sup> FRONDIZI, TOMO II, p. 106

<sup>282</sup> *Id. Ibid.* p. 108

La crisis imperialista, al tiempo que imponía a las metrópolis – EE. UU, sobre todo – una necesidad desesperada de explorar capitales y artículos, impelia a los países como Argentina, a restringir la entrada de manufacturas y a crear simultaneamente condiciones más favorables para la industria interna. Ello estimuló el desarrollo cada vez más intenso de una tendencia a la migración o exportación de industrias europeas y estadounidenses a los países tradicionalmente consumidores- Argentina para el caso.<sup>283</sup>

O forte intervencionismo estatal, que se intensificou a partir da década de 1940 teve como finalidade primordial manter as condições de acumulação de capital nas mãos da burguesia e da oligarquia do campo. Aqui aparecem os primórdios do bonapartismo peronista. Em primeiro lugar se encontrava o intervencionismo estatal, que a oligarquia aliada ao imperialismo usou como defesa para as inúmeras crises que em aspecto mundial afetavam diretamente as economias nacionais dos países semicoloniais. As classes dominantes argentinas perceberam as inúmeras dificuldades que uma economia unilateral e vinculada especialmente ao capital britânico poderia enfrentar. Era tempo, portanto, de abrir caminho para a potência integradora. A começar pela amplificação dos poderes e do campo de ação do estado nacional.

A Crise de 1929 e, em seguida a Segunda Guerra Mundial foram fatores que, segundo Sívio Frondizi, forçaram a oligarquia latifundiária e a burguesia ligada principalmente ao comércio a afunilarem as possibilidades de recursos do aparelho estatal. Por conseguinte novas técnicas governamentais surgiram, dessa vez mais refinadas, flexíveis e, no sentido de proteger os interesses das classes dominantes, mais eficientes. Uma ampla gama de recursos, ordenados desde um aparato estatal mais repressivo, fortalecido e ampliado, conferiu ao Exército um papel preponderante e central. De tal força foi exigida, anos depois, que cumprisse seu papel para com as classes dominantes: exercer a função bonapartista.

Essa função do Exército, totalmente reacionária, entende-se no contexto de crítica ao próprio Ramos, que, no mesmo livro de Strasser sobre as esquerdas argentinas tratou de ufanar tal força:

Cuando el Ejército asesta su golpe palaciego el 4 de junio, todo el país estaba preparado para un cambio profundo. El golpe no hace sino devolver la libertad a las fuerzas sociales. Hemos examinado las causas y no podría sorprender que en tales circunstancias el Ejército cumpliera la función de reemplazar al partido burgués, inexistente. Así lo indicó su política económica inmediata. La presencia de Perón se originó en ese gran vacío político de la clase trabajadora. Pero ese mismo hecho, como el surgimiento y la asombrosa victoria del peronismo, indicaron por sí mismos que los

---

<sup>283</sup> FRONDISI, TOMO I, p. 128

llamados "partidos obreros" habían traicionado por completo y para siempre su misión. La carrera política meteórica del coronel respondió esencialmente a la inexistencia de un gran partido obrero y popular en la Argentina. Este es el factor cardinal de su triunfo, pero no es el único. Perón encontró su verdadero partido en el Ejército, que desempeñó un notable papel no sólo en el estudio del plan Savio para la industria pesada, en la Dirección de fabricaciones militares, sino también en la conducción de la política interior y exterior. La generación de los Sosa Molina, Lucero, Silva, etc., que lo acompañó desde 1930, fue la base de sustentación política del coronel, su verdadero cohorte de hierro. Ya se ha dicho muchas veces que el Ejército en un país semicolonial puede desempeñar tareas de enorme importancia en la resistencia nacional ante el imperialismo.<sup>284</sup>

Se em Ramos, o Exército pode ser considerado de enorme importância para a “resistência nacional” em Frondizi ele não é senão o grande mantenedor do Estado burguês e, no contexto de crise de hegemonia da década de 1940, o grande salvador de tal classe. Dadas as condições do capitalismo nacional e constatada a impossibilidade da transformação radical da sociedade argentina por meio da revolução democrático burguesa vamos partir agora para o estudo de caso desse fracasso. Para Frondizi ele não é senão o próprio peronismo.

### 3.1.3 O peronismo e a falência da revolução democrático burguesa

Em Frondizi, a experiência do primeiro ciclo peronista, ou seja, período em que Perón esteve no governo correspondente aos anos 1946-1955 pode ser pensada como uma tentativa da realização da revolução democrático-burguesa. Partindo dos pressupostos da integração mundial do capitalismo e concebendo a Argentina como um país semicolonial, o peronismo pode ser entendido inicialmente como um capitalismo de Estado. Como se configura em Sílvio Frondizi o capitalismo de Estado e de que forma o peronismo é encaixado nessa categorização? Para ele, o fortalecimento do Estado ocorreu em paralelo com a decomposição econômica da burguesia, que entrou em crise juntamente com os abalos estruturais do imperialismo no cenário mundial, fruto principalmente da Segunda Guerra. Tal situação forçou o Estado a assumir as rédeas de maneira direta, com no mínimo duas funções imediatas: defesa exterior e manutenção do funcionamento do capitalismo nacional.

Ao assumir as tarefas da burguesia o Estado apareceu como o representante máximo de tal classe, ao mesmo tempo em que trazia em seu seio os antagonismos e a luta interna das

<sup>284</sup> RAMOS, *ap.* STRASSER, p. 33

classes dominantes. Ele seria o mantenedor do capitalismo nacional: “(...) el Estado busca estimular el desarrollo de la producción y del mercado interior; financia al capitalismo nacional, ya sea como prestamista de la empresa privada, ya como industrial o gestor de actividades que la burguesía nativa necesita pero no puede o no quiere realizar”<sup>285</sup>. Além dessas tarefas, outra primordial ao Estado burguês, erigido entre as classes, seria o de manter a paz a qualquer preço, em benefício das classes exploradoras. Nesse contexto, faz sentido o discurso peronista, quando a crise econômica colocava em risco o regime bonapartista e tornava a Argentina um barril de pólvora prestes a explodir, conclamando os trabalhadores a irem de “casa para o trabalho e do trabalho para casa”. Além disso, faz sentido também a atitude tomada por Perón quando percebeu que a aparelhagem estatal estava ameaçada e o poder esvaia-se. O astuto político não resistiu com armas o ataque organizado pela própria burguesia que o havia entronizado e que se cansava de suas atitudes. O moderno Bonaparte, pelo contrário, fugiu e buscou auxílio em países vizinhos e em seguida na Espanha.

O que é importante destacar nesse raciocínio de Frondizi é exatamente o momento histórico de origem do capitalismo de Estado. Para ele, tal forma de gestão burguesa não se iniciou com o golpe de 1943, que apresentava a falência da “década infame” argentina, mas tinha suas raízes desde 1930, quando a crise mundial havia golpeado duramente as metrópoles imperialistas e suas colônias dependentes. Na Argentina o caráter do estatismo era “(...) desde su origen, una reacción defensiva ante las consecuencias críticas del dominio imperialista y, particularmente, ante la grande depresión”<sup>286</sup>.

Se o projeto do estatismo estava fomentado pelas classes dominantes nacionais desde 1930 ele pôde entrar em vigor em 1943, quando as condições de domínio econômico encontravam-se ameaçadas. Com o capitalismo de Estado o latifúndio foi preservado, assim como a renda agrária. Somado a isso cabia ao novo estado intervir na produção e na comercialização e manobrar de forma mais orgânica as negociações com as potências estrangeiras que queriam lançar toda a cota da crise nos países coloniais da América Latina. Por outra parte, o Exército, com o golpe de setembro, soergueu-se como um agente na política nacional, dando seu primeiro passo na futura tarefa de salvaguarda do bonapartismo peronista. As classes dominantes perceberam que a novíssima configuração social que emergia no país exigia também outros métodos de dominação:

---

<sup>285</sup> FRONDIZI, TOMO I, p. 144

<sup>286</sup> *Id. Ibid.* p. 144

Por otra parte, se comprendía ya la necesidad de aumentar el control sobre posibles convulsiones sociales. En general, desde esa época fué despertando en las clases dirigentes la conciencia de que, para capear el temporal económico y social se necesitaban métodos más complejos, una técnica política gubernativa más refinada y eficiente que la empleada hasta entonces(...) <sup>287</sup>

Tal posição construída em 1955, no calor do debate com comunistas e nacional-populistas foi reforçada em 1959, quando da entrevista concedida a Strasser. Ao ser questionado sobre a natureza do peronismo, Frondizi insiste em destacar a função do regime enquanto mantenedor da paz social a serviço das classes dominantes:

El mantenimiento de un grado apreciable de paz social ha sido una de las contribuciones más importantes del Estado Peronista a la prosperidad de la buguesia agro industrial Argentina durante el primer período de expansión. La propia prosperidad general fue factor fundamental en la atenuación transitória de las luchas clasistas Argentinas. A ello se agregó la acción del Estado, que por un lado promovía una política de altos salários, a la vez que subsidiaba a las grandes empresas para evitar que éstas elevaran exageradamente sus precios, y por outra parte encerraba a los trabajadores en un flexible pero sólido y eficiente mecanismo de estatización sindical. <sup>288</sup>

Frente às condições históricas impostas pela Segunda Guerra Mundial e a conseqüente crise do capitalismo mundial, sob a forma do imperialismo, os novos problemas que surgiam e ameaçavam a ordem burguesa só poderiam ser resolvidos debaixo da tutela de um Estado forte e interventor. A pressão dos trabalhadores argentinos foi canalizada debaixo de um estado paternalista.

Limitado pelas condições da época, assim como por interpretar um fenômeno que estava vivenciando, Frondizi agiu com muita cautela quando relacionou o peronismo com a burguesia argentina. Antes de apontá-lo como um representante de alguma fração específica da burguesia, seja industrial, seja agrária, ele acreditava que através de seu desenvolvimento o peronismo seria um representante da burguesia *em geral*. Ponderadamente ele assinalou também que tal representação não foi realizada de forma direta, porém, exercida por meio de “(...) una acción burocrática que lo ha independizado parcial y momentáneamente de dicha burguesia” <sup>289</sup>. Os saldos favoráveis, adquiridos com o aumento do índice de exportação no período pós-guerra favoreceram o acúmulo de capital nas mãos da burguesia nacional de forma geral. Entretanto, com a escassez de artigos de consumo importados e o bloqueio de libras no exterior, especialmente na Europa, o governo emitiu bilhetes de crédito para

<sup>287</sup> *Id. Ibid.* p. 145

<sup>288</sup> FRONDI, *ap.* STRASSER, p. 20

<sup>289</sup> FRONDI, TOMO I, p. 146

financiar o pagamento aos importadores. O resultado dessa situação econômica resume-se na inflação que atingiu o país na primeira metade da década de 1940.

Quando o conflito terminou a Argentina acumulava um percentual de divisas jamais visto na história do país. Como a burguesia lidou com essas divisas? Qual o comportamento do peronismo frente esse novo momento histórico? O líder do MIR responde:

Ello le permitio canalizar en un sentido favorable a la supervivencia del sistema, a la presión de las masas, mediante algunas concesiones determinadas por la propia imposición popular, la excepcional situación comercial y financiera del país, y las necesidades demagógicas del régimen. Precisamente, la floreciente situación económica que vivía el país al término de la segunda gran guerra, constituyó la base objetiva para la actuación del peronismo. Este conto, en su punto de partida, con cuantiosas reservas acumuladas de oro y divisas, y esperó confiadamente que la situación que les había creado mejorara constantemente, por la necesidad de los países afectados por la guerra y por un nuevo conflicto bélico que se creía inminente.<sup>290</sup>

É importante destacar alguns pontos da leitura realizada pelo militante. Em primeiro lugar Frondizi tem convicção da ação do movimento das “massas”, capaz de pressionar as classes dominantes e obter concessões, frutos de uma imposição popular. Apesar de não militar praticamente em nenhuma organização partidária de “prestígio” ele jamais deixou de acreditar no poder que emanava dos trabalhadores. Para além de uma mera doação de Perón, as conquistas dos trabalhadores nos anos peronistas teria sido fruto também de um movimento organizado que pressionou as lideranças políticas do país. Em segundo lugar é fundamental destacar a base objetiva de ação do peronismo: a enorme quantidade de capital acumulado seja por meio dos créditos no exterior ou no próprio mercado nacional. Entretanto, o que o movimento peronista, por meio de sua política bonapartista realizou com as divisas acumuladas escancarou sua política retrógrada e capitalista. É o que veremos um pouco mais adiante.

Ao tomar corpo a experiência peronista, por meio dos Planos Quinquenais, encheu alguns representantes de partidos e organizações de esquerda de boas intenções para com o novo fenômeno em andamento. Assim, fruto inclusive da queda da exploração direta do capital inglês, num momento inclusive de indefinição do capital estadunidense em relação a sua ação no país, alguns intelectuais demonstraram expectativas positivas em relação ao peronismo. Frondizi não nutria esperanças no coronel e criticou duramente quem depositava

---

<sup>290</sup> FRONDI, TOMO I, p. 149

fé no movimento organizado por este. Nesse período de interregno da ação do imperialismo configurou-se uma situação embaraçosa para a esquerda:

Ello posibilitó cierto bonapartismo internacional del peronismo y engedro en casi todas las corrientes políticas del país – conservadores, radicales, peronistas, trotskistas, tipo *Octubre*, stalinistas como Rodolfo Puiggrós – grandes ilusiones sobre la posibilidad de independencia económica y de revolución nacional.<sup>291</sup>

O pessimismo em relação às práticas peronistas, que redundaram em constantes críticas aos epígonos do peronismo (Ramos e Puiggrós), contudo, não embaçou completamente a visão histórica de Frondizi, que como veremos adiante conseguiu visualizar no movimento peronista aspectos positivos em relação às classes trabalhadoras.

Com os Planos Quinquenais como projeto de governo e pregando o desenvolvimento nacional, tanto na indústria, como no campo, o peronismo acabou caindo nos vícios e limitações de qualquer tentativa de desenvolvimento industrial em países semicoloniais sob os marcos capitalistas. A velha estrutura econômica dependente não foi alterada, assim com as profundas deformações que atingiam em cheio a economia nacional. As reformas peronistas não tocaram nos sagrados interesses imperialistas. Tanto a compra dos *ferrocarilles* como a recuperação da dívida pública, as nacionalizações, os investimentos em indústria apresentaram limites demarcatórios e profundos, típicos de um processo levada a cabo sob a égide do capital.

Apesar de não entender o peronismo como um agente direto de alguma fração burguesa, Frondizi não nega que o coronel estreitou os laços com os industriários. Por meio do desenvolvimento das possibilidades energéticas do país, bem como o controle sobre os meios aduaneiros e o apoio aos rudimentos da indústria pesada o Estado peronista conseguiu agradar os donos de fábricas. As investidas estatais nas indústrias tinham finalidades claras: “(...) tomar a su cargo tareas económicas necesarias que la endeble burguesia nacional no era capaz de realizar por sí sola, y proporcionar a la burocracia bonapartista un nuevo resorte de poder y una importante fuente adicional de beneficios”<sup>292</sup>. O crescimento espantoso da ocupação industrial culminou no aumento de salários e do custo de vida. O melhoramento imediato do nível de vida da população criou vastas, porém falsas, expectativas de transformação social. A euforia que tomou conta do país nos primeiros anos do governo

---

<sup>291</sup> FRONDIZI, TOMO I, p. 150

<sup>292</sup> *Id. Ibid.* p. 158

peronista tornou-se posteriormente aflição, quando os preços voltaram a subir e a inflação bateu na porta.

Em 1949 a crise já escancarava, segundo Frondizi, a verdadeira natureza de classe do peronismo. Embasado em inúmeras fontes do *Ministerio de Asuntos Técnicos*, bem como dados estatísticos do período, a política peronista é escancarada e sua realidade, enquanto governo burguês eclode a partir dos primeiros anos de 1950:

La experiencia de que sus salarios reales, luego del ascenso hasta 1949, comenzaban a descender verticalmente, unida a la noción de las altas ganancias realizadas por los grandes empresarios capitalistas desde 1943 en adelante, contribuyó a crear en el proletariado la ya anotada resistencia a aumentar la productividad y una mayor conciencia sobre la realidad capitalista disimulada tras la fraseología justicialista.<sup>293</sup>

Essa “tomada de consciência” manifestou-se como fruto das experiências concretas do peronismo. É fundamental destacar também o papel dos militantes que desde seus campos políticos tratavam de combater o peronismo, denunciando seu verdadeiro caráter.

Aliada à crise e como cristalização da mesma, o fator inflacionário foi criado não apenas pelo aumento dos gastos da burocracia estatal, mas também pelo estancamento da produção nacional, fruto dos péssimos investimentos que, apesar disso, geraram de forma parcial melhoras nos salários. A inflação acabou favorecendo o grande capital e pauperizou os setores médios, em especial o comércio. Acrescido a isso, a queda do consumo popular foi um duro choque na economia nacional. Apesar da intensa propaganda peronista, não houve uma resposta imediata em relação à manutenção do consumo e os cofres nacionais voltaram a ficar vazios. O lançamento do segundo Plano Quinquenal foi a abertura oficial do capitalismo nacional para os investimentos estrangeiros.

A esse respeito, Frondizi escreveu no *La Realidad*:

La postura entreguista cada vez más definida del peronismo sólo puede sorprender o perturbar a todos aquellos que – por inconsciencia o por su condición de ideólogos y escribas remunerados – han abrigado o difundido ilusiones sobre la capacidad revolucionaria de la burguesía nacional y de su gobierno. En el curso de nuestro ensayo hemos discernido reiteradamente las tendencias y elementos que permitían prever la actual evolución capituladora del gobierno peronista y de todo exponente de la burguesía nacional.<sup>294</sup>

O governo peronista, como acima exposto, tentou desenvolver a economia nacional, mas acabou fracassando. Seu malogro acabou por firmar ainda mais a convicção da

---

<sup>293</sup> *Id. Ibid.* p. 201

<sup>294</sup> *Id. Ibid.* p. 237

incapacidade da burguesia de cumprir as tarefas históricas que realmente contribuiriam para o progresso e desenvolvimento do país. As consequências sociais do peronismo, na perspectiva frondiziana podem ser resumidas em alguns aspectos: “(...) intensificación de la polarización social, ruptura del equilibrio de clases. El peronismo hizo de la consigna ‘ni muy pobres ni muy ricos’ uno de los elementos más seductores de su demagogia”<sup>295</sup>. A crise que acabou ruindo com o primeiro ciclo peronista acabou sendo desviada e atingiu frontalmente o proletariado e as camadas mais baixas e médias. O imperialismo e o grande capital nacional saíram incólumes.

Depois de fazer uma análise mais política do peronismo, Frondizi passou a destacar características do fenômeno debaixo de uma ótica um tanto mais filosófica e histórica. Isso sem anular seu princípio básico na interpretação do coronel: bonapartista e representante indireto da burguesia nacional. Para tanto, passou a dedicar atenção ao momento posterior ao golpe de 4 de junho de 1943. Como é sabido, durante mais de uma década a Argentina foi governada por militares reacionários e a sociedade civil experimentou o afunilamento das práticas democráticas, bem como sofreu com a repressão levada a cabo pelas milícias governistas. A década infame, que perdurou de 1930 á 1943 veio a ruir com o golpe do 4 de junho. Segundo Frondizi, tal golpe aconteceu num momento peculiar da história social argentina. Como a oligarquia latifundiária, principal financiadora dos militares da década infame encontrava-se cindida por conflitos internos, a burguesia que encontrou forças a partir do processo de pseudoindustrialização objetivou remodelar o Estado, para que este último a serviço de seus interesses mantivesse os lucros e garantisse a paz social e créditos a baixo preço. Apesar disso, não havia força ou partido suficiente para assumir o poder. As “massas populares” haviam pressionado a oligarquia e contribuíram para o fim da opressão. Mas conseguiriam elas assumir diretamente o comando da nação? No meio da crise um grupo liderado pelo então coronel Perón não tardou em se aproveitar da situação:

Después de algunos titubeos y fracasos, tomó el control de la situación el grupo encabezado por el entonces coronel Juan Perón, quien con clara visión captó rápidamente el doble aspecto de la situación; el peligro y las posibilidades de éxito político que la presión proletaria implicaba en la vida nacional. El rasgo fundamental de la política peronista, inauguradas al poco tiempo de producida la revolución, está dada por su aspiración a desarrollar y canalizar simultáneamente la creciente presión del proletariado en beneficio del grupo dirigente primero y de las clases explotadoras luego. Esta es precisamente toda su historia.<sup>296</sup>

---

<sup>295</sup> *Id. Ibid.* p. 241

<sup>296</sup> *Id. Ibid.* p. 276

É importante visualizar que para o pensador argentino o peronismo inicialmente apresentou-se com o objetivo de conter as pressões do proletariado. A audácia do militante acabou por lhe render inúmeros inimigos dentro de alguns setores da esquerda, em especial aqueles vinculados à burguesia nacional e que desde os primórdios saudaram Perón como um grande idealizador do projeto de libertação nacional.

Mas Frondizi já previa a queda de Perón. Isso porque, depois de esclarecer o processo de “tomada do poder”, ele passou a estudar a composição do movimento peronista. A primeira característica seria a heterogeneidade de elementos presentes e que se reconheciam como peronistas. Era possível encontrar desde “retardatários medievalistas” até aqueles que se autointitulavam progressistas. Essas primeiras forças, “(...) nacionalistas en el peor sentido de la palabra, clerical, racista”<sup>297</sup> eram as responsáveis pela educação, em especial o ensino primário e o universitário. Tais reacionários acreditavam piamente que o homem se encontrava em crise por ter abandonado a Deus. Frente a esses setores e reconhecendo-se como peronistas havia a ala progressista que pretendia barrar o obscurantismo para trabalhar num clima de liberdade total. A queda do peronismo seria fruto de suas próprias contradições internas. Além das contradições internas pese o fato de ser um bonapartismo já apresentava um contrassenso que o impedia de levar adiante um projeto novo e de libertação.

Para chegar à caracterização do peronismo como um tipo de governo bonapartista Frondizi sofreu oposição direta dos representantes do PCA. Apesar disso seu pensamento é extremamente coerente. Para analisar o peronismo ele não partiu senão do conceito chave em Marx: o de luta de classes.

Debemos partir de la lucha de clases y del papel del Estado, como instrumento de dominio en dicha lucha. Pero aplícanse con menor o mayor fuerza según lo elija la tensión social. Así, en el período de ascenso de la burguesía, caracterizado entre otras cosas por la falta de conciencia del proletariado, un ‘minimum de Estado’ era suficiente para controlar la situación.<sup>298</sup>

Uma questão importante Frondizi tratou de resolver. Se com um “minimum de Estado” a situação poderia ser controlada com facilidade, qual a intensidade da luta? Até que ponto esse Estado poderia ficar em pé? O novo governo não daria conta, por meio da paz social de manter o controle da situação. Nesse momento histórico é que surgiria “(...) una forma intermedia, especialísima de ordenamiento estatal, que tiende a conciliar a las classes

---

<sup>297</sup> *Id. Ibid.* p. 276

<sup>298</sup> *Id. Ibid.* p. 278

antagónicas, pero sempre en beneficio de una de ellas, en nuestro caso la burguesia”<sup>299</sup>. Assim, o peronismo aparece inicialmente como um governo que obediente à burguesia usa o discurso de conciliação das classes na arena da luta. Como conseguiu êxito nessa empreitada? Utilizando principalmente o discurso justicialista. Quando Perón apregoava na *Plaza de Mayo* “ni capitalista ni socialista, mas justicialista” estava, segundo Frondizi, desempenhando seu papel de Bonaparte.

É importante destacar como em certos momentos Frondizi volta a explicar a situação então atual da sociedade, aspecto que havia exposto com exaustão no *El Estado Moderno*. Por mais que estivesse quase que completamente desvinculado do niilismo da “primeira fase”, a debilidade da sociedade burguesa moderna aparecia mais uma vez, nesse momento em relação direta com o peronismo. Assim, escreveu o militante a respeito do movimento peronista:

Se caracteriza, desde un punto de vista general, por la tentativa de canalizar y aprovechar, en favor del próprio capitalismo, el empuje de las masas populares. La posibilidad de realización está dada por la falta de cultura general, particularmente política de las masas y por el exceso de individualismo que caracteriza la sociedad moderna. Individualismo sin base de sustentación cultural significa desorientación, desesperación y, finalmente, entrega incondicional a un amo.<sup>300</sup>

Apesar de criticar aquilo que considera “masas” Sílvio Frondizi jamais desacreditou de seu papel revolucionário. A atual condição de consciência proletária não poderia ser pensada distante das condições históricas. Ou seja, correspondia também como reflexo da estrutura social. Se faltava “consciência” às “massas trabalhadoras”, havia por trás disso um trabalho burguês, que por meio do papel alienador da mercadoria “iludia” os trabalhadores. Ao falar dos conflitos internos dos grupos dominantes (industiários X latifundiários), o proletariado aparece como um instrumento de poder em jogo: “(...) en efecto toda vez que aquélla (industiários) quiso desalojar del poder a está (latifundiários) se apoyo en el setor obrero concediendole algunas mejoras o ilusionándolo con la posibilidad de su conquista”<sup>301</sup>.

Os gradativos aumentos salariais concedidos pelo peronismo, que nos anos 1940-1950 gerou euforia em todo o país, se encontravam dentro de uma lógica de pressão popular enorme. Entretanto, alguns problemas se apresentavam a partir dessas condições econômicas e aparece em Frondizi um novo segmento, a classe média. Ao conceder vantagens materiais ao proletariado num período de tensão econômica, “(...) el gran capital no esta en condiciones

---

<sup>299</sup> *Id. Ibid.* p. 278

<sup>300</sup> *Id. Ibid.* p. 282

<sup>301</sup> *Id. Ibid.* p. 282

materiais y psicológicas de soportar el peso de su propia política. Logo es entonces que lo haga incidir sobre la clase media, la que rapidamente pierde poder, pauperizando-se”<sup>302</sup>. Tal situação econômica se manteve viva por meio da desvalorização da moeda. Para Frondizi, os aumentos dos salários são apenas nominais, já que com eles os preços também aumentam. O desaparecimento do poder da classe média trazia em seu bojo a polarização e o choque direto das forças sociais extremas. Com a classe média, mola amortizadora da luta de classe, fora de jogo escancarava-se ainda mais as disparidades sociais o que forçava o proletariado a propor um projeto revolucionário autônomo.

Essas condições de sobrevivência apontavam as próprias contradições do capitalismo, que por meio de seu “Estado minimum” e da demagogia suportavam o peso maciço desse contrassenso e das pressões populares. A inflação e a conseqüente crise não tardariam a bater às portas. É interessante perceber como Frondizi conseguiu enxergar o peronismo para além das aparências, num campo de totalidade. Independente do livro *La Realidad* ser publicado no ano de queda de Perón, a construção dele levou mais de dez anos. É provável que essas ideias tenham sido escritas ainda durante o período em que o coronel estava no comando direto da nação se valendo da demagogia. Sobre esse processo é importante atentarmos com exclusividade para o que escreve o militante:

El proceso demagógico presenta algunos resultados beneficiosos, particularmente en el orden social y político. Al apoyarse en el pueblo la dirección política capitalista, aun en el caso de que no otorgue en realidad ninguna ventaja económica al obrero, le desarrolla la conciencia de clase y le da la suficiente personalidad como para sentirse amo del estado. Se produce en esta forma una maduración acelerada de la clase obrera, que hubiera necesitado muchos años de luchas sociales para llegar al mismo resultado. Ello se explica, no sólo por el proceso demagógico en sí, sino también por un fenómeno inherente a dicho proceso: la lucha entre fracciones demagógicas, las que se esfuerzan por aventajarse en la carrera por satisfacer las demandas populares. La acentuación de las contradicciones sociales producidas por el proceso demagógico enfrenta al capitalismo con dos salidas: una de ellas consistiría en continuar con dicho proceso, hasta dar en tierra con el propio sistema; la otra consiste en el empleo de la fuerza.<sup>303</sup>

Quando o processo demagógico entra em crise terminal, o aparato repressivo que configura o Estado totalitário entra em cena para manter a ordem jurídica e manter intacta a materialidade da burguesia. Apesar disso, é no peronismo que o proletariado se politizou com força, dada a condição de participação e as muitas “idas” e “vindas” a/da Plaza de Mayo. Tal

---

<sup>302</sup> *Id. Ibid.* p. 282

<sup>303</sup> *Id. Ibid.* p. 284

inserção, ainda que limitada na vida política nacional, não ocorria com tal intensidade desde a vitória de Yrigoyen nas eleições de 1916.

Depois de esclarecer a demagogia e expor suas contrariedades, Frondizi partiu para uma análise direta do bonapartismo. Inúmeras citações de Trotsky embasam a definição que procurou construir. O que mais nos interessa nessa altura é o momento em que faz a relação da natureza do peronismo com a categoria de bonapartismo tal como aparece no *XVIII Brumário* e no próprio escritor russo. Depois de esclarecer que o avanço do capital estadunidense criou uma espécie de interregno do qual o coronel se valeu para subir ao poder, Frondizi desacreditou totalmente a revolução democrático burguesa e o peronismo por consequência, já que o sucesso deste seria a confirmação da validade da revolução burguesa. Aqui é o ponto chave na definição do peronismo, ao mesmo tempo em que é uma crítica frontal ao PCA de Codovilla e Ghioldi:

Para demostrar que el régimen peronista es bonapartista y no fascista, es suficiente con indicar que se apoya en las clases extremas; gran capital y proletariado, mientras la pequeña burguesía y en general la clase media, sufre el impacto económico-social de la acción gubernamental. Por el contrario, en el fascismo (...) la clase activa, la fuerza social de choque del gran capital, esta constituida por la pequeña burguesía. Esta circunstancia explica que las persecuciones contra el proletariado bajo el régimen fascista, encierren tanta gravedad, ya que la acción represiva esta a cargo de toda una clase. Es necesario distinguir entre dictadura clasista y dictadura policial.<sup>304</sup>

Naturalmente, o peronismo se encaixava no primeiro exemplo. Quando tentou elevar-se acima de todas as classes sociais e erigir-se como árbitro do sistema, *via* doutrina justicialista, o peronismo decretou sua natureza de classe e o caráter de seu governo. Apesar disso, Frondizi conseguia visualizar em Perón “aspectos positivos”. É importante destacar que tais aspectos estavam diretamente relacionados com o desenvolvimento do proletariado e com o progresso do país. Frondizi não realizou qualquer apologia do peronismo. O primeiro aspecto estava dado pela “(...) incorporación de la masa a la vida política”<sup>305</sup> que se bem foi realizada com fins políticos, pessoais e imediatistas representou uma maior politização dos trabalhadores argentinos. Esse foi um fator que a oposição não conseguiu entender. Para uns, os manifestantes que pediram a soltura de Perón em 1945 e que constituiriam a base de sustentação de seu governo eram “(...) la chusma vomitada por las barriadas fangosas de Avellaneda, Berriso y Alto Córdoba”<sup>306</sup>, ou seja o lumpem nacional. A esquerda, segundo

<sup>304</sup> *Id. Ibid.* p. 292

<sup>305</sup> *Id. Ibid.* p. 297

<sup>306</sup> *Id. Ibid.* p. 297

Fronidzi, falhava em não considerar a verdadeira face do peronismo. No começo, os principais partidos não deram a devida atenção, pensando tratar-se de algo “pasajero y sin menor gravedad”. Em 1948, com as bases sociais do peronismo fortalecidas, os representantes da oposição se deram conta que a demagogia peronista iria mais longe do que supunham. Um erro crasso que custaria caro ao país.

Outro aspecto positivo foi a destruição da unidade do Exército que, segundo Frondizi, foi realizada pela ação do governo. Dentro da instituição militar passou a se formar círculos peronistas e antiperonistas. Além da ruptura interna, a juridicidade burguesa foi destruída:

La sacrosanta Constitución Nacional há perdido su virgindad; el poder judicial há sido atacado y pisoteado cien veces, poniendo al descubierto su carácter de servidor de una situación. Todo ha sido escarnecido, acelerando el proceso de descomposición de la sociedad burguesa. Este es precisamente el mérito de Perón, claro está, desde un ángulo revolucionario; haber destapado la olla podrida de la sociedad burguesa y haberla mostrada tal cual es. He aquí el odio que le profesan los mistificadores y ladrones de guantes blancos!<sup>307</sup>

Depois de abordar os aspectos positivos, ele passou aos negativos. Tendo em vista que o peronismo se configurava como um governo nitidamente bonapartista a primeira característica negativa girava em torno exatamente do aventureirismo de Perón, da corrupção político-administrativa que seria o marco de qualquer governo bonapartista. Assim, “(...) uno de los extremos del bonapartismo, el político dominante cae en todos los excesos. Desde este punto de vista el régimen podria ser llamado de pornocracia”<sup>308</sup>. Frondizi acreditava que com o fim do período arbitrário de Perón, a situação política do país tenderia para o totalitarismo. Como se daria isso? Em relação às classes trabalhadoras e como forma de contê-las, a estatização do movimento trabalhista aliada ao controle dos sindicatos pelos elementos burocratizados teria finalidades bem definidas:

Con la estatización y la burocratización se mantiene el movimiento obrero en carriles perfectamente establecidos de antemano, haciendosele servir a las conveniencias de las clases dominantes e impidiendo que tome un caracter autónomo y de defensa de los intereses auténticamente proletarios.<sup>309</sup>

Assim, a consolidação da CGT (Confederación General de Trabajadores) tinha como única finalidade o desmembramento e a imposição de limites para o movimento dos trabalhadores. Com o controle dos principais órgãos trabalhistas em mãos, o governo apenas temia a ação de tal classe. Apesar disso, Frondizi considerava que a formação de um aparato

<sup>307</sup> *Id. Ibid.* p. 300

<sup>308</sup> *Id. Ibid.* p. 301

<sup>309</sup> *Id. Ibid.* p. 301

repressivo acompanhava a formação de inúmeras crises sociais que em paralelo as crises econômicas ameaçavam o poder burguês.

Por ser uma forma de governo bonapartista, o Poder Executivo deveria tomar ares de superioridade. O militante, quando escreveu tinha isso em mente e buscou nas atitudes do coronel provas para sua teoria. Sua formação em advocacia e a leitura atenta da Constituição contribuíram para a explicação da concentração do poder em mãos do Executivo. Como exemplo, Frondizi cita o caso do Estado de Sítio, situação que só poderia ser anunciada pelo Congresso Nacional. No entanto, com a nova Constituição o Estado de Sítio poderia ser apregoado depois de ser confirmado o estado de “prevención y alarma”, cuja responsabilidade recaía ao presidente. Na constituição qualquer manifestação que ameaçasse a ordem pública ou que alterasse o normal desenvolvimento da vida seria considerada dentro da situação de “prevención y alarma”. Em outras palavras, o Executivo tinha em suas mãos o necessário para conter qualquer movimento popular. Não havia necessidade de se convocar o Congresso.

O aparato repressivo, cuidadosamente construído para ser convocado pelo Executivo se colocaria em movimento quando a luta social entrasse em polvorosa. Frondizi demonstrou claramente o caráter e a natureza do governo de Perón: antiproletário, explorador e bonapartista. Caberia a “massa” a palavra final:

Cuando tarde o temprano adquiriera impulso la lucha social en el país, se pondrá en movimiento todo el aparato represivo tan cuidadosamente preparado, poniendo definitivamente al descubierto el verdadero significado de la actual aparente división de fuerzas. En ese momento la masa del pueblo tendrá la palabra y podrá dar una solución total y definitiva al problema de su libertad.<sup>310</sup>

#### 3.1.4 Uma opção ao peronismo: a revolução socialista e seus desdobramentos

No segundo tomo do *La Realidad* Frondizi constrói seu projeto de transformação social. A composição do seu ideário ocorreu no calor das aulas ministradas aos colaboradores do MIR-Práxis e dos debates com representantes do comunismo argentino. Na batalha das ideias, a tomada do poder, a revolução agrária, a industrialização, o peronismo, aparecem como temas centrais que conduziriam o andamento da luta de classes no país.

---

<sup>310</sup> *Id. Ibid.* p. 311

Fronidzi inicia destacando que o fio condutor da estruturação da sua teoria revolucionária era exatamente a crítica ao stalinismo. Para os representantes da IIIª Internacional os problemas da sociedade burguesa teriam “(...) solución dentro de los cánones de la sociedad burguesa; para nosotros la única solución posible para todos los males que aquejan nuestra sociedad, se resuelven con una modificación cualitativa de la sociedad”<sup>311</sup>. Problematizar como o intelectual entendia essa modificação qualitativa é nossa tarefa nesse momento.

A essa altura, Frondizi se concentrou em destacar como poderia ocorrer a tomada do poder pelo proletariado. Dispensando qualquer versão estruturalista ou reformista ele destacou o processo de tomada e posterior extinção do Estado. O primeiro passo foi pensar tal instituição como uma criação histórica. Assim, a tomada do poder pelo proletariado perpassava o Estado. Não como um reforço, mas sim com a extinção gradativa; total de suas forças. A partir do momento em que ocorresse a ditadura do proletariado, a pseudodemocracia burguesa entraria em colapso. Instauraria-se assim a democracia do proletariado, uma forma de governo para a maioria, já que junto com o proletariado estariam as camadas sociais mais desfavorecidas e pauperizadas. Dessa forma, a ditadura do proletariado, que deveria iniciar logo após o golpe que colocaria o Estado nas mãos do proletariado, seria apenas um interregno já que seu objetivo primordial seria cumprido com a superação da divisão social por classes. Como Frondizi concebe a tomada do poder? Ele acreditava piamente na capacidade criadora das “massas”. A irrupção do proletariado na vida pública e política, principalmente por meio do peronismo seria o ponto de partida para a transformação social.

Tais ideias, reproduzidas no segundo tomo do *La Realidad*, Frondizi havia desenvolvido em momentos anteriores, principalmente nos panfletos *La Evolución del capitalismo y el principio de Soberanía* (1946) e *La integración mundial. Última etapa del capitalismo* (1954). No folheto *La crisis de la democracia*, publicado em 1953, escreveu o militante:

La crisis política actual tiene su fundamento en la lucha de clases. Es fácil comprender entonces que participen en su producción tanto las fuerzas obreras como las capitalistas, o de izquierda y de derecha, como se ha dado llamarlas en lenguaje popular. De las dos fuerzas indicadas, es la obrera la que inicia el ataque con el objetivo de modificar la estructura política existente, valla que impide el logro de las aspiraciones económicas.<sup>312</sup>

<sup>311</sup> FRONDIZI, TOMO II, p. 185

<sup>312</sup> FRONDIZI, Sílvio. *La crisis de la democracia*, 2ª ed. Editora Práxis: Buenos Aires, 1953.

Noutras palavras, a crise por ação das forças populares seria uma consequência da luta travada pela conquista do poder político como meio para se chegar ao controle econômico. Isso explicava, segundo o militante o fato de a vida política ter alcançado uma expressividade, na metade do século XX jamais vista.

Em contrapartida à revolução socialista e à ditadura do proletariado como saída imediata e caminho indispensável para a tomada do poder, o stalinismo havia criado um edifício fictício em que a ação revolucionária havia sido deixada de lado ao mesmo tempo em que se apregoava dentro de seus círculos e no meio político a coexistência entre classes e dessas com o Estado. Escreveu Frondizi:

El stalinismo ha transtocado toda esta concepción, desarrollando la teoría de la posibilidad de la coexistencia pacífica de los Estados y de las clases, es decir abandonando la línea revolucionaria y su expresión contemporánea, la teoría y práctica de la revolución de Octubre.<sup>313</sup>

Colaborar com a burguesia, na visão de Frondizi significava o abandono direto da opção revolucionária, por isso ele apresentava o stalinismo como uma opção que apontava caminhos equivocados para os trabalhadores. Expressando seu pessimismo em relação ao PCA, Frondizi estava se referendo principalmente aos modelos de democracias populares. Criticando a ideia de coexistência pacífica entre classes, a URSS e as ações que esta desenvolvia no momento apareciam como um campo fecundo de estudo. A crescente “profundización social” colocava em xeque a possibilidade de tal coexistência:

Esta circunstancia explica que las democracias populares no hayan podido establecerse, sino por mérito de la acción militar de la URSS, cuyas tropas ímpidem que la subsistencia de la apropiación capitalista y el comercio privado, realicen de nuevo el camino ya recorrido hacia una forma capitalista neta (...). Si esta es la realidad de los países que han implantado las democracias populares bajo el dominio militar de la URSS piénsese en la situación de aquellos países como el nuestro, para establecer una democracia popular, estando sometidos nada menos que a la acción directa del imperialismo yanque. Sin embargo, los comunistas argentinos, créase o no, propician con mucha confusión y timidez, algo que se parece a las democracias populares, porque así llaman al engedro que defienden.<sup>314</sup>

Tais realidades faziam do PCA apenas um “servo” da URSS. Estava longe de ser um representante do marxismo-leninismo. Com gritos de “Viva la Unidad Democrática” a liderança o partido temia também que uma ação política pudesse empurrar o proletariado pelo caminho revolucionário. Num contexto de extensa polarização social, fruto do bonapartismo

---

<sup>313</sup> FRONDI, TOMO II, *Op. Cit.* p. 201

<sup>314</sup> *Id. Ibid.* p. 211

peronista, o stalinismo nacional e sua linha reformista encontravam-se distantes de oferecer uma saída para as classes trabalhadoras. Mas dadas essas condições, existiria uma saída? Qual a tarefa que o proletariado deveria realizar para levar adiante sua emancipação sem depender de forças retrógradas tal como a burguesia nacional? Frondizi pode não ter deixado uma resposta pronta e acabada a essas questões, mas deixou algumas questões em aberto para que a revolução socialista se realizasse.

A insistência do militante no poder que emanava do proletariado ativo fez de seu pensamento um entrave para muitas organizações que defendiam o estado burguês. Aos trabalhadores cabiam tarefas que culminariam na transição para a nova sociedade. Estava claro para o intelectual que o país se encontrava numa encruzilhada histórica, em que as tarefas revolucionárias se apresentavam como imediatas. O debate sobre a condição de maturidade ou não das condições políticas do país não parecia intimidar o fundador do MIR. O que lhe causava receio eram as condições subjetivas, em especial o grau de organização e de consciência do proletariado revolucionário. Por isso insistiu, em 1959, quando concedeu a entrevista à Strasser na validade do partido como estrutura organizativa. Assim, escreve:

Entre las tareas inmediatas figuran: la lucha contra el imperialismo, que sólo puede ser realizada por un partido marxista revolucionario que se fundamente en las masas. Además, será necesario resolver los graves problemas que impiden el desarrollo industrial y agrario del país. En el primer aspecto, deberán colocarse las grandes fuentes de producción en manos de la colectividad, dando en esta forma un poderoso impulso a la acumulación económica. En el otro aspecto, el agrario, las fuerzas socialistas deberán realizar, no ya un paso o un salto adelante, sino la revolución agraria integral, cuya primera manifestación es la nacionalización de los latifundios. Esta nacionalización deberá realizarse, no para distribuirlos en forma de pequeña propiedad, sino para ser colectivizados, medida que permitirá, entre muchas otras cosas, el empleo masivo de la maquinaria agrícola.<sup>315</sup>

Para a realização de tais tarefas uma questão era fundamental: a alteração qualitativa do Estado. Seria impossível a realização delas com o poder centralizado nas mãos de uma classe ou fração de classe privilegiada. Frondizi propõem claramente uma mudança estrutural: do Estado pela Comunidade. Por meio da organização socialista da sociedade alguns problemas como a liberdade de consciência poderiam ser resolvidos definitivamente.

Num contexto em que inúmeros autores defendiam a unidade da América Latina, Frondizi propôs que essa unidade só poderia render fruto se estivesse desvinculada de qualquer interesse das forças burguesas, seja no campo nacional ou internacional. A tarefa de

<sup>315</sup> FRONDI, *In*. STRASSER, p. 45

organização de uma frente de esquerda revolucionária só poderia ser levada a cabo pelas forças que atuavam em prol da revolução socialista. As burguesias nacionais, segundo o pensador “(...) son, por definición, nacionales y han nacido, vivirán y morirán como tales. Y esto no es tanto más válido en nuestra época, en que las burguesias para poder sobrevivir, deben luchar a dentelladas entre ellas”<sup>316</sup>. Baseado em Trotsky e defendendo a internacionalização da revolução, a possibilidade de manutenção de qualquer Estado Socialista perpassaria um projeto internacional de transformação social. Qual país deveria começar a luta? Frondizi alerta:

No es posible indicar donde o en qué país se iniciará la lucha, pero es evidente que esta lucha debe empezar pronto. En cualquier forma nuestro país tiene una tarea importante y decisiva que cumplir: la consolidación de la revolución socialista latinoamericana se producirá, en efecto, con la revolución argentina<sup>317</sup>.

Pensando na sociedade vindoura, Frondizi dá asas à imaginação e acrescenta:

En este orden de ideas, piénsese solamente en lo que significarán para las vastas praderas argentinas, junto con las zonas montañosas ricas en yacimientos minerales de Brasil, Chile, Bolivia, Perú, etc., y se tendrá una idea de las enormes posibilidades que tiene esta parte del mundo para realizar una integración de carácter económico. Y decimos integración, porque, al quedar suprimida la competencia, tiende a ir dejando de funcionar la ley del desarrollo combinado.<sup>318</sup>

Além de pensar a possibilidade de uma integração do proletariado latino americano Frondizi descartou a alternativa de formação de frentes populares. Nessa altura, seu pensamento se destacou pela crítica aos partidos que, em seus respectivos países (em especial França e Espanha), colocaram a formação de frentes populares como saída revolucionária. Nenhuma revolução poderia ser realizada dentro dos marcos da democracia burguesa.

À formação dessas frentes, Frondizi propunha a formação de frentes de esquerda, compostas pelas organizações de esquerda que, abandonando suas velhas rivalidades, colocassem a revolução socialista como palavra de ordem. Para concluir, é imprescindível destacar duas citações que revestem de importância ainda maior o pensamento de Frondizi. A primeira apresenta um militante colocando toda sua confiança na capacidade de criação das massas populares: “(...) El primer requisito de una dirección consciente reside en la firme creencia en la jerarquia de la masa obrera y en la necesidad de acatar los dictados de la

---

<sup>316</sup> *Id. Ibid.* p. 45

<sup>317</sup> *Id. Ibid.* p. 45

<sup>318</sup> *Id. Ibid.* p. 47

magnífica capacidad creadora de las masas populares”<sup>319</sup>. A capacidade de criação das massas, fruto de suas próprias experiências subjetivas e vivências coletivas, seria capaz de ditar o ritmo da revolução. A segunda citação resume o pensamento militante de Sívlio Frondizi: a crítica ao peronismo, as “velhas direções” e a proposta de luta:

Si las viejas direcciones, que durante décadas han marchado separadas del proletariado argentino, insisten en optar, no entre los movimientos de izquierda, sino entre las distintas fracciones de la burguesía, llámese estas Unión Democrática, Peronismo o Frondizismo, será entonces sus propias bases las que les den la espalda, cansadas de seguir dando vuelta una noria que no conduce a ninguna parte. El dilema de la hora es bien claro: o socialismo revolucionario o dictadura burguesa. Que cada uno elija su lugar de lucha.<sup>320</sup>

Dessa forma, completamente distanciado de sua “primeira fase” romântica, encontramos na década de 1950-1960 um Frondizi crítico a respeito de qualquer possibilidade de revolução burguesa como marco transformador da realidade argentina e da própria América Latina. Ao tomar partido pela revolução socialista, fenômenos sociais e políticos, como o peronismo recebem uma atenção especial. Dentro dos marcos da integração mundial do capitalismo debaixo da liderança estadunidense (principalmente no período pós-guerra) a Argentina desempenhava um papel de semicolônia. A inversão dessa realidade histórica só seria possível quando o autêntico sujeito revolucionário golpeasse a ordem estabelecida por meio da tomada do Estado burguês e da sua posterior destruição. O peronismo, dentro dessa perspectiva não passava de um regime bonapartista, que ao tentar realizar transformações dentro dos marcos burguês limitou ainda mais o desenvolvimento do país, apesar de contribuir para uma maior participação das classes trabalhadoras no cenário político. Ou seja, segundo Frondizi e como destacamos anteriormente, podemos pensar que ocorreram situações históricas nas quais os trabalhadores foram agentes diretos, como o 17 de outubro por exemplo. A revolução socialista, liderada pelo proletariado, e somente ela resolveria de uma vez por todas os problemas que transformavam a Argentina num país explorado. Analisado o pensamento revolucionário de Frondizi, vejamos a interpretação formulada por Milcíades Peña do mesmo fenômeno e sua concepção de história nacional.

---

<sup>319</sup> FRONDIZI, TOMO II, *Op. Cit.* p. 227

<sup>320</sup> FRONDIZI, *In.* Strasser, p. 49

### 3.2 MILCÍADES PEÑA E A DESCONSTRUÇÃO DOS “MITOS HISTÓRICOS ARGENTINOS”

A figura de Peña foi caracterizada pelo esquecimento. Poucos grupos políticos de esquerda da Argentina atualmente reconhecem o legado do marxista como parte de suas propostas de interpretação histórica. Como apontou Horácio Tarcus: “(...) cada corriente instituye tradiciones o las inventa pero nadie recoge la herencia de Peña”<sup>321</sup>. Desencontrado na esquerda argentina, em especial a organizada em partidos, Peña optou pela construção de um projeto de história nacional autônomo, mas que contou com a colaboração de muitos debates realizados no calor da sua militância política, seja no MIR, seja com ou contra o morenismo.

Nosso objetivo não é dissecar completamente o pensamento de Peña, pois acreditamos que essa tarefa é muito complexa e exige um espaço muito maior. O que pretendemos destacar inicialmente é a interpretação realizada pelo militante sob o contexto político do radicalismo argentino. Ao problematizarmos essa questão, voltaremos a dar atenção para alguns apontamentos sobre o caráter da dominação capitalista na Argentina em alguns momentos históricos. Em seguida, pretendemos nos ater ao peronismo e o caminho traçado para a construção da sua visão desse fenômeno, sempre o alocando no campo das esquerdas com as quais disputava.

A preocupação que permeia todos os seis livros de Peña <sup>322</sup> é a desmistificação da história argentina, em especial o peronismo. Ele não se reconhecia como parte dessa proposta histórica. Ao final construiu uma história trágica para a classe trabalhadora, permeada ao mesmo tempo pelas mais variadas formas de exploração realizada pelas classes dominantes, em suas complexas expressões. É nesse contexto que, semelhante a Sílvio Frondizi, encontramos Peña criticando a versão que caracterizava a Argentina como uma área de extensão feudal e que, portanto, as alianças com as “burguesias progressistas” seriam válidas para o proletariado, dentro da luta pelo fim principalmente do latifúndio. A revolução, nessa perspectiva, deveria ser realizada por etapas, ordens advindas principalmente da cúpula stalinista e implantada nos PCs da América Latina em geral, conforme analisamos no capítulo 2. Desde o começo de sua interpretação histórica do todo nacional, um projeto ambicioso para um jovem de 25 anos, a tese abraçada por Peña é do capitalismo como sistema vigente na

<sup>321</sup> Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-25628-2012-06-24.html>. Acesso em 06 fev. 2014

<sup>322</sup> São eles: *Antes de Mayo, El paraiso terrateniente, La Era de Mitre, De Mitre a Roca, Alberdi, Sarmiento y el 90, Masas, caudillos y elites*

Argentina. É assim, portanto que escreve sobre a característica do desenvolvimento da organização social no início do processo de colonização espanhola:

Bien entendido, no se trata de un capitalismo industrial. Es un capitalismo de factoría, “capitalismo colonial”, que a diferencia del feudalismo no produce en pequeña escala y ante todo para el consumo local, sino en gran escala, utilizando grandes masas de trabajadores, y con la mira puesta en el mercado; generalmente el mercado mundial, o, en su defecto, el mercado local estructurado en torno a los establecimientos que producen para la exportación. Estas son características decisivamente capitalistas, aunque no del capitalismo industrial que se caracteriza por el salario libre.<sup>323</sup>

Se a Argentina apresentava características nitidamente capitalistas, por mais que se resumissem em um capitalismo colonial, como ele mesmo apontou, como se dava a acumulação capitalista? Mario Maestri destaca que em Peña era, sobretudo a “burguesia ganadera” que “(...) impulsionava a acumulação capitalista”<sup>324</sup> cuja produção se voltava estritamente para o exterior. Tal burguesia, localizada principalmente em Buenos Aires e no litoral não comungava com a proposta da burguesia comercial localizada no Interior, que em especial objetivava o desenvolvimento da formação de um mercado nacional que pudesse dar conta da produção, característica fundamental da Argentina no século XVII e XVIII. Sem nos alongarmos em demasiado sobre esse período é fundamental perceber a formação capitalista argentina e as inúmeras disputas no seio da classe dominante que, em todos os momentos da história argentina, tal como aparece nas análises de Peña foi fundamental para que as transformações ocorridas no aspecto político e econômico se fizessem exclusivamente debaixo dos desmandos da burguesia. Nesse aspecto Peña não mede palavras em destacar o caráter retrógrado dessas classes. Criticando Jorge Abelardo Ramos e sua política de aliança com a burguesia dita “progressista”, escreve:

A la par de estas, la ineptitud de la oligarquía argentina era la ineptitud general de todas las clases dominantes de países atrasados, invadidos por el capital imperialista. Pero que el mal sea de muchos sólo es consuelo para tontos y argumento frailuno para canallas. Si queremos contruir una gran nación, es indispensable descubrir y bautizar con plomo derretido todas y cada una de sus fallas en la defensa de la autonomía nacional, y no lavarle la fachada con el pretexto de que en todo el mundo hubo clases igualmente chambonas o venales.<sup>325</sup>

<sup>323</sup> PEÑA, Milcíades. Antes de Mayo. In: *História del pueblo argentino. Vol. I.* 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 31.

<sup>324</sup> Disponível em < [http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620\\_milciadespenia.html](http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620_milciadespenia.html)>. Acesso em 18 jan. 2013.

<sup>325</sup> PEÑA, Milcíades. La era de Mitre. In: *História del pueblo argentino. Vol. I.* 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 250.

Se as classes dominantes (relaxadas, desleixadas- chambonas) apresentavam, nas suas mais variadas configurações aspectos que em nada contribuíam para o desenvolvimento autônomo da nação, qualquer tentativa de encobrir essa falha, debaixo de frases de efeito, mas que em última instância faziam parte de um repertório em apologia a tais classes seria tentar lavar a fachada e esquecer o mais importante.

Sob a luz da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, Peña adentrou em sua análise do século XX destacando o papel da Argentina como uma semicolônia que no final do século XIX apresentou ligeiros traços de modernização. Entretanto, tais mudanças em última instância não alteraram a estrutura social argentina “(...) basada en la propiedad terrateniente de la tierra”<sup>326</sup>, mas, pelo contrário, reforçaram e perpetuaram as contradições. Assim, apesar de se importarem elementos de progresso, o país se mantinha num atraso constante: “(...) se producía así un tipo de desarrollo combinado que injertó elementos de civilización capitalista industrial en una sociedade articulada en torno del latifundio”<sup>327</sup>.

Dada essa configuração o início do século XX apresentava, na visão do militante, um avanço constante do imperialismo inglês por boa parte da América Latina. Além disso, a “*burguesia terrateniente*” vinculada diretamente com o latifúndio e composta por donos de terras e estâncias, chocava-se frontalmente com os interesses da burguesia mais centrada no Interior que estava ansiosa pela construção de um mercado nacional, onde pudesse vender seus produtos e manter sua acumulação. Vejamos como se comportaram os governos radicais nas primeiras décadas do século XX.

### 3.2.1 Radicalismo e governos radicais na perspectiva de Milcíades Peña

Pressionada pelo imperialismo em conjunto com a burguesia, a oligarquia<sup>328</sup> se viu forçada a tomar medidas que visassem uma “reforma eleitoral”. Em 1912, durante o governo de Roque Sáenz Peña foi promulgado o voto secreto e obrigatório. Para Peña, tal reforma foi realizada debaixo de novas demandas que o capitalismo do início do século XX colocava na ordem do dia. O desenvolvimento do sistema do país reclamava maior influência no poder para os novos estratos capitalistas que haviam entrado na cena política na segunda metade do

<sup>326</sup> PEÑA, Milcíades. Alberdi, Sarmiento y el ‘90’. In: *História del pueblo argentino*. Vol. I. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 317.

<sup>327</sup> *Id. Ibid.* p 317

<sup>328</sup> Para Peña, o “regime oligárquico” resguardava em seu seio os interesses do imperialismo inglês e do conjunto geral da burguesia argentina. A “maquinaria estatal” encontrava-se nas mãos de uma elite estritamente ligada ao capital britânico. Tal elite era composta principalmente pelos latifundiários de Buenos Aires, os grandes comerciantes voltados para o mercado importador e os consórcios financeiros.

século XIX e que agora cobravam um espaço entre o seletos grupo que comandava o país desde o Jockey Club. Amplos setores das classes dominantes, desvinculados dos grandes “(...) estancieros de Buenos Aires, del gran comercio importador, y los consorcios financieros”<sup>329</sup> exigiam uma partilha ainda maior no controle do Estado. A formação e consolidação da União Cívica Radical, que segundo Peña levou consigo boa parcela das “massas marginalizadas” ocorreu dentro desse processo de conflito entre as classes dominantes.

Porque a conquista das “massas” era tarefa fundamental para os representantes do nascente radicalismo? Foi com os votos desse estrato social que em 1916 a UCR conseguiu chegar ao governo. Por meio da liderança de Hipólito Yrigoyen, os setores mais claudicantes das classes dominantes tiveram seu espaço reconhecido. Isso, como bem observou Peña em sua construção não impediu que o novo presidente não fosse, ao final das contas, um defensor da *burguesia terrateniente* debaixo de tons nitidamente populistas. Sem uma proposta de libertação e de desenvolvimento de um mercado nacional, o radicalismo acabou sendo um porta voz direto da burguesia latifundiária. Seu papel de intermediador e ao mesmo tempo salvaguarda da burguesia, que anos depois será desempenhado por Perón é interpretado com maestria por Peña. O governo de Yrigoyen, dessa forma tentou realizar uma política de intervencionismo estatal “(...) para salvar la ganancia de la burguesia argentina y en especial la renta de los terratenientes, en momentos en que descendían los precios agropecuarios, se desvalorizaba la tierra, etc”<sup>330</sup>.

O Estado argentino refletia os mais variados interesses de classes. Apesar de estar já distante do controle político direto, a oligarquia acabou sendo, na visão de Peña a grande beneficiada com a nova conjuntura política. Enquanto muitos analisavam o obreirismo radical como um aspecto positivo, o intelectual trotskista insistia em criticar o real caráter do “governo populachero” que afetou a combatitividade das classes trabalhadoras ao, por via do Estado controlar os sindicatos. A influência sobre as classes trabalhadoras conquistada pelo radicalismo em Peña representou a “(...) primera vez en que el Estado se aseguró cierto control sobre el movimiento obrero, utilizandolo no solo para obtener votos con los cuales enfrentar la oposición de la burguesia, sino también para someter el proletariado al orden imperante”<sup>331</sup>. É importante destacar o caráter e a relação que o radicalismo assumiu em relação ao operariado. Mais do que qualquer governo reacionário, o radicalismo massacrou o operariado subjugando qualquer tipo de movimento ou organização autônoma que surgisse

---

<sup>329</sup> PEÑA, Milcíades. Masas, Caudillos y Elites. In: *História del pueblo argentino. Vol. II.* 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 8.

<sup>330</sup> *Id. Ibid.* p. 15

<sup>331</sup> *Id. Ibid.* p. 17

em oposição aos dominantes. Apesar disso, é nesse contexto repressivo que a classe operária foi ganhando experiência de luta. Peña destaca claramente que tais mobilizações eram reflexos muito mais das condições sociais, em especial os baixos salários recebidos que refletia a miséria dos trabalhadores do que uma influência direta de textos ou ação de lideranças revolucionárias.

Assim, na semana do dia 7 a 14 de janeiro de 1919, o proletariado metalúrgico de Buenos Aires organizou uma greve geral que foi capaz de paralisar as atividades da capital nacional. O governo radical mobilizou seu aparelho repressivo, que em colaboração com instrumentos fascistas <sup>332</sup> reprimiu o movimento operário. Ironizando o coronel Perón e não esquecendo a participação deste entre os fascistas da época, Peña escreve: “(...) frente a la fábrica donde se habia iniciado la huelga, un destacamento del ejército ametralla a los obreros. Lo comanda un jovén teniente, llamado Juan Domingo Perón” <sup>333</sup>.

A riqueza da análise consiste no fato de que o militante não condensa sua visão apenas ao nacional. Ele relaciona o conflito interno com as transformações em âmbito internacional. Assim, apesar dessa combatitividade do nascente operariado, o avanço do imperialismo inglês na Argentina se intensificou com a ascensão repentina dos Estados Unidos no cenário mundial, que por sua vez refletiu no aumento taxa de exploração do capital inglês temeroso em perder sua preciosa semicolônia. Na década de 1930, Peña destacou que a Inglaterra comprava quatro vezes mais da Argentina do que os Estados Unidos. Com a crescente crise que em escala mundial ameaçava a ordem do sistema capitalista, foi necessário que o imperialismo inglês insistisse num governo mais centralizado e menos populista a fim de manter a taxa de lucros das classes dominantes e do próprio imperialismo. Sobre esse momento histórico escreveu Peña: “(...) habia que fortalecer el orden, y el gobierno de Yrigoyen era la encarnación del desorden, social porque especulaba con el apoyo de las masas, administrativo por la corrupción que lo carcomía a ritmo acelerado” <sup>334</sup>. A concepção de história de Peña chega a uma encruzilhada: para salvar sua taxa de lucros e manter, mesmo em níveis baixos a acumulação de capital, o imperialismo parte para o apoio e a instituição de uma experiência nacional extremamente antidemocrática, período conhecido como “década infame”.

Desacreditado completamente do PCA, Peña destaca que as “massas trabalhadoras” encontravam-se *passivamente* favoráveis a Yrigoyen. Entretanto, a burguesia encontrou um

---

<sup>332</sup> Peña cita a *Liga Patriótica* financiada pelos capitalistas nacionais.

<sup>333</sup> *Id. Ibid.* p. 18

<sup>334</sup> *Id. Ibid.* p. 23

aliado inimaginável: o PCA <sup>335</sup>. Semelhante a tal partido, o PS apoiou toda a estrutura da década infame. Peña realça a diferença entre o governo de Yrigoyen e o de Uriburu, militar que inaugura a década infame na Argentina: “(...) la ‘dictadura’ de Yrigoyen, que no perseguía ni encarcelaba a nadie, fue reemplazada por la dictadura militar-policialesca sin comillas del general Uriburu, que desato el terror sobre el país y en especial la clase obrera”<sup>336</sup>. A organização com cunho fascista e que recebia financiamento do grande capital tomou conta das *calles* de Buenos Aires.

Qual a leitura que Peña desenvolve a respeito da postura do PS frente ao cerceamento dos direitos básicos da população e ao caráter ditatorial do novo momento histórico que emergia no país? Escreve o militante: “(...) sin embargo, el Partido Socialista argentino, fiel a su alianza tácita de siempre con la burguesía, roció con agua bautismal al gobierno militar”<sup>337</sup>. Como afirmamos anteriormente, o projeto político que as esquerdas apresentavam no momento em que o jovem Milcíades ingressou na vida política argentina não agradava uma boa parte de intelectuais. O afastamento do militante de muitos partidos devia-se, entre outras coisas a leitura histórica que ele havia realizado da atuação dessas organizações no contexto da luta de classes na Argentina no final do século XIX e no início do século XX. Isso contribuiu para a confirmação de Peña, e porque não de Frondizi, como dois tipos de intelectuais *aguafiestas* <sup>338</sup>, que colocavam em xeque toda uma estrutura rigidamente organizada das esquerdas. O que defendiam era um marxismo combatitivo, não o elitizado e separatista que caracterizou muitos agrupamentos argentinos na segunda metade do século XX.

### 3.2.2 A década infame e a preparação para o surgimento do peronismo: o governo *directo* dos *estancieros* e do imperialismo

Os anos que vão de 1930 a 1943 foram analisados por Peña na mesma dinâmica que os capítulos antecedentes de suas obras. Em primeiro lugar ele tratou de colocar a limpo a

<sup>335</sup> *Id. Ibid.* p. 23. Peña cita um discurso comunista da época que declara: “El gobierno de Yrigoyen es el gobierno es el gobierno de la reacción capitalista como lo demuestra su política represiva, reaccionaria, fascitizante”.

<sup>336</sup> *Id. Ibid.* p. 24

<sup>337</sup> *Id. Ibid.* p. 24. “En nota dirigida el 4 de noviembre al Ministro del Interior – gran terrateniente, abogado del Standard Oil, fascista confeso que dirigía personalmente la tortura policial de militantes obreros – los socialistas decían: ‘apenas se constituyó el Gobierno Provisional surgido de la revolución del 6 de septiembre nos apresuramos a declarar que de nuestra parte no crearíamos al Gobierno Provisional la más mínima dificultad para el cumplimiento de una tarea que reputamos ardua e indispensable’”

<sup>338</sup> *Aguafiestas* tem o sentido de “desmancha prazer”, ou o indivíduo que rema contracorrente.

situação econômica e o conflito entre as classes dominantes para em seguida perceber o impacto dessas medidas no campo político e social. O primeiro passo, portanto, consistia em atentar para o processo de “nacionalismo econômico”, discurso que ecoou nos mais variados espaços da burguesia nacional. A década de 1930 experimentou a consolidação da burguesia industrial no cenário nacional. O governo Justo e seu plano de políticas econômicas levado a cabo a partir de 1933 escancarou uma íntima e duradoura aliança entre as frações industriais e agropecuárias da burguesia. Como foi possível tal aliança? Peña destaca que nunca houve conflitos extremamente agudos entre tais classes, isso porque a “(...) burguesía industrial surgió da burguesia terrateniente y la capitalización de la renta agrária y a su vez la comun reiversión de las ganancias industriales en tierras borran precisamente los impreciso limites que las separan”<sup>339</sup>. Apesar desses aspectos, em certos momentos históricos é possível visualizar a supremacia de uma determinada fração da burguesia. Durante o peronismo, por exemplo, Peña insiste em destacar o papel de liderança da burguesia industrial.

É fundamental, entretanto, desmistificar o processo de industrialização. Peña se esforça em destacar que o fato de existir uma burguesia industrial não culmina diretamente com um processo de industrialização tal como nos países que ele considera avançados. Além disso, a ideia de modernidade que começou a surgir a primeira metade do século XX, não significava necessariamente industrialização. Veremos mais adiante como ocorreu esse processo de industrialização ao analisarmos o pensamento de Peña a respeito do processo de “pseudoindustrialização” proposta pelo governo peronista. O que é importante destacar de antemão é que as classes dominantes jamais conseguiram levar a cabo um processo que firmasse indústrias nacionais fortes e independentes. Além disso, tais empresas não eram capazes de produzir para concorrer com o poderoso mercado internacional.

O processo de pseudoindustrialização veio acompanhado da formação de um proletariado sem experiência de luta, na sua maioria advindos do campo. Nessa altura, Peña destaca que o PCA e o PS já haviam se dado conta da real intenção do Estado durante a década infame, entretanto não existia em tais partidos um programa que atentasse para as necessidades do proletariado nacional. Com isso estaria ocorrendo um estancamento do movimento operário. Assim, escreve o intelectual:

Desprovistos por completo de experiencia sindical y política los nuevos obreros permanecían al margen de las organizaciones obreras, cuya política hacía nada para ganarlos, pero, al contrario, iba repeliendo a los obreros organizados. Los partidos Socialista y Comunista habian implantado en los sindicatos el dominio absoluto de sus camarillas burocráticas, que ahogaban

---

<sup>339</sup> *Id. Ibid.* p. 29

los impulsos combatitivos de la base y ponían las organizaciones sindicales al servicio de la colaboración política con diversos sectores de la burguesía.<sup>340</sup>

Algo de semelhante nessa interpretação a respeito da formação do proletariado apareceu no pensamento de Sívlio Frondizi. Como vimos o grande problema que se apresentava para as organizações políticas da época consistia na separação entre o proletariado e o movimento intelectual, fosse partidário, universitário, etc. Resolver essa questão (base X direção) seria fundamental para o andamento do processo revolucionário.

Uma questão emerge a partir da perspectiva de que havia uma separação abismal entre o proletariado e a direção. Em 1942, quando ocorreu a divisão da CGT em duas alas, Peña destacou que ambas as novas formações sindicais, uma de cunho stalinista e outra socialista continuaram a não dar conta das demandas advindas do movimento real, em especial do fabril. Burocratizadas e estranhas aos interesses e inquietudes do proletariado argentino: essas são algumas das qualificações para as novas instituições sindicais que surgiam. Qual a consequência desse processo de burocratização do sindicalismo nacional? “(...) El resultado inevitable era la desmoralización de la clase obrera organizada, la extinción de su espíritu de lucha y la indiferencia y el desarraigo por parte de los obreros recién llegados a la industria”<sup>341</sup>. Completamente pessimista em relação a atuação sindical e dos partidos majoritários no plano sindical, o militante constrói uma concepção histórica em que acredita fielmente na capacidade do proletariado criar mecanismos de libertação advindos da experiência da luta nos mais variados aspectos da vida social, especialmente nas fábricas.

Com a queda do movimento operário, a corrupção que envolvia a casta política no poder se acentuou sobremaneira. Em 1943, momento em que deveriam ocorrer eleições presidenciais, a máquina eleitoral controlada pelo presidente Castillo preparou o terreno para engrenar a campanha vitoriosa de Patrón Costas. Este último tinha propostas perigosas e planejava uma aproximação direta com o imperialismo estadunidense. Para isso contou com o apoio de vários estratos sociais: “(...) El 3 de junio de 1943 aparecían en los diarios una solicitada de apoyo de la candidatura de Patrón Costas, firmada por los más destacados capitalistas del país y por representantes próceres del capital extranjero”<sup>342</sup>. Essa perspectiva de aproximação do capital de Washington tornou impopular Patrón Costas no meio dos estancieros. Mas, no dia 4 de junho esse panorama de continuidade política de governos diretos das classes dominantes entrava em contradição. As massas populares estavam fartas da

---

<sup>340</sup> *Id. Ibid.* p. 37

<sup>341</sup> *Id. Ibid.* p. 38

<sup>342</sup> *Id. Ibid.* p. 38

política em andamento, sempre *burlada* pelos partidos tradicionais e seus representantes. Entre os oficiais do Exército o clima era de descontentamento geral ao qual devemos acrescentar na leitura de Peña as inovações que apareciam no projeto de Costas e que afetavam as velhas e “honrosas” relações entre a Argentina e a Inglaterra. Foi por isso que o Exército assumiu sua posição de Bonaparte, depois transfigurada em Perón: “(...) El Ejército sintió que había llegado el momento de salvar al país y probar suerte en el usufructo directo del poder. La operación de salvataje tuvo lugar el 4 de junio de 1943”<sup>343</sup>. Esse novo cenário político foi o pano de fundo perfeito para o surgimento de um líder político que teria em suas mãos uma grande concentração de poder.

### 3.2.3 O Governo do “*como si*”: a formação do peronismo como bonapartismo, sua consolidação e crise.

O governo militar surgido do golpe de 1943, nas palavras de Peña, não atendeu aos anseios estadunidenses que desejavam uma aproximação das relações comerciais com o país com o objetivo de intensificar a exploração. Em plena Segunda Guerra Mundial os políticos representantes de Washington não tardaram em relacionar o novo governo com o já cristalizado fascismo, com o nazismo ou com a ditadura propriamente. Entrava em cena, um novo personagem, que desde a Secretaria de Trabalho e Previsão tratou de apresentar propostas para a classe trabalhadora. Estamos falando do então coronel Juan Domingo Perón, que segundo Peña “(...) tendría por objetivo fundametal acabar con la lucha de clases y someterla a la tutela del Estado conciliando a obreros y patronos”<sup>344</sup>. É fundamental termos sempre em mente que o militante trotskista, quando escreveu estava analisando um momento histórico que lhe era contemporâneo. Há de se destacar que inicialmente, quando a grande maioria das classes populares saudou e ufanou o peronismo muitos intelectuais representantes da esquerda tardaram em tomar uma postura crítica frente ao novo fenômeno<sup>345</sup>. Peña, pelo contrário, manteve desde cedo sua postura crítica. Ao mesmo tempo em que não se sentia parte do projeto de nação apresentado pelo peronismo ele não se reconhecia na esquerda em voga, razão do pouco reconhecimento da obra de Peña atualmente, apesar dos novos olhares a ele lançados nos últimos três anos que culminou na recompilação de sua obra.

---

<sup>343</sup> *Id. Ibid.* p. 39

<sup>344</sup> *Id. Ibid.* p. 40-41

<sup>345</sup> Muitos inclusive partiram de uma postura crítica que sustentavam à apologia venal do governo, como é o caso de Jorge Abelardo Ramos.

Levando em consideração as limitações de Peña é imprescindível considerar sempre sua concepção debaixo da ideia de luta de classes. Por isso, como ele mesmo pontua, houve luta constante mesmo nos dez anos que caracterizaram o peronismo clássico. Ao assumir o comando da Secretaria, Perón tratou de afastar qualquer influência comunista dos sindicatos. A partir do controle total desses órgãos, o próximo passo seria a estatização completa das instituições sindicais. Foi a partir desse momento que o coronel estruturou seu projeto de classe. O carisma do presidente se acentuou com a política salarial: “(...) Mejoras apreciables en los salários y en las condiciones de trabajo, una marcada tendencia a favorecer a los obreros en los conflictos gremiales, el amparo concedido a los dirigentes y delegados frente a la tradicional prepotência patronal (...)”<sup>346</sup> foram fatores que contribuíram para uma maior, mas ao mesmo tempo consistente popularização de Perón. Isso equivalia a acumulação de poder. Assim, Peña deu ênfase a conquista das parcelas do proletariado pelo discurso peronista processo que se iniciou com uma longa mobilização dos sindicatos em busca dos trabalhadores. É de fundamental importância a caracterização que ele fez do processo de constituição da CGT peronizada:

Seria incorrecto decir que los obreros “se movieron” o “fueron” hacia los sindicatos, porque el proceso transcurrió exactamente a la inversa: los sindicatos – La Secretaria del Trabajo – fueron hacia los obreros. Así se creó la nueva Confederación General del Trabajo (CGT) que pronto unificó en su seno a la totalidad de la clase obrera. Organización poderosa, a través de la cual en la era peronista se concedieron a la clase obrera importantes mejoras reales, pero que no se obtuvo por sí absolutamente nada. La nueva CGT fue desde el primer momento en todo lo esencial, una repartición estatal. No surgió de la movilización autónoma de la clase obrera. Al contrario, fue creada en un momento de descenso de la combatitividad del proletariado argentino, cuando su composición se modificaba vertiginosamente a causa del ingreso a la industria de trabajadores rurales sin experiencia sindical de ninguna índole. Sus funcionarios salieron de la clase obrera; pero no se elevaron hasta la dirección sindical destacándose en el curso de la lucha, no fueron elegidos por su clase, sino designados y promovidos desde la Secretaria del Trabajo.<sup>347</sup>

Um verdadeiro processo de coerção da classe trabalhadora acompanhou ao processo de formação do peronismo. A esse processo se aliou, durante o governo provisório que se estendeu até 1946, o fortalecimento de algumas instituições que na visão de Peña serviam para fortalecer a ordem tradicional e suas colunas: Exército, igreja, polícia e burocracia. Se durante o governo Castillo, o militante pontuou que ainda restavam limitadas e escassas liberdades democráticas essas foram varridas pelo governo provisório que deixou de lado os marcos básicos da Constituição Nacional.

<sup>346</sup> *Id. Ibid.* p. 41

<sup>347</sup> *Id. Ibid.* p. 41-42

Os militares que assumiram o controle do país no período que antecedeu as eleições de 1946, segundo Peña, tomaram medidas de benefício direto do capital inglês, ao mesmo tempo em que em seu discurso assumia uma postura de impedimento ao avanço do imperialismo estadunidense. É importante destacar que no pensamento do militante, a ideia de luta de classes perpassava o quadro de trabalhadores *versus* burguesia. Ela se estendia a outros campos do fazer político. Criticando os marxistas de *trocha angosta*<sup>348</sup>, como ele mesmo se refere, escreveu: “(...) la lucha de clases no determina directamente todos y cada uno de los acontecimientos políticos. Todos y cada uno de los golpes de Estado no responden siempre, necesariamente al movimiento de una clase”<sup>349</sup>. Apesar dessa afirmação no mínimo polêmica entre os quadros da esquerda, é necessário fazer uma análise do conjunto. Mas abaixo, Peña destacou que apesar de certos movimentos políticos não representarem um conflito *direto* entre as classes, tais fenômenos não poderiam ser compreendidos, senão na relação com a luta entre classes e grupos de classes: “(...) Y en un país semicolonial como la Argentina, a la lucha entre clases nacionales se suma la lucha entre ellas y el imperialismo, y entre los imperialismos competidores”<sup>350</sup>. Dessa forma, entender o movimento ocorrido no 4 de junho significava levar em consideração as controvérsias e os conflitos que ocorriam dentro do próprio seio dos imperialismos e das classes dominantes argentinas.

Tal golpe representava o surgimento de um governo tipicamente bonapartista. Qual a interpretação de bonapartismo proposta por Milcíades Peña?

El régimen surgido de este golpe de estado configuraba un gobierno bonapartista: no representaba a ninguna clase, grupo de clase o imperialismo, pero extraía su fuerza de los conflictos entre las diversas clases e imperialismos. Su apoyo directo lo hallaba en las fuerzas del orden: ejército, policía, burocracia, clero. La increíble corrupción de los partidos políticos burgueses – y la indiferencia y el hartazgo de las masas ante la política – surgieron en los cuarteles la conveniencia de descartar por completo a la burguesía argentina del cuidado de gobernarse a si misma.<sup>351</sup>

Ao movimento de 4 de junho, se seguiu o estabelecimento de um governo bonapartista, que se consolidou para Peña durante o peronismo. A gangrena que havia atingido as formas tradicionais de se manter o poder serviu de justificativa para o estabelecimento das forças de ordem no controle da nação. A nova estrutura que surgiu a

<sup>348</sup> Peña está se referindo a marxistas mecanicistas que com uma visão linear e determinista resumiam a luta de classes como um conflito interno entre burguesia e proletariado sem ter em conta a complexidade desse conflito que envolvia outras forças políticas e econômicas como os imperialismos estadunidense e britânico.

<sup>349</sup> *Id. Ibid.* p. 45

<sup>350</sup> *Id. Ibid.* p. 45

<sup>351</sup> *Id. Ibid.* p. 45

partir daí beneficiou instantaneamente os estancieiros e o imperialismo inglês. Mas, Peña faz uma prerrogativa interessante: “(...) el servidor estaba sentado sobre el espinazo del amo, le apretaba la nuca, y, si era necesario, no le importaba frotarle la cara con su bota”<sup>352</sup>. Em outras palavras: a burguesia argentina, especialmente a ligada à indústria estava arcando com a maioria dos gastos do militarismo bonapartista. Tal fração de classe exigiu a volta imediata dos coronéis aos seus quartéis. Aliada a ela estava o imperialismo estadunidense que segundo o autor taxava o governo de incomunicável sob qualquer viés. Sob pressão de variadas forças das classes dominantes locais e também do imperialismo estadunidense, o governo bonapartista não poderia se manter em pé apenas com a força da burocracia, do exército e da polícia. Ele ansiava ardentemente por uma força fundamental, em especial a que viesse de uma classe. Foi nas classes trabalhadoras em geral, que o governo encontrou força política para levar adiante o bonapartismo. Aí está, em linhas gerais, o surgimento do peronismo na concepção de Peña.

Dessa forma, o movimento militar iniciado em 4 de junho se transformou em peronismo quando os trabalhadores urbanos e rurais foram cooptados desde a Secretaria do Trabalho e Previsão Social pelo coronel Perón. Peña acreditava que as condições históricas promoviam um ambiente propício para a instalação de práticas bonapartistas. Com a economia argentina passando por um momento de crescimento, era possível a distribuição de partes do lucro com os trabalhadores. Além das condições históricas, a situação dos partidos de esquerda e da combatividade facilitava a prerrogativa de um governo que se elevava sobre as classes. Criticando os mais variados segmentos de esquerda de sua época, escreveu o militante: “(...) paralelamente, la combatitividad de la clase obrera había disminuido de modo tangible y sus direcciones tradicionales, socialistas y stalinistas, estaban completamente desprestigiadas por sus compromisos con la burguesia y su declarado belicismo en favor del imperialismo norteamericano”<sup>353</sup>. O “declarado belicismo” se refere sem dúvidas ao discurso de Codovilla e a aproximação do PCA com a União Democrática que detalhamos no capítulo 2<sup>354</sup>.

---

<sup>352</sup> *Id. Ibid.* p. 45

<sup>353</sup> *Id. Ibid.* p. 46

<sup>354</sup> Além disso, Peña está se referindo aos vários afastamentos construídos pelo partido com a classe trabalhadora. Ele escreve: “En setiembre de 1943, el partido Comunista, que controlaba al gremio de la carne cortó sus últimas amarras con la clase obrera, entregando al gobierno una gran huelga de los frigoríficos para no perturbar a las empresas anglo-norteamericanas, aliadas de la URSS”. Mais adiante, ele acrescenta: “Todos los partidos tradicionales se unieron para combatir al gobierno militar. Incluso el Partido Comunista que, como todos los P. C. de Occidente, cumpliendo la línea stalinista, actuaban entre 1941 y 1946, como correa de

Dessa forma, porcentagens consideráveis do proletariado careciam de experiência sindical e política. Perón soube lidar com essa situação e por meio de melhoras conseguiu o apoio e confiança da classe trabalhadora. Para esclarecer a relação do peronismo com a burguesia é importante atentarmos para o que Peña escreve:

Pronto la burguesia acusó a Perón de ‘agitar artificialmente la lucha de clases’ e incitar a los obreros en su contra, pero la acusación carecia de sentido. En realidad Perón hizo abortar, canalizando por via estatal, las demandas obreras, el ascenso combatitivo del proletariado argentino, que se hubiera producido probablemente al término de la guerra. Porque es evidente que si Perón no hubiera concedido mejoras, el proletariado hubiera luchado para conseguir las.<sup>355</sup>

É de fundamental importância destacar que o proletariado argentino, apesar de apresentar limites no que diz respeito à combatividade, no pensamento de Peña é um sujeito histórico que, dentro do contexto de luta de classes, constantemente faz impor suas pressões. O peronismo apresentou-se, assim, como saída às manifestações que agitavam o cotidiano da política argentina. Em linhas gerais, o bonapartismo do governo militar preservou a ordem burguesa e distanciou ainda mais a classe trabalhadora de uma luta autônoma, submergindo-a cada vez mais na ideologia do acatamento da propriedade privada capitalista.

Somado a isso, Peña acrescentou, na construção de sua interpretação histórica e materialista do bonapartismo militar e posteriormente do peronismo, que o nacionalismo anti-yanque caracterizou tais governos. Assim, a velha metrópole continuou a controlar e dominar o mercado das matérias-primas. Diante disso, ocorreu uma mobilização da classe trabalhadora que o militante em prol da defesa dos interesses do imperialismo inglês. Tal canalização ocorreu debaixo dos auspícios do bonapartismo e sob a égide da defesa da nação do avanço do capitalismo estadunidense.

Em 1945 o governo bonapartista-militar não tinha mais condições de se manter em pé. As causas, na visão de Peña, estavam centradas nas vastas manifestações de repúdio vindas, sobretudo da classe média e dos Estados Unidos. Peña destacou que a burguesia industrial, inicialmente, era a grande interessada em afastar Perón e destituir o governo militar provisório, já que era o setor nacional que mais necessitava dos investimentos estadunidenses num contexto em que a Inglaterra se via acuada pelas consequências diretas da Segunda Guerra. A burguesia argentina se encontrava, segundo Peña, como “(...) un enano que crecía

---

transmisión del imperialismo norteamericano, pagando asi la tolerancia de Washington para que Stalin dispusiera sin tropiezo de Europa Oriental.” *Id. Ibid.* p. 47; 51

<sup>355</sup> *Id. Ibid.* p. 47

entre dos gigantes”<sup>356</sup>. Frente ao terror que lhe inspirava o peronismo e a sindicalização massiva foi natural e inevitável, na visão de Peña, a aliança com o capital imperialista em detrimento ao gigante proletário.

Frente à formação de uma oposição forte, que se aglutinou em torno da figura do embaixador estadunidense Spruille Braden, com uma composição nitidamente burguesa e pequeno-burguesa, um golpe de estado estava, segundo Milcíades Peña, à beira de acontecer. Ele estourou em outubro de 1945. Além de seu caráter burguês, tal reviravolta política, que foi responsável pelo afastamento de Perón de seu cargo, saiu dos bairros aristocráticos da cidade. Apesar de parecer completamente derrotado, o governo Perón contava com o apoio de classes e grupos sociais que permitiram, como escreveu o autor de *Masas y Caudillos*, um respaldo forte que confirmou seu retorno ao poder. Quais eram as forças de apoio em torno de Perón? O militante trotskista destacou algumas: o imperialismo inglês, a polícia, parte do Exército, da burocracia, do clero e, acima de tudo, contava com o apoio da classe mais jovem: a classe *obrera* industrial.

Ao movimento político da burguesia e da pequena burguesia, o governo respondeu com balas e violência. Solicitando a volta imediata de Perón, a classe trabalhadora havia se mobilizado: “(...) El país se paralizó. Los obreros llenaron las calles y se concentraron frente a la Casa de Gobierno, en Plaza de Mayo, vitoreando a Perón. A la noche de 17 de octubre, Vernengo Lima había pasado al recuerdo y Perón estaba nuevamente en el Gobierno”<sup>357</sup>. Se um golpe naval-militar, respaldado pela aristocracia argentina e pelo imperialismo yanque havia deposto Perón, outro golpe policial-burocrático-militar, respaldado pelos “(...) subúrbios obreros movilizados desde el gobierno”<sup>358</sup> repôs Perón e seu grupo no controle do poder.

Existe aqui uma questão fundamental no pensamento de Peña, que parece ser uma especificidade de sua interpretação do movimento. Ele não nega que as classes trabalhadoras argentinas foram a real base de sustentação do governo peronista, mas, ao analisar o movimento do 17 de outubro, responsável pela volta de Perón e seus agentes ao poder, destaca que tal classe não foi em número elevado a *calle* simplesmente por força própria. Dessa força, Peña traça uma crítica principalmente ao PCA, que desde seu início tentou negar de todas as formas possíveis o caráter classista do movimento peronista.

---

<sup>356</sup> *Id. Ibid.* p. 50

<sup>357</sup> *Id. Ibid.* p. 53

<sup>358</sup> *Id. Ibid.* p. 53

Quem esteve nas ruas no dia em que Perón retornou ao governo? Qual o impacto e o caráter dessa mobilização na perspectiva de Peña? Quais mitos peronistas ele pretendia levar a bancarrota? Vejamos o que o pensador tem a nos dizer:

Fue verdaderamente la clase obrera la que estuvo en las calles el 17 de octubre de 1945. Pero el 17 de octubre no fue una epopeya obrera como dice la mitología peronista. Las masas fueron sacadas a la calle por las fuerzas del orden; no contra su voluntad, por cierto, porque los obreros querían a Perón. Pero una movilización de obreros respaldada por la policía para apoyar a un candidato burgués no es una movilización obrera de clase, ni por sus métodos ni por sus objetivos. En ningún momento se puso en peligro el orden social imperante.<sup>359</sup>

Ao desmistificar a epopeia criada pelos apologistas peronistas, alguns estudados no segundo capítulo, Peña problematizou o real sentido da participação dos trabalhadores no movimento. Assim, suas questões giram em torno da seguinte perspectiva: o 17 de outubro contou com o apoio de massas, mas, houve coerção policial. Em nenhuma hipótese se pode falar de *revolução peronista*. O peronismo se constituiu, para o militante, sobre a classe trabalhadora e não pela classe trabalhadora.

Depois de contextualizar o processo que marcou o início do período clássico do peronismo, Peña passou a estudar diretamente aquilo que considera o governo do *como si*. Com eleições convocadas para os primeiros meses de 1946, Perón não demorou em constituir sua base de apoio. Sua candidatura contou com apoio de um conglomerado formado pela burocracia sindical, com respaldos direto da Secretaria do Trabalho e Previsão, militares, políticos de “terceira o quarta categoria”, na sua maioria desvinculados dos partidos considerados mais tradicionais. Além desses grupos políticos, o autor citou a contribuição indispensável do Exército, da Igreja e do imperialismo inglês. É por isso que o retorno de Perón foi encarado debaixo de um veredito proposto pelo militante: a Argentina continuava debaixo da ordem e da dominação britânica. Tal como o Bonaparte francês, que se apoiou nas camadas sociais mais baixas, em especial no lumpen, Peña destacou que a clientela eleitoral conquistada pelo peronismo se destacava em grupos como dirigentes sindicais, militares aposentados e nos *tránsfugas*. Apesar disso, o autor não dispensa o massivo apoio conquistado junto a classe trabalhadora urbana e rural. A formação do Partido Laborista coroou a política de cooptação levada a cabo nos sindicatos. Apoiados pela UCR Junta Renovadora, o peronismo tinha força suficiente para disputar com os representantes de Braden.

---

<sup>359</sup> *Id. Ibid.* p. 53

A campanha peronista se caracterizou pela demagogia. Peña não tem dificuldades em reconhecer o caráter antiyanqui dos discursos do futuro presidente. A oligarquia e o capital, embora de forma grosseiras, foram objetos do discurso peronista, mas em tons de crítica. Desconstruindo o ideário de alguns partidos de esquerda que apontavam o peronismo como um típico governo nazista, ou fascista, o destaque dado pelo militante girava em torno da verdadeira composição de uma força nazista. Assim, “(...) el nazismo es la guerra civil de la pequeña burguesia dirigida por el gran capital contra la classe obrera. Perón se apoyaba en la classe obrera contra el gran capial y la pequeña burguesia”<sup>360</sup>. As interpretações do peronismo como um tipo de governo nazista sofreram influências diretas do discurso estadunidense, que no período pós-guerra temia o surgimento de um governo semelhante ao de Hitler na Alemanha. Analisando a formação histórica e a composição do peronismo, o jovem intelectual desconsiderou qualquer possibilidade nesse sentido. Aqui ele se diferenciava de Frondizi que acreditava que o peronismo caminhava a passos largos para formas mais totalitárias de dominação.

Com a vitória eleitoral de Perón, uma nova configuração política se fez notar na Argentina: “(...) la maquinaria estatal habia quedado em manos de dirigentes gremiales, tráfugas, del partido radical y militar. Perón era coronel. Los gobernadores peronistas de Buenos Aires, Córdoba, Tucumán y Mendoza eran coroneles también”<sup>361</sup>. Além disso, os governadores das províncias de Corrientes e Entre Rios, que por sinal eram peronistas declarados, detinham a patente de generais. Além desse apoio dos governadores, Perón conseguiu uma vitória expressiva na Câmara de Deputados e no Senado. Tal confluência política concentrou nas mãos das forças peronistas poder suficiente para permanecer no comando da nação por dez anos.

Com um governo cuja órbita central girava em torno de agradar o imperialismo inglês, Peña não mediu palavras ao escrever que “(...) Perón y Inglaterra sientaran las bases de 20 años de estancamiento argentino”<sup>362</sup>. O peronismo, dessa forma, não modificou a estrutura tradicional do país, ou seja, as relações de propriedade e de exploração permaneceram em pé. O jovem historiador, não negou, entretanto que havia um número elevado de divisas dentro do território argentino desde a década de 1940. Tal saldo favorável foi construído sob as ruínas da Europa. O crescimento do mercado interno facilitou ainda mais a manutenção de tais divisas no território nacional. Apesar disso, problemas das mais variadas espécies e nos mais

---

<sup>360</sup> *Id. Ibid.* p. 57

<sup>361</sup> *Id. Ibid.* p. 60

<sup>362</sup> *Id. Ibid.* p. 62

variados setores afetavam diretamente o país. O setor energético, para Milcíades, não satisfazia as necessidades da população. Os transportes eram antigos. A agricultura trabalhava com instrumentos antiquíssimos. A indústria havia chegado ao ponto máximo da utilização de sua aparelhagem. Por isso, Peña é taxativo e em poucas linhas resume os dez anos do governo Perón: “(...) en 1955 todos estos problemas continuaban en pie y la Argentina seguía siendo un país atrasado y semicolonial, y por añadidura estancado”<sup>363</sup>. Semelhante à ideia de pornocracia desenvolvida por Sívio Frondizi, Peña não mede palavras para descrever as ações do peronismo, debaixo dos auspícios da nacionalização. Ao nacionalizar os *ferrocarriles británicos* em condições realmente desastrosas para o país o novo governo decretou seu sentido de existência: epígono do imperialismo inglês. Dessa forma: “(...) el peronismo prostituyó así una vieja aspiración nacional, pero su propaganda convirtió la nacionalización de los ferrocarriles en símbolo de ...la independencia económica”<sup>364</sup>. O projeto econômico para a Argentina, estava reunido debaixo dos planos quinquenais, que não passavam, na visão de Peña, de “(...) una recopilación de proyectos inconexos, reunidos con fines de propaganda más que de desarrollo económico y cuyo punto de partida era la propiedad privada capitalista, y la estructura de clases que frena el desarrollo del país”<sup>365</sup>.

O bonapartismo peronista se acentuou nos quatro primeiros anos do governo. O reflexo das políticas voltadas para os aumentos salariais foi a participação mais ativa dos trabalhadores na renda nacional. O apoio velado recebido da policia e do Exército permitiu ao coronel montar uma estrutura de cooptação e repressão, que Peña considerava um aparato semitotalitário. Tal base governamental se fortaleceu por meio da propaganda massiva. Os holofotes da mídia domesticada voltavam-se todos para a figura patriarcal de Perón. A criação e o estabelecimento do justicialismo confirmam isso. Peña escreve:

Para congestionar el cerebro de las masas, se crea una impostura ‘ideología’ sincrética y desprovista de sentido, llamada Doctrina Nacional o Justicialismo, compuesta con toda clase de remiendos tomistas, musolinianos o falangistas, y otros igualmente reaccionarios pero sin prosapia alguna, coronando el todo una monumental apoteosis al lugar común (...). A fin de aumentar el caudal electoral peronista se otorga el voto a la mujer, mas para compensar esta progresiva medida democrática se perpetúa la enseñanza religiosa y todas las variantes del pensamiento reaccionario son colocadas al frente de la vida cultural. Se elimina en la escuela primaria la coeducación de los sexos, y en las universidades se destruyen los laboratorios de psicología experimental, ventajosamente sustituidos por Santo Tomás de Aquino.<sup>366</sup>

---

<sup>363</sup> *Id. Ibid.* p. 62

<sup>364</sup> *Id. Ibid.* p. 63

<sup>365</sup> *Id. Ibid.* p. 63

<sup>366</sup> *Id. Ibid.* p. 66-67

O justicialismo, como fruto do peronismo acentuou ainda mais seu caráter retrógrado ao concentrar nas mãos de grupos reacionárias a educação nacional. A mesma proposta interpretativa foi levantada por Silvio Frondizi quando dedicou um artigo para a análise da educação argentina <sup>367</sup>. Para Peña, a reforma da Constituição realizada em 1949 serviu como um passo indispensável para o continuísmo do bonapartismo peronista, que agora tomava ares de semitotalitarismo. Por isso, escreveu o militante: “(...) El semitotalitarismo peronista, la paulatina liquidación de las libertades democráticas, actuaba no sólo contra la oposición burguesa y pro norteamericana sino también (...) contra las masas trabajadoras” <sup>368</sup>. Essa nova natureza do peronismo se confirmou quando da liquidação do *Partido Laborista*.

Peña entrou num debate que, muito semelhante ao de Frondizi, tentava esclarecer em última instância, a transformação do peronismo nos seus primeiros cinco anos de atuação. Apesar de possuir um caráter nitidamente bonapartista, para o pensador trotskista, o governo de coronel tendia ao totalitarismo, mas não chegava a ser um governo dessa natureza, por isso a expressão semitotalitarismo. Em linhas gerais, o que caracterizaria esse tipo de governo no livro seria a forte concentração de poder nas mãos de Perón, a eliminação dos competidores políticos, a atuação do aparelho repressivo e o controle severo da vida social. O ponto chave que impedia Peña de alocar Perón dentro de um totalitarismo seria o fato de que por mais que fosse reprimida, a oposição ainda se manifestava diretamente. Dessa forma, a oposição esteve subjulgada e controlada, mas mesmo assim continuava a atuar. Ao propor a explicação de um regime totalitário, ele escreveu:

Pese a sus intentos en tal sentido, el peronismo estuvo inmensamente lejos de alcanzar la estructura totalitaria, que hace desaparecer la oposición entre el Estado y la sociedad y realiza el ideal de un gobierno que no conoce ninguna limitación. Bajo un régimen totalitario, la administración del Estado se convierte en una sucursal del partido único, y, a través de sus ramificaciones el partido penetra en la sociedad hasta sus núcleos mas periféricos y menos importantes. Bajo el bonapartismo peronista, en cambio, el centro de gravedad del poder continuó siendo el aparato estatal. Este aparato hacía sentir pesadamente su autoridad sobre la población, pero, a diferencia de lo que ocurre en un régimen totalitario, la población no fue regimentada políticamente y sometida autoritariamente a una disciplina política. <sup>369</sup>

---

<sup>367</sup> FRONDIZI, Sílvio. El problema de la enseñanza. In. Doce años de política argentina, 2ª Edição. Buenos Aires: Editora Práxis: 1958, p.81-85.

<sup>368</sup> *Id. Ibid.* p. 68

<sup>369</sup> *Id. Ibid.* p. 69

Apesar de tentar dar alguns passos nessa direção, o peronismo esteve longe de se constituir como um regime totalitário. É possível notar que em Peña a interpretação do peronismo ganha um caráter mais profundo. A procura por uma totalidade fez com que o historiador rompesse com versões prontas e acabadas do peronismo.

Personagem de extrema importância para o desenvolvimento da política peronista, de apoio na classe trabalhadora e nas forças de ordem para se impor frente à burguesia e os Estados Unidos, foi Eva Perón. Apesar de quase não aparecer nos escritos de Frondizi, ela recebeu uma atenção especial no pensamento de M. Peña. A “moderna Magdalena”, tal como ele a interpreta, se apoiou na classe trabalhadora, em especial nas mulheres, distribuindo “(...) caridad a los cuatro puntos cardinales, ganando el corazón de los ‘desamparados’. Jamás nadie había especulado más simplismente sobre la simpleza de las masas”<sup>370</sup>. Mas Evita só faz sentido como personagem histórico porque as massas provenientes do Interior passaram pelo processo de proletarização. Odiada pela burguesia e construindo uma oratória contra a oligarquia ela consolidou no aparato de poder, na visão do intelectual, uma burguesia burocrática e nepotista.

O ódio que as classes dominantes argentinas despejam sobre Eva Perón tem um sentido, já que ela aparece como a encarnação monstruosa da debilidade de tais segmentos. A burguesia argentina estava cansada dos aventureiros e de seus discursos de caridade. Assim, a ala plebeia do bonapartismo, cuja encarnação máxima era Evita, não tardou a irritar a ala mais tradicional, representada pelo Exército, que ao final, aliado a Marinha, aplicou o golpe final na primeira fase do peronismo clássico.

O lançamento de fórmula Perón-Evita, para as eleições de 1951 escancararam de vez o descontentamento do Exército, que se viu obrigado a prestar inúmeras cerimônias tempos depois, quando a ex-atriz morria vitimada pelo câncer. Derrotada pela segunda vez em eleições, a UD finalmente se decompôs e com isso o poder da UCR aumentou consideravelmente. A CGT e sua postura completamente contrária a um desenvolvimento autônomo da classe trabalhadora acabou gerando o ódio de muitos setores trabalhistas. Nessa perspectiva, Peña destacou que “(...) el proletariado detesta la burocracia de la CGT y lucha contra ella todos los días, y sus luchas económicas se convierten en movimientos que tienden a colocarle a la margen de la CGT”<sup>371</sup>. Com o aumento constante do conflito entre o sindicato e a classe trabalhadora a confiança no governo entrava em decréscimo espantoso.

---

<sup>370</sup> *Id. Ibid.* p. 70

<sup>371</sup> *Id. Ibid.* p. 72

Em começos de 1954, o descontentamento dos trabalhadores com o governo alcançava índices jamais vistos. Ao mesmo tempo, outro fator da crise muito bem apontado pelo intelectual é a forte ofensiva que as classes dominantes vão infringir aos trabalhadores com o objetivo de aumentar a intensidade do trabalho e evitar as manifestações que acompanhariam por natureza o aumento crescente dos preços. Assim:

Las empresas comienzan a desconocer sistemáticamente las leyes que protegen al obrero, y el Estado se muestra cada vez más inclinado a dictaminar en favor de la patronal en todos los conflictos colectivos o individuales con los obreros. De tal modo el peronismo, que había surgido en 1945 apoyándose en la clase obrera contra la burguesía nacional y el imperialismo norteamericano, diez años después tendía aceleradamente a adecuarse a las necesidades y exigencias de sus enemigos.<sup>372</sup>

Peña faz uma leitura da totalidade da situação argentina quando do golpe de 1955 que destituiu Perón. A crise não é vista como fruto do simples descrédito de Perón ou de seu enfraquecimento pessoal como governo. Finalizada as bodas com a classe trabalhadora e, perdendo o forte poder político que esse contato estabelecia, o coronel tornou-se presa fácil da burguesia industrial e do imperialismo estadunidense. O descontentamento que emanava não apenas dos trabalhadores, mas também da burguesia nacional colocava em xeque o governo peronista. Este, por mais que se reconhecesse como mantenedor da ordem e da paz social, não estava em condições de lidar com o turbilhão que seria a pressão burguesa solicitando o fim de Perón, do peronismo, da CGT, de Evita (“viva o muerta”), da ditadura, do bonapartismo que saqueava a bolsa de lucro de tal classe.

Peña, distante de um materialismo vulgar plenamente estabelecido em alguns meios das esquerdas argentinas percebe as contradições do próprio regime peronista. A tarefa de manter viva a “causa” e a ordem estava chegando ao fim:

Pero la fuerza del orden burgués está en la burguesía. Perón se sabía, por lo tanto, representante de la burguesía, y gobernaba en tal sentido. Pero si era algo, era gracias a haber roto y a romper diariamente la fuerza política de la burguesía. Pero, al proteger su fuerza material, engendraba de nuevo su fuerza política. La tarea del peronismo consistía, entonces, en mantener viva la causa, pero sin suprimir el efecto allí dónde aquella se manifestara. Pero esto no era posible sin una pequeña confusión de causa y efecto, pues al influir el uno sobre la otra y viceversa, ambos pierden sus características distintivas. Luego, Perón se reconocía frente a la burguesía como el representante de las masas trabajadoras, llamado a hacer felices dentro del orden capitalista a las clases inferiores del pueblo. Esto es propio del bonapartismo, y en el constante ir e venir de izquierda a derecha y viceversa, la acumulación del capital se resiente.<sup>373</sup>

---

<sup>372</sup> *Id. Ibid.* p. 74

<sup>373</sup> *Id. Ibid.* p. 76

Esse ponto é fundamental para entender o processo de transformação do peronismo. Desde 1945 até 1949, quando os saldos favoráveis permitiram uma distribuição maior das rendas a parcela dos trabalhadores o governo manteve uma postura mais demagógica em torno do justicialismo. Quando as manifestações contrárias ao peronismo se intensificaram, a demagogia cedeu espaço para a violência e coerção. A situação econômica que inaugurou novas formas de crise nacional forçou o governo a tomar atitudes dignas de uma direita: o semitotalitarismo.

Apesar dessa situação de crise, Peña reconhece a dificuldade que as classes dominantes encontrariam para realizar a tarefa de se desfazer de Perón. A esperança da oposição residia exatamente nas Forças Armadas. Mas, como ele bem alerta, “(...) parte de oficiales de las tres armas, bien cebados, colmados de privilegios y seguidos de cerca por la policía eran fieles a Perón”<sup>374</sup>. Trabalhavam para a oposição: o progressivo desmantelamento econômico do país e a torpeza do aparelho totalitário que sem dúvidas deveria ser somado à crise pessoal de Perón enquanto líder, fator que apesar de não dar muita atenção, Peña reconhece. Nesse momento o “antiperonismo golpista” encontraria um eficaz instrumento político na ala direita do peronismo: a Igreja Católica, cuja expressividade política nacional fazia dela uma arma realmente poderosa.

As acusações de Perón, feitas em 1954, sobre o combate ao governo realizado pelo clero caíram, como afirmou o militante trotskista, “como rayo en cielo sereno”<sup>375</sup>. A Igreja, como trincheira final das classes dominantes não poderia tolerar para sempre os aspectos populistas do governo e seu bonapartismo cada vez mais desenfreado. Sem medir palavras, escreve o militante: “(...) La Curia se decidió a cavar la fosa del peronismo, y aún no había dado el primer piquetazo cuando ya tenían tras de sí toda la burguesía argentina, y a Washington, conscientes de haber hallado el gran instrumento político necesario”<sup>376</sup>. A nova correlação de forças de oposição, semelhante à União Democrática, contava inclusive com a participação do Partido Comunista. Ao não se render aos ditames da Igreja, Perón comprou a guerra, respondendo com uma série de medidas democráticas progressivas: anulação do ensino religioso nas escolas, lei do divórcio, supressão dos privilégios da Igreja, entre outros. Mas o clima de tensão já estava criado no país.

A narrativa de Peña a respeito do golpe de Estado - pois ele considera os movimentos de 1955 que derrubaram Perón como um golpe - destacava os conflitos que se fizeram sentir

---

<sup>374</sup> *Id. Ibid.* p. 77

<sup>375</sup> *Id. Ibid.* p. 77

<sup>376</sup> *Id. Ibid.* p. 78

pelas ruas de Buenos Aires e demais províncias entre as tropas de choque do peronismo e o das forças da oposição. Entre o discurso da oposição, que prometia meios democráticos de governo e a realidade da ação nos movimentos, se concentrava um vácuo enorme, que o olhar aguçado do militante não deixou passar despercebido: “(...) la ferocidad puesta en el ametrallamiento y bombardeo inútiles de las concentraciones de trabajadores desarmados fue un anuncio, meridianamente claro de los métodos ‘democráticos’ con que se pensaba liquidar el peronismo”<sup>377</sup>.

O Exército, que era quem “sostenia a Perón como la soga al ahorcado” viu o equilíbrio de sua posição ser desmantelada, quando dentro de seus círculos formou-se uma ala de apoio ao golpe. Aliada a isso, a experiência do 16 de junho, momento chave de acirramento das manifestações, deixava claro que se por um lado a classe operária apoiava Perón, por outro estava claro que o peronismo não tinha força nenhuma para apelar ao papel das “massas” como força que conteria o golpe. A única forma de deter o *putch* seria, na concepção de Peña, preparar uma vigorosa mobilização das classes trabalhadoras, aplicando métodos revolucionários e armando o proletariado. Estava claro que Perón já não possuía mais esse poder, fruto do decréscimo constante de suas políticas populistas.

Em nome da salvaguarda do povo argentino, Perón se negou a pegar em armas com seus correligionários. No entanto, o que ele tentou evitar não foi a matança, mas sim o “(...) derrumbe burgués que podría haber acarreado el armamento del proletariado. La cobardía personal del líder estuvo perfectamente acorde con las necesidades del orden social do cual era servidor”<sup>378</sup>.

Finalizando sua concepção histórica do peronismo, Peña problematiza e ao mesmo tempo polemiza uma questão importante: existiu uma revolução peronista? Desconstruindo qualquer possibilidade de uma revolução ter sido levada a cabo na Argentina, Peña resume em poucas linhas o que significou essa experiência para o país:

Sindicalización masiva e integral del proletariado fabril y de los trabajadores asalariados en general. Democratización de las relaciones obrero-patronales en los sitios de trabajo y en las tratativas ante el Estado. Treinta y tres por ciento de aumento en la participación de los asalariados en el ingreso nacional. A eso todo se redujo toda la ‘revolución peronista’.<sup>379</sup>

Questionado sobre o impacto dessas palavras de Peña e a validade do que considera participação dos assalariados no mercado nacional, o historiador Horácio Tarcus, escreve:

---

<sup>377</sup> *Id. Ibid.* p. 79

<sup>378</sup> *Id. Ibid.* p. 82

<sup>379</sup> *Id. Ibid.* p. 74

Si hoy por un dos o tres por ciento de discusión en el reparto del ingreso hay una reacción de la derecha tan virulenta, se preguntó: ¿es poco el 33 por ciento? No. Uno podría decir que es mucho, muchísimo, especialmente para los que nos tocó vivir la Argentina que Peña no conoció, porque él no llegó a vivir el golpe del 66 ni la dictadura. Los que estamos plantados en el presente tenemos un respeto mayor hacia ciertas reformas y conquistas que entendemos que nunca son históricas, que siempre se pueden revertir. Pero para Peña esa democratización y esas mejoras económicas se hicieron al precio de la subordinación política. Peña llama revolución a otra cosa.<sup>380</sup>

Revolução no pensamento do historiador “aguafiestas” não se resumia ao ingresso de trabalhadores no mercado. A revolução socialista, como solução para os problemas nacionais deveria modificar a estrutura social nacional. Por isso Peña insiste em destacar o peronismo como o governo do “como si”. “Como si” fuera revolucionário, proletário, independente.

3.2.4 A polêmica com Jorge Abelardo Ramos: a desconstrução da “esquerda peronista” e a valorização do método marxista

As investigações realizadas por Milcíades Peña sobre a estrutura social e econômica da Argentina apareceram nos primeiros anos da década de 1960 na revista *Fichas*, coordenada pelo próprio militante. Os organizadores do *História del pueblo argentino* elencaram os principais momentos da discussão travada entre Peña e Ramos (ver capítulo 2) debaixo de um volume intitulado *Industria, Burguesia Industrial y Liberación Nacional*<sup>381</sup>. A importância ao método marxista como força que propunha uma visão libertadora da Argentina entrava em choque direto com os mitos que Ramos defendia especialmente no livro *Revolución y Contrarevolución*<sup>382</sup>. A polêmica atingia em cheio toda uma estrutura das esquerdas nacionais, que tomavam o marxismo como um manual a ser seguido ao pé da letra. Quando escreveu para a revista *Fichas*, debaixo de inúmeros pseudônimos Peña já se encontrava distante do morenismo e reconhecia-se como “autônomo” em relação a qualquer partido político. A análise que vai realizar do processo de industrialização nacional foi pensada em paralelo com as soluções revolucionárias para os problemas do país. A clareza e sutileza com que esclareceu o cenário e a configuração da luta de classes na Argentina de seu tempo ao mesmo momento em que reivindicava o método marxista fizeram de Peña um arguto

<sup>380</sup> Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-25628-2012-06-24.html>. Acesso em 22 fev. 2014.

<sup>381</sup> PEÑA, Milcíades. *Industria, Burguesia Industrial y Liberación Nacional*. In: *História del pueblo argentino*. Vol. II. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevidéo, 2006.

<sup>382</sup> RAMOS, Jorge Abelardo. *Revolución y contrarevolución en la Argentina: historia de la Argentina en el siglo XIX*. 3ª ed. - Buenos Aires: Plus Ultra, 1970.

sociólogo e historiador. Problemas permanentes e que atualmente atingem o país vizinho foram apontados, muitos em sua forma ainda embrionária pelo militante trotskista.

Uma das mais polêmicas discussões com o “impostor”, como Peña incansavelmente considerava Ramos, girava em torno do proletariado e da libertação nacional. Ao destacar a Argentina como uma nação atrasada e semicolonial Peña considera que ela ainda não havia passado por um processo de revolução industrial. Isso tornava a produção baixa e, por conseguinte havia uma baixa intensidade do capital em todos os níveis da produção. Em segundo lugar ele acrescenta o caráter devedor da economia nacional, extremamente dependente das metrópoles do mundo capitalista. Por fim ele acrescenta que no mercado mundial o papel de provedor de alimentos e matérias primas definia a natureza das relações internas e externas.

Em tais condições quais classes teriam condições de realizar um processo revolucionário e em que momento? Essa questão motivou o debate entre ambos. Ramos acusou Peña de afirmar que fora do proletariado não havia nenhuma outra classe interessada na independência nacional. Escreve o epígono do peronismo:

La Revista Fichas (...) afirma en la página 80 que fuera del proletariado ‘no hay ninguna otra clase’ interesada en la independencia nacional. En la Argentina que es nuestra patria...existen otras clases interesadas en el crecimiento económico y en la independencia nacional: existen el proletariado rural, la pequeña burguesía urbana y rural, los pequeños comerciantes y los pequeños industriales. La inmensa mayoría del país esta interesada en la liberación nacional.<sup>383</sup>

A resposta dada à acusação foi muito bem articulada: não seria o proletariado a única classe interessada na independência nacional, mas sim a única classe social capaz de conseguir tal sucesso. Quais as provas encontradas para desbaratar o nacional-populismo de Ramos? Todas as alianças e coalizões realizadas nos últimos anos haviam firmado a impossibilidade de qualquer aliança histórica entre o proletariado e outras classes. Aqui, Peña discorda de Frondizi, que acreditava ser a burguesia pauperizada um apoio em potencial:

En toda la extensión de este siglo que ya entró en su sexta década los países atrasados y semicoloniales han sido gobernados por coaliciones de la más diversa índole: imperialismo extranjero más oligarquías locales, imperialismo extranjero más oligarquías locales y burguesía locales, oligarquías y burguesías nacionales, burguesías y pequeñas burguesías nativas, etc., etc. La mayoría de esas combinaciones políticas, en particular las de tipo nacional relativamente antiimperialista, intentaron o dijeron intentar sacar sus países del atraso y la dependencia. Ninguna lo logro. (...)

---

<sup>383</sup> RAMOS, *ap.* PEÑA, p. 201

sólo el proletariado es capaz de sacar a la Argentina del atraso y la subordinación al imperialismo, pese a que la vasta mayoría del país esta interesada en que el país crezca y se independice.<sup>384</sup>

Peña demonstra o caráter trotskista de sua interpretação histórica. A burguesia nacional em nenhuma hipótese pode ser considerada uma classe revolucionária na Argentina, o mesmo se estendendo às demais classes e inclusive oligarquias. Dessa forma, apesar de que a maioria do país estivesse interessada em alcançar a independência nacional, apenas o proletariado seria capaz, enquanto classe de realizar tal tarefa.

Revolução, no pensamento de Peña, deveria ser de caráter permanente. Por isso ele afirma que “(...) desde el momento en que objetivos democráticos o nacionales (tales como la expropiación de los terratenientes y del capital extranjero) sólo pueden ser realizados por la clase obrera apoderada del Poder, la revolución, si ha de triunfar, debe ser obrera”<sup>385</sup>. Fazendo uma leitura atenta da revolução permanente, tal como proposta por Trotsky e analisada em momentos anteriores, ele destaca que os métodos, tais como a planificação da economia e o armamento dos trabalhadores deveriam ser métodos socialistas. Diante disso, a revolução deveria ser democrática e nacional por seus objetivos imediatos; da classe operária e socialista por seus métodos e pela classe que a realiza. Assim, a revolução argentina, tal como as dos demais países da América Latina deveria possuir um caráter permanente. Com a planificação da economia e a expropriação dos *terratenientes* e ao capital imperialista se iniciaria uma realocação das grandes empresas nas mãos do Estado Obrero. Ao ritmo das transformações nacionais e internacionais o socialismo poderia ser edificado nacionalmente.

Ao criticar a postura de Ramos, que creditava a Revista Fichas à ideia de que “(...) la revolución socialista es la única tarea concebible en un país atrasado”<sup>386</sup> Peña escreve em linhas esclarecedoras:

Como puede advertir sin dificultad cualquier lector honesto, la revista Fichas NO afirma que la revolución socialista “es la única tarea concebible en un país atrasado” según le atribuye mendazmente nuestro angelical impostor. Ni tampoco se dedica a deshojar la margarita metafísica de la “etapa democrática” pura versus la “etapa socialista” pura. Simplemente la Revista Fichas demuestra que la esencia de la cuestión reside en esto: la independencia nacional y la superación del atraso, que constituyen las tareas de la “revolución nacional” o “revolución democrática”, no pueden ser resultas bajo el predominio de la burguesia. El Gobierno Obrero, el ascenso del proletariado al poder entra en escena NO después de superado el atraso y

<sup>384</sup> PEÑA, Milcíades. *Industria, Burguesia Industrial y Liberación Nacional*. In: *História del pueblo argentino*. Vol. II. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006, p. 201.

<sup>385</sup> *Id. Ibid.* p. 202

<sup>386</sup> RAMOS, *ap.* PEÑA, p. 202

obtenida la “etapa democrática”, sino como condición previa necesaria para la realización de esas tareas.<sup>387</sup>

Destacado a impossibilidade de a burguesia nacional ser considerada agente revolucionário ou mesmo classe apoiadora do proletariado na luta pela revolução, Peña faz uma minuciosa análise da burguesia nacional e, diferentemente do “impostor” que caracterizava a burguesia como uma força contrarrevolucionária simplesmente por ser um mero agente do capitalismo imperialista, o militante trotskista indica que, apesar de suas desavenças com o imperialismo, a burguesia seria por natureza uma classe contrarrevolucionária porque seus interesses de classe levam-na a uma postura oposta a todas as possibilidades de realização que consistem como revolucionárias na Argentina:

Aqui, en la Argentina, es la propia burguesia nacional quien se encarga de demostrar que DESDE EL PUNTO DE VISTA DE SU POSICIÓN ANTE LA MISIÓN HISTÓRICA REVOLUCIONARIA DE LA NACIÓN, O SEA, EXPULSAR AL IMPERIALISMO Y LIQUIDAR A LOS TERRATENIENTES, ella es una clase contrarrevolucionaria y antinacional, ya que está en contra de esas tareas. Acaso los intereses de la burguesia industrial la impulsan a realizar, o le permiten tolerar, la expropiación de los terratenientes y del imperialismo? No, y por eso es una clase contrarrevolucionaria y antinacional. Sus capitales están demasiado vinculados al latifúndio y al capital extranjero. Y, además, la burguesia industrial es bastante realista para comprender que una lucha contra el imperialismo exige una acción tan vigorosa de las masas revolucionarias que ella seria la primera amenazada. Los escarceos de Perón contra Braden le costaron a la burguesia industrial 10 años de prepotencia de la burocracia sindical en las fábricas.<sup>388</sup>

Esclarecido o caráter da burguesia argentina, o peronismo volta ao centro dos debates entre o militante trotskista e o nacional populista. E por voltar a falar de Perón, o arguto militante não deixa escapar as variadas peripécias daquele que considerava “um apologista venal do peronismo” (Ramos). A exaltação da mitologia peronista é considerada por Peña “o pão de cada dia” do intelectual peronista. Ele afirma que, desde 1947, a carreira literária e comercial de Jorge Abelardo se consistiu precisamente da difusão apologética dos mitos e superstições do peronismo, convenientemente misturados num aparato verbal marxista.

Em linhas gerais, a política econômica peronista, na visão de Fichas, lidou com uma conjuntura especialmente propícia para acelerar e diversificar o crescimento industrial do país. Tal investimento, entretanto, não chegou a formulação de um projeto de constituição duma indústria nacional pesada e independente. Dessa forma o peronismo deixou em pé toda

---

<sup>387</sup> PEÑA, p. 203

<sup>388</sup> *Id. Ibid.* p. 204

a estrutura sócioeconômica que sustentava o atraso da nação e esmolava a subordinação as metrópoles imperialistas.

Nesse contexto, qual a estratégia do proletariado na luta pela emancipação nacional? A realização da revolução socialista que colocaria na ordem do dia todas as tarefas democráticas. Tais tarefas deveriam ser realizadas *inclusive* contra a burguesia nacional e não com ela ou por ela. Isso significa que a “lucha de clases no se interrumpe en el curso de la lucha nacional antiimperialista”. Ao estender a luta de classes para o cenário continental, Peña constrói uma ideia semelhante a de Frondizi: a formação dos Estados Unidos Socialistas de América Latina, que se transformaria em Estados Obreros Latinoamericanos. Não seria apenas a junção de vinte países atrasados, algo que faria desse espaço um país atrasado em dimensão continental. A unificação da América Latina deveria abarcar um projeto revolucionário e transformador que elevaria tais países à condição de soberanos. Na Argentina, a luta poderia se iniciar com a destruição dos mitos peronistas, mitos considerados letais. Nessa luta, Peña tinha sua posição muito bem definida e sua arma era não apenas a enorme capacidade crítica e de interpretação histórica, mas a rua:

Los autores de este artículo hemos sabido luchar contra el movimiento antinacional y antiobrero denominado “revolución libertadora” antes, durante y después del 16 de setiembre de 1955. Incluso, pensamos en algún momento que militando dentro del peronismo era posible contruir en la Argentina un partido obrero y revolucionario. Pero jamás depositamos la menor confianza en la dirección peronista, jamás idealizamos a esse gobierno bonapartista profundamente conservador que aparecia como si fuera revolucionário; ni a su política de estancamiento que se presentaba como si fuera a industrializar al país; ni a su política de díscola sumisión al capital internacional, que se anunciaba como si fuera a independizar a la Nación. Las fantasias, los mitos e ilusiones acerca de esa farsa histórica llamada “revolución peronista”, son el ópio o cemento con que se alimenta y mantiene la confianza de las masas trabajadoras argentinas en un movimiento político que, desde el gobierno tanto como desde la oposición, ha sido en esencia un servidor prepotente, díscolo y costoso, pero servidor más allá de toda duda de las clases dominantes criollas y de sus socios extranjeros.<sup>389</sup>

Para Peña, portanto, os mitos da história argentina não se sustentavam. Os “heróis” nacionais foram passo a passo desconstruídos pela genialidade do militante que, sem rodeios apresentou e criticou a estrutura capitalista nacional nas suas mais variadas expressões. A burguesia nacional, nas suas mais variadas frações (industrial, latifundiária, comercial, agropecuária) e os variados conflitos travados com o proletariado configuravam a Argentina como uma arena de luta, na qual a influência do imperialismo estrangeiro tinha caráter

---

<sup>389</sup> *Id. Ibid.* p. 282

definidor. O peronismo, pensado como um governo bonapartista resguardou a acumulação capitalista no país e favoreceu a burguesia dentro dos marcos de acumulação capitalista. A partir dessa constatação, a proposta de Peña para a época era a revolução socialista. Cada evento, fato, circunstância, episódio tem uma historicidade e uma explicação dentro da totalidade do pensamento de Peña. As lacunas históricas foram muito bem preenchidas pelo pensamento revolucionário. A proposta de Peña continua válida e atual.

#### 4. CONCLUSÃO

Por meio dessa pesquisa buscamos debater a construção e a consolidação do pensamento de Sílvio Frondizi (1907-1974) e Milcíades Peña (1933-1965) com ênfase na análise que realizaram do primeiro ciclo peronista (1945-1955). Ao estudar um fenômeno político e social cujas marcas no país vizinho se fazem sentir ainda hoje foi possível estabelecer como os militantes acima citados se posicionaram de forma crítica e contundente frente ao governo. E ao tomarem essa postura não exitaram em participar das inúmeras polêmicas que atravessaram os círculos intelectuais da Argentina nas décadas de 1950-1960. As práticas peronistas que vigoram no país ainda hoje e a força política representada pelas inúmeras frações despreendidas do antigo Partido Justicialista colocam o debate na ordem do dia. E nada mais importante do que ir a gênese.

A concepção do peronismo como um governo bonapartista custou o afastamento em relação aos principais partidos e grupos políticos da nação. Mas, as formas de militar não se restringem apenas as atividades formalmente partidárias. Cientes de seu papel como intelectuais orgânicos vinculados a classe trabalhadora argentina e latino-americana eles construíram, cada um a seu modo, um projeto de Nação, que perpassava diretamente pela revolução socialista. Nesse projeto, o peronismo, ou a “revolução peronista” não tinha vez. A revolução que os militantes propuseram não se resumia a melhoras salariais, ou planos quinquenais de desenvolvimento que, quando postos a prática não alteraram as relações de produção e muito menos as relações sociais, baseadas na exploração e dominação seja do proletariado urbano, seja dos trabalhadores do campo. A “nova Argentina” que pensaram perpassava pela transformação da América Latina como um todo. Inspirados no russo Leon Trotsky, os militantes argentinos em seus principais escritos destacaram o caráter continental da revolução.

Mas a utopia da retórica por si só de nada vale. Conscientes disso eles organizaram, cada um dentro das suas especificidades e limites uma *práxis*. Frondizi, por meio do MIR-Práxis e Peña por meio da participação direta nas inúmeras mobilizações que caracterizaram a conturbada Argentina da época. A prática cotidiana indicava dois militantes que apesar de dedicarem boa parte de sua vida à formação de quadros (especialmente jovens ansiosos por ingressarem na vida política nacional) não estavam distantes das *calles*. Eles estavam nas ruas e acompanharam *pari passu* a formação, a transformação e a queda do coronel Perón.

Em linhas gerais eles representam tipicamente o intelectual orgânico, tal como proposto pelo pensador sardo Antonio Gramsci. São orgânicos porque propuseram a formação de uma nova civilização; de um novo homem e, portanto, de novas relações sociais. São orgânicos porque, acima de tudo, estavam vinculados com a classe trabalhadora e acreditavam piamente no poder que emanava de tal estrato social. Apesar do silêncio que reinou por tanto tempo nos círculos de esquerda, resgatar o pensamento de Frondizi e Peña significa problematizar a trajetória de dois esquecidos ou “malditos” da historiografia local. Como bem lembrou o historiador argentino Horácio Tarcus em sua obra sobre tais intelectuais, o *olvidamiento* que pairou sobre o que produziram tem um caráter político. Porque, para muito além da crítica aberta ao peronismo se encontra a crítica também às variadas organizações populistas, nacionalistas, socialistas, trabalhistas ou comunistas no país. Eles souberam incomodar a burocracia sindical e partidária. Por isso foram taxados de “intelectuais de gabinete”.

O desencantamento com o peronismo ocorreu num contexto de fortes adesões das mais variadas camadas sociais ao peronismo. Principalmente nos quatro primeiros anos de ação do governo que, em correlação com o período do pós-Segunda Guerra, levantou os ânimos dos argentinos e contribuiu para uma euforia quase total. Os “bons tempos” que haviam atingido a Argentina receberam outros olhares, construídos na visão histórico-crítica dos militantes. A prosperidade anunciada foi rebatida sob a égide de que a riqueza era distribuída de forma desigual, beneficiando economicamente, ainda que de forma indireta (por isso bonapartismo) a burguesia nacional e os grupos estrangeiros. Uma das características centrais nos escritos de ambos foi a visualização do cenário político-econômico internacional. O peronismo em nenhum momento foi deslocado da realidade que sob as transformações do capitalismo, debaixo de sua fase imperialista, influenciava a política em todo globo. A correlação direta ora com o governo inglês ora com o estadunidense e os inúmeros desencontros do peronismo com o imperialismo se apresentam como fundamentais. Por isso, Frondizi reservou um espaço especial de sua produção para destacar o novo momento vivido pelo imperialismo debaixo de sua potência hegemônica, que ele considerava serem os Estados Unidos. Dessa forma, Peña dialoga constantemente com as mais variadas intervenções externas da Grã-Bretanha, destacando seu caráter explorador. Sempre sobre a complexidade da luta de classes, os militantes em questão trataram de desmembrar os intrincados conflitos das variadas frações da classe dominante nacional, sem se esquecerem dos conflitos que caracterizavam também as potências econômicas da época.

Assim, ao construirmos o primeiro capítulo procuramos demonstrar a trajetória dos militantes. Ela foi marcada por inúmeras rupturas e desencontros. Constatamos que entre os principais pontos similares dos militantes se encontra a crítica centrada ao oportunismo de intelectuais como Jorge Abelardo Ramos e às mais variadas instituições políticas. Isso não significa que desconsideravam as organizações partidárias, mas sim que era possível fazer política e luta de outras maneiras que não debaixo de uma organização política centralizada e burocratizada.

Fronidzi, vindos dos estratos médios abraçou de início uma concepção liberal de mundo que entrou em choque com os agravamentos sociais e as condições políticas em andamento na Argentina. Tal situação o levou a leituras e posteriormente ao encontro com o materialismo dialético, posição que defendeu por mais de 30 anos. Já Peña, desde cedo esteve vinculado com correntes de esquerda, em especial aos movimentos estudantis e universitários. Sua militância no morenismo foi marcada por inúmeras crises o que culminou no seu afastamento da organização e as posteriores críticas aos representantes do trotskismo organizado nos partidos então existentes na Argentina.

No segundo capítulo buscamos apresentar o contexto histórico das esquerdas argentinas em meados do século XX. Defendemos a ideia de que houve um processo de reconfiguração das esquerdas com o surgimento de inúmeros grupos que na década de 1960 iriam configurar aquilo que se tornou conhecido como “nova esquerda”. Assim, vemos o declínio do PCA e do PS, que durante quase três décadas representaram as principais organizações institucionalizadas de esquerda. Como fator que possibilitou o processo de reconfiguração das esquerdas se encontra o próprio peronismo. A partir desse fenômeno, novas interpretações e possibilidades passaram a surgir e se apresentaram debaixo dos inúmeros grupos de caráter popular-nacional. Nesse turbilhão de comunistas, socialistas, populistas, nacionalistas se encontravam também os trotskistas.

Por último destacamos os principais pressupostos do pensamento de Frondizi e Peña, dando ênfase a interpretação do peronismo. Tal fenômeno é pensado, no primeiro militante, como a falência do projeto de revolução democrático-burguesa, momento que muitas organizações consideravam fundamental na construção do socialismo. Ao escancarar a inutilidade dessa fase, Frondizi afastou de seu projeto revolucionário qualquer aliança com a burguesia nacional, apesar de considerar a pequena burguesia pauperizada uma possível aliada na luta política pela construção de uma nova América Latina. Sobre o debate a respeito

de a Argentina estar “madura” ou não, ele é categórico em afirmar que o que determina o momento de uma revolução não é simplesmente o fato de o país ser colonial ou semicolonial, mas o nível de desenvolvimento das forças produtivas no país e o papel de conscientização levado a cabo pelos intelectuais. A revolução não poderia esperar.

Peña, ao tratar o peronismo é extremamente crítico, duma sagacidade enorme, fato que o torna um pensador criativo e dinâmico. Ao desconstruir o peronismo e tratá-lo como um dos muitos mitos da história nacional, criada pela burguesia, Peña é enfático em apontar os limites da industrialização, projeto máximo do peronismo para a nação, disfarçado debaixo dos Planos Quinquenais. O governo do “como si” defendeu a ferro e fogo a dita revolução peronista. Mas revolução, no pensamento do militante não significa o ingresso de trabalhadores no mercado capitalista nacional, e sim uma transformação estrutural que, organizada pelos trabalhadores, traria mudanças sociais emblemáticas e duradouras.

Por tudo isso, estudar o pensamento de Peña é ter acesso a outra interpretação da Argentina peronista. Lutar pela memória de Frondizi e Peña não significa “idealizar” a militância e a vida de ambos, mas contribuir para que um pensamento crítico, dinâmico e revolucionário permaneça com força entre nós.

## 5. FONTES

CODOVILLA, Vittorio. *Batir al nazi-peronismo para abrir una era de libertad y progreso*. Ed. Anteo, Buenos Aires, 1946.

COOKE, John Willian. *Apuntes para la militancia*. Buenos Aires: Cuadernos de la memoria. 1964.

COOKE, J. William. *La lucha por la liberación nacional*, 1959.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume I, número 1, abril 1964.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume I, número 2, julio de 1964.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume I, número 3, setiembre de 1964.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume I, número 4, diciembre de 1964.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 5, marzo de 1965.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 6, junio de 1965.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 7, octubre de 1965.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 8, diciembre de 1965.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 9, abril-mayo de 1966.

FICHAS. Buenos Aires: Editorial Data, 1964-1966, volume II, número 10, junio-julio de 1966.

FRONDIZI, Sílvio. *El Estado Moderno*. Ensayo de crítica constructiva. 2ª edición. Ed. Depalma. Buenos Aires, 1954.

\_\_\_\_\_. *La Realidad Argentina*. El sistema capitalista. Tomo I. 2ª Edición. Buenos Aires: Práxis, 1957.

\_\_\_\_\_. *La realidad argentina*. La revolución socialista. Tomo II. 1ª Edición. Buenos Aires: Editora Práxis, 1957.

\_\_\_\_\_. In: KAPLAN, Marcos. *Economía y política del petróleo argentino (1939-1956)*. 1ª Edición. Buenos Aires: Práxis, 1957

\_\_\_\_\_. *Doce años de política Argentina*. 2ª Edición. Buenos Aires: Editora Práxis: 1958.

\_\_\_\_\_. *La revolución cubana*. Su significación histórica. 1ª Edición. Montevideo: Ciencias Políticas, 1960.

\_\_\_\_\_. *Bases y puntos de partida para una solución popular*. Editorial Ciencias Políticas, 1961.

\_\_\_\_\_. *Argentina. La autodeterminación de su pueblo*. Buenos Aires: Ciencias Políticas, 1973.

GALLO, Antonio. *Adonde va la Argentina? Frente popular o lucha por el socialismo?* Rosario, Ediciones JC Mariátegui, 1935.

JUSTO, Libório. *Estrategia Revolucionária: lucha por la unidad y por la liberación nacional y social de la America Latina.* Buenos Aires, Editora Gure, 1957.

PEÑA, Milcíades. *História del pueblo argentino.* Vol. I e II. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introducción al pensamiento de Marx.* Notas de un curso de 1958. 1ª Edição. Rosario: CEUR, 2007

*Jornal Izquierda Popular.* N°33. Buenos Aires, Argentina. Primeira quinzena de mayo de 1973

*Informe político sobre el movimiento trotskista argentino.* 26 páginas. 1950

*Tesis latino-americana.* Estudiada por el Partido Obrero Revolucionário. Ediciones sociales. 21 páginas. 1948.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHA, Omar. Milcíades Peña y el proyecto de una historia trotskista. In: *Historia crítica de la historiografía argentina: las izquierdas en el siglo XX*. 1ª Edição. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

ALTMANN, Werner. A versão argentina do populismo: o projeto nacional peronista (1943-1955). *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p.166-188.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003*. 3ª Edição. Rio de Janeiro, 2010.

BASUALDO, Eduardo. *Estudios de historia económica argentina: desde mediados del siglo XX a la actualidad*. 2ª Edição. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Movimento operário argentino: das origens ao peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.

BIANCHI, Alvaro. *O marxismo de Leon Trotsky: notas para uma reconstrução teórica*. In: Ideias. Campinas: no prelo.

\_\_\_\_\_. *O primado de política: revolução permanente e transição*. In: Outubro, nº5. São Paulo, 2001, p. 101-115.

\_\_\_\_\_. *Trotsky em português: esboço bibliográfico*. Coleção Textos didáticos IFCH/UNICAMP, n.54, 2005.

BRIENZA, Hernan. *Sélvio Frondizi, um franco-atirador marxista*. 1ª Edição. Buenos Aires: Capital Industrial, 2006. Coleção Fundadores de la izquierda argentina.

\_\_\_\_\_. *Jonh W. Cooke: el peronismo revolucionário*. 1ª Edição. Buenos Aires: Capital Industrial, 2007. Coleção Fundadores de la izquierda argentina.

CALIL, Gilberto. *O Populismo e Hegemonia Burguesa na América Latina*. História & Luta de Classes. Ano 3, nº 4, p.27-33, julho de 2007.

\_\_\_\_\_. *Revolução socialista e sujeito revolucionário em José Carlos Mariátegui*. História & Luta de Classes. Ano 7, nº 12, p.43-59, setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **O marxismo de Mariátegui e a revolução latino-americana: democracia, socialismo e sujeito revolucionário**. Disponível em <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/gilbertocalil.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2014.

CAMPOS, José Roberto. *O que é trotskismo?* 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 1ª Ed. São Paulo: Papirus, 1998.

CARR, E.H. *La Revolución Bolchevique (1917-1923)*. v.1. Madrid: Aliança Editorial, 1979.

CAVLAK, Iuri. *A política externa brasileira e a Argentina peronista (1946-1955)*. 1ª Edição. São Paulo: Annablume, 2008.

CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

COELHO, Eurelino. *Uma Esquerda Para o Capital: crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998)*. 549 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

COGGIOLA, Oswaldo; BILSKI, Edgardo. *História do movimento operário argentino*. 1ª Ed. São Paulo: Xamã, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Trotskismo na América Latina*. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos.

D'AMICO, Ernesto. *Milcíades Peña: una historia trágica*. <http://www.tomasabraham.com.ar/seminarios/2008/damico.pdf>.

DERMIER, Felipe Abranches. *Do movimento operário para a universidade: León Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro*. 190 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

DI TELLA, Torcuato S. *História social da Argentina contemporânea*. Brasília: FUNAG, 2010.

DIAS, Edmundo Fernandes (org.). *Hegemonia: racionalidade que se faz história*. DIAS, Edmundo Fernandes *et alli*. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xama, 1996, p. 9-80.

GERCHUNOFF, Pablo e LIACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

GIRBAL-BLACHA, Noemí. *Estado, Campo e Crédito na Argentina Peronista: Confrontação Pública, Acordos Privados (1946-1955)*. In: *Nação e Poder: as dimensões da História*. Sônia Mendonça, Márcia Motta (orgs.). Niterói: EdUFF, 1998.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Os intelectuais, o princípio educativo, o jornalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Vol. 2. 2001.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

INGENIEROS, José. *Las direcciones filosóficas de la cultura argentina*. Buenos Aires: Elaleph, 2000.

KAPLAN, Marcos. *Cinquenta anos de história argentina (1925-1975): o labirinto da frustração*. In: GONZALES CASANOVA, Pablo. *América Latina: história do meio século*. 1ª Edição. Brasília: Editora da Unb, 1986.

KRASSÓ, Nicholas; MANDEL, Ernest; JOHNSTONE, Monty. *El marxismo de Trotsky*. Córdoba: Pasado y Presente, 1970.

LE GOFF, J. *Memória/história*. Campinas: Ed.Unicamp, 1990.

LOUREIRO, Isabel Maria, et al. COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado*. Outubro, nº 1, p. 73-80, 1998.

LUNA, Félix. *Argentina: de Perón a Lanusse (1943-1973)*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Coleção Documentos da história contemporânea.

MAESTRI, Mário. *Milcíades Peña e o capitalismo pastoril argentino*. Disponível em: <[http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620\\_milciadespenia.htm](http://www.socialismo-o-barbarie.org/historias/100620_milciadespenia.htm)> 18 jan.2013

MARX, Karl. *O XVIII Brumário de Luis Bonaparte*. 1ª edição: São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MURMIS, M; PONTATIERO, J.C. *Estudos sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 1997.

PRADO, Maria Lúcia. *O populismo na América Latina*. 3ª Ed.. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Vargas & Perón aproximações e perspectivas*. 1. Ed. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009. V. 1.

RECALDE, Aritz. *El pensamiento de John William Cooke en las cartas a Perón*. Buenos Aires: Nuevos Tiempos. 2009.

RIBEIRO, Marcos Vinícius. *De Perón a Videla: revisão histórica e historiográfica do Terrorismo de Estado na Argentina (1973-1978)*. 235 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2009.

ROJAS, A. Gonzalo. *Os socialistas na Argentina (1880-1980): um século de ação política*. 476 f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

SANTOS, Ana Maria dos. América Latina: dependência, ditadura, guerrilhas. In: REIS FILHOS, Daniel A. et al (org). *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

\_\_\_\_\_. "A concepção marxista do indivíduo" IN: DELLA VOLPE, Galvano e outros. *Moral e Sociedade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1969. p.73-96.

\_\_\_\_\_. *O Marxismo e o Indivíduo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

SCHLESENER, Ana Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. 3ª Ed. Paraná: Editora da UFPR, 2007.

STRASSER, Carlos. *Las izquierdas en el proceso político argentino*. Palestra: Buenos Aires, 1959.

TARCUS, Horácio. *Crisis del populismo y alternativa socialista. Utopías del sur*, Buenos Aires, vol. II, n. 3, p.3-27, 1989.

\_\_\_\_\_. *El Marxismo olvidado en Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1996. Colección La Cultura Argentina.

\_\_\_\_\_. *Diccionario biográfico de la izquierda argentina: de los anarquistas a la "nueva izquierda" (1870-1976)*. Buenos Aires, Emecé, 2007.

THALHEIMER, August. *Sobre o fascismo*. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2009. Coleção Marxismo Militante.

TERÁN, Oscar. *Nuestros anos sesenta: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina-1956-1966*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1993.

TROTSKY, León. *A história da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

\_\_\_\_\_. *Balances e perspectivas*. Versão digitalizada

\_\_\_\_\_. León. Problemas del desarrollo de la URSS. Proyecto de tesis de la Oposición de Izquierda Internacional sobre la cuestión rusa. In: *Escritos latinoamericanos*. 2ª Edição. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2001, s.p.

\_\_\_\_\_. *Programa de transição*. Versão digitalizada.

\_\_\_\_\_. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão Popular, 2007

Sites:

[www.rodolfopuiggros.com.ar/biografia.php](http://www.rodolfopuiggros.com.ar/biografia.php)

<http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/>

<http://veji-ufa.blogspot.com.br/2012/02/n-495-rodolfo-ghioldi.html>

[http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev\\_prob/64/argentina.htm](http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/argentina.htm)

<http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro2/T02V203.htm>

<http://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/troskismo/cap01.html>

<http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-25628-2012-06-24.html>